

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 10 • 2001/2002



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2001/2002

**ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS**  
Volume 10 • 2001/2002      ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E  
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso  
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos  
devidamente assinalados  
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E  
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso  
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Europress, Lda. – Tel. 21 938 14 50  
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

**Estudos Arqueológicos de Oeiras,**  
10, Oeiras, Câmara Municipal, 2001/2002, pp. 415-608

## **CORRESPONDÊNCIA ANOTADA DE ABEL VIANA A O. DA VEIGA FERREIRA (1947-1964)**

*À memória de Abel Viana*

João Luís Cardoso<sup>1</sup>

O presente estudo constitui o corolário do publicado anteriormente sobre a correspondência de O. da Veiga Ferreira para Abel Viana (CARDOSO, 1994/1994). Porém, trata-se de fonte documental ainda mais rica do que a representada por aquele acervo: ascende a oitenta e um documentos datados, quase todos cartas de significativa extensão (especialmente as mais recentes), dactilografadas ou manuscritas. Ficam por publicar algumas dezenas de postais manuscritos (destes, apenas uma ínfima parte foi agora dada a conhecer), por se considerarem de menor interesse.

A correspondência abarca um período de dezassete anos, entre 5/1/1947 e 11/2/1964, correspondente, pois, ao período do pós-guerra, época em que as prioridades do Estado Novo não passavam pela valorização do património arqueológico. Para o poder político da época, as iniciativas no domínio da valorização e da recuperação do Património Histórico-Arqueológico – exceptuando-se as grandiosas comemorações dos Centenários e do Congresso do Mundo Português (ocorridas ambas em 1940), altura em que se reuniu o primeiro congresso dedicado à Pré e à Proto-História portuguesas, correspondendo-lhe magnífico volume de actas – passariam sobretudo pela manutenção das fortalezas medievais, em boa parte reconstruídas nos anos anteriores, consideradas, e com razão, como elemento mais expressivo da Nacionalidade. Os apoios à prática da arqueologia – pressupondo a realização de escavações tinham expressão quase insignificante, limitando-se a uma ou outra estação arqueológica; eram essencialmente três as que se encontravam nessas condições, através da concessão de subsídios por parte da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: o povoado pré-histórico fortificado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja), escavado nas décadas de 1930 a 1950 por A. do Paço e E. Jalhay e, depois do falecimento do último, apenas por A. do Paço; a citânia de Briteiros (Guimarães), propriedade da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, cuja manutenção auferia também de apoios financeiros daquela Direcção-Geral; e, por último, a cidade romana de Conímbriga (Condeixa-a-Velha), cujas escavações estavam, então, a cargo de Vergílio Correia, beneficiando, igualmente de apoios

---

<sup>1</sup> *Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa), Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).*

financeiros daquele departamento estatal. Nestas circunstâncias, facilmente se compreendem as dificuldades sentidas por Abel Viana, agravadas por não se encontrar vinculado profissionalmente a nenhuma instituição cujas atribuições incluíssem a prática de trabalhos arqueológicos, nem possuir curso superior (facto referido pelo próprio em diversos passos da correspondência). Só tardiamente, a partir de 1945, passou a receber alguma ajuda financeira por via de uma bolsa concedida desde Janeiro de 1945 pelo Instituto para a Alta Cultura, a que se somavam os apoios para as despesas dos trabalhos efectuados enquanto colaborador eventual do Centro e Estudos de Etnologia Peninsular, anexo à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, sob a direcção do seu amigo e protector, o Prof. A. A. Mendes Corrêa.

Na década de 1950, obteve uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, que lhe permitiu, finalmente, dedicar-se em exclusividade à arqueologia, canalizando então todas as suas energias, até a morte o surpreender, para a exploração de dois importantes sítios do concelho de Ourique: a necrópole do Bronze do Sudoeste da Atalaia e o castro da Senhora da Cola. Este generoso apoio, considerou-o Abel Viana como a recompensa por tantos e tantos anos de penúria, e de extemporâneas economias, que a própria correspondência evidencia: algumas missivas são dactilografadas alternadamente a negro e a encarnado, para poupar a fita da máquina; outras, utilizam papel amarelo de cópia, muito fino, para pesarem menos e para pouparem as preciosas folhas brancas, mais necessárias a outros fins; enfim, a O. da Veiga Ferreira são solicitados os mais variados materiais, como “punaises”, folhas brancas, lápis, etc. Compreende-se a gratidão de Abel Viana para com Calouste Gulbenkian, a cuja memória dedica a única monografia publicada do castro da Senhora da Cola, em 1960; a dedicatória impressa na folha de guarda da obra, ilustra bem aquele sentimento, sendo bom exemplo do estilo sóbrio mas muito expressivo usado por Abel Viana: importa transcrevê-la na íntegra, para melhor se compreender o ânimo do seu autor, em Março de 1961:

“Não era este mais que modesto trabalho aquele com que desejaríamos preitear a memória de Calouste Gulbenkian.

Não conhecemos pessoalmente o Homem: como tantíssima gente, beneficiamos do Benemérito.

Só no resvalar para a velhice começamos a ter alguns auxílios mais efectivos, em nossa actividade de observador e anotador arqueológico. Apenas um, todavia, nos facultou os meios materiais para a realização de uma das mais ambicionadas tarefas de toda a nossa juventude e maturidade da vida. Há que ser grato e não demorar muito em o manifestar publicamente. De certo ponto em diante, o mais cedo é o mais oportuno. Desta razão de urgência resulta a menor valia das páginas adiante enfeixadas. Também as circunstâncias em que são escritas excluem toda a concisão e segura que são timbre da prosa científica; há nelas, aqui e além, o tom sentimental a que não nos pudemos eximir. Fica explicado o motivo.

A instituição de Calouste Gulbenkian foi, igualmente, um acto do sentimento humano. Parecer-nos-ia monstruoso correspondermos-lhe aqui com a mecânica fria e dura de um mero relatório.” (VIANA, 1960).

Abel Viana era, até a morte o surpreender em plena actividade, um dos mais marcantes arqueólogos portugueses; com uma escrita fácil e incisiva, algumas das cartas ora publicadas são um fiel e expressivo retrato das condicionantes em que era obrigado a desenvolver a sua actividade arqueológica. Dotado de uma

personalidade enérgica fora do comum, que canalizava totalmente para a investigação, fosse de campo, fosse de gabinete, não rejeitava a emissão de opinião, mesmo que ela fosse do desagrado de outrem, designadamente de quem, à época, detinha grande poder. J. M. da Silva Passos – um dos raros estudiosos que publicamente chamaram a atenção para a importância do labor científico de Abel Viana nos diversos campos a que dedicou atenção – no caso a arqueologia urbana da cidade de Beja – questionava: “...o que faria trabalhar assim Abel Viana? Era creio eu a sua preocupação em transmitir, comunicar, no sentido de dar a conhecer a quem quisesse continuar a aprofundar a sua investigação. Era, talvez assim se possa resumir, um sentimento de pedagogo e de publicista.” (PASSOS, 1986, p. 10). A ele se deve, no campo da arqueologia urbana, de que foi pioneiro em Portugal, primeiro os notáveis achados romanos no largo da Sé, em Faro, e, depois, os que identificou e publicou da cidade de Beja, onde definitivamente se fixou, incluindo a reconstrução do arco romano das Portas de Avis, a partir dos blocos aparelhados que encontrou servindo de bancas no mercado de peixe.

Abel Viana, para afirmar a sua ímpar vontade de investigar e defender, dentro das suas possibilidades, o rico património arqueológico nacional, tinha o peso da sua obra científica e a autoridade da sua palavra corajosa, sempre disponível para intervir, mesmo na praça pública. Contudo, não era mais um dos muitos maldizentes nacionais daquela ou de outras épocas que, ao declararem que “tudo vai mal”, não produzem qualquer esforço pessoal para melhorar o estado das coisas, esperando que outros o façam; Abel Viana foi um dedicado cabouqueiro da nossa arqueologia, privando-se de quase tudo, mas, sem recusar ou ignorar os simples prazeres da vida, tantas vezes insuspeitos ao cidadão; nesta medida, foi, seguramente, um homem que sacrificou a família, a saúde e o dinheiro à satisfação de um superior desígnio, que ele próprio não sabia explicar.

Vale a pena transcrever do jornal “Notícias de Viana”, de Viana do Castelo, da sua edição de 29 de Agosto de 1963, em boa parte dedicado a homenagear Abel Viana, ainda em vida deste, a seguinte síntese, da responsabilidade da Redacção e que, de alguma forma, sintetiza muitos dos contributos de amigos, colegas, admiradores que, então, quiseram ali deixar registado o seu depoimento e testemunho sobre o vianense ilustre:

“Sempre infatigável Abel Viana tem percorrido o País de uma ponta à outra.

Conhece como ninguém, não só o Alto Minho, mas o Algarve e todo o Alentejo.

Em trabalhos de campo e nos de gabinete (em que severamente divide a sua existência há longos anos) a sua actividade é invulgar, assombrosa mesmo. Arqueólogo e etnógrafo, são as suas principais facetas mais conhecidas. A sua bibliografia eleva-o ao primeiro lugar dentre os escritores vianenses de todos os tempos. Mas a sua curiosa personalidade desdobra-se em muitíssimas outras direcções: conversador, memorialista, epistológrafo por exemplo, e em todas elas se revela homem de superior espírito.

Um vianense fora do comum! Um conterrâneo que preenche bem o seu lugar e que marca profundamente a época em que vive!

Possuidor de invejável cultura clássica, estilista nato, e sobretudo de temperamento eivado de umas velaturas de romantismo, Abel Viana imprime a todos os seus relatórios um encanto singular. Todas as suas obras, sobretudo as do último período, se lêem com crescente agrado além de geral proveito.

Com ele estamos muito longe de toda essa literatura fria, convencional, desoladoramente “científica” como lhe chamam os trincadores de alpista que retraçam com laboriosidades de parto uma teorias enfesadas e que nos pretendem impingir como a mais sã liguagem universitária.

Abel Viana é um autodidacta. Tudo o que conseguiu, deve-o ao próprio esforço: um grande mestre arqueólogo e etnógrafo pela graça de Deus”.

Nascido em Viana do Castelo, a 16 de Fevereiro de 1896, faleceu inesperadamente em Beja, a 13 de Fevereiro de 1964. A sua carreira profissional iniciou-a como professor do ensino primário (“mestre-escola”, como em uma das missivas da presente correspondência, com algum humor, se intitulava), concluído o curso do Magistério Primário, em diversas escolas do Minho, entre 1917 e 1933 e, depois, em Beja, de 1933 a 1951, com um interregno de 1933 a 1938, em que exerceu as funções de Inspector e Director do Distrito Escolar de Faro e em 1938, em que foi Director do Distrito Escolar de Setúbal. Estas actividades do âmbito escolar justificam a condecoração com o Oficialato da Ordem da Instrução Pública, pelo Presidente da República, em Faro, a 8 de Março de 1934.

A sua actividade arqueológica desponta ainda aquando da sua estadia no Minho, onde, a par de intensa colaboração de âmbito etnológico e folclórico publicada nos periódicos de carácter local ou regional, ensaia os seus primeiros passos com o artigo publicado em “Gente Minhota”, Braga, 1926, intitulado “A exploração metódica dos nossos castros”, a que se sucedem logo muitos outros, sobretudo sobre as indústrias asturienses. Começou, assim, uma brilhante carreira de publicista, que, no final da vida, ascendia a mais de trezentos títulos, envolvendo estudos sobre todos os períodos da Pré-História, da Idade do Ferro, da Época Romana, Visigótica e Muçulmana, bem como da Idade Média e da Idade Moderna portuguesas, nestes últimos casos sobre temas de História de Arte, cujo cômputo exacto está ainda por fazer. Tal actividade, tanto em quantidade, como em diversidade e qualidade, a que acresce os efectivos contributos, tanto no sentido da conservação das espécies como no progresso dos conhecimentos respectivos, valeram a Abel Viana o reconhecimento científico aquém e além fronteiras: era membro da Academia Nacional das Belas Artes, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, do Instituto de Coimbra, do Deutsches Archaeologisches Institut, da Real Academia de Ciencias y Nobles Artes de San Carlos (Valência), do Institut International d’Anthropologie, da Société Préhistorique Française, do Instituto de Coimbra, da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, etc.

Da nota necrológica publicada pelo destinatário desta correspondência, e seu dilecto discípulo e Amigo, respigam-se os seguintes parágrafos (FERREIRA, 1964, p. 173):

“Foi em 1944 que travei conhecimento com ele, já nessa altura residindo em Beja. Começaram então os nossos 20 anos de trabalhos e canseiras, descobertas, e de uma grande colaboração e amizade. Evoco, neste momento em que infelizmente já o não posso ter por companheiro, todas essas campanhas de Monchique, Alcalar, Faro, Ourique, Aljustrel, Senhora da Cola, etc., vinte anos de produtivo e fecundo labor, onde o seu conselho e a sua grande experiência de trabalhos de campo tanto contribuíram para as descobertas e estudos realizados.”

Durante esses vinte anos de intenso labor e de colaboração constante com O. da Veiga Ferreira, produziram-se trabalhos arqueológicos da mais alta valia científica, cuja menção, ainda que rápida, importa

deixar registada. O primeiro, por ordem cronológica, foi o que correspondeu à exploração das necrópoles megalíticas das Caldas de Monchique (as quais, na verdade, correspondem a um único grande conjunto coerente, tanto do ponto de vista arquitectónico, como no concernente à respectiva integração cronológico-cultural de cada um dos seus elementos). Em anos sucessivos de investigações, nos finais da década de 1940, escavaram-se numerosas cistas megalíticas, distribuídas por diversos núcleos (Belle France, Palmeira, Buço Preto ou Esgravatadoiro, Rencovo, etc.), mediante a constituição de uma equipa estável e cimentada pelo respeito e amizade dos seus constituintes: Abel Viana, José Formosinho e O. da Veiga Ferreira, cujos trabalhos se encontram amplamente referidos na Correspondência. O conjunto funerário das Caldas de Monchique detém, no contexto megalítico do sudoeste peninsular, uma evidente originalidade, particularmente no que concerne à arquitectura dos sepulcros – via de regra cistas cobertas por tumuli, isoladas ou agrupadas sob o mesmo montículo artificial – cuja cronologia, com raízes no Neolítico Médio regional, teve o seu auge no Neolítico Final. Como é frequente, algumas das sepulturas foram reutilizadas no Calcolítico – como é exemplificado pelo machado de cobre, envolto num pano de linho achado numa delas (túmulo n.º 1 de Belle France). Acessoriamente, foram investigados núcleos de cistas da Idade do Bronze (Alcaria), aos quais se encontrava associada a primeira navalha de barbear, de bronze, achada numa entulheira no Barranco do Velho e vestígios romanos e visigóticos, a começar pelos existentes nas instalações das próprias termas das Caldas de Monchique.

Outro dos contributos maiores de Abel Viana registados na Correspondência, foi o estudo do megalitismo, da Idade do Ferro e do Período Romano da região de Elvas, realizado em colaboração com António Dias de Deus, beneficiando do apoio da Fundação da Casa de Bragança, em cujas herdades a larga maioria das estações exploradas se localiza. Situado cronologicamente logo depois do ciclo das explorações de Monchique, as publicações sucaram-se, sobretudo na primeira metade da década de 1950, com prolongamento pelos inícios da metade seguinte, tanto em revistas portuguesas como, sobretudo, em actas de Congressos de Arqueologia do país vizinho. No que toca ao megalitismo, revelou-se a importância dos dólmenes e dos correspondentes espólios, resultantes das explorações por ambos levadas a cabo. Tal realidade é também extensiva às notáveis necrópoles de incineração romanas, nalguns casos constituídas por dezenas de sepulturas cuja plantas foram devidamente registadas, contendo ricos espólios, igualmente preservados e publicados, para além de importantes testemunhos de *villae*, nalguns casos possuindo mosaicos (Carrão). Mas onde os trabalhos de Abel Viana e A. Dias de Deus mais se destacaram foi na salvação de diversas necrópoles de incineração em urna, da II Idade do Ferro, como a de Chaminé, cuja relevância científica é desnecessário salientar. Embora as explorações não tenham decorrido segundo as regras da boa prática arqueológica da actualidade, importa, no entanto, destacar, por que tudo deve ser avaliado segundo os padrões vigentes na época, o facto de que, não fora a acção pronta e eficaz de A. Dias de Deus, quase toda aquela preciosa documentação se teria perdido. Seja como for, a situação foi aproveitada por Manuel Heleno, que, sabedor da valia arqueológica daqueles espólios e sítios, conseguiu obter oficialmente o encargo para a continuação das investigações ... a que não deu seguimento. Este episódio constituiu um dos momentos de maior tensão na carreira científica de Abel Viana, encontrando-se documentado na Correspondência que ora se publica.

Por ordem cronológica, o terceiro grande contributo que se deve a Abel Viana e O. da Veiga Ferreira, foi a descoberta e exploração de cerca de uma vintena de sepulturas colectivas calcolíticas do tipo *tholos* em diversos concelhos do Baixo Alentejo, região onde, até então, eram totalmente desconhecidas. Os trabalhos desenvolveram-se dos finais da década de 1950 até inícios da década seguinte. Foi, assim, possível, documentar a existência de uma área intermédia ocupada por tal tipo de monumentos, entre o litoral do Algarve, onde eram conhecidos desde o tempo de Estácio da Veiga, até à Estremadura, cujo primeiro exemplar (Monge, no cume da serra de Sintra) foi explorado ainda em data anterior, por Carlos Ribeiro, sugerindo deste modo progressão de Sul para Norte, que os autores relacionaram, e bem, com a progressão da exploração das jazidas cupíferas baixo-alentejanas e, portanto, com a difusão do Calcolítico. Importa referir, a tal propósito, que o trabalho de ambos, apresentado ao IV Congresso de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas, reunido em Madrid em 1954, apresenta aspectos de inegável relevância, não só relativos à referida progressão da metalurgia – que as datações absolutas, pelo método do radiocarbono, realizadas até ao presente em Portugal vieram dar razão – mas ainda no que concerne ao estatuto arqueológico que os autores atribuem à Idade do Cobre peninsular, em clara e corajosa oposição à desvalorização que, então, os arqueólogos espanhóis lhe atribuíam, inserindo-a na ambívia designação de “Bronze I”.

O derradeiro projecto de envergadura a que Abel Viana meteu ombros, consumindo-lhe quase todas as suas energias, a partir de 1958 até ao ano da sua morte, foi a escavação do castro da Senhora da Cola (Ourique). Em campanhas de vários meses, ali anualmente realizadas desde então, contando, ainda, com a colaboração amiga de O. da Veiga Ferreira, conseguiu por a descoberto, pela primeira vez em Portugal, uma fortaleza islâmica, recheada de notáveis estruturas, estratigrafias e materiais arqueológicos – com destaque para os espólios cerâmicos da época califal, então quase desconhecidos em Portugal, os quais, infelizmente, não teve já tempo de publicar. Tais peças aguardam ainda publicação: numa época caracterizada por uma actividade de escavações jamais atingida anteriormente, é situação tão lamentável quanto inexplicável, que conjuntos tão valiosos como o referido, permaneçam ainda inéditos.

A colaboração com O. da Veiga Ferreira teve, ainda, outros desenvolvimentos que, se bem que pontuais, nem por isso deixarem de constituir contributos da maior relevância para a arqueologia nacional; de todos, é de destacar a exploração do notável dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades), publicado por ambos em colaboração com L. de Albuquerque e Castro.

Bastariam os resultados obtidos em apenas um dos quatro projectos maiores em que Abel Viana esteve profundamente empenhado, todos eles tratados na Correspondência, para o situar, a par de O. da Veiga Ferreira, entre os escassos arqueólogos mais relevantes da arqueologia portuguesa do século XX; mas convém não esquecer que estes correspondem, apenas a uma parte da impressionante actividade científica desenvolvida pelo próprio, o que salienta ainda mais a sua dimensão científica.

Abel Viana não foi, ao contrário do que espírito desprevenido poderia julgar, um visionário incompreendido, um daqueles homens que, trabalhando isolados, tiveram a desdita de “ter razão cedo de mais”: pelo contrário, procurou ser um homem do seu tempo, atento às realidades político-sociais da época; amando sem limites a actividade que, por vocação, abraçou já na maturidade da vida, mercê do seu esforço laborioso,

onde mesmo as suas limitadas economias pessoais eram aplicadas, procurou, e conseguiu, mobilizar algumas vontades, criar e manter pela vida fora uma plêiade de amigos e admiradores e, o que é mais, de colaboradores e discípulos, entre os quais se destaca o destinatário desta Correspondência: mas ao deixar o seu nome indelevelmente associado à arqueologia, nem por isso foi devidamente lembrado; se a publicação desta correspondência é, pois, mais do que justificada pelo inegável valor histórico-documental que encerra, não deixa, também, de ser um acto de justiça: recorrendo às suas próprias palavras, na sua prosa quente e sugestiva transmitindo os sentimentos da sua personalidade expansiva e afectiva, evocá-lo, através das muitas cartas agora publicadas – muitas delas eivadas de amargura, mas jamais de demissão e desânimo, que a isso não permitia o seu espírito combativo – apenas de uma forma fria e estritamente científica, seria despropositado: a grandeza da obra não é separável da afectividade e da alma do seu criador, que, sem exageros nem favor, pode, talvez, ser considerado como o último sucedâneo do brilhante espírito renascentista português, sem deixar, como se disse, de ser um homem do seu tempo. É interessante registar que os seus interesses não se limitavam à área das ciências sociais e humanas; o gosto pelas ciências naturais, havia-o levado a publicar, logo no início da sua fecunda actividade como publicista, em 1925, na “Gazeta de Viana”, uma série de cinco artigos sobre Apicultura e, mais tarde, em 1928, na “Gazeta das Aldeias”, um estudo sobre A “bicha do milho”, *Caradrina exigua*, Hb. e, no ano seguinte, novo artigo sobre “Apicultura – condições desta indústria no distrito de Viana”, publicado no periódico “Notícias de Viana”. Muito mais tarde, no decurso das escavações no castro da Senhora da Cola, organizou uma colecção entomológica das numerosas espécies ali existentes, bem como uma zona herborizada com plantas endémicas da região, o que bem evidencia o cuidado dispensado ao enquadramento paisagístico da área arqueológica, quando tal tipo de preocupações não eram sequer suspeitadas pelos arqueólogos seus contemporâneos.

Profundamente empenhado na suas investigações, não ignorava as humildes gentes do Baixo Alentejo, de tudo carenciadas, que o rodeavam e com as quais partilhava a existência do seu quotidiano: isso mesmo transparece na carta escrita apenas dois dias antes de falecer, datada de 11 de Fevereiro de 1964 (Documento nº. 81). Assim, dando mostras do seu contentamento pelo sucesso da visita que, dias antes, vários membros do Governo e altos dirigentes tinham feito à Senhora da Cola, incluindo a possibilidade da instalação de um Museu Monográfico (infelizmente jamais concretizado), declara: “Olhe, veja amigo, foi um grande dia, e toda aquela gente teve a noção perfeita de que alguma coisa grande se estava a passar, de interesse para ela e, principalmente, para os filhos. Estou, ao mesmo tempo que faço o trabalho arqueológico, a bater-me pela melhoria das condições de vida de toda aquela gente, que bem precisa do nosso amparo, e que bem merece toda a nossa protecção e estima.” Ainda nesta mesma missiva, pode ler-se este trecho, de evidente carinho para com a gente que com ele trabalhava na Senhora da Cola: “A Helena tem mais dois irmãos, uma rapariga e um rapaz, este nascido em 19 de Janeiro; o Manuel Luz tem mais um rapaz, nascido há oito dias. De modo que a Sr<sup>a</sup>. Antónia tem, neste momento, cinco netos e cinco netas. E eu lá estou a acompanhar esta evolução ... demográfica”. Com efeito, estas novidades eram familiares a O. da Veiga Ferreira, que, por autorização superior do Director dos Serviços Geológicos de Portugal, participou em diversas campanhas no castro da Senhora da Cola.

Importa, para melhor se compreenderem as duras condições em que Abel Viana era obrigado a realizar os seus trabalhos de campo na região de Ourique, mesmo no final da sua vida, quando, mercê estritamente do seu trabalho, tinha justamente granjeado uma posição ímpar nos meios culturais de então, transcrever alguns dos trechos mais significativos da sua correspondência.

De uma carta a Mário Cardozo (ver Documento n.º 77), datada de 2 de Julho de 1963, menos de um ano antes de morrer, já com sessenta e sete anos, a propósito das escavações da necrópole do Bronze do Sudoeste da Atalaia, declara: “Trabalhei ali dois anos, fazendo a dupla travessia diária destes cerros e barrancos, debaixo de sol ardente, caminhando como animal, sem pensar, como irracional, atrás dos burros e das ferramentas, totalmente mecanizado. São esforços que jamais se esquecem! (...). E não me venham cá com interditos oficiais! Em sítios destes, Helenos fiscalizadores só poisam sapatos, por engano ou por capricho, uma vez na vida. Isto não são andurriais para manipanços da cátedra nem para pífios académicos: é lugar para HOMENS. Sejam sábios ou não.” Mais à frente, pode ler-se o seguinte trecho, significativo quanto às condições de trabalho que suportava, meses a fio, na sua querida Senhora da Cola: “Neste quarto onde escrevo e onde, fatigado e excitado, Deus permite que compartilhe umas migalhas do sono dos justos, há cobras no telhado, osgas nas paredes, tarântulas pelos buracos, e pela manhã, ao levantar-me, não esqueço de sacudir os sapatos, antes de os calçar. Não vá ter-se metido neles algum dos enormes lacraus que diariamente esmago lá fora”.

Também significativo quanto às dificuldades sentidas por Abel Viana, e a sua vontade em as vencer, é o excerto da carta de 19/7/1950 (Documento n.º 31):

“(...) Você vai singrando bem. Não precisa de armar em tolo, em susceptível, em criancinha irritável. Se armar banzé, seja de que jeito for, olhe que eles cascam-lhe; dar-lhe-ão, ao menos, muito incómodo e muito que fazer. Você está como eu desejaria estar. Não tive tal sorte. Até há pouco, trabalhei sempre sozinho, isolado, sem auxílio de quem quer que fosse. Muito elogio, muita palavra bonita mas, passe de largo ... O único porto em que eu me podia ter refugiado era o grupo do Porto, junto de M. Correia. Dispunha-me a fazê-lo, em começos de 1933, quando me atiraram para o Algarve e em condições de não poder cuidar de mais nada senão de Professores e escolas. Só agora, após quase trinta anos de actividade, pude chegar-me aos bons e verdadeiros amigos e comecei a ser auxiliado. Antes disso, os que mais próximo de mim andaram, o único cuidado que tiveram a meu respeito foi manterem-me convenientemente afastado (...).”

Esta invulgar dedicação a uma causa, apesar das contrariedades sofridas, a frontalidade das ideias expostas, servidas por prosa expressiva e directa, e as qualidades ímpares para o exercício da arqueologia, revia-as Abel Viana em O. da Veiga Ferreira. As evidentes afinidades de carácter entre ambos, tornaram, pois, mais fácil o estreitamento do seu convívio, mantido sem mácula durante quase vinte anos consecutivos, até à morte de Abel Viana. Este não se cansava, porém, de advertir O. da Veiga Ferreira, dado a fases de desilusão profunda, causadas por esperanças não concretizadas quanto à sua afirmação como arqueólogo no seio da Instituição a que pertencia, aliás com uma brilhante tradição nessa área, mas da qual, conscientemente, os então responsáveis se procuravam, progressivamente, desligar. Tais desilusões, que não raro eram acompanhadas de decisões precipitadas, eram confidenciais a Abel Viana que, dentro das suas possibilidades, procurava chamar o Amigo à razão, dando-lhe úteis conselhos que, seguramente, foram levados em consideração. É o caso dos que a seguir se transcrevem, da sua derradeira missiva (Documento n.º 81, de

11/2/1964): “(...) Não se descuide com o trabalho para o doutoramento. Quando você atingir essa meta, será das maiores felicidades da minha vida. Estude, prepare as coisas com toda a habilidade, não faça barulho, para não despertar despeitos e invejas (...). Percebeu! Bico calado, a fim de não despertar os lobos. E, se Deus quiser, você há-de triunfar (...)”

O destinatário desta expressiva e volumosa correspondência concretizou, na verdade aquela grande vontade de Abel Viana.

Com efeito, obteve, em 1965, o título de “Docteur de l’Université”, pela Faculdade de Ciências da Universidade de Paris, com uma tese principal intitulada “la Culture du Vase Campaniforme au Portugal”, perante um júri presidido pelo Professor Jean Piveteau. A bio-bibliografia de O. da Veiga Ferreira (1917-1997) já foi objecto de diversos estudos por parte do signatário, que deste modo pretendeu homenagear a figura ímpar do Homem e do Cientista devotado até ao âmago do seu ser à arqueologia; tal como Abel Viana, sacrificou a Família, o seu bem estar material e, até, a sua saúde (CARDOSO, 1997a, 1997b, 1997c; 1997/1998): não espanta, pois, que ambos se sentissem irmanados por uma estreita afinidade de princípios morais e éticos, pelos quais pautaram as suas vidas, tanto no plano pessoal como no científico. Tal como Abel Viana, O. da Veiga Ferreira conheceu dificuldades em desenvolver a sua actividade arqueológica no seio dos Serviços Geológicos; não se contesta tal opção da Instituição, mas ela não poderia deixar de ficar aqui registada, como uma das evidências da correspondência ora publicada; do mesmo modo, alguns indícios apontam também para a perda de capacidade interventora de G. Zbyszewski, com o desaparecimento do Director Eng. António Vianna, designadamente no domínio da arqueologia: prova disso é o número significativo de artigos preparados em colaboração com Abel Viana e que jamais foram publicados, por falta de disponibilidade do primeiro, como amargamente se queixa Abel Viana em mais do que uma das missivas enviadas a O. da Veiga Ferreira.

A trajectória científica no campo da arqueologia e o perfil humano de O. da Veiga Ferreira, explicam por que Abel Viana o elegeu como seu colaborador dilecto: na última das cartas, declara, a tal propósito, já em Aditamento (Documento n.º 81: “Se não lhe guiei os primeiros passos, pelo menos, acompanhei-lhe os segundos, e alguma coisa do meu entusiasmo lhe transmiti. Vá para a frente. Não se arrependa. (...)”

O signatário do presente trabalho deve-lhe, ainda, a oferta da correspondência ora publicada: sentindo que nela haviam elementos únicos não só para desvendar a personalidade fascinante de Abel Viana, mas também algo sobre a vida e a obra do Mestre, incluindo algumas das vicissitudes do seu labor arqueológico, um dia, em sua casa, no já longínquo ano de 1995, entregou-me, sem qualquer comentário ou pedido, o volumoso maço da Correspondência que ora se publica.

Como acontece quase sempre, a memória de Abel Viana não foi homenageada como mereceria, tanto em sua vida, como depois da morte. O. da Veiga Ferreira é excepção, a par do seu Amigo vianense José Rosa de Araújo, também referido na Correspondência, que, em 1968, apresenta perfil rigoroso de Abel Viana (ARAÚJO, 1968); mas foi O. da Veiga Ferreira quem, não só lhe apresentou o elogio histórico, embora resumido (FERREIRA, 1964), mas, muitos anos depois, em finais de 1989, o repete, em sessão pública de homenagem havida em Ourique – região a que dedicou particular atenção, como bem se comprova pela presente

correspondência – por iniciativa da respectiva Câmara Municipal, que incluiu o descerramento de uma placa, pelo senhor presidente da Autarquia.

Deste modo, a publicação do acervo da Correspondência trocada entre O. da Veiga Ferreira e Abel Viana, que com este estudo se completa, é, também, um preito de homenagem à memória de ambos.

Numa altura em que a arqueologia portuguesa vive um período de pujança sem antecedentes – situação que se crê, felizmente, irreversível – mas também de algumas contradições e evidentes fraquezas, talvez resultantes de um crescimento demasiado rápido, entende o signatário que importa conhecer, cada vez mais e melhor – até para melhor perspectivar a situação actual e os desenvolvimentos futuramente desejáveis para a disciplina – os períodos passados, e o modo como a prática da arqueologia então se encontrava condicionada; crê-se que tal conhecimento seria especialmente vantajoso às novas gerações de alunos de arqueologia, antes de entrarem no mundo do trabalho.

A correspondência ora publicada, evidencia, expressivamente, as dificuldades da prática arqueológica em Portugal, no pós-guerra, especialmente por quem a realizava quotidianamente, como era o caso de Abel Viana; o progresso dos conhecimentos e a investigação e protecção do nosso rico património arqueológico exigiam sacrifícios hoje impensáveis, mesmo por parte daqueles habituados a árduos trabalhos de campo e de gabinete. Por isso, a obra publicada de Abel Viana se destaca, justamente, na penúria da investigação arqueológica do seu tempo.

Como já em outro local se referiu, “O campo da historiografia arqueológica em Portugal encontra-se quase por estudar; que este estudo contribua para o reconhecimento do efectivo estatuto científico de tal domínio, já plenamente afirmado além-fronteiras” (CARDOSO, 1999, p. 138).

### **Documento nº 1 – Carta dactilografada em folha branca com carimbo do Centro de Estudos do Baixo Alentejo / Beja, datada.**

*5/1/1947*

Meu caro Veiga Ferreira:

Acabo de receber a sua carta de (?), com as fotografias que lhe juntou. Vieram mesmo muito a propósito. Não posso rigorosamente dizer que tenha perdido muito tempo em fazer intercalações no nosso trabalho, porque, afinal, tudo é completar e aperfeiçoar o estudo. De maneira que, à medida que o meu Amigo e o Formosinho me vão enviando materiais, vou acrescentando ou até refazendo o que já estiver redigido. Neste momento, temos 80 páginas de texto, dactilografado. Comecei ontem o capítulo final – o das conclusões. Estou dando volta à bibliografia portuguesa e estrangeira de que disponho – que ainda assim é razoável –, e talvez depois de amanhã possa começar a redigir em definitivo este último capítulo. Já recebi os últimos desenhos do Dr. Sousa Costa. São primorosos. Ele foi para o Porto e deve lá demorar-se até Fevereiro. Antes de partir, telefonou-me e tivemos longa conversa acerca da publicação deste trabalho. Vejo que ele tem desejo de desenhar uma capa, no caso de se arranjar possibilidade de se fazer uma separata, que alguém pagará...

Como estou para ir a Lisboa, lá trataremos deste particular. Por agora, o que interessa, é a publicação no boletim dos Serviços Geológicos. Fará o favor de dizer ao Dr. Zby que o nosso trabalho regula por 120 páginas de texto (dactilografado à maneira dos artigos “tecido – navalha de bronze”)<sup>1</sup>, e levará 84 Estampas<sup>2</sup>. Estas poderão ser reduzidas a 50 Estampas (páginas inteiras) dando o restante, em zincogravura, umas 40 ou 50 figuras que podem ir intercaladas no texto, ou também em Estampas, mas neste caso ocupando menor número. Calculando que, na ocasião em que o Dr. Zby me mande dizer para seguir para aí poderei levar tudo pronto<sup>3</sup>. Entretanto, será conveniente o amigo Veiga Ferreira pô-lo ao corrente de tudo isto, não vá ele julgar que eu, por qualquer motivo, levantei mão do trabalho. Além disso, é possível que ele precise de ter qualquer indicação para base de cálculo, se tiver de entrar já em linha de conta com o orçamento. Fico ciente do que me diz a respeito da gruta do Cerro do Algarve<sup>4</sup>. Não me admiro, pois eu pensei sempre assim. Por tal motivo, lhe fiz aquelas perguntas acerca da sondagem que o meu Amigo lá fez. Quanto a sepulturas, tanto em Monchique como em Alcalar, peço-lhe o grande favor de não as explorar sem eu estar também lá. As fotografias que me mandou agora são preciosas para o nosso trabalho. O que mais me tem embaraçado foi precisamente a falta de uma representação gráfica, completa, da arquitectura de todos os túmulos, assim como deficiente foi o aproveitamento (para desenho) de todos os bocaditos de cerâmica, sobretudo daqueles túmulos que não deram mais que insignificantes fragmentos. Tipo dos túmulos e tipo da cerâmica são os principais elementos para uma classificação capaz. É preciso aproveitar absolutamente tudo o que respeita a estas duas coisas. O Dr. Sousa Costa deu-me algumas informações (telefónicas) muito boas a respeito das ruínas das termas romanas<sup>5</sup>. Amanhã envio-lhe um pequeno aditamento ao artigo da navalha de bronze, pois descobri agora mais umas coisas respeitantes aos achados na Península, as quais não poderão ficar omitidas, sob pena de nos classificarem de ignorantes. O acréscimo é fácil de intercalar. Não obriga a alteração do que já está escrito. É favor pôr o Dr. Zby ao corrente de tudo isto. Estou trabalhando constantemente. Nem saio

---

<sup>(1)</sup> Ver *Bibliografia*: VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1947. *Trata-se de um pedaço de tecido de linho, que embrulhava um machado plano de cobre, depositado no túmulo n.º 1 da necrópole de Belle France, e de uma navalha de barbear, da Idade do bronze, o único exemplar publicado em Portugal até época muito recente, encontrado numa entulheira, já fora de contexto, no Barranco do Velho.*

<sup>(2)</sup> *Trata-se de trabalho que não chegou a ser publicado nas Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. Deverá corresponder a um extenso estudo dedicado às necrópoles de Monchique, então em curso de investigação por A. Viana, J. Formosinho e O. da Veiga Ferreira, só publicado em 1953/1954 nos Trabalhos de Antropologia e Etnologia (FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1953/1954).*

<sup>(3)</sup> G. Zbyszewski, na época, detinha amplos poderes e responsabilidades delegadas pelo então Director dos Serviços Geológicos de Portugal, o Eng. António Vianna, incluindo a coordenação de artigos destinados a publicação na revista oficial da Instituição.

<sup>(4)</sup> A gruta do Cerro do Algarve é uma cavidade cársica da Freguesia de Mexilhoeira, concelho de Portimão, referida pela primeira vez por S. P. M. Estácio da Veiga (VEIGA, 1886). É curioso verificar ter O. da Veiga Ferreira ali efectuado uma sondagem, cujos resultados, por inconclusivos, jamais foram publicados.

<sup>(5)</sup> *Trata-se das ruínas das instalações termas romanas das Caldas de Monchique, já conhecidas ao tempo das intervenções arqueológicas de Abel Viana e seus companheiros; o Sr. Sousa Costa era, à data, o gerente comercial das termas.*

de casa, para nada. Dê-lhe também cumprimentos meus. Por hoje fico-me por aqui. Esta já vai longa e o trabalho está à espera<sup>6</sup>.

Seu muito grato amigo.

Abel Viana

**Documento nº 2 – Carta dactilografada em folha branca com carimbo do “Arquivo de Beja”, datada. 19-7-1947**

Meu caro:

Recebi os seus dois cartões. Como nada me diz dos seus, em especial da miuda que queria fazer de formiga<sup>7</sup>, presumo que encontrou todos bem. Antes assim. Quanto a mim, passei horrivelmente a primeira noite, ou seja, a do dia da chegada. Só consegui dormir das 3 às quatro horas, que para mais não deu o efeito do comprimido que tomei. Andei o resto da noite a fazer avenida em casa e a bochechar com água de malvas. No dia seguinte, logo que pude obter borato, comecei a bochechar com borato e água oxigenada, e ao começo da segunda noite as dores desapareceram. Não tive febre, salvo durante pouco tempo, na tarde de 15, mas talvez fosse por não ter dormido. Foi coisa leve e por pouco tempo. As dores foram violentas e prolongadas. Mesmo depois de terem passado as dores, fiquei com uma tromba de porco de primeira qualidade. O abcesso ainda não rebentou, mas a cara desinflamou e penso que amanhã já poderei fazer a barba. Naquele primeiro dia nada pude fazer, porque a dor não me deixava parar lugar, quanto mais trabalhar...Aí vai a lista das moradas dos espanhóis. Vim encontrar um telegrama do Formosinho, expedido de Viana. Um cumprimento muito reinadio.

Sei que gostou de lá estar. Mas ainda não tenho notícias directas dele. Nem sei mesmo se já está em Lagos. O Dr. Zby já me escreveu. Já nos não poderemos juntar neste mês, de modo que vou apressar as minhas coisas de maneira a poder seguir para o Norte no dia 26 ou 27 do corrente. Não passarei por Lisboa, porque tomarei a linha do Setil. Claro quer manteremos as ligações epistolares. Se resolver ir a Viana em Agosto ou Setembro, avise-me para Viana. De lá lhe escreverei. Já estão para lá o Mariano Feio, Carlos Teixeira, Orlando<sup>8</sup>. Tenciono apanhar lá pelo menos o Mariano. Escrevo hoje ao Dr. Zby a dar-lhe conta destas coisas. Não demore a entregar-lhe as fotografias ampliadas. Olhe que são elas que estão a atrasar o arranjo definitivo do nosso maior trabalho das Caldas<sup>9</sup>. Já recebi o romance do nosso amigo de Monchique. Escreveu-

---

<sup>(6)</sup> *Por este e outros particulares da correspondência se aquilata o espírito verdadeiramente febril com que A. Viana se entregava à investigação arqueológica, no caso à redacção dos resultados das suas descobertas e indagações.*

<sup>(7)</sup> *Refere-se certamente a uma das filhas de O. da Veiga Ferreira.*

<sup>(8)</sup> *Os Doutores Mariano Feio, Carlos Teixeira e Orlando Ribeiro, deveriam então ter-se deslocado à região minhota no âmbito do estudo dos terraços quaternários do vale do Minho, que então tinham empreendido, integrado na cartografia geológica da região.*

<sup>(9)</sup> *Ver nota 2.*

-me e, entre outras coisas, disse-me que já enviou para si o texto da notícia. Conto redigir em Viana o relato desta nossa última exploração.

Por hoje não o maço mais. Cumprimentos a Sua Ex.ma Esposa, beijos às miúdas (porque elas não estão vendo estas barbaças de oito dias) e um abraço para si.

Abel Viana

**Documento nº 3 – carta dactilografada em folha branca com carimbo do centro de Estudos do Baixo Alentejo / Beja, datada.**

2/12/1947

Meu caro Amigo:

Terá imensa razão em estar aborrecido pelo facto de me ter já escrito duas vezes, sem eu até agora lhe ter dado a devida resposta. A verdade, porém, é que nem sempre se pode responder a tempo e horas, ou seja, quando se deve. O meu caro Veiga Ferreira nem fará ideia da carga de trabalhos que tenho tido desde que estive consigo em Monchique – nessa bela e inesquecível campanha de trabalho! Concluí, entretanto, uma data de tarefas, cada qual mais complicada, e só anteontem me foi possível pegar no nosso trabalho das Caldas. Comecei por copiar os elementos do seu caderno de campo. Trabalhei em um serão que se prolongou até à madrugada de hoje, de maneira a poder remeter-lhe o seu caderno quanto antes. Já não era sem tempo! Agora, até 22 ou 24 de Dezembro, não largarei isto de mão, a fim de ter tudo pronto dentro deste prazo. Estes primeiros dias são para ordenar o material e redigir os diversos capítulos. Depois, dactilografo tudo, em triplicado. Hoje mesmo escreverei ao Dr. Formosinho, pois ainda não me remeteu as fotografias ampliadas nem os desenhos que faltavam. À medida que me não fizerem falta os seus relatórios, aí lhe irão ter às mãos. Ao extrair os apontamentos do seu caderno de campo, notei que estão os calcos de umas moedas com a nota de serem de D. João III<sup>o</sup>. São aquelas que mostram em uma das faces um “Y”. Ora estas moedas, segundo penso, não são de D. João III<sup>o</sup>, mas sim de D. João I<sup>o</sup><sup>10</sup>. Não tive tempo de ir ver a minha livralhada numismática, mas parece-me que tenho razão. O mesmo caderno contém duas coisas que me interessam muito. Uma delas é a tal “lagariça” ou “alagariça”. Julgo ter já qualquer apontamento a respeito dela, não sei se de “O Archeólogo Português”, se no Estácio da Veiga, se no Ricardo Severo. Seja como for, é capaz de me informar a respeito do seguinte? 1<sup>o</sup> – Onde fica essa alagariça? 2<sup>o</sup> – É aberta na rocha nativa? 3.<sup>o</sup> Qual a espécie dessa rocha? 4<sup>o</sup> – Os bordos são em relevo, ou é tudo absolutamente cavado, sem aqueles sobressaírem ao nível geral do rochedo? Tenho um estudo feito acerca de uma coisa idêntica, existente em Vilar de Mouros, no concelho de Caminha. Sei que próximo de Beja há também uma coisa desse género, mas

---

<sup>(10)</sup> *O que é perfeitamente correcto.*

ainda não pude vê-la, porque... o tal próximo ainda é coisa para bastantes quilómetros. Muito lhe agradecia, pois, as explicações que lhe peço, para fins comparativos<sup>11</sup>.

Outra coisa: Diz o meu Amigo, na breve anotação ao esboço de planta da gruta do Cêrro do Algarve, não lhe parecer que nessa gruta haja vestígios do Homem pré-histórico. O caso interessa-me imenso, também. Poder-me-á dizer: 1º – Em que ponto ou pontos escavou? 2º – Até que profundidade escavou? 3º – O solo tinha capa estalagmítica?

Quanto ao nosso trabalho propriamente dito, fará o favor de me mandar dizer: quanto mede, em centímetros, o seu palmo? Como sabe, houve um dia em que se perdeu a fita métrica, e houve que se medir tudo a palmos. O palmo adoptado... foi o seu. Tenho agora necessidade de fazer a conveniente redução de tais medidas. Também precisava que me mandasse dizer o que diz o seu caderno a respeito do espólio da sepultura n.º 1 de Belle France e da n.º 15 da Palmeira. A n.º 1 de B. France, diz: 1 machado de bronze; 4 facas; 1 fragmento de faca; 1 fragmento de faca?, 2 micrólitos. 1 fragmento cerâmico. E 2 .....? // A n.º 15 da Palmeira diz: 2 contas cilíndricas, grandes; 1 pequeno machado de pedra polida; 1 conta oblonga, de serpentina, 1 faca de sílex, perfurada; 1 .....?; 1 micrólito com ranhura; contas pequeninas de xisto.

Como vê, há uma coisa da Palmeira e outra de Belle France que não consegui determinar através da sua caligrafia apressada. Logo que possa, mande-me tudo isto que eu lhe peço, visto eu estar com a mão na massa e não desejar levantar mão dela. Meu caro Amigo, isto não é trabalho nem trabalhinho, é um trabalho! Isto é obra para nos levar... à imortalidade. Arqueológica, é claro. Parece-me que o nosso estudo ficará bem com a divisão que lhe pretendo dar. Veja lá<sup>12</sup>.

Iº – (Capítulo preliminar) A arqueologia de Monchique, até 1946; a região (leva a história das escavações, etc., etc.).

IIº – O Bronze inicial (fase megalítica).

IIIº – O Bronze pleno.

IVº – Achados arqueológicos nas termas.

Vº – Outros achados na região.

VIº – Conclusões.

Evidentemente, esta primeira redacção levará modificações, depois de nos reunirmos: Veiga – Formosinho – Viana. Mas é preciso ter isto no tamanho natural, para efeitos de orçamento. Modificações que hajam não serão de molde a alterar a extenso material do trabalho.

Cá fico à espera das suas informações, notícias e o mais que entender mandar-me. Com certeza, durante esta tarefa, terei de lhe escrever mais vezes, a pedir-lhe esclarecimentos.

Receba um abraço do seu muito grato amigo,

**Abel Viana**

---

<sup>(11)</sup> Trata-se de uma lagariça ou lagareta, como muitas outras existentes no País, atribuíveis ao Período Romano ou a épocas ulteriores. Foi publicado por A. Viana em *Terra Lusa*, 3, 1952 esta ou outra ocorrência semelhante. Na região de Monchique, foram identificadas duas ocorrências, uma em Vidigal, outra no Cerro do Castanho.

<sup>(12)</sup> Ver nota 2.

(Em separado)

Isto é para o trabalho especial a respeito dela. Para o trabalho geral, ou se aproveitaria esta mesma fotografia (para o que é preciso recuperá-la depois de feita a gravura para o artigo da Revista), ou o Dr. Zby tiraria outra fotografia, no tamanho exactamente natural. Creio que terá levado este objecto para Lisboa.

Isto apenas para não sair a mesma fotografia nos dois trabalhos.

Veja se, na altura própria, me pode mandar as provas tipográficas do artigo trapinho e navalha<sup>13</sup>.

Até 1 de Janeiro não sairei de casa, sempre às voltas com o trabalho de Monchique.

**Documento nº 4 – Carta dactilografada em folha branca com carimbo do Centro de Estudos do Baixo Alentejo / Beja, datada.**

10/12/1947

Meu caro Veiga Ferreira:

Acabo de receber a sua carta e tudo o mais que veio com ela. Fiquei satisfeitíssimo. Muito obrigado pelas informações que me dá.

O tal lagar está dentro do carácter habitual destas construções<sup>14</sup>. Com respeito à época a que devam ser atribuídas é que nada mais sei dizer senão que suspeito da sua construção e uso pelos tempos históricos já muito adiantados – pela Idade Média fora. É mais um elemento para a minha colecção de notícias a tal respeito. Quanto à gruta do Cerro do Algarve, estranhei ver no seu caderno de campo aquele seu parecer de que ela não teria interesse, do ponto de vista arqueológico. Por isso lhe perguntei pormenores a respeito das sondagens que o meu Amigo ali fez. Convenço-me precisamente do contrário. Ali deve haver, como nas grutas algarvias do mesmo tipo ou nas mesmas condições de entulhamento, grandes novidades para o Paleolítico português<sup>15</sup>. Verdadeiro balde de água fria no meu entusiasmo é a confirmação que me dá da capa estalagmítica se encontrar muito profunda. E sabe-se lá qual a espessura que ela apresentará... Enfim, sorri-me a ideia de que no próximo verão possamos lá fazer uma tentativa. Muito felizes seremos se conseguirmos apanhar uma simples amostra, porquanto a exploração, em grande escala, de uma gruta é, em qualquer parte, coisa muito dispendiosa. Mesmo a simples apalpadela oferece dificuldades técnicas, chamemos-lhe assim. Venha, pois, o próximo verão.

---

<sup>(13)</sup> Ver nota 1.

<sup>(14)</sup> Ver nota 11.

<sup>(15)</sup> A confirmação do interesse arqueológico desta gruta está ainda por fazer. Só recentemente se encetou um programa sistemático de prospecções conduzido pelo Prof. N. F. Bicho, da Universidade do Algarve, que permitiu confirmar a presença de indústrias em estratigrafia do Paleolítico Superior no Algarve Ocidental, para além de outras descobertas, efectuadas no âmbito de minimização de impactes ambientais (componente arqueológica).

Falemos, agora, do nosso trabalho das Caldas de Monchique. Cá fico com a medida do seu palmo. Desde 3 do corrente que não faço mais nada que cuidar disto. Fechei-me em casa. Estou verdadeiramente recluso. Quero ver se consigo ter tudo alinhavado até 20 do corrente, visto o Dr. Zby me ter dito que precisava de ter lá isto até o dia 25. Há que contar com possíveis demoras do correio, para mais nessa quadra do ano. Já tenho ordenado e passado a limpo a descrição de todo o material. Faltam umas pequenas coisas que hoje mesmo mandei pedir ao Dr. Formosinho (descrição da estatueta de bronze, uma súpula a respeito da ara votiva, mais algumas fotografias, etc.). De si, pelo menos por enquanto, não preciso de mais nada senão isto... que não é pouco! A quantidade de desenhos é grande e estou a ver que não terei tempo de os fazer todos, isto é, passar a limpo na totalidade. Quer o meu Amigo encarregar-se de fazer todos os que respeitam à necrópole da Alcária?

Bastava que repetisse as que estão nos seus dois relatórios, mas com a condição de os desenhar em papel inteiramente branco, sem letras como essas que estão no papel da D.G. de Minas. E que não tenham, também os números de ordem escritos em cima dos próprios objectos, como vejo neste seu segundo relatório. Parece-me que este nosso original devia levar já preparados, prontos a seguir para gravura, todos os desenhos e fotografias que lhe respeitam, e é nesse propósito que estou a orientar a preparação do texto. Estou-me referindo ao desenho das cistas. Quantos aos objectos que constituíam o espólio, julgo que o meu Amigo os levou todos para Lisboa. Se o Dr. Zby os fotografou, claro que os desenhos não farão falta. Mas das sepulturas é que os desenhos são imprescindíveis, porquanto as fotografias que temos delas são poucas e além de poucas são fracamente elucidativas. Quanto às de Belle France, só temos o rascunho. Dos túmulos da Palmeira, só estão devidamente passados à escala os primeiros..... Não é nada disto. Desculpe. Falta passar à escala o n.º 15, ou seja, o último. Dos outros 14, tratarei eu de copiar para o papel definitivo.

De modo que pretendo de si o seguinte: – Desenho das sepulturas e dos objectos da Alcária; idem dos túmulos de Belle France; idem do n.º 15 da Palmeira. No entanto, se me mandar dizer que o desenho do tacho (sertã), ferro de lança e o mais que já desenhou no seu primeiro relatório está bem, encarregar-me-ei de passar tudo isto ao papel definitivo. Fará, então, somente o desenho das sepulturas. Agora, repare no que lhe vou propor. Acho que o nosso trabalho deve levar logo no capítulo de abertura três mapas: Iº – Cópia da carta arqueológica de Estácio da Veiga, na parte relativa à zona da Serra de Monchique e imediações; IIº – Carta da zona das Caldas, com indicação do local de tudo o que por lá se encontrou até agora, inclusivé os achados meus e do Formosinho; IIIº – Mapa da necrópole da Palmeira (aquele que o Veiga já fez, mas adicionando agora a localização do túmulo 15º. Mando-lhe à parte uns apressados rabiscos, para me fazer entender melhor. Diga de sua justiça. Cá fico esperando o que daí me disser. Importante! IMPORTANTÍSSIMO! TOME BOA NOTA. Olhe que aquele ferro velho que eu apanhei na sucata que estava fora, junto ao barracão, e que me disseram ter sido apanhado nos entulhos da Fonte da Pancada, n.º 2, e que eu disse ser uma navalha de barbear da Época do Bronze, É DE FACTO O QUE EU DIZIA<sup>16</sup>. MAIS, AINDA, É O PRIMEIRO EXEMPLAR IDENTIFICADO EM PORTUGAL E EM 1942 APENAS SE CONHECIAM CINCO EM ESPANHA. Veja Santa-Olalla:

---

<sup>(16)</sup> Ver nota 1.

“Esconderijo de la Edad del Bronce Atlantico en Huerta de Arriba (Burgos)”, in “Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnología y Prehistoria”, Tomo XVII, Madrid, 1942. págs. 148 a 155, Lámina IX. Nos serviços deve haver esta publicação. Talvez o Dr. Zby a tenha.

Como o nosso Amigo Sr. Cláudio<sup>17</sup> ia jurar que se tratava de uma simples escápula velha, e até os seus Amigos se mostraram cépticos, fiquei em cuidados. Veja se põe essa peça em lugar mais seguro. Creia que vale mais que a tal estatueta<sup>18</sup>. Incomparavelmente mais, sem dúvida nenhuma. Vou ler estes seus dois relatórios e tirar alguns apontamentos. Dentro de dois dias lhos devolverei. E por hoje nada mais. Agradeço o abraço do Dr. Zby e o seu. Retribuo-lhes, de todo o coração. Seu muito grato,

**Abel Viana**

Manuscrito a tinta azul:

P.S. Pela sua dignissima saúde lhe peço que não abra o tal novo túmulo do Buço Preto... sem eu lá estar também!!! Não pode guardar isso para Janeiro, por exemplo? Veja se pode. Gostaria de acompanhar essa coisa. Deixe-me acabar este nosso trabalho. Em Janeiro já estarei completamente livre. É só mandar-me dizer, que eu avanço imediatamente para lá. Faz-me este jeito? A respeito da tal morada, não tive tempo de ir à Biblioteca Pública de cá, ver o Teixeira de Aragão. No entanto... juro-lhe que a moeda é de João I°. O tal 3 que o Amigo vê lá é... qualquer coisa como um 3... mas não é 3, nem terceiro. Nem nessa época se usavam algarismos nas moedas portuguesas.

**A. Viana**

**Documento nº 5 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 12 de Dezembro de 1947*

Meu caro Veiga Ferreira:

Passei todo o dia de ontem e parte do de ante-ontem a dar uma volta ao nosso trabalho acerca do trapinho de Monchique<sup>19</sup>. O achado merecia, realmente, papelucho à parte. A sua ideia foi magnífica. Eu não havia proposto isso só porque julguei que os meus Amigos Veiga e Formosinho entendessem não se dever antecipar qualquer pormenor do trabalho das Caldas. Visto, porém, o caro Veiga Ferreira ter tomado essa feliz

---

<sup>(17)</sup> *Colaborador local nas escavações das necrópoles de Monchique.*

<sup>(18)</sup> *Trata-se de estatueta de bronze recolhida nas termas romanas das Caldas de Monchique e publicada pelos autores (FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1953/1954, Est. XXXI).*

<sup>(19)</sup> *Ver nota 1.*

deliberação, concordo com todo o meu aplauso e tenho a certeza de que o Formosinho vai gostar. Em todo o caso, é preciso ter muita cautela com estas páginas, que sempre ficarão sendo as primeiras. Claro que a revista em que vão ser publicadas não é de responsabilidade arqueológica, mas o assunto é de arqueologia e nós – os insígnies arqueólogos das Caldas... – temos graves responsabilidades, seja qual for o lugar em que os nossos prestigiosos nomes apareçam. Isto é que é modéstia! Ora bem. Este pequeno trabalho vai nos colocar na berlinda. Se ele sair froixo, ficamos mal colocados, não só agora como para o futuro. Se escorregarmos em inexactidões, equívocos ou contradições, muitíssimo pior.

Seria a nossa desgraça... Pregavam-nos uma taponna... Em face disso, passei revista a todo o texto, desfazendo como pude alguns lapsos de redacção. O meu Amigo pode comparar os dois textos, mas sempre lhe vou indicar as principais alterações que me pareceram convenientes.

– Acrescentei, no capítulo “Cronologia” uma referência ao Santa-Olalla tanto mais que ela só pode corroborar a conclusão que propomos. Omiti-lo num caso destes, e sobretudo depois de citarmos o Martin Almagro, seria o diabo...

– Acrescentei mais umas coisas a respeito de tecidos achados em várias épocas. Parece-me que a respigada em Obermaier e Bellido é muito oportuna. A de Setúbal (Tróia) também não será desengraçada.

– Na “explicação das gravuras não será conveniente insistir no facto do paninho ser o primeiro achado em Portugal. Isto já está dito no texto, e a própria publicação deste artigo não é devida a outra circunstância. Temos de estar alerta contra estas pequeninas coisas que nas mãos alheias logo se transformam em grandes.

– Acertei e completei as transcrições do Figuiet. As transcrições devem sempre ser exactas.

– É PRECISO ASSENTARMOS DEFINITIVAMENTE SE O PANO ESTAVA DOBRADO EM DOIS SE EM QUATRO. Eu iria jurar que estava em 4. As duas superficiais desfizeram-se-me nos dedos cheios de terra, quando passei estes sobre a superfície do machado, para examinar o que eu à primeira vista supunha ser uma tessitura de raízes radiculares. Temos de assentar nisto, até porque esta dúvida de “ser em 2 ou em 4” não soa bem ao rigor científico dos parceiros... que aliás têm todo o direito de filar o olho em nós.

– Também me parece que a situação do machado era junto ao ângulo esquerdo da sepultura, no topo voltado ao Norte. Tinha uma pedra por cima, sobre a qual estava a metade do vaso, e outra idêntica por baixo, que eu ainda esperei que cobrisse também outra qualquer coisa de jeito. Tive o cuidado de reparar bem nestes pormenores. Em todo o caso...

– Não se pode chamar “herdade” à Belle France. No Algarve não há herdades – o que se chama tipicamente herdade. Para ser quinta, falta-lhe o muro característico. Aquilo, para lhe falar verdade, nem sei que seja, por isso proponho que se chame “propriedade” que é chamadioiro aplicável a tudo.

– O Santa-Olalla leva hífen a separar as duas palavras. Dólmen sub tumuli não está bem como singular. Este latinório anda muito deturpado por vários que tinham obrigação de saber mais latim que eu, que não sei nenhum. O melhor é seguirmos Leite de Vasconcellos, que também nisto foi Mestríssimo: no singular – um

---

<sup>(20)</sup> Refere-se ao manual de Louis Figuiet “O Homem Primitivo”, com tradução portuguesa (FIGUIET, 1886), o qual, na página 401, publicou diversas indumentárias pré-históricas de lã, que os autores reproduzem no trabalho dedicado a esta rara peça arqueológica (ver nota 1).

dólmen sob tumulus; no plural – dois, três ou muitos dólmens sob tumulis (sic). Creio que assim já se não revoltarão os ossos de Cícero e de Vergílio... O latim fica apenas no tumulus – tumuli e livramo-nos de trapalhadas com os negregados casos da gramática latina. CUEVA DE MENGA, e não da Menga.

É preciso o máximo cuidado com as citações de nomes de autores, títulos das obras e transcrições de textos. Tudo isto tem de ser exactíssimo. Não tenho elementos à mão para ver se estão certas algumas coisas, tais como:

- Nota 23: Ver o ano (data) desse volume de “Investigación y Progreso” (só com um “s”).
- Nota 14: Ver o nome certo desse italiano. No seu original não está claro e eu não conheço nem o autor nem a obra. Ver também o ano em que foi publicado (ano e local).
- Nota 24: O trabalho de Pericot está na “História de Espanha” ou na “Historia General de España”? Repare bem nisto, porque eu não tenho cá essa coisa. É preciso que saia tudo muito certinho e sem deficiências de fácil emenda. Poderei ver a prova tipográfica? Não demora nada. Devolvê-la-ei logo na volta do correio. Outra coisa. Isso está a pedir Separata. Mande fazer um cento para cada um de nós. Vale-nos bem a pena, esteja certo disso. 300 exemplares creio que devem chegar, visto que ofereceremos exemplares em comum, pelo menos em grande parte. Acho que será bom mostrar este novo texto ao Dr. Zby. Mando-lho pelo correio de hoje, registado. Quanto ao outro trabalho, que é um relatório seu, oficial, mando-lho também com umas pequenas advertências a lápis, que o meu caro Veiga verá. Uma coisa, porém não está certa, segundo me parece. Diz a págs. 3 que nas Caldas nunca apareceu cerâmica decorada com mamilos. Vasos com mamilos aparecem em diversas épocas e eu não sei bem se o Veiga Ferreira se está a referir exclusivamente às da época dos túmulos de Belle France e da Palmeira. Da época das cistas, eu e o Formosinho publicamos um belo exemplar que está na posse de um cavalheiro de Olhão. Esse vaso era das cista digo, da cista do Mirante da Mata. Apresentá-mo-lo em desenho e em fotografia<sup>21</sup>.

O caco achado na Belle France pode não ser do túmulo, tanto mais que foi achado fora do esteios. Mas isso também não pode ser levado em conta de certeza, pois nos túmulos da Palmeira surgiram muitas coisas fora dos esteios e são contemporâneos dos túmulos. Em suma, tudo isto é muito delicado e precisamos de estar alerta com estas pequenas coisas, não nos vão acusar de contraditórios.

Naqueles seus desenhos esquemáticos das cistas e túmulos parece-me que o V. Ferreira apara demasiadamente as pedras. Dão ideia de serem aparelhadas a cinzel. Não ficaria melhor faze-las mais toscas, de bordos irregulares? Bem sei que se trata de uma, digamos assim, uma estilização. Em todo o caso, essas esquematizações dão uma forte impressão visual – que é, afinal, o que com elas se pretende –, e em face desses desenhos do seu relatório tem-se a impressão de que as pedras são perfeitamente esquadriadas sendo

---

<sup>(21)</sup> Trata-se do exemplar reproduzido na Fig. 51 do estudo de FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1953/1954, de colo alto, decorado com linhas verticais de mamilos e fundo em forma de “saco”.

preciso anular tal impressão mediante a leitura do texto. É uma coisa que facilmente se remedeia. Para o nosso trabalho grande, veja se se cinge mais um pouco à realidade. Neste a respeito do fragmento de tecido também há uns esquemas das sepulturas e das cistas. Seria bom que os alterasse, caso os tenha feito no estilo dos deste seu relatório.

Não deixe de mandar fazer a separata. A tal navalha de barbear também mereceria uma notazita especial, atendendo a que também é raridade, e em ser o primeiro exemplar encontrado ou identificado em Portugal<sup>22</sup>. Já mandei pedir ao Formosinho uma boa ampliação da fotografia e vou preparar o texto, para também publicarmos isto, em qualquer parte. É certo que me parece não haver muito que dizer, além do que disse Santa-Olalla no I.º “Cuadernos de Historia Primitiva”<sup>23</sup>. O Amigo Veiga Ferreira veja, no entanto e entretanto, se descobre mais alguma coisa a tal respeito. Fale no caso ao Dr. Zby, pode ser que ele nos preste qualquer informação, útil como todas as informações dele. Peço-lhe não abra o novo túmulo do Buço Preto sem a minha companhia. Avise-me com tempo.

Acabo de receber as fotografias dos objectos da Palmeira, Belle France e Alcaria, que o V. Ferreira tinha levado para Lisboa. Soberbíssimas! E a propósito: falta a fotografia do machado de bronze, o tal “amortalhado”. Então esse cavalheiro não devia também figurar no trabalho especial a respeito do tecido? Parece-me que sim. Esse figurão deve acompanhar a roupa que o vestia, tanto mais que é o machado quem dá a certidão ao bocado de tecido. Se o trapito não estivesse agarrado a ele não teria sobrevivido, assim se tivesse aparecido separado dele, em outro ponto do túmulo, arriscar-se-ia a que nem déssemos pela sua existência. Porque não há de entrar também o machado<sup>24</sup>?

Estou, como lhe disse, enclausurado em casa, desde manhã até altas horas da noite, a tratar exclusivamente da nossa campanha das Caldas. Já vejo que o trabalho não pode ser entregue absolutamente pronto até 20 do corrente. É inteiramente impossível. Mas pode ir um projecto completo, ou seja, uma porção de texto regularmente alinhavado, todas as fotografias e todos os projectos de desenhos.

De maneira que se possa calcular com a possível exactidão o número de páginas e o de gravuras.

Ainda bem – para que tudo não seja mal... – que o Dr. Zby ainda me não quer em Lisboa, pois assim vou andando com isto para diante, a todo o vapor.

Sabe dizer-me se os dois caixotes que mandei para os Serviços já lá chegaram? O Dr. Zby ainda me não mandou dizer nada.

É favor pô-lo ao corrente de tudo isto, a fim de as coisas correrem com perfeito conhecimento e entendimento de todos.

---

<sup>(22)</sup> Ver nota 1.

<sup>(23)</sup> Nada consta neste número da citada revista com relevância para o estudo das navalhas de barbear da Idade do Bronze. Terá havido lapso de A. Viana na referência: J. M. Santa-Olalla apresenta considerandos sobre o assunto na sua obra de síntese “Esquema Paletnológico de la Península Hispánica (SANTA-OLALLA, 1946) cuja edição se inscreveu nas “Publicaciones del Seminario de Historia Primitiva del Hombre”, de Madrid. Dada a similitude dos títulos é plausível a hipótese de confusão de A. Viana.

<sup>(24)</sup> Como de facto veio a verificar-se na correspondente publicação (VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1947, Fig. 29, n.º 30).

Meu caro, já me doem os dedos de tanto tocar piano... Vai ver-se e desejar-se para ler e tomar nota de tudo isto que lhe mando dizer. Mas assim é preciso, para interesse da respeitável firma OFA: Oct. Form. Ab.. Veja lá se decifra esta lápide.

Olhe que estou entusiasmadíssimo com o artigo a respeito do farrapo.

Que saia o melhor possível, a todos os respeitos.

Que se faça uma separatona.

Recomendações ao Dr. Zby.

Um abraço para si.

Basta por hoje.

Basta.

Seu muito grato amigo,

**Abel Viana**

P.S. Agora reparo que a fotografia do machado de bronze também veio. Seria bom arranjar outra cópia da fotografia, só da parte relativa ao machado, para a notícia relativa ao tecido.

**Abel Viana.**

**Documento nº 6 – Carta dactilografada em folha branca, com carimbo “Abel Viana – Beja”, datada. 17/1/1948**

Meu caro Veiga Ferreira:

Recebi a sua carta, o trabalhito da fivela, os desenhos, etc., etc.. Acho tudo muito bem e vou sem demora pôr mão à obra. Em Portugal há, de facto, poucos exemplares conhecidos, mas sempre há mais alguma coisa que o citado pelo meu Amigo. Amanhã ou depois principiarei a volta pela livralhada. E não será hoje mesmo porque daqui a pouco vou tirar um dente que muito me tem atormentado estes últimos dias. Ontem tirei outro, mas este é bastante pior que o outro. Escrevo-lhe logo pela manhã porque logo pode ser que esteja com os queixos muito maçados e em má disposição para escrever. Fiquei muito satisfeito por saber que já obteve autorização a fim de ir a Faro. Logo a seguir a esta vou escrever para Faro, a preparar as coisas. O local é ameno e, por isso, tinha eu pensado a princípio instalarmo-nos em uma casa a poucas centenas de metros do sítio. Neste caso, e se sempre nos pudessem oferecer cama e arranjar quem cozinhasse, é de crer que poupássemos alguma despesa. Por outro lado, a dormida em Faro seria mais cómoda, e a questão da alimentação menos complicada, pois levaríamos todos os dias o almoço para o sítio, vindo jantar à pensão<sup>25</sup>.

---

<sup>(25)</sup> Não se encontra registada na bibliografia dos Autores qualquer publicação relativa a estas escavações. Tão-pouco se localizou na bibliografia o aludido estudo sobre a fivela, feito em co-autoria por A. Viana e O. da Veiga Ferreira.

Terá, porém, que um automóvel nos levar todas as manhãs ao sítio e que nos ir buscar ao fim da tarde. Talvez seja o preferível. Perguntarei para Faro, todavia, o que por lá se afigurará melhor. Creio que o trabalho será coisa para 5 ou 6 dias, o máximo, trabalhando com 4 homens, 2 a cavar e os outros dois a crivar. É essencial, porém, que o crivo seja bom, isto é, que dê bom despacho. Os dos Serviços Geológicos são muito pequenos. Convinha-nos arranjar dois, como aqueles que o Cap. Afonso do Paço e o R.<sup>o</sup> Jalhay empregam em Vila Nova de São Pedro. Fale com o Dr. Zby a este respeito ou, se vê que pode arranjar crivos em outra parte... Mas convém que sejam daqueles que são para levar uma pessoa de cada lado. Nas costas desta desenharei o traste. Pode-se dizer que o trabalho consiste quase todo em crivar terra, e é preciso «que se não deixe nenhuma por crivar. Já vê que com crivos “de gabinete” nada faremos. É preciso, também, que eles sejam despachados para Faro em grande velocidade, de modo que já lá estejam quando chegarmos. Sem eles não faremos mais que perder tempo. Cá espero a separata. Já acrescentei à lista os nomes que mandou agora. Logo que receba informações de Faro voltarei a escrever-lhe, a fim de o pôr ao corrente de tudo. Mas vá tratando dos crivos, desde já. Olhe que sem eles é como ir à caça sem espingarda.

Seu Amigo,

**Abel Viana**

Nota manuscrita, por debaixo do desenho do crivo:

Mandar fazer em Faro, nem pensar nisso, pois qualquer trabalho de carpintaria lá é muito caro.

### **Documento nº 7 – Carta manuscrita em folha branca, datada.**

*Beja, 27/1/48*

Meu caro:

Cheguei ontem aqui, pouco depois do meio-dia, completamente assado. Com a moedeira que trazia e com a trabalhadeira do concurso das cantorias, não me foi possível procurar as fotografias e escrever-lhe nelas mesmo. Seguem agora. Mando-lhas tais como o Dr. Formosinho mas enviou. Arranje-as lá como melhor lhe pareça.

Vai também uma que, pelo aspecto, pertencerá aos caminhos romanos<sup>26</sup>. Veja bem o que é e meta-a no trabalho a que respeitar, visto que a fotografia é boa, muito clara. Vou tratar de tudo o mais que se combinou aí. Os meus cumprimentos a sua Exma. Esposa e beijos às miúdas. Para si, um abraço do dedicado e grato amigo,

**Abel Viana**

P.S. Cuidado com a galinha careca do vizinho!

Não se esqueça do meu livro: Gordon Childe<sup>27</sup>.

Faça favor de emendar sua bibliografia do nosso trabalho da fivela uma citação em que está Faculdade, em vez de Facultad, com “T”. É a nota 17. Facultad.

---

<sup>(26)</sup> Trata-se de estudo dedicado aos caminhos romanos da região das Caldas de Monchique (VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1948b).

<sup>(27)</sup> Trata-se, por certo, das clássicas obras de V. Gordon Childe, “Man Makes Himself, What Happened in History” e “Progress and Archaeology”, traduzidas em 1947 para a língua portuguesa sob o título genérico “O Homem Faz-se a Si Próprio”, Lisboa, edições Cosmos (tradução de Vitorino Magalhães Godinho e Jorge Borges de Macedo), 504 p.

**Documento nº 8 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 2/4/1948*

Meu Caro Veiga Ferreira:

Não estranhe o meu silêncio, pois que desde o meu regresso de Lisboa tenho trabalhado noite e dia na caterva de coisas que trouxe para ultimar com urgência e remeter ao Dr. Zby. Preciso de me deitar ferozmente a tudo isto, com sacrifício inexorável de tudo o mais, do contrário não conseguirei vencer a tarefa. O Dr. Formosinho ainda me não mandou as fotografias. Enquanto não chegam, vou adiantando o resto. Estou, além disso, a vigiar a ultimização deste número do “Arquivo de Beja”. Revejo 32 páginas por dia, mas ainda falta rever muita coisa – cento e tal páginas e os índices. Calculo que dentro de dez dias estará pronto o “Arquivo”. Restar-me-á, ainda, a expedição do mesmo, coisa que me empata durante uns dez dias. Vai ser esse o período em que tentarei pôr em dia a minha correspondência (e a do “Arquivo” também). Ora, meu Veiga Ferreira, tome bem nota nisto, para não haver aumento de trabalho:

- Diga-me sem demora quantos números do “Arquivo” lhe mandei (n.º e Ano), assim como quantos dos meus folhetos (título abreviado).
- Vou mandar ao correio fazer o vale dos 180\$00, a fim de se levantar a separata. O Veiga Ferreira poderá ficar aí com os 25 exemplares e mandar ao Dr. Formosinho 25 exemplares, também. Os restantes 250 mandava-mos para cá, ou em pacotes de encomenda postal (mas muitíssimo bem protegidos), ou, o que seria preferível, dentro de um pequeno caixote e pelo caminho de ferro, em tarifa. É mais barato e não se arriscam a chegar cá com os cantos amarrotados, além de outras possíveis avarias. Só dá mais o trabalho de arranjar o caixote, mas vale bem a pena – mesmo comprando-o. Veja, pois, se pode mandar em tarifa pelo caminho de ferro. Se não quiser mandar daí ao Formosinho, mande-mos todos, que eu daqui expedirei para Lagos.
- Junto a lista das minhas ofertas. Adicione-lhe os nomes que entender.

Mando ao Formosinho lista igual, para ele juntar os que entender. Acho que não há conveniência nenhuma em cortar nomes, ainda que não tenhamos relações directas com alguns. O meu Amigo conta o número de nomes que aí vão e fica lá com essa lista, para ficar sabendo a quem se mandou o folheto. Manda-me para cá uma lista dos que deseja que eu acrescente. Soma isso tudo e dos exemplares que me mandar (os tais 250), põe: “Oferta dos autores” (com “A” pequeno – “autores”), e assina. Faz isto, é claro, só em tantos números quantos os da lista minha e sua, e ainda em mais 10, que tantos poderão ser os números novos do Formosinho.

- Em os tendo eu cá, assino também e... para não estar com mais demoras, trabalhos e despesas, e trambulhões com os folhetos daqui para Lagos e de Lagos para aqui, imito muito bem a rubrica do Formosinho e... pronto! Não será esta falsificação que me levará à cadeia.
- Depois, vem a despesa dos selos, dos envelopes, etc., e como o folheto é magro de corpo, na maioria chega ao destino todo amarfanhado pelas meigas carícias dos sacos do correio: às vezes até com as capas ilustradas a cisco, e até rasgadas. Sucede, porém, que toda essa gente recebe o “Arquivo de

Beja”, e enrolado com este já o nosso folheto irá bem protegido, além de se evitar o gasto de envelopes grandes ou de papel para o meter. E não se gasta mais selo, porque a franquia do “Arquivo” dá sempre margem para mais uns 50 ou 60 gramas. Como vê, esta vantagem não é para desprezar. Além disso, o “Arquivo” para o estrangeiro vai registado. Necessário é, porém, que o meu Amigo enxote tudo isso para cá, com sua assinatura e o mais, até 15 do corrente, sem falta.

– Quero despachar-me destas coisas mais urgentes até o fim do corrente.

Logo nos primeiros dias de Maio, se o Dr. Zby estiver disponível, irei passar com ele mais uns quinze dias, aí em Lisboa, para continuarmos com o nosso trabalho. Mas... há uma outra coisa, a qual me parece que devia fazer-se logo nos primeiros dias de Maio, ou até não seria mau que se fizesse nos últimos dias, ou última semana de Abril corrente. Trata-se da exploração da estação mesolítica do Ludo, junto a Faro<sup>28</sup>. O Dr. Zby disse-me que esse serviço devia fazê-lo eu consigo. Claro que a gente apita ao nosso rico parceirinho de Lagos e ele dará também lá uma saltada, se não para nos acompanhar todos os dias, pelo menos em dois ou três dias. Ora, meu velho amigo e jovem companheiro, a exploração daquilo só pode ser feita em condições em tempo tal que a grande torreira algarvia não seque de todo o solo, pois do contrário o terreno aperta e não se poderá fazer crivagem capaz. Como sabe, este género de exploração consiste justamente em cavar e crivar. Veja, pois, se dispõe a sua vida e se obtém a aquiescência do seu admirável Chefe, de maneira que possamos empreender mais este importante cometimento logo na última semana deste Abril ou na primeira de Maio. Olhe que é coisa para dar tanto brado como o caso das Caldas de Monchique. Sou eu quem lho garante, eu, esta formidável autoridade..... Ou ficamos em Faro e vamos ao local todos os dias ( ) 6 ou 8 dias devem chegar ( ), ou nos instalamos no próprio local. Para isto, porém, é preciso que assentemos na ida, e o Veiga Ferreira me avise com tempo, para os meus Amigos de Faro nos prepararem homens (bastam 4), acomodações, etc., etc. Veja se consegue entregar-se a este trabalho nesta data que indico. Não se devem gastar mais de 8 dias. Talvez mesmo 6 bastem. Quatro homens, dois para cavar e dois para crivar. Diga-me o que puder dizer. Olhe que aquilo não se deve deixar para mais tarde. Vale mais este certo que o problemático de Alcalar, ainda com a circunstância de se tratar de uma coisa absolutamente inédita do Tejo para o Sul, visto o mesolítico de Alcácer parecer... uma lenda<sup>29</sup>. Seu Amigo,

**Abel Viana**

P.S. Mando também o “Arquivo” aos seus Chefes mas, para estes, deve o meu Amigo fazer dedicatória especial e entregá-los pessoalmente. Mas envie para cá, a fim de eu os assinar também. Depois lhos devolvo com as publicações que vão para si... que serão em mais de um pacote.

– Diga-me se concorda com tudo isto.

**Abel Viana**

---

<sup>(28)</sup> Ver nota 25. Na verdade, de tal exploração não há qualquer registo, nem dela se conhece publicação.

<sup>(29)</sup> Referia-se, por certo, aos concheiros mesolíticos do vale do Sado, os quais foram descobertos pelo Eng. Lerenio Antunes Barradas, ainda na década anterior (BARRADAS, 1936), os quais foram ulteriormente explorados (na década de 1950) por iniciativa do Prof. Manuel Heleno.

**Documento n.º 9 – carta dactilografada em folha branca, com carimbo do Centro de Estudos do Baixo Alentejo / Beja, datada.**

27/4/1948

Meu Caro:

Recebi o seu cartão e cá fico à espera que a separata venha daí na próxima quarta-feira. Por ela não ter chegado ainda todas aquelas pessoas a quem oferecemos estão à espera do n.º do “Arquivo de Beja”, agora em distribuição. E eu fico entretanto com a casa atravancada com esta coisa, morto por ver isto desembaraçado. Cá fico esperando, pois. Já sei, por mal de meus pecados, o que são tipografias. Vamos, agora, ao que respeita ao nosso próximo trabalho de Beja, digo, de Faro<sup>30</sup>. Recebi carta a informarem-me que o dono do terreno, ou seja, quem pode falar em nome da Sociedade a que o terreno pertence é o Sr. Francisco Perry Vidal, pessoa que, a julgar pelo nome e apelidos, será filho ou parente do Director da Biblioteca da Ajuda. Seja quem for, mora na Rua da Bela Vista, à Lapa, n.º 67 – 1.º. Ora, é preciso que o meu Amigo tenha incómodo de dar uma saltada a casa dele e, com toda a diplomacia, pedir-lhe, em nosso nome e invocando o carácter oficial da nossa missão, obter dele licença e as mais facilidades que ele puder conceder, dizendo-lhe que se trata de uma pequena escavação em sítio que não é cultivado nem situado em qualquer caminho ou carreiro da propriedade. É em um local completamente improdutivo e pode dizer-lhe também que o intento da exploração é inteiramente científico. O mais que poderão aparecer são ossadas e lascas de pederneira, sem qualquer valor material ou artístico. De maneira nenhuma a escavação prejudica a propriedade. É coisa para quatro ou cinco dias, atendendo a que os cavadores seremos nós, etc., etc..

No entanto, veja se tem aí alguém que o conheça para o apresentar, mesmo mediante um cartão. Veja mesmo aí na sua repartição ou nos Serviços Geológicos se arranja alguém para isso. Claro que me parece de toda a conveniência assegurarmo-nos de tal autorização, visto que, embora se trate de coisa de pouca importância, seria muito aborrecido, depois de começarmos o trabalho, sermos embargados pelo feitor ou Gerente da Sociedade, ou de qualquer maneira nos estranharem o procedimento. Não deixe, pois, de se pôr em campo, e quanto antes melhor, afim de termos tempo de remover qualquer dificuldade que por esse lado nos surja. Outra coisa de que é preciso tratar a valer é da questão dos crivos. Como me não diz nada a tal respeito, fico na suposição de que já tratou ou está tratando disso. Escrevi a respeito de tudo isto ao Dr. Zby. Não recebi resposta. Anda fora de Lisboa, certamente. Seria bom que o Amigo telefonasse para os Serviços, de vez em quando, a fim de averiguar do dia em que ele ali regressasse. Até mesmo no que respeita à autorização para se cavar convinha que ele fosse ouvido. Talvez ele mesmo possa encaminhar melhor as coisas, seja directamente seja por intermédio de outrem. Quanto a marcar dia, por enquanto não poderemos contar senão com esta ideia vaga de que será no começo de Maio. Ora bem. Os três primeiros dias do mês são em churrilho de feriados, de modo que o meu Amigo preferirá estar então em Lisboa. Independentemente disto, o tempo

---

<sup>(30)</sup> Ver notas 25 e 28.

está de chuviscos e a ameaçar chuva. É certo que duvido de que no Algarve chova nesta ocasião, mas... Pode por excepção chover e, por isso, será melhor aguardar mais uns dias. Debaixo de chuva é que se não pode fazer em termos um trabalho daqueles. Enquanto se trata da autorização, da nossa instalação e outras particularidades que precisam de ser previamente tratadas, o tempo melhorará. Julgo que a nossa partida poderá em princípio ficar marcada para 10 de Maio – saída sua de Lisboa, no comboio da manhã e saída minha aqui de Beja, sendo possível em comboio que nos permita reunirmo-nos aqui na estação de Beja, a fim de chegarmos a Faro juntos. Se vê, porém, que por qualquer razão convém antecipar, trataremos de ir, então, uns dias mais cedo. Mais tarde que o dia 10 é que não convirá muito, porque o tempo aquece e o terreno fica demasiado duro. Vou, ainda esta semana, pegar no artiguelho que me mandou já alinhavado (fivela)<sup>31</sup>. Mande o mais que quiser. Mas não publique sem me mostrar, pois há sempre alguma coisa a modificar ou a acrescentar. Quatro olhos vêem mais.

O Dr. Formosinho não me mandou nada respeitante a Alcária<sup>32</sup>. Mandou, sim, relativamente ao Buço Preto e Belle France. E uma observações preciosas, quanto a alterações e emendas que se têm de fazer no texto do nosso trabalho das Caldas. Eu, durante estes oito dias, estou abafado pela expedição do “Arquivo”. Recebeu os dois pacotes que lhe mandei, registados? Diga-me se sim ou não. Vá falar ao Sr. Perry Vidal. Fale ao Dr. Zby. Mande a separata. Mande o tal artigo que diz ter. Mande tudo o que entender e não se esqueça de nada disto que eu lhe mando dizer. Seu grato amigo,

**Abel Viana**

**Documento nº 10 – Carta manuscrita em folha branca, com carimbo do Centro de Estudos do Baixo Alentejo / Beja, datada.**

*30/4/1948*

Meu caro:

Recebi a sua última carta (sem data, como de costume). Se a tipografia não lhe entrega as separatas, como é que eu me poderei zangar consigo? Na verdade, a demora está causando transtorno. A primeira consequência é eu não ter remetido ainda o “Arquivo” às pessoas e entidades a quem mandamos as nossas (...?) arqueológicas... A segunda é alterar o ritmo do meu trabalho, pois quanto mais depressa estiver livre da expedição do “Arquivo” mais depressa estarei com o sossego necessário para outras empreitadas. Pelo correio de hoje seguem, registados e dirigidos à Direcção Geral de Minas, dois pacotes com os volumes 2º

---

<sup>(31)</sup> Ver nota 25 (fim).

<sup>(32)</sup> Alcária é uma necrópole da Idade do Bronze do Sudoeste da região de Monchique com reutilização de algumas das sepulturas no Baixo Império (época tardo-romana) ou já no período visigótico, que foi objecto de publicação (FORMOSINHO & FERREIRA, 1947; VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1948 a).

e 4º do “Arquivo”, para o Sr. Eng.º Acciaiuoli<sup>33</sup>. Os vols. 1º e 3º enviarei em breve, porque ainda vou à procura dos números que o formam, podendo desde já dizer que o n.º 2 do vol. 1º será difícil desencantá-lo. Em todo o caso fico com a lista das pessoas a quem só falta este número, para ver se lhes consigo completar a colecção. O seu exemplar do número agora saído ainda não seguiu. Mas deve ir hoje mesmo, ou amanhã, se a tipografia me mandar tarde de mais a dose de hoje.

O meu Amigo não me manda dizer se recebeu os pacotes registados que eu lhe enviei. De modo que... Peço-lhe o favor de comunicar ao Sr. Eng.º Acciaiuoli que os dois volumes remetidos, assim como o mais que eu lhe mandar, vão oferecidos em nome do Presidente da Câmara de Beja, a quem ele, se quiser, pode mandar dizer que recebeu. Embora seja eu quem alvitra estas ofertas, de um modo geral, pois o Presidente tem muitos mais que fazer e em que pensar, é ele, em todo o caso, que autoriza ou decide. A ele, pois, é que são verdadeiramente devidos quaisquer agradecimentos. Os que foram para si, seguiram à margem da lista. Nada tem, pois, que piar. Ao Sr. Conde de Castro e Solla<sup>34</sup> foi remetido o n.º 1-2 do vol. 2º, que ele devolveu mesmo sem abrir. Prova de que não desejava assinar. Ignoro se ele gostaria de ter a colecção ou se lhe não interessa a publicação. Caso lhe interesse – e o meu Amigo se tiver possibilidades sondá-lo-á, tratarei de lhe mandar o que puder, mas o Amigo avisa-o de modo que ele não devolva outra vez.

Não sei se, ao receber esta, já terá ido falar com o Sr. Perry Vidal. Eu escrevi acerca do caso ao Sr. Perry Vidal, Director da Biblioteca da Ajuda, na presunção de que seja parente do outro. Escrevi também a um amigo meu, a tratar do mesmo assunto. Mas você não deixe de ir também, visto eu não me fiar do resultado das duas missivas. Nada me diz dos crivos. Veja lá se está disposto a crivar com os dedos... Veja lá se o dia que indiquei convém. Cá pelo sul ainda chove, com chuva, nada. Mas isto não deve durar muitos dias. O calor rompe aí de um dia para o outro. Nada sei do Dr. Zby. Veja se o apanha logo que ele regresse a Lisboa. É preciso ver onde a gente arranja o dinheiro, para os quatro homens que temos de empregar durante quatro, cinco ou seis dias. A ver se arranjam uns 1.200\$00 ou 1.300\$00. As minhas despesas pago-as eu, mas os outros gastos são pesados de mais para mim. O Dr. Zby certamente nos arranja esta verba<sup>35</sup>. Claro que o material, seja qual for, vai todo para os Serviços Geológicos. Vá-me dizendo o que já fez, quanto aos crivos e em falar ao Sr. Perry Vidal. Não demore a separata nas suas mãos. Fique lá com 25 exemplares e mande directamente ao Dr. Formosinho outros 25. Sem lhes pôr nada. Seu amigo,

**Abel Viana**

---

<sup>(33)</sup> Eng. Luiz de Menezes Acciaiuoli, funcionário Superior da então Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos.

<sup>(34)</sup> Eng. Luiz de Castro e Solla, então Director-Geral de Minas e Serviços Geológicos.

<sup>(35)</sup> Mais uma evidência do peso institucional do Doutor Georges Zbyszewski nos Serviços Geológicos de Portugal é esta alusão à capacidade que ele teria de desbloquear verbas para trabalhos de campo de índole arqueológica, como o que A. Viana e O. da Veiga Ferreira pretendiam realizar no Algarve.

**Documento nº 11 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 8 de Junho de 1948*

Meu caro Veiga Ferreira:

Desejo-lhe saúde, assim como a sua Ex.ma Esposa e filhinhas. Pelo correio de hoje lhe remeto, finalmente, a empreitada das nossas estradas romanas<sup>36</sup>. Parece-me que o trabalho deve ficar assim. A descrição dos cacos em nada o valorizará. Pelo contrário, vai torná-lo pesado. Não tem interesse especial. O desenho da boca da ânfora fica melhor em outro escrito nosso no qual estudemos em especial as formas das cerâmicas. Não concorda? Quero pedir a sua atenção para duas coisas importantes: Iº – Não mexer em uma única palavra do texto. Vai tudo cuidadosamente pensado e revisto, palavra a palavra.

IIº – Rever, palavra a palavra, as indicações bibliográficas, pois algumas obras que indica estavam erradas no título e nome de autor, e quanto a outras não posso agora verificar. Verifique-o o meu Amigo, mas com a máxima cautela. Deixe-se dessa maneira de trabalhar a meia-bola e força, porque dá péssimo resultado. Todas as citações devem ser cautelosas e rigorosas. Rigorosíssimas! Repare em algumas emendas que tive de fazer:

Itnerarium-----Itinerarium

Monumentais-----Monumentaes (Assim é que está no título da obra).

M. Lister Franco-----Mário Lyster Franco (Respeite o “Y” do nosso Amigo).

Vidal de la Blanche-----Vidal-Lablanche (Tenho obras do autor).

Fernandes Martins-----Será o Dr. Alfredo Fernandes Martins? Veja como realmente está indicado na capa do livro.

Este livro é de “Edição Cosmos” ou da “Biblioteca Cosmos”? Veja lá.

Meta no sítio próprio o n.º ... dos números da “Revista” em que saíram os artigos de Veiga F. e Dr. Formosinho. A menos que não sejam numerados. D. João II não viajou das casas do Ataíde de Alvor para as Caldas. Foi ao contrário. Meti Rui de Pina e Resende na citação da nota 5, porque o Ataíde de Oliveira é fraquíssima autoridade. Já que fala na monografia de Alvor, abra isso na pág. 70 e repare naquela lindeza.

Diz que o Rei partiu e foi dormir a Ferreira em 15 de Outubro. No outro dia chegou à Messejana (e não Mességana); no outro a Monchique, onde esteve dois dias. Depois desceu às Caldas, onde passou 5 dias. Depois um dia na viagem para Alvor, morrendo ali 9 dias depois de ter lá chegado – e foi a morte em 25 de Outubro. Não vê a trapalhada? O Rei está em Ferreira do Alentejo em 15 de Outubro, morre 18 dias depois, a 25 do mesmo mês... De que tamanho eram esses dias, que se podiam meter 18 entre 15 e 25?

Escreve em um sítio Portus Anibalis (que raio é isto?) e em outro Porthus Annibalis; o nome do cavaleiro é: Portus Hannibalis<sup>37</sup>. Muita conta com o Promunturium Sacrum<sup>38</sup>, a que muitos sabichas de caca chamam Promontorium...

---

<sup>(36)</sup> Ver nota 26.

<sup>(37)</sup> Topónimo conotável com local situado no litoral próximo da actual cidade de Portimão.

<sup>(38)</sup> Este topónimo refere-se ao Cabo de São Vicente.

Quanto a Mon Sicus... deitei-o fora. Não nos faz cá falta o cisco para coisa nenhuma. Isso é invenção de outra casta de sabichas que, não tendo mais que fazer, inventavam estes disparates. Veja lá se um Leite de Vasconcellos ligou importância ou deu confiança a um Mon Sicus! Isso é para uns professores e escritores muito ilustres, que escrevem muito bem, etc. e tal, que são famosos na cátedra, na clínica e na sociedade, e até nos institutos científicos, mas que, em lhes dando para se meter no imenso que não sabem e que julgam saber (porque de todos os lados lhes berram que são sábios), fazem esta linda figura, de companhia com o Mon Sicus e mais patacoadas do mesmo jaez.

Amiguinho, precisamos de toda a cautela. Nós não somos sábios, e não queremos a ridícula glória dos sabichas. Se nos apanham ancorados em Porthus Anibalis... metem-nos a pique!

Ao meu Amigo, põem-no no olho da rua; a mim e ao Formosinho, demitem-nos da Arqueologia – o que seria grande perda para nós e desgosto das respectivas famílias.....

Em conclusão: NÃO BULA NO TEXTO; REVEJA PALAVRA POR PALAVRA; LETRA POR LETRA, OS TÍTULOS DAS OBRAS CITADAS E NOMES DOS AUTORES. E pronto. Peço-lhe o favor de me mandar a prova tipográfica disso. Mais duas coisas: as nossas assinaturas devem ir no fim do artigo; isso de os colocar no princípio, como já fazem todos os cães, gatos, ratos, macacos e asnos das nossas Letras e Ciências, é simplesmente pretensiosismo caricato. Também não devem levar adiante a indicação profissional ou cargos que desempenhamos. Isso deve ficar para as notícias necrológicas, para a ocasião em que, depois de mortos, os que nos deram coices e nos trataram de burros, nos venham a classificar de talentosos, para que depois lhes chamem a eles, talentosíssimos.

Bem. Vou agora para a Alcaria. Dentro de dias aí terá este outro artigo. Depois, quero-me agarrar à conclusão do outro trabalho, do nosso grande trabalho. Vai-me dar um trabalhão, pois terei de refundir aquilo tudo, graças à amiga e paternal exigência do nosso precioso deus tutelar, Dr. Zby. Já estive com ele? Mostre-lhe estas estradas romanas. Peça-lhe ajuda para rever o latinório das citações bibliográficas. Pergunte-lhe, da minha parte, quando quer que eu vá a Lisboa. Estou às ordens dele. E trate também de dispor as coisas de modo a irmos para Monchique e Alcalar logo no começo de Julho. Logo no começo, porque em Agosto aquilo é intolerável, além de que eu tenho de avançar para o Minho. Mas gostaria de que, entretanto, o Dr. Zby me chamasse para trabalhar com ele. Eu não o quero maçar com cartas, por isso, fale-lhe em meu nome. Como lhe disse, mandei a nossa separata a todas a gente que estava indicada nas listas de nós três, e a mais algumas pessoas, de que lhe vou mandar outra lista. Por hoje mais nada, que já não é pouco. Está a chover, aqui em Beja.

Extraordinário, na verdade. Ainda não pude escrever ao nosso Amigo, seu colega de Faro, a agradecer. Cumprimentos a sua Ex.ma Esposa. Beijos às miúdas e pragas à chupeta. Um abraço do amigo dedicado,

**Abel Viana**

Em nota manuscrita:

P.S. Da revista dos Srs. Engenhocas tenho somente o número em que saiu a sua 1ª obra arqueológica. Faltam-me, pois, mais três: Dois deles com os artigos seus e do Formosinho; o outro é do artigo do traé do

artigo do trapinho e da barbeirinha, que nós os três tivemos a suprema glória de inventar. Mande-me esses três números, se não quer que o rache de meio a meio e o faça num par de Veigas Ferreiras.

Abel Viana

**Documento nº 12 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 13 de Junho de 1948*

Caro Amigo:

Pelo correio de hoje segue, registado, o meu artigo a respeito da exploração do Largo da Sé, de Faro<sup>39</sup>. Como ele é bastante comprido e tem muitos bonecos, será conveniente, talvez, reparti-lo por dois números da Revista. Mas, como eu desejo separata, será preciso parti-lo de forma que na primeira dose fiquem páginas mais ou menos completas. Isso só na tipografia poderão calcular com aproximação. Quanto às gravuras, à primeira vista a quantidade é... assustadora. É preciso notar, porém, que além disso poder ir em dois números, a grande maioria dos desenhos é para reduzir, na gravura, a metade, o que dá muito menos, e algumas, mesmo, a um terço, pelo que ficarão muitíssimo mais pequenas e, portanto, pouco dispendiosas. O meu Amigo mais o Sr. Bueno lá verá isso e a ambos confio inteiramente o devido amparo a este meu parto arqueológico. Façam, pois, como melhor entenderem. Hoje o resto do dia é para pôr em actualização um bocado da minha correspondência atrasada, que não é pouca. Amanhã, logo de manhã (oito horas), começo às voltas com a nossa querida fivela da Alcaria, e não a largarei mais da mão, até concluir o nosso estudo. Até o fim da próxima semana pode contar em receber aí o original prontinho a entrar no forno<sup>40</sup>. No pacote com o artigo do Largo da Sé vai um exemplar do trabalhito do Lyster Franco e meu, a respeito do cemitério... Cúprico da Ferradeira<sup>41</sup>. Recebi o número da Revista e muito obrigado. Julgava eu que o meu Amigo e o Formosinho tinham publicado outra coisa, além da tal que você indica e que eu já tenho. Mas vamos a ver melhor o caso. Então só saiu aquele artigo seu, em que fala do Buço Preto, etc., etc., em que o autor é apenas você, ou há ainda um outro, em que são autores você e o Formosinho? É aí que está a minha dúvida. Se não há tal artigo, seu e do Formoso Amigo Formosinho, então desculpe a minha confusão, mas se há, então salte para cá essa coisa, e muito depressinha<sup>42</sup>. Gostei de ter notícias do Dr. Zby, mas não gostei da informação que o V. F. me deu, de que eu podia tirar do sentido a hipótese de poder ir trabalhar com ele ainda este mês. Emfim,

---

<sup>(39)</sup> *Artigo publicado em diversos números da “Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores” (VIANA, 1949), do qual se fez separata.*

<sup>(40)</sup> *Ver notas 25 (fim) e 31.*

<sup>(41)</sup> *Trata-se de importante contributo para o conhecimento da arqueologia funerária do Calcolítico algarvio (FRANCO & VIANA, 1948), devidamente valorizado em trabalho ulterior de H. Schubart (SCHUBART, 1971) que baptizou o referido documento cronológico cultural com o nome de “Horizonte de Ferradeira”.*

<sup>(42)</sup> *Existe de facto artigo assinado por O. de Veiga Ferreira e J. Formosinho relativo às necrópoles da Idade do Bronze de Monchique e à estação de Alcaria (FORMOSINHO & FERREIRA, 1947).*

paciência. Eu tenho sempre imenso que fazer, mas esses trabalhos com o Dr. Zby quero pô-los em primeiríssimo lugar – com perdão da tal trindade de Lagos – Monchique, etc., muito do meu respeito, que são três grandes pontarrões.

Mas como são também bons rapazes, relevar-me-ão esta primazia que dou ao meu trabalho com o Dr. Zby. Só há um que é capaz de se escamar – o tal Abel Viana –, mas esse é mandá-lo à fava. Veiguinha amigo, trate de mexer os cordelinhos com toda a arte e habilidade, de modo a poder-se reunir o terceto de Monchique logo nos primeiros dias de Julho. Olhe que eu preciso de lavar os pézinhos naquelas benditas águas captadinhas por você e outros tão bom zinhos como vocemecê, o mais cedo possível, a fim de em Agosto poder encontrar-me no Norte com o Eng.º M. Feio e talvez com o Dr. Zby também. Há por lá muito cascalho para ver e pesar. Peça ao seu maravilhoso Chefe lhe consinta dispor as coisas de maneira a podermos estar em Monchique, nas Caldas do dito ou lá onde é, nos primeiros dias de Julho próximo. Vá-me prevenindo do que lhe for possível prevenir a tal respeito, para eu ir ordenando a minha vida. Vamos, agora, às nossas soberbas estradas romanas das Caldas, todas estradas muito lampeiras e todas Caldas... O tal Promunturium é nada mais nada menos que fabrico do grande Leite de Vasconcellos, que tal forma usou no 3º vol. das “Religiões da Lusitânia”. Em todo o caso, como essa forma, que o Mestre foi decerto buscar a qualquer historiador ou geógrafo antigo, pode engulhar o pagode, mude-a para Promontorium, que também está certo.

Folgo de o ter obrigado a vasculhar o seu latim. Quanto ao Vidal-Lablanche, assim é que o homem assinou em grandes letras nos seus magníficos atlas. Mas também é certo que se assinou Vidal de La Blanche em outras ocasiões. De modo que venha o diabo e escolha. Agora, quem me obrigou a andar atrás do Blanche foi o meu Amigo.

Quanto ao mais, estamos de acordo em que o meu Amigo tem de ter todo o rigor no chamadoiro das obras e no dos autores, assim como, ao transcrever períodos, tem de o fazer letra por letra, tal qual lá está, porque o contrário é puramente inadmissível, seja para quem for, quanto mais para homens insignes... como noses. E pronto.

Quando tiver provas do artiguelho, faça o favor de as mandar para cá.

Quando puder, trate desse meu artiguelho, e veja quanto custa, mais ou menos, uma separata de 300 exemplares. Publicar em dois ou três pedaços, senão puder ser de uma só vez.

Toca a andar para as Caldas em Julho, logo nos princípios, se puder ser.

Quanto à outra coisa que me diz para mandar, mande-a já, se puder ser.

Quanto ao nosso artigalhaço da fivela, irá no fim da semana, se puder ser.

Quanto a pôr nomes no fim, e não no princípio, isso é só quanto a nós, e não a respeito de outros, se puder ser. E passe muito bem, se puder ser.

E se puder ser, fale com o Dr. Zby. Disseram-me aqui que ele regressava em breve para França, para não voltar... Calcule como estou inquieto com o caso. Veja o que há de verdade ou de mentira nisto. Agradeço-lhe imenso o que me puder averiguar. Parece que me não esquece nada. Esteja descansado que a fivelinha não se perde nem se enferruja.

Um abraço do amigo, colega, camarada, companheiro, parceiro, sócio, consócio, etc.,

**Abel Viana**

**Documento nº 13 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 20/6/1948*

Meu caro:

Recebi a sua carta e fiquei zangado consigo, indignado, danado, furioso, escamadíssimo... Então você, grande marotoço, alaparda-se nas Caldas, vai vendo todas aquelas coisas, muito regaladamente, e depois manda-me para cá o retrato, para me fazer água na boca! Palavra que tive pena de que não me avisasse, afim de eu ir consigo. Claro que, na próxima ida lá, teremos de rever tudo isso. O Dr. Formosinho deve partir, com a Esposa, amanhã ou depois, para Coimbra. Dali segue até ao Porto e tenciona dar uma volta, de fugida, pelo Minho (Guimarães, Braga e Viana do Castelo). Segundo o programa estabelecido, deve estar de regresso a Lagos a 11 ou 12 de Julho. Parece-me que não deveremos esperar por ele, do contrário faz-se muito tarde. Tanto mais que ele terá mais interesse no trabalho de Alcalar, e aí é que ele nos é verdadeiramente indispensável. Sendo assim, nós poderíamos ir para Monchique no dia 4 (Domingo) ou 6 (Terça-feira) de Julho e começaríamos logo com as coisas romanas. Ocupados nisto os primeiros 5 ou 6 dias, passaríamos ao Buço Preto – e aí já o Formosinho estará de volta e poderá comparecer. Estando eu de volta em 14 ou 16 de Julho, desejaria passar o resto desse mês em Lisboa, com o Dr. Zby, se ele estiver disponível. Veja lá se isto pode ser assim. O Dr. Zby ainda me não escreveu. Preciso de ir ter com ele, a dar-lhe conta dos nossos trabalhos e do estado em que tenho todas estas tarefas em que ando metido. Eu não sei se ele estará agora aí. Seja como for, na próxima quinta-feira, dia de São João, vou a Lisboa. Devo seguir no correio, de modo que às 14 horas já aí estarei. Vou para a Pensão Astória, como de costume. Não o procurarei no seu Bairro porque não sei a que horas estará em casa, e escuso de perder tempo em ir lá em vão. De modo que, se puder e não lhe custar, sendo 17 horas estarei nos Serviços Geológicos – ou, o que é melhor: como ainda há tempo, mande-me dizer na volta do correio, em um simples postal, onde quer que o procure. Indique um café qualquer na baixa, e marque a hora. Fiquemos assim combinados – aguardo que me mande dizer onde quer que o espere e a que hora mais ou menos certa. Só me demorarei aí dois dias, ou seja, voltarei para Beja na tarde de Sábado. É só para ver se consigo falar ao Dr. Zby e ir ao Museu Etnológico passar uma vista de olhos por aquilo. Levarei comigo o trabalho da fivela, que me tem dado que fazer, muito mais do que eu contava. Tenho muito receio de deitarmos tolice. Mal de nós se tal acontecesse. Toda a cautela é pouca. Nestas coisas, em se perdendo uma vez o crédito, nunca mais se pode readquiri-lo. Veja o que tem acontecido a outros que muito bem conhece. Se não lho puder enviar antes, leva-lo-ei comigo<sup>43</sup>. De qualquer das maneiras, teremos de o ler ambos, e gostaria de que tivesse à mão os dois trabalhos que indica a respeito dos três períodos em que J. Supiot e Santa-Olalla, assim como o Heiss e o Camps Cazorla dividem o visigótico. Vá preparando isso, de maneira a podermos conferir tudo isso com muito cuidado. O Veiga Ferreira já se enganou em uma citação ao Félix Alves Pereira, onde o que ele disse é diferente do que o meu Amigo lhe atribui. Como tenho cá o trabalho indicado, descobri o engano. Mas quanto aos mais acima indicados, não tenho por onde verificar.

---

<sup>(43)</sup> Ver notas 25 (fim), 31 e 40.

Faremos, portanto, aí essa coisa mesmo de noite, de manhã, de tarde, onde quiser. Quanto ao meu trabalho de Faro, fico-lhe infinitamente grato, assim como ao Sr. Bueno. Dividam como quiser, façam como quiser, contanto que se não deixe de tirar a separata. Quatrocentos exemplares. Certamente as gravuras irão todas no fim do texto, na separata, não é assim? Seja como for, fica-lhes o assunto entregue. Quanto a estas coisas que me manda agora de Monchique, acho-as interessantíssimas. O Dr. Formosinho é que é capaz de acreditar tanto nelas como nas estradas romanas... O caso é bem digno de ser estudado e eu estou com a sua opinião. Será um castro, talvez não romano mas visigótico. A tal foice parece-me coisa medieval. Tudo o mais (Dolia, opus signinum, etc.), pode ser também medieval – visigótico certamente. E aí encontraremos, possivelmente, a explicação da estranha mistura da necrópole da Alcária<sup>44</sup>. Mas tudo isto tem de ser muito bem observado e meditado. Aí falaremos sobre o assunto.

Bem. Até quinta-feira. Entretanto escreva-me a marcar local de encontro. Esta vai escrita a toda a pressa, a fim de seguir hoje mesmo.

Seu dedicado amigo,

**Abel Viana**

#### **Documento nº 14 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 25 de Julho de 1948*

Meu caro Veiga Ferreira:

Já não tencionava escrever-lhe senão de Viana do Castelo, para onde sigo, como já lhe mandei dizer, na próxima terça-feira. Mas recebi a sua carta e as fotografias, de modo que me parece conveniente continuarmos a assentar ideias. Vou ainda esta noite ver se consigo recortar as fotografias ampliadas, a fim de organizar definitivamente as estampas.

Bom foi tê-las mandado, porque assim já poderei continuar o trabalho. Mas o meu Amigo ia estragando o arranjinho. Mandou as fotografias envolvidas em um simples cartão, demasiado delgado para proteger um conteúdo tão delicado. O resultado foi essa espécie de tubo que o Amigo fez chegar cá chato como um figo, e as quatro fotografias, que são em papel bastante espesso, ficarem com dois fortes vincos a todo o comprimento. Meti-as logo em uma prensa, mas duvido de que alguns dos objectos sobretudo facas, não tenham ficado prejudicados, pois o vinco é forte e deve aparecer na fotogravura. Havia o remédio de pedir outras fotografias ao Formosinho, mas você está a ver; mais despesas, mais demoras, os habituais esquecimentos do Formosinho, as demoras do fotógrafo, a remessa para aí, afim de serem retocadas, etc., etc.. Meu caro, seja o que Deus quiser: com vincos ou sem eles, a coisa fica assim e, para a outra vez, lembrar-se-á dos boléus que as coisas costumam levar nos correios.

---

<sup>(44)</sup> *Ver nota 32.*

Apreciei muito as suas fotografias. As dos túmulos estão bem boas. As que representam cenas de piratas, também não estão más. As minhas é que demorarão ainda um pouco, porque ainda tenho o rolo metido na máquina. São dois rolos. Vou completar o que está na máquina, disparando hoje e contra o que aparecer, a fim de os poder mandar revelar imediatamente. Esteja descansado que lhe não faltarão as fotografias que eu tirei.

Remeti hoje ao Dr. Zby o meu trabalho acerca da mamoa de Carreço<sup>45</sup>. Para Viana, a fim de o completar lá, levo o nosso trabalho grande de Monchique<sup>46</sup>, assim como conto redigir o relato da nossa campanha deste mês. Faz falta, portanto, que me mande para Viana os desenhos que são para este outro trabalho. Faça, pois, desenhos dos três túmulos, assim como das peças miúdas. Dos objectos de pedra polida não vale a pena. As fotografias e os desenhos que eu fiz bastam. Agora quanto aos micrólitos, pontas de seta, e chapa de xisto (ídolo-placa), isso é que, além de boa fotografia, merece também desenho bem feito, isto é, muito claro e muito fiel. Veja se pode fazer isso o mais depressa possível, a fim de eu poder entregar o trabalho com toda a brevidade. Temos que aproveitar o tempo, pois temos uma caterva de coisas a dar à estampa. E com certeza vamos acumular ainda mais coisas, dentro de pouco tempo. Estimo saber que o Dr. Zby tenciona ir ter comigo a Viana. O pior é se lhe aparece qualquer coisa extraordinária, que venha perturbar os nossos planos. O trabalho acerca do paleolítico minhoto é muito importante, e eu bem desejaria dar-lhe um bom avanço ainda este ano. Quanto ao desejo do Dr. Zby, de nos acompanhar em uma das campanhas do Algarve<sup>47</sup>, quem me dera que de facto isso se pudesse realizar! Mas o Dr. Zby é pessoa que quase não pode dispor de si mesmo, de modo que, receio bem, infelizmente, que a ida dele para nos acompanhar e tomar parte activa nos trabalhos não venha a passar de puro desejo. A nós só muito nos honrava a companhia e assistência dele. Tenho a certeza de que ele havia de gostar e de que fará a diligência em converter em realidade tal projecto. Vá o meu Amigo martelando a ideia junto dele. Aperte bem com ele, do contrário o tempo correrá sem ele dar por isso, e por fim não irá connosco. Quanto à publicação dos nossos dois principais trabalhos das Caldas, deixe-o manobrar à vontade. Logo que eu regresse do Minho, tratarei de ultimar a dactilografia dos dois trabalhos e irei pessoalmente a Lisboa. Lá trataremos do caso, de modo decisivo e de acordo e sob a direcção do nosso bom amigo e Mestre<sup>48</sup>. O maroto do Dr. Formosinho ainda não me acusou o regresso a Lagos nem me mandou dizer nada das suas impressões do Norte. Veja lá o Veiga Ferreira se se resolve a dar uma saltada a Viana com sua Esposa, na ocasião das festas.

Olhe que se não arrependerão. E eu lá estarei para os acompanhar e para tratar de lhes facilitar tudo o que estiver ao meu alcance. Não perca a ocasião de ver coisas tão belas como a parada do traje e outras coisas, que no seu ambiente próprio são na verdade encantadoras. Resolva-se, pois. Aqui de Beja vão diversas pessoas. Como lhe digo, levo para lá os nossos trabalhos e conto terminá-los lá. Isto em Beja é que já se vai tornando impossível de aturar. O calor excessivo debilita física e mentalmente. Todo o esforço intelectual é

---

<sup>(45)</sup> Ver *Bibliografia* (VIANA, 1955).

<sup>(46)</sup> Ver nota 2.

<sup>(47)</sup> Ver notas 25 (fim), 31, 40 e 43.

<sup>(48)</sup> *Estas e outras expressões são bem demonstrativas do respeito e da profunda amizade que unia Abel Viana a Georges Zbyszewski.*

penoso, neste ambiente sufocante. Mas não deixe de me mandar os desenhos. Tome nota da minha morada (aliás de meu cunhado) – ABEL VIANA – RUA DE MANUEL ESPREGUEIRA, 225 – VIANADO CASTELO. Agora, não se engane, nem se esqueça.

Creio ter-lhe falado em tudo o que refere na sua carta. Para Espanha não irá nada. Tem graça o seu argumento, a respeito do Formosinho ser Delegado da 6.<sup>a</sup> Secção (Escavações, etc. e tal). É que eu também o sou. É um dos meus empregos honoríficos, muito bom para... coisa nenhuma. Dá-nos o direito de andar pelas estradas da China, se o Chang Kai Chek nos der licença para isso. Não, Amigo. O lugar não dá qualquer garantias, nem no papel, de modo que, verdadeiramente, também não há deveres tão rígidos que nos impeçam de publicar lá fora o produto do nosso trabalho. Começa, até, pelo facto de tal Secção nos não publicar coisa nenhuma. Se fora o contrário, não teria eu aqui inéditos e perdidos para sempre os meus mais extensos e melhores trabalhos. Assim os espanhóis ou até os patagões ou os hotentotes mos publicassem!... Até à vista. Os meus queixos escapam. O abcesso ainda cá está, mas não dói, e isso é o principal.

Em manuscrito:

Os meus cumprimentos a sua Ex.ma Esposa e para si um abraço do amigo dedicado

**Abel Viana**

**Documento nº 15 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 30/9/1948*

Meu caro Veiga Ferreira:

Acabo de receber a sua carta de (pelo carimbo do correio) ontem. Cheguei a Beja na segunda-feira passada, 27 do corrente<sup>49</sup>. Bastante maçado da viagem, que foi directa, pelo Setil, e vindo cá encontrar correio acumulado nestes dois últimos meses, tendo levado estes três dias a desfazer malas, a abrir livros, jornais e revistas... e a dormir. Parti do princípio que a anormalidade do meu regime de trabalho, derivada da minha viagem ao Norte, durará até hoje. Só amanhã retomarei o ritmo habitual. Principiarei por pôr em ordem a trapalhada arqueológica e etnográfica que trouxe do Minho. Depois, tomarei o primeiro contacto com os trabalhos interrompidos em 27 de Julho passado. Isto levar-me-á dois ou três dias, após o que me lançarei a todo o pano dentro das nossas águas... de Monchique. Nada mais farei até fins de Novembro. Tenho, entretanto, que acabar o presente número do “Arquivo de Beja”, que está preso à tipografia pelas últimas páginas, e de o expedir. Nada mais desejo fazer depois, que tratar dos nossos dois trabalhos monchiquenses<sup>50</sup>. Julgo, mesmo, que muito antes do fim de Novembro terei as coisas prontas a entregar aí em Lisboa. Claro que o meu Amigo cuidará aí em Lisboa dos pormenores que lhe ocorrerem e que possam ser tratados por

---

<sup>(49)</sup> *Viagem de regresso, por comboio de Viana do Castelo.*

<sup>(50)</sup> *Ver nota 2 e 46.*

si, ou dos que eu daqui lhe indicar. Estes serão, possivelmente, quanto à parte gráfica, visto que os meus olhos já refilam contra as minhas pretensões de desenhista. Como o meu Amigo ainda tem bom olho, não terá remédio senão aplicá-lo. Vamos, agora, ao conteúdo da sua carta. Cá espero a separata. Sempre tratou da maneira do Dr. Formosinho assinar as ofertas por meio de chancela? Chegou a escrever-lhe a este respeito? Se o não fez, era favor fazê-lo.

Eu também lhe falarei nisso, mas convém que você também o faça. Encarregue-se da oferta aos seus bons Chefes e nossos estimados protectores. Mas deixe-me assinar também. Mande-me esses exemplares a eles destinados, que eu os assinarei e devolverei imediatamente. Quanto à outra separata – a do trapo<sup>51</sup> – suponho que o V. F. Ainda tenha alguns exemplares. Se os não tiver, porém, mande-me dizer, porque eu imediatamente lhe enviarei os que tenho cá e que precisamente ficaram destinados à oferta aos seus Chefes. O culpado fui eu, porque, devido a esta labuta contínua, seguida da minha ida para o Norte, me esqueci de os enviar, como tantas vezes lhe disse a si que o faria. Fico, de facto, envergonhado como o caso, tanto pelo justo ressentimento que seus Chefes podiam criar a seu respeito como pelo direito que eles podem ter de registar uma injustificável falta de cortesia da minha parte e da parte do Dr. Formosinho. O amigo Veiga Ferreira tentará remediar o mal, e como nada melhor para merecimento de perdão que a confissão da culpa, conte a verdade.

Recebi os desenhos que me mandou para o nosso trabalho do Buço Preto (nova série de explorações)<sup>52</sup>. Creio que lhe acusei a recepção, na mesma carta em que lhe dizia que de Beja lhe enviariam o vale do correio. A carta foi escrita de Viana e dirigida para a sua Repartição. Pois cá tenho os desenhos. Dentro de dias lhe mandarei dizer se é preciso mais alguma coisa a respeito do Buço Preto. E nada mais vejo que na sua carta reclame resposta. Registo o seu regresso ao lar – que ainda é a melhor das praias, a melhor das termas e a melhor estância de repouso. Ao menos para os que já são velhotes, como eu. Tomo nota, igualmente, da presença do Dr. Zby em Lisboa. Gostei de saber do seu regresso e estimarei que esteja de plena saúde. Agora, já poderemos começar, ou melhor, recomeçar a moer-lhe a paciência. Ande que ele vai para o Céu, com certeza, e nós contribuimos largamente para o bilhete de entrada... Eu ainda tive esperança de que ele me aparecesse em Viana nos últimos dias deste mês. Mas já havia por lá muitos neveiros e por vezes tempo muito fresco, anunciadores de invernias próximas. Ainda assim, consegui apanhar material com que fiz quatro caixotes a despachar para o Museu de Belém<sup>53</sup>. Para os Serviços Geológicos tenho dois, com novidades paleolíticas e coisas escolhidas. Dei umas voltas no vale do Minho, pelos arredores de Vila Nova de Cerveira, assim como uma outra, que andava adiada de ano para ano, pela Veiga de Bertandos, no vale do Lima, próximo de Ponte de Lima. É claro que o trabalho a fazer lá com o Dr. Zby não é de urgência. Pode bem ficar para o

---

<sup>(51)</sup> Ver nota 24 e Bibliografia (VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1948 a).

<sup>(52)</sup> Trata-se de uma importante necrópole pré-histórica de Monchique, explorada e publicada pelos Autores em diversos trabalhos, citados na Bibliografia.

<sup>(53)</sup> Nesta data, a inimizade com o Prof. Manuel Heleno ainda não era manifesta, como se confirma pela oferta para o Museu por aquele dirigido de materiais arqueológicos, por de Abel Viana. Regista-se, contudo, a declaração que para o Museu dos Serviços Geológicos seguiriam “coisas escolhidas”. Tais materiais foram, ulteriormente estudados por diversos investigadores (H. Breuil e colaboradores, F. Sande Lemos, etc.).

próximo ano. O meu caro Veiga Ferreira fará o favor de lhe dar conta sumária destas coisas, visto eu não lhe poder escrever por enquanto. Ele que me mande dizer se lhe convém que eu vá a Lisboa, a fim de adiantarmos qualquer dessas coisas que eu e ele andamos fazendo. E meu caro Veiga Ferreira, este relatório – para si uma estopada – já vai passando dos limites razoáveis em que se pode amolar a paciência do parceiro. Cá fico às suas ordens e às do nosso preclaríssimo Dr. Zby. Vou agarrar-me ao trabalho, ao trabalhinho, ao trabalhão. Diga-me de sua justiça sempre que seja preciso, ou que entenda fazê-lo. Os meus respeitosos cumprimentos a sua Esposa. Beijos às miúdas. Um apertado abraço para si, do seu muito grato e dedicado amigo e companheiro,

**Abel Viana**

**Documento nº 16 – Carta manuscrita em folha branca, com carimbo do “Arquivo de Beja”, datada. 21/10/1948**

Meu caro:

Recebi ontem as provas, e remeti-lhas hoje, meticulosamente revistas. Agora, é ter apenas cuidado em que façam todas as emendas e que a enestar uma coisa não desencestem outra. Vi e revi com todo o cuidado, de maneira que lhe peço não bulir mais no texto. Cautela com aquela nota (já quase no fim), onde está Facultad em vez de Faculdad, que é como deve ser<sup>54</sup>. Não mandei ao Formosinho nem me parece que seja preciso mandar. De futuro, o que é conveniente e mandar-lhe cópia do original, antes que este siga para a tipografia. Desta vez não se fez isto pela muita urgência com que você pediu o original. E valha a verdade que, no fim de contas, havia tempo bastante para ele se ter pronunciado.

Claro que se lhe mandássemos agora estas provas o meu Amigo não as veria aí tão cedo... E ainda que as recebesse, era o nosso bom Formosinho capaz de alterar de tal modo o texto que no fim representava... um artigo novo.

O Formosinho, além do escrúpulo e da “modéstia”, tem um medo terrível de botar tolice ou de fazer má figura. Sabe pouco destas coisas, isto é que é verdade, ou antes, está pouco actualizado. Tens tido pouco ou nenhum contacto com boa e abundante bibliografia. O que mais lhe enche a cabeça são as suas próprias congeminções, perante o mistério dos objectos que consegue alcançar para o seu Museu, tanto os que lhe são dados, como os comprados, ou provenientes das suas próprias escavações. Põe-se a arquitectar coisas, apenas norteado pelo Estácio da Veiga e mais alguns livros antiquados. Surgindo-lhe, agora, este mundo de coisas, fica perplexo, atordoado, e para afinar, ou mesmo para aceitar qualquer juízo nosso, que ele tenha de subscrever também, precisa de que nós lhe demos prazo suficiente para ele averiguar se as coisas estão certas, para desfazer todas as suas dúvidas, para, enfim, ele... fazer um curso de arqueologia. Mas nós temos

---

<sup>54</sup> Ver o P.S. ao Documento nº 6, relativo à preparação de artigo dedicado à fivela, o qual não chegou a ser publicado (ver notas 25 [fim], 31, 40, 43 e 47).

o dever de trabalhar com ele assim mesmo, e de usar para com ele de toda a delicadeza. Não creio que ele esteja zangado consigo. Eu já lhe escrevi a falar do caso, mas ele só respondeu a uma outra carta que eu lhe tinha enviado dia antes. Vou-lhe escrever novamente. Quanto a este artigo de agora, mande já para a tipografia e não perca mais tempo. Veja quanto levam pelos 300 exemplares da separata. Acho que devem também fazer separata disto. Sempre é mais um folheto para nos tornar-mos lembrados aos amigos. Estou distribuindo a outra. Ainda não mandei a todos porque estou à espera de que me dêem a chancela do Formosinho, que já mandei fazer. A recomposição do nosso trabalho grande vai em mais de meio. Devo ter tudo concluído até o fim da próxima semana.

Fico cá com o original das estampas do visigótico porque há nele uns bonecos que talvez adapte ao nosso trabalho grande<sup>55</sup>.

Estou arreliado, porque não me mandaram o tal passaporte para eu ir a Badajoz. O congresso para que fui convidado começou ontem, 20, e termina em 24. Hoje seria o dia das excursões a lugares históricos e arqueológicos. Enfim, uma sensaboria. Estimarei que sua filhinha já esteja boa. Não deixe de a tratar, porque um ataque de vermes não deixa de ter seus perigos. Cumprimentos a sua Ex.ma Esposa.

Para si um abraço.

**Abel Viana**

P.S. Recomende-me ao Dr. Zby. De Viana ainda não despacharam os tais caixotes<sup>56</sup>. Também não é pressa, mas sempre seria melhor que já estivessem aí. Mantenho a ideia de vir a Lisboa logo que tenha concluído o nosso trabalho grande<sup>57</sup>.

**Documento nº 17 – Carta dactilografada em folha branca, com carimbo do “Arquivo de Beja”, datada. Beja, 15/1/1949**

Meu caro:

Ainda bem que teve a boa ideia de me escrever. Eu também estava para fazê-lo, e só esperava poder sair um bocado da cama. Tive de empregar a última quinzena de Dezembro e os primeiros dias do corrente a pôr em ordem outros trabalhos, que haviam sido posto de lado em virtude do nosso trabalho grande de Monchique<sup>58</sup>. Calculei ter tudo pronto até 6 do corrente e assim aconteceu. Vieram, porém, estes dias de frio intenso e eu, temendo desafinar a carcassa, resolvi esperar que a vaga de frio passasse. Afinal, apesar de todas as minhas cautelas, adoeci e terei agora de esperar o regresso da normalidade física. Eis a razão porque não

---

<sup>(55)</sup> Ver *Bibliografia* (VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1948 a).

<sup>(56)</sup> Ver nota 53.

<sup>(57)</sup> Ver nota 2.

<sup>(58)</sup> ver nota 2.

segui para Lisboa logo no dia 7 ou 8 do corrente. Estou ainda muito atacado. Penso que em menos de oito dias não estarei convenientemente afinado. Tão depressa me encontre capaz, porém, partirei para aí. Claro que prevenirei o Dr. Zby e o meu Amigo. Vamos, entretanto, entrar nos vários assuntos em que andamos associados.

- O trabalho das moedas: Mande o seu trabalho ao Dr. Lyster Franco, dias depois de o ter recebido. Foi em carta registada. Expliquei-lhe bem do que se tratava. Isto vai há perto de um mês e Amigo Lyster ainda me não respondeu. Ele, e não eu, é que deve andar atarefado com as eleições. Aqui em Beja só têm trabalhado os do bota-abaixo.

Os outros ainda se não mexeram. Ora, eu não sou do bota-abaixo... Vou escrever novamente para Faro. Conveço-me, porém, que o Lyster estimará a publicação no jornal<sup>59</sup>.

- Trabalho das Caldas de Monchique: O Dr. Zby mandou-me dizer o que se passava com este nosso trabalho. Não calcula quanto me satisfaz a notícia. Como sabe e já com certeza apreciou, eu não dos que se entusiasma perante palavras, ou simples promessas, mas desta vez senti real satisfação. Bem. O caso está admiravelmente entregue<sup>60</sup>.

Com o nosso Dr. Zby ao leme e com o Dr. M. C<sup>61</sup>. Na ponte de comando... não será preciso mais para nos evitar um naufrágio. Não escrevi imediatamente ao Dr. Zby porque contava estar em breve em Lisboa, e aí teríamos tempo bastante para conversar. Com o Dr. Zby tenho ainda que falar a respeito de outras publicações, mas já vejo que sou forçado a enviar-lhe algumas linhas, antes de eu aí chegar. Se estiver com ele, dê-lhe recomendações e notícias minhas.

- A nossa separata das coisas visigóticas<sup>62</sup>. Enviei-lhe a importância que o meu Amigo indicou. Um engenheiro aqui de Beja já me falou no artigo, pois é assinante da Revista. Eu é que nada recebi. Veja se podem dispor de um número e mande-mo. Quanto à separata, pode-se fazer como da outra vez. Mande exemplares assinados por si. Eu já tenho cá uma boa chancela do Formosinho, de modo que já não é preciso falsificar-lhe a firma. Dentro de uns vinte dias terei de distribuir o n.º 3 – 4 do vol. Vº do “Arquivo de Beja”. Com raríssimas exceções, as pessoas e entidades a quem mandamos as separatas recebem o “Arquivo”, e este, para o Brasil e Espanha vai sempre registado.

Será, pois, uma boa ocasião para distribuir a separata, quer porque se poupa papel e – o que se tornou mais importante – despesa de correio, quer porque, tratando-se de um frágil folheto, indo enrolado com o “Arquivo” não se amarrota pelo caminho. Resolva como entender. Não deixe de me mandar o número da Revista.

- O meu artigalhaço de Faro: Então quando começa a sair essa coisa? Contava em receber provas por estes dias. O assunto está nas suas mãos. Com o Amigo Sr. Bueno, claro que... bueno! Bueno! Não é

---

<sup>(59)</sup> Trata-se de pequeno artigo sobre duas moedas visigóticas de ouro (trientes) publicado no jornal *Correio do Sul*, de Faro, em 1949.

<sup>(60)</sup> Ver nota 2.

<sup>(61)</sup> Trata-se do Doutor António de Medeiros-Gouvêa, então Secretário do Instituto para a Alta Cultura.

<sup>(62)</sup> Ver nota 55.

preciso mais nada<sup>63</sup>. É dos raros casos de o nome dizer com a pessoa. Logo que haja provas, é mandar para cá, salvo se for em ocasião em que de facto esteja em Lisboa.

- Os nossos restantes trabalhos: Tudo quanto tenho recebido, desde as fotografias e desenhos que me enviou para Viana, está posto em ordem, devidamente apartado do resto da minha papelada. Dentro de dois ou três dias – isto é, logo que me possa manter fora da cama durante mais umas horas – vou começar com tudo isto. Fique descansado. Começarei pela nossa última campanha das Caldas, que é de tudo o mais importante e o que merece mais longa preparação<sup>64</sup>. Precisamos de ter infinita cautela com deslizos. Estamos demasiadamente em foco para que nos sejam perdoadas asneiras. Como sabe, não vale nada estar a encher folhas de papel e a rabiscar bonecos: é preciso dizer qualquer coisa que valha a pena ser dita. Não se trata de fugir a alguma vergastada da crítica; trata-se, sim, de evitar que ela nos dê qualquer pancada justa<sup>64</sup>. O P. Jalhay enviou-me um número da “Brotéria”, e o mesmo fez ao Formosinho. Este escreveu-me imediatamente, muito indignado pela observação que o Jalhay fez a uma tolice que nos escapou. Tentei demonstrar ao Formosinho que a emenda do Jalhay foi inteiramente razoável. Quando se trabalha a sério, tem de ser assim. A crítica do Jalhay, de resto, é bem elogiosa e honrosa para nós. Tem categoria e prova que nós também a merecemos, do contrário nem se dignaria falar do nosso trabalho em uma publicação como aquela.

E não devemos pensar que lá fora também nos não venham ao pêlo, sempre que o merecermos..., independentemente da estima ou simpatias pessoais. Dentro da crítica séria estas só podem influir em medida muito limitada. Em jornalismo é que se pode vomitar toda a casta de sandices, porque aí há uma infinidade de asnos mais asnos do que nós, para nos acharem maravilhosos. O que é preciso é trabalhar com segurança e cautela. Pensar, repensar, ver, rever, confrontar, pesar tudo muito bem pesado. Ora estes 3 nossos folhetos (assim como aqueles seus e do Formosinho) foram feitos a mata-cavalo ou seja, com demasiada precipitação<sup>65</sup>. Convém não proceder agora do mesmo modo.

- Nossas campanhas futuras. Com que então aparecia-nos um sócio? Essa é muito boa! Sócio para quê? Para os carros? Você há-de-me explicar melhor essa piada. Claro que devemos fazer muita coisa, este ano, mas deixe passar o rigor do inverno. Acho bem a sua candidatura a bolseiro. É justo. Poderemos ficar ainda mais sócios. Sirva-se do meu nome para o que quiser, se acha que ele vale qualquer coisa para tal efeito. Por hoje, ponto final. Já não escrevo a mais ninguém. Regresso à cama, pois já me sinto arrefecer. Recomende-me ao Dr. Zby. Diga-lhe como estou. Cumprimentos a Sua Exc. Esposa. Beijos às suas miúdas. E um abraço para si, do grato companheiro e amigo,

**Abel Viana**

Nota manuscrita:

P.S. Também tenho cá um livrito para si, e meia dúzia de cartões de visita. Quando aí for lhas levarei.

**Abel Viana**

---

<sup>(63)</sup> Ver nota 39.

<sup>(64)</sup> este artigo deverá corresponder ao publicado em 1953 e dedicado às campanhas de escavação nas Caldas de Monchique de 1948 e 1949 (Viana, Ferreira & Formosinho, 1953).

<sup>(65)</sup> Trata-se dos seguintes artigos: VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1947; VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1948 a; VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1948 b (ver Bibliografia).

**Documento nº 18 – Carta manuscrita em folha branca, com carimbo do “Arquivo de Beja”, datada. Beja, 9/2/1949**

Meu caro: Cá recebi a sua carta e as fotografias. Muito obrigado. Assim fiquei sabendo que já regressou a Lisboa. Eu estava para lhe escrever, mas aguardava a certeza do meu Amigo estar aí. Queria contar-lhe uma coisa mas, palavra que nem sei com que cara o faça... Tem de ser, porém, por isso, lá vai. Recebi um bilhete do Lyster Franco, no qual me dizia ter recebido qualquer coisa sua, a respeito do artigo da moeda.

Dizia ele: “Pois claro que quero o artigo mas... eu é que não tenho cá artigo nenhum. Um de nós três está maluco!” Ora, o único maluco era eu! Estava absolutamente persuadido que lho tinha mandado e, afinal, conservava-o guardado com os nossos trabalhos em preparação!<sup>66</sup> Claro que fiquei encavacado. Mande logo o artigo ao Lyster Franco e dei-lhe explicação do caso. O Veiga Ferreira há-de perdoar-me este engano, como o Lyster Franco me perdoa eu ter-lhe atribuído culpas, sem razão nenhuma. Agora não deverá demorar a publicação. Tem de mandar fazer as duas gravuras das moedas, e talvez mais aquelas cruzinhas – se não tiver qualquer artifício tipográfico que dê o mesmo efeito. Li atentamente a sua carta. Segue-se que temos então cistas cavadas na rocha acompanhadas de cistas feitas de lousas. Claro que, sem mais espólio que a tal vasilha, pouco se poderá adiantar. Essas que são cavadas, no chão fazem-me lembrar, pela sua descrição, aquelas que eu já descrevi no “Arquivo de Beja”, e que apareceram na serra de Serpa.

Mande-me as fotografias, medições e o mais que tiver a tal respeito, para eu ir pondo tudo isso em ordem. Logo que estejamos em Monchique, iremos ver isso. Fico contente em saber que o Formosinho sempre conseguiu obter o tal espólio visigótico. Evidentemente que nos convém ter aqui fotografias, descrição do local, data do aparecimento e o mais que se conseguir saber acerca do assunto. Escreva sem demora ao Dr. Formosinho a pedir-lhe essas coisas. Se quiser, de que mas envie directamente. Mas peça-lhe urgência e aperte com ele, senão ficamos todos a ver navios. Vou propor-lhe uma coisa. Estou com ideias de me inscrever nos 1º Congresso Nacional de Arqueologia e Vº Congresso Arqueológico del Sudeste Español, que se realizam em Almeria, de 18 a 21 de Abril.

Se o V. Ferreira e o Formosinho concordarem, levarei lá uma breve notícia acerca dos túmulos das Caldas, e apresentá-la-ei em nome dos três. Concorda, da sua parte? Uma coisa, muito ligeira, mas que dê ideia da coisa<sup>67</sup>.

Cá fico à espera da sua resposta. Se tiver ocasião de escrever ao Formosinho, fale-lhe nisto, também. Se o V. Ferreira pudesse ir comigo, seria oiro sobre azul. O itinerário era – Sevilha, Cádiz, Almeria, Málaga e regresso por Granada. Em oito dias fazemos isso e estudamos uma caterva de museus. E dos bons. Sobretudo os que mais de perto se ligam com as coisas das Caldas. Eu arranjo-lhe as pesetas baratas. Aí com 1.200\$00 cada um fazemos a festa. E ainda traremos livros. Veja lá se se resolve a isso. Quanto a passaportes, trataremos de arranjar o oficial, que não custa nada e ainda nos isenta da obrigação de gastar aquela quantidade

---

<sup>(66)</sup> Ver nota 59.

<sup>(67)</sup> Foi, de facto, apresentada ao referido Congresso uma comunicação dedicada às necrópoles de Monchique (VIANA, FERREIRA & FORMOSINHO, 1950).

de pesetas diárias a que em Espanha obrigam os excursionistas estrangeiros. Vá pensando no caso. Muito obrigado pelas fotografias das estelas e o mais que enviou. Eu já tinha desenho das estelas discóides<sup>68</sup>. É pena as fotografias não estarem mais nítidas. Se estiver com o Dr. Zby, diga-lhe que eu lhe lembro outra vez o pedido que lhe fiz, de me obter uma fotografia (cópia da chapa que já lá está), da pedra antropomorfa da mamoa de Carreço<sup>69</sup>. Escrevi-lhe ontem mas esqueceu-me tornar a falar-lhe nisto. São 1\$00 que se poupam... Você sempre irá para os Serviços? Oxalá tal sucedesse! Então é que você podia vir a fazer grandes coisas, com o Dr. Zby ao lado. Veja lá se arranja isso<sup>70</sup>.

Nada me disse a respeito da sua pretensão à bolsa de estudo. Desistiu disso?<sup>71</sup> Eu irei a Lisboa logo que passe o dia 13 do corrente. Levar-lhe-ei o único exemplar que tenho em duplicado das “Memórias de los Museos”. Os outros que tinha dei-os ao Formosinho a ano passado. Parece que ele já arranjou o resto da colecção. Este, agora, é para si, assim como outro mais que de futuro me venha. Não se esqueça do meu artigo na Revista da Engenharia<sup>72</sup>.

Logo que tenha provas, mande-mas para cá. E veja logo, também, por quanto fica a separata. Aí em Lisboa combinaremos a época para a nossa primeira ida do Algarve, neste ano. Precisamos de trabalhar muito lá, neste ano. Cumprimentos para sua Esposa e um abraço para si.

**Abel Viana**

**Documento nº 19 – Carta manuscrita em folha branca, com carimbo do “Arquivo de Beja”, datada. Beja, 12/3/1949**

Meu caro: Respondo ao seu postal de hoje, na volta do correio. Outra vez, parece-me que estou abusando da sua paciência mas, encha-se de resignação. Gostaria de que o meu Amigo respeitasse à risca os apontamentos que tomámos no local, dos túmulos, tanto do Buço Preto como da Eira Cavada.

O túmulo B do Buço Preto, que não é outra coisa senão uma galeria coberta do tipo do célebre monumento de Nora, tanto pela arquitectura, como pelo espólio, e até... pelas dimensões, peço ao meu Amigo oriente o desenho pelo esboço que junto lhe envio. Em baixo vai indicado o perfil do fundo do monumento. Veja se mete no desenho todas as indicações que eu aponto. Não sei se o Amigo tomou nota das pequenas pedras que formavam o pequeno corredor de entrada. Eu tenho cá isso bem apontado. No da Eira Cavada, é favor fazê-lo torto, tal como ele é na realidade. Eu disse que ele havia sido feito torto porque o terreno também o era. Mas isso não justifica que o endireitemos. Nos da Palmeira e Belle – France houve desmaziada endireitadela,

---

<sup>(68)</sup> Trata-se das estelas discóides do Museu de Beja, que foram estudadas por Abel Viana (VIANA, 1949 a).

<sup>(69)</sup> Trata-se de monólito conservado na sala de Arqueologia do actual Museu do Instituto Geológico e Mineiro, em Lisboa.

<sup>(70)</sup> Refere-se à transferência de O. da Veiga Ferreira da sede da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos para uma das suas Subdirecções-Gerais, os Serviços Geológicos de Portugal, efectivada em 1950, no ano seguinte ao da presente missiva.

<sup>(71)</sup> Trata-se de pedido para concessão de bolsa de estudo ao Instituto para a Alta Cultura, apresentado por O. da Veiga Ferreira e ulteriormente deferido.

<sup>(72)</sup> Refere-se ao artigo dedicado às descobertas de níveis romanos na área urbana de Faro, publicado em números sucessivos da referida Revista (VIANA, 1949 b).

porque já se não pôde fazer coisa melhor. Repare, porém, que eu chamei-lhes desenhos esquemáticos só para disfarçar a deficiência.

O esquema só deve ser usado em duas circunstâncias: 1ª quando não há tempo para fazer um desenho tanto quanto possível rigoroso (ou quando se não sabe desenhar); 2ª – Quando os túmulos a desenhar são muitos, e se pretende condensar em um só desenho as características gerais, comuns a todos. Mas não é este o nosso caso. Nós... (toca a inchar o papo!) sabemos desenhar, razão porque estamos a fazer um esboço de cada túmulo. Se queremos dar a planta de cada túmulo, não há cabimento razoável para desenhos esquemáticos (quero dizer, deformados por razão de ordem didática, ou com o fim de sintetizar). Tenha paciência, pois. Faça-me um desenho de cada túmulo, e cada um com sua fisionomia própria. Também é bom não esmerar de mais os desenhos, ou seja, não fazer bonitos. Correctos, mas simples. O que se quer é exactidão e clareza, e não trabalho para exposição de arte. Mas agora é que o Veiga Ferreira vai dar um pulo aos arames! Calma, calma!

É que eu preciso dos desenhos em duplicado: um para Espanha<sup>73</sup>, e outro para o nosso trabalho definitivo da 2ª campanha, que eu pretendo dar pronto ainda este mês<sup>74</sup>. Já que o estado de saúde não me deixa ir já para Lisboa, quero aproveitar todo este tempo. Não lhe mando o Esboço da sepultura A do Buço Preto, nem o corte e perfil do túmulo B (a tal 2ª edição da galeria coberta de Nora), porque o meu Amigo tem aí coisa igual. Na planta que o meu Amigo levou, segundo me parece, é que não está indicado o corredor de entrada, se bem me lembro porque este não cabia no pedaço de papel. Mas eu registei-o à parte, e agora liguei-o devidamente.

Os desenhos são pois, incluindo o do corte e perfil, nada menos de quatro: em duplicado – 8! Mas é bom fazê-los já, para que o duplicado saia perfeitamente igual. Como isso vai, provavelmente, ser publicado em dois sítios, é preciso não se registar a mínima divergência. Nesta questão da representação gráfica dos túmulos temos que ser muito mais cuidadosos e completos que o fomos na Palmeira<sup>75</sup>. E a culpa foi do São Formosinho, que só tinha olhos para ver... o que podia dali sair para o Museu de Lagos!!! Grande marotaço que ele foi. O meu caro Amigo nessa altura... era um pichoto, um anjinho, e deixou-se levar naquele entusiasmo comunicativo de ver o que aparecia dentro daquelas caixas de pedra. Mas agora já tem o desenvolvimento suficiente. Qualquer dia, ao subir para os Serviços Geológicos, escorrega pela escada e cai... na Academia. E será bem feito. Bem.

Basta de paleio. Estimo a melhora das galinhas, mas estimo muitíssimo mais o restabelecimento da sua miúda. Não é porque aí os ares não sejam bons. Mande-me os seus desenhos (8), e as fotografias dos túmulos que não esqueçam também. As que eu tirei já mandei reproduzir. Hoje tem-me doído o coração, todo o dia.

Acredite que não é paixão, é uma dor aborrecida, pura e simplesmente. Talvez efeito do tempo, ou das injeções que estou levando. Cumprimentos ao Dr. Zby, se estiver com ele. Os meus cumprimentos para sua Esposa. Beijos às miúdas e um abraço para si. Seu grato amigo,

**Abel Viana**

P.S. Para as galinhas, milho ou panela...

---

<sup>(73)</sup> Ver nota 67.

<sup>(74)</sup> Ver nota 64.

<sup>(75)</sup> Trata-se de uma das necrópoles de Monchique, cujas sepulturas foram publicadas em trabalho anterior dos Autores (VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1947).

**Documento nº 20 – Carta dactilografada em folha branca, com carimbo do “Arquivo de Beja”, datada.**

*Beja, 11 de Abril de 1949*

Meu caro Veiga Ferreira:

Recebi ontem o envelope que mandou, com a cópia do trabalho de Almeria<sup>76</sup> e as provas do meu artigo de Faro<sup>77</sup>. Ontem mesmo devolvi as provas as Sr. Sanchez Bueno. Não podia, pois, andar com maior prontidão. Mas fico muito preocupado com a publicação do trabalho, porque, além de verificar que não compuseram as notas respeitantes a essa parte do trabalho que sai agora, vejo que a composição desse bocado está inçado de erros. Que espécie de compositor é o dessa tipografia, que tendo um original tão bem dactilografado, deturpa tudo, dá saltos inexplicáveis, em suma, pinta o diabo? Estou a ver que, ao emendar umas coisas, vai desacertar outras. Tanto mais que, como comeu palavras em vários sítios, terá de recorrer linhas inteiras, em diversos sítios. Presumo que vai ser uma tragédia, a não ser que o nosso bom Amigo Bueno se agarre a sucessivas provas, até tudo aquilo estar certo – o que é difícil, além do trabalhão que dá. Eu tenho já uma péssima impressão dessa tipografia em que é impressa a vossa Revista. É ver as imperfeições do que já temos publicado e de outras coisas que vejo em outros artigos. Tudo pessimamente aldrabado... Recomendei ao Sr. Bueno umas coisas, mas repeti-las (“sic”) ao Veiga Ferreira, pedindo-lhe, pela sua rica saúdinha, que ajude a vigiar essa complicada tarefa. Eis o que lhes peço:

- Desejo 400 exemplares da separata;
- Que esta seja em papel um pouco melhor que o da Revista;
- Que tenham cuidado na impressão, para que as fotogravuras não fiquem reduzidas a simples borrões, completamente inúteis, como acontece em algumas das nossas separatas;
- Que se suprima na separata aquela indicação: – “Pelo Professor Abel Viana”. Isto na separata não tem cabimento, como sabe. O nome do autor deve ir na capa.
- Que metam as notas, da parte já composta. Vejo que as não puseram no fim de cada página, conforme indiquei. Agora, para as meter, teriam de escangalhar a paginação já feita. O melhor será, pois, colocá-las todas a seguir, no fim dessa parte do artigo. Mas cautela! Na separata terão de ir para o final de tudo. Estas recomendações seriam ociosas para uma tipografia capaz, e para tipógrafos dignos desse nome, mas pelo que tenho visto e estou vendo, todas as recomendações são poucas e mesmo assim temo que saia asneira. Não é pequeno aborrecimento gastar umas boas centenas de escudos em uma coisa que não fique decente e capaz de se apresentar.

Não falo de perfeições, mas da correcção natural que deve ter todo o trabalho tipográfico, quando conscienciosamente feito. Ora o que eu vejo na Revista e nas nossas separatas é apenas “meia bola e força” e venham de lá as massas...

---

<sup>(76)</sup> Ver notas 67 e 73.

<sup>(77)</sup> Ver nota 72.

Veiga amigo, Bueno amigo: deem-me mão a isso com todo o cuidado!

Não sei se o Veiga ainda estará em Lisboa, quando esta aí chegar. Mas se tiver saído, aí encontrará esta carta e o meu aflitivo apelo. Eu estou em brasas, porque até agora ainda não me chegou o passaporte, e estou com imenso receio de que não venha a tempo de eu estar em Almeria no dia 18. Se não puder ir, fico com muita pena. Não é o passeio, não é a representação nem outras larachas, que para mim têm reduzido valor.

O que para mim representará uma perda real, é não aproveitar esta ocasião para uma visita a El Argar e a Los Millares, acompanhado por pessoas especializadas no estudo daquelas estações. Como sabe, são coisas directamente ligadas às nossas das Caldas de Monchique. Ainda que muito lhe pese e muito nos pese, nós, a tal respeito, pouco sabemos, em relação aos espanhóis. Dizer ou acreditar o contrário será pretensão ridícula, ou triste ignorância. As coisas são o que são. Pruridos patrióticos, simpatias ou antipatias, nada valem, porque ciência é ciência e o resto é zero. Em Espanha estuda-se a valer em inúmeras estações. Aqui em Portugal (aparte Zby, Vaultier e Olivier – que são franceses), apenas se contam os trabalhos de Jalhay e Afonso do Paço, uma outra coisa isolada, lá de vez em quando, de um ou de outro, as misteriosas investigações do Dr. Heleno, e pouco mais que nada. Brilha, depois, um Breuil, ou um Leisner – estrangeiros. Por isso os nossos honestos esforços nas Caldas de Monchique oferecem real valor e devem, pelo menos, merecer o respeito dos outros<sup>78</sup>.

Aparte os poucos que o meu Amigo sabe, o resto da arqueologia é... reportagem jornalística: as famosas furnas de Monsanto... e agora essa história do Vale do Âncora, em que aparece uma empresa de (...) estrangeiros, ao que parece predestinada a descobrir coisas espantosas...

Em suma, temos muito que aprender, se quisermos ficar ao par dos nossos compinchas do lado de lá da fronteira.

Não me desampare o meu artigo. Veja se arranja um papel semelhante ao desta separata do Fomento Mineiro. Isto já é papel decente. Sabe que este seu último trabalho tem a gravíssima deficiência de não mostrar uma fotografia das sepulturas de Albufeira? Não se admire se, em face disto, lhe forem à mão. E o caso de você não se importar com isso, ou de barafustar contra os que fizerem reparo, nada importa – porque as coisas são o que são, ou melhor, neste caso são o que devem ser<sup>79</sup>. Não se esqueça de nada do que lhe peço.

Um abraço do

**Abel Viana**

---

<sup>(78)</sup> Estes considerandos são expressivos do verdadeiro estado de subdesenvolvimento em que, nos finais da década de 1940, se encontrava a Arqueologia e, particularmente, os estudos de Pré-História, em Portugal.

<sup>(79)</sup> Trat-se de artigo publicado por O. da Veiga Ferreira e L. de Albuquerque e Castro sobre a necrópole de cistas da Idade de Bronze de Vale de Carro (Albufeira), que A. Viana criticou por ser desprovido de documentação fotográfica, por ele considerada essencial. Na verdade, tal falta afigura-se perfeitamente justificável pelo desenho perspectivado e em planta das referidas sepulturas (FERREIRA & CASTRO, 1948).

**Documento nº 21 – Carta dactilografada em folha branca, com carimbo do Centro de Estudos do Baixo Alentejo / Beja, datada.**

20/7/1949

Meu caro Veiga Ferreira:

Recebi os desenhos e fotografias, as suas cartas, etc., etc.. Muito obrigado por tudo. Tome bem nota desta minha carta, porque é um programa. Nós devemos andar sempre com um programa afinado, se quisermos tirar o melhor rendimento dos nossos trabalhos. Para as coisas que vamos agora apresentar não preciso de mais nada, a não ser de algumas explicações suas, ou do Formosinho, a respeito de qualquer pormenor que eu ignore ou do qual me não lembre. É possível que neste momento o Formosinho já lhe tenha mandado a cópia da comunicação para Faro<sup>80</sup>. Como verá, trata-se de uma coisa simples. Aquele congresso não tem categoria científica, por isso é conveniente não sobrecarregar o trabalho com longas descrições. Assim como está creio que bastará. Para o Congresso Luso – Espanhol o caso muda de figura. É necessário fazer um estudo em termos. Trataremos, apenas, do que fizemos em Monchique desde 1948 para cá<sup>81</sup>; por outras palavras, esta comunicação será a continuação do trabalho que entregamos ao Instituto para a Alta Cultura<sup>82</sup>. Para ele tenho já o suficiente, pois, através de tanta escrituração que se tem feito este ano a respeito das Caldas, guardei sempre os melhores materiais para este trabalho, que é o principal. Logo que esteja consigo – suponho que será em Agosto próximo -, conversaremos acerca da tal tentativa de intromissão nas operações das Caldas. Não faço ideia nenhuma da qualidade ou categoria do pretendente. Seja quem for, porém, já piaria tarde de mais.

Tive o cuidado de tornar bem constado o nosso labor exploratório. Além do trabalho entregue ao Instituto, estão em vias de publicação outros relatos mais ou menos desenvolvidos: o que foi para Madrid, para a Revista Espanhola de Arqueologia (digo, “Arquivo Esp. de Arq.”)<sup>83</sup>; o que foi para o Congresso de Almeria e será publicado no volume das respectivas Actas<sup>84</sup>; o que vai para o Congresso Algarvio e, agora, o que se vai fazer para o Congresso Luso – Espanhol. Esteja, pois, descansado, que ninguém nos porá o pé adiante, seja quem for. Nem vale a pena estar a pensar, ou ter preocupações, a propósito de qualquer usurpação ou de qualquer tentativa de sociedade à força. Visto me mandar dizer que o Dr. Zby só me quer aturar em Agosto, vou aproveitar este resto do mês em concluir o meu arrasoado acerca de Ossónoba<sup>85</sup>. Também me calha bem, porque estou com o “Arquivo de Beja” em mais de meio, e já agora posso ficar livre dele antes de sair daqui.

---

<sup>(80)</sup> Não publicada.

<sup>(81)</sup> Ver Bibliografia (VIANA, FERREIRA & FORMOSINHO, 1953).

<sup>(82)</sup> Deve tratar-se da grande publicação só vinda a lume em 1953/1954, na revista “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, na verdade financiada pelo Instituto para a Alta Cultura (FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1953/1954).

<sup>(83)</sup> Ver Bibliografia (VIANA, FERREIRA & FORMOSINHO, 1949).

<sup>(84)</sup> Ver nota 67.

<sup>(85)</sup> Deve referir-se à redacção dos trabalhos de escavação da necrópole romana do Bairro Letes, em Faro (Viana, 1951).

Ora, eu gostaria de ir até Lisboa aí por um ou dois de Agosto, o mais tardar, visto que em 15 ou 16 do mesmo mês preciso de dar uma saltada a Viana do Castelo, a fim de ver minha mãe e trazer cá para baixo meu filho mais velho, que está lá desde meados de Junho. Em Viana não estarei mais de oito ou dez dias. Na volta, convir-me-ia estar outra vez em Lisboa, com o Dr. Zby, não digo que a tomar todo o tempo ao Dr. Zby, mas a fazer uma coisas a que ele de vez em quando pudesse lançar as vistas. Uma coisa conviria poder-se assentar desde já: – Quando vamos para Monchique? É em Setembro? Em Outubro? Em Novembro? Pode saber desde já quando será a nossa ida? Isto seria para mim muito importante, a fim de regular as minhas coisas. Se souber em que mês, e em que altura do mês podemos ir, era grande favor avisar-me desde já. Peço-lhe, também, o favor de perguntar ao Dr. Zby em que dia de Agosto posso avançar. Logo no dia 1? No dia 2? Cá fico à espera da resposta a estas duas perguntas. Muito lhe agradeço, e ao nosso bom Amigo Bueno, o que puderam fazer a respeito do meu trabalho algarvio. Oxalá tudo corra, agora, sem mais precalços. Também agradeço o número do Boletim da C. P., com o curioso artigo do Sr. Pedro de Carvalho Costa. Peço-lhe o favor de lhe apresentar os meus agradecimentos e os meus desejos de que ele escreva mais e... me envie mais. Creio que lhe deixo aqui tudo o que de mais importante, relativamente aos nossos trabalhos, tinha para lhe dizer. Recapitulando: Não preciso de mais nada para os nossos trabalhos, por enquanto. Perguntar ao Dr. Zby se posso seguir para Lisboa em 1, 2, 3, etc. de Agosto. Mande-me dizer quando, ao certo, seguimos até às Caldas. Agradecer aos Srs. Bueno e Pedro de Carvalho Costa. Vamos, agora, a outra ordem de ideias. Não lhe escrevi carta comprida há mais tempo porque tenho tido imenso que fazer. Além disso, vi-me obrigado a tratar-me novamente com outra dose de injeções, a fim de me pôr em condições de sair de Beja sem risco de me ver atrapalhado lá por fora.

Por causa de tudo isto, não me foi possível ir a Elvas, como tencionava. O meu desejo de lhe escrever era a respeito dessa sua tal neurastenia... Mas que pontarrão você me saiu! Com que então com a neura? Tenha juízo. Tenha calma.

Isso de neura não dá resultado a ninguém. Só serve para maçar o próprio e aborrecer os outros. Se está atravessando quaisquer contrariedades, não esteja a pensar sempre nelas; lembre-se, de preferência, nas coisas em que o Amigo tem sorte. Você não está rico, mas consegue o estritamente necessário para ir andando (quantos não vegetam para aí de pernas partidas!), a saúde é, pelo menos, regular, tem uma esposa que gosta de si e você não vê outra coisa senão a ela, tem duas garotas que são um encanto, tem livros, tem quintal, tem galinhas, pombos, um cão, uma vizinha a quem você mata os gatos, outra que lhe manda as galinhas escangalhar o que você tem no quintal, tem as ruas desimpedidas e os eléctricos às ordens, desde que tenha tostões para os bilhetes..... que raio quer você mais! Quer ser Director Geral? Espere, lá irá. Quer ser capitalista? Espere, lá chegará. Ou talvez não chegue. A mim sucede-me o mesmo. Estou a desconfiar de que não chego mesmo. Mas não desato os nervos por uma coisa tão insignificante. Vale lá a pena a gente ralar-se em duplicado! Não me fale mais em neura, do contrário, deito pela borda fora a consideração que tenho por si. Até sou capaz de lhe chamar maricas! Ainda que passe por mentiroso porque com essa cara que você tem ninguém o acreditará. Amigo Veiguinha, você está a brincar comigo, com essa história da neura. Deve ser uma neura sintética, falsificada. Que Deus o livre dos desgostos, das adversidades esmagadoras, das perdas irreparáveis que podem conduzir um homem à verdadeira neurastenia. Fique-se com esta e... trate de

me responder antes de se pôr ao fresco para a praia. Quer que lhe passe a escrever para a repartição? Os meus respeitosos cumprimentos a sua Esposa, beijos às miúdas (antes que elas cresçam mais, porque depois já não pode ser) e um apertado abraço para si, deste velho amigo que, apesar de velho, não se quer ver entalado entre dois falsos neuras: você dum lado e o Formosinho do outro<sup>86</sup>...

**Abel Viana**

P.S. Chegaram agora mesmo os números da “Revista”<sup>87</sup>. Muito obrigado.

**Viana**

**Documento nº 22 – Carta dactilografada em folha branca, com carimbo do Centro de Estudos do Baixo Alentejo / Beja, datada.**

13/8/1949

Meu caro Veiga Ferreira:

Recebi a sua carta, mas só hoje lhe posso responder, tão violento tem sido o meu trabalho destes últimos dias. Estou de mala feita, pois sigo amanhã de manhã para Viana do Castelo, via Setil. Desta vez não me demorarei no Norte dois meses, mas apenas duas semanas. Tratarei de ver minha Mãe e meus irmãos, dar uma saltada às estações paleolíticas de Melgaço, a ver se consigo aumentar um pouco a colecção que lá colhi em 1928 ou 29, e refrescar-me um pouco destes formidáveis calores que estou apanhando por aqui há quinze dias, muito especialmente nos oito dias que estive em Elvas. Saiba que fui encontrar em Vila Fernando e na Terrugem um manancial formidável. Enorme e variadíssimo: Bronze, Ferro, época romana e época visigótica. No Bronze não temos nada que se compare às nossas coisas das Caldas, mas quanto ao Ferro, o caso é importantíssimo. É das melhores coisas da Península. Trata-se de um riquíssimo campo de urnas, admirável pela quantidade e qualidade do espólio<sup>88</sup>. O visigótico é também do melhor, sobretudo no respeitante a objectos de ferro e de bronze. O nosso espólio da Alcaria à beira daquilo não passa de uma pobre migalha. Nós devemos ter algures, em Monchique, uma coisa assim. Oxalá tenhamos a sorte de dar com ela. Tanto em Vila

---

<sup>(86)</sup> *Os momentos de desânimo sentidos por O. da Veiga Ferreira e confessados pelo próprio em missiva anterior, eram combatidos eficazmente, de forma quase paternal, por Abel Viana, como se evidencia da presente missiva. Torna-se claro que, entre ambos, já se encontrava cimentada uma profunda amizade, que em muito ultrapassava o mero respeito intelectual.*

<sup>(87)</sup> *Trata-se dos números da “Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores” onde, sucessivamente, foram publicados trechos de artigo de Abel Viana dedicado aos vestígios romanos postos a descoberto na área urbana de Faro (VIANA, 1949 b). Ver nota 72.*

<sup>(88)</sup> *Trata-se de diversas necrópoles de incineração de relevante interesse, da Idade do Ferro, descobertas por A. Dias de Deus e publicadas por Abel Viana, na maioria conjuntamente com o seu descobridor (VIANA, 1950; VIANA & DEUS, 1950, 1951, 1953, 1956). Com o mesmo colaborador publicou trabalhos de mérito sobre necrópoles romanas da região elvensê (VIANA & DEUS, 1955 a; 1955 b).*

Fernando como no Museu de Elvas, onde parte dos achados se encontram, tirei um cento de boas fotografias e fiz muitos desenhos. Vai dar um bellissimo trabalho. Você está a ver – o trabalho das Caldas, o de Ossónoba e mais este de Elvas, tudo a fazer até 6 ou 8 de Outubro... se não formos mais cedo para as Caldas... Em 31 do corrente terei de estar novamente em Beja e encerrar-me todo o mês de Setembro, para ter tudo isto pronto ao cabo dos 30 dias desse mês. Não vale a pena ir ter com o Dr. Zby nesta ocasião, visto ele ter ainda muito que fazer, além de estar às voltas com o casamento. Bem merece que o deixem em paz, ao menos por algum tempo. Só o procurarei quando ele regressar de França. Claro que, entretanto, não me falta que fazer. Vamos agora ao caso que se passa consigo, e que tão injustificadamente o arrelia. O meu Amigo fará o favor de seguir os conselhos que lhe deu o Dr. Zby. Faça o jeito de quem acata as ordens ou insinuações, não reponte, não refile.

Uma tal atitude seria extremamente grave para si. Talvez não creia, mas é assim mesmo. Quando se está num lugar oficial, tem-se a impressão que em se saindo dele não falta onde nos empregarmos e ainda muito melhor. Mas o certo é que quase todos os que estão fora de empregos do Estado ambicionam apanhá-los ainda que os vencimentos sejam menores. Além disso, se deixarmos uma repartição por incompatibilidade com os chefes, ou com a nota de rebeldes ou coisa assim parecida, é uma espécie de lepra que nos cai em cima; todos nos repelem, todos nos evitam.

E não é o Estado o culpado, nem o Governo, nem as instituições a causa desta injustiça. É o próprio funcionalismo, a burocracia que se defende – note bem, A BUROCRACIA, que é a mesma em toda a parte, em todos os povos, em todos os regimes, em todos os tempos. Não caia na asneira de incorrer nas suas antipatias, porque será corrido de toda a parte. Muita prudência. O meu caro Veiga Ferreira está ainda muito puro, desculpe-me que empregue esta palavra – muito ingénuo. Proceda com todo o tacto e cautela. Faça-se sonso e arranjará tudo. Bem sei que lhe custará tomar atitudes que lhe não são habituais. Uma árvore cultivada, para ser árvore, tem de sujeitar à poda. Um homem, na sociedade civilizada, tem de se mutilar a si próprio, isto é, tem de sujeitar à pode que as circunstâncias lhe imponham. Que tal está este manual filosófico da... poda! Bem. Ao menos ria-se um bocado disto tudo, que rir faz bem. Quero acreditar que o meu Amigo é suficientemente inteligente para proceder com todo o juízo<sup>89</sup>.

Vamos a outro assunto. Não sei se lhe disse já que o ano passado me emprestaram em Viana um livrito inglês (não o encontro agora e fico pensando se já não lho teria entregue quando você passou por aqui); dizia eu, um livrito inglês de vulgarização pré e proto-histórica. Ora, como o Veiga Ferreira tem habilidade e paciência para o desenho, lembrava-me fazermos uma coisa semelhante, para o nosso País. Eu trataria do texto e o meu Amigo dos bonecos. Estes formariam uma 20 ou 25 páginas zincogravadas, agrupando-se os desenhos cronologicamente. Podíamos talvez começar no Paleolítico e ir até os tempos históricos – época visigótica. Mas tudo com material exclusivamente português. Nada de exemplos com coisas estrangeiras. Nem mesmo da Espanha embora a nossa arqueologia seja mais peninsular que portuguesa ou espanhola. O

---

<sup>(89)</sup> *Estes conselhos bem necessários se tornavam, dado o carácter impulsivo, independente, algo rebelde, que O. da Veiga Ferreira conservou até à morte, sempre avesso a aceitar a autoridade, quando apenas conferida e legitimada pela hierarquia, como a vigente no funcionalismo público, a que pertencia.*

livrito não teria mais que umas 50 páginas, no formato de oitavo pequeno, 25 páginas de texto e outras tantas de bonecos. Não seria difícil arranjar editor, e nós podíamos ganhar uns justos cobres. Que lhe parece? Seria até uma boa distração para si. Se está pelos ajustes, vá passando os olhos pelos livros portugueses. Um tanto de peças do Paleolítico superior, outras do inferior, Mesolítico, etc., etc.. Vasilhas, peças metálicas, estelas, cipos, etc.. Cada boneco deverá ser feito em papel à parte, e em tamanho que permita alguma redução para a gravura. Depois se colariam os desenhos de cada página, dando-lhes a disposição conveniente. Também poderia desenhar algumas coisas em face de fotografias. Talvez de Viana lhe mande um esquema do texto, para o meu Amigo se orientar. Mas é preciso que me diga se está ou não está disposto a tal trabalho<sup>90</sup>. Creio que já lhe entreguei o tal livro. É mais propriamente um folheto. Escreva-me para Viana do Castelo: Rua de Manuel Espregueira, 225. Enviei-lhe aí para a repartição o seu exemplar do “Arquivo de Beja”. Com a sobrecarga de trabalho destes últimos dias não tomei nota de certas coisas e assim, ignoro se mandei o exemplar do Sr. Bueno. Se não mandei, você me avisará, para eu o mandar logo que regresso de Viana. Aí aos chefes sei que não mandei, por me ser impossível fazê-lo agora. Não concluí a distribuição. O resto será feito quando voltar do Norte.

Cumprimentos para sua Ex.ma Esposa e para si um abraço.

**Abel Viana**

**Documento nº 23 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*9 de Outubro de 1949*

Ex.mº Senhor  
Engenheiro Luís de Castro e Solla  
Ilustre Director Geral de Minas e Serviços Geológicos  
Lisboa

Como é do conhecimento de V.<sup>a</sup> Ex.a, venho de alguns anos procedendo a explorações arqueológicas nas Caldas de Monchique, trabalho em que tenho tido o eficaz patrocínio da Direcção Geral de Minas e a valiosa colaboração do Agente Técnico, Sr. Octávio da Veiga Ferreira.

Pretendia eu concluir esse trabalho este ano, em tempo de poder apresentar nos primeiros dias do próximo mês de Dezembro, ao Instituto para a Alta Cultura, o respectivo relatório.

Em vista de outras investigações que tenho marcadas no Alto e no Baixo Alentejo, só na segunda quinzena do corrente mês de Outubro se me ensejará possibilidade de permanecer alguns dias nas Caldas de Monchique, estando eu já preparado para iniciar as escavações no dia 18.

---

<sup>(90)</sup> *Esta obra não viria a concretizar-se, apesar do seu evidente interesse, dada a total ausência, à época, de publicações desta índole, dedicadas à Arqueologia Portuguesa.*

Pela muita falta que me faz a cooperação do Sr. Octávio da Veiga Ferreira, e contando antecipadamente com a benevolência de V.<sup>a</sup> Exc.<sup>a</sup>, ousou solicitar a V.<sup>a</sup> Exc.<sup>a</sup> licença para que o mesmo dedicado cooperador, como funcionário da Direção Geral de Minas e Serviços Geológicos, possa compartilhar nesta última fase das minhas pesquisas<sup>91</sup>.

Subscreve-se, com toda a consideração, o de V.<sup>a</sup> Exc.<sup>a</sup> muito At.<sup>o</sup> V.<sup>or</sup> e grato admirador,

Meu caro: Eis o que hoje remeto ao seu Chefe. Creio estar bem assim. Como vê, eu armo também em... chefe, digo que as escavações são minhas, que as investigações são minhas, que o Veiga Ferreira é meu, que tudo é meu... e o Céu também. Meu Amigo, se a gente não toma ares de pessoa importante, não chupa nada. Custa-me ter de me dirigir assim em ares de seu patrão, mas receio de que, se eu lhe chamasse companheiro, camarada de trabalho, sócio da mesma empresa, homem igual a si e no mesmo nível que o meu Amigo, talvez me mandassem bugiar e ficassemos a ver navios. Nem invoco o Formosinho, pelo receio de complicar a coisa. Eram capazes de me dizer que podia ir para as Caldas sem você e que o Formosinho me tirasse o medo... Vamos a ver o que sai disto. Palavra que, se você não vai, eu desanimo. E se o Formosinho também não puder ir? Sem você, o aborrecimento é enorme; sem os dois, será para mim um castigo andar nas escavações. É preciso, todavia, que este ano se faça ali alguma coisa. Já escrevi (ontem) ao Formosinho.

Se o tempo correr ameno e a saúde me não faltar, demorarei desta vez em Lagos.

Tenho agora uma ótima máquina fotográfica (uma Rolleicord), capaz de tirar tudo o que for preciso. Seria boa ocasião para arrancar do anonimato tudo aquilo que no Museu de Lagos se encontra à espera de alma caridosa que o revele<sup>92</sup>. Nós em Monchique, certamente, não demoraremos muito. Talvez seja trabalho para três ou quatro dias. Estaríamos depois em Lagos outros quatro. O principal, agora, é arrancar a autorização do Seu Chefe, para você poder lá ir. Tomara eu vê-lo nos Serviços Geológicos. Não se esqueça de me prevenir logo que chegue o Dr. Zbyszewski. Não se esqueça, também, de apresentar cumprimentos meus ao nosso bom Amigo Sr. Bueno. E não desampare os artiguinhos que lá estão, a respectiva separata<sup>93</sup>, etc..

Eu ainda este ano preciso de trabalhar muito consigo. Logo que chegue o Dr. Zby, e que este me possa aturar um pouco, meto-me para Lisboa, com toda a nossa papelada às costas, e teremos de fazer aí uns bons

---

<sup>(91)</sup> *Esta missiva foi combinada antecipadamente com O. da Veiga Ferreira, como se conclui da leitura da carta deste a Abel Viana, já publicada (CARDOSO, 1993/1994, Documento n.º 5). Daí o modo como se encontra apresentado o assunto, dando a entender que O. da Veiga Ferreira é um simples colaborador, trabalhando sob a estrita orientação de Abel Viana. Era o argumento de autoridade que se encontrava subjacente à forma adoptada, evitando, a todo o custo, a impressão de que ambos detinham idênticas responsabilidades nos trabalhos arqueológicos em causa, como aliás, Abel Viana teve o cuidado de explicar a O. da Veiga Ferreira na presente missiva.*

<sup>(92)</sup> *Objectivo concretizado numa publicação conjunta de Abel Viana, José Formosinho e O. da Veiga Ferreira, intitulada "De lo Prerromano a lo Arabe en el Museo Regional de Lagos" (VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1953 a) e, no mesmo ano, por uma outra, reservada ao estudo dos espólios Calcolíticos e do Bronze do Sudoeste, recolhidos em diversos monumentos funerários da região (VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1953 b).*

<sup>(93)</sup> *Ver nota 39.*

serões. Já para as Caldas, se o cúmulo do azar não impedir a sua ida, levarei algumas coisas, para irmos vendo. As tardes já são pequenas e as noites longas, de modo que se poderá aproveitar bem o tempo.

Cumprimentos para Sua Ex.ma Esposa e beijos às miúdas.

Um abraço do dedicado amigo,

**Abel Viana**

**Documento nº 24 – Carta dactilografada em folha branca, com carimbo do “Arquivo de Beja”, datada.**

*9/11/1949*

Meu caro: Ainda lhe não escrevi porque tenho tido imenso que fazer durante as poucas horas em que me tem sido possível trabalhar. Saiba que além do ataque bronquítico, trouxe do Algarve uma tremenda diarreia. Só agora me vai passando e permitindo que eu trate da bronquite. Estou levando injeções. Espero que dentro de uns 8 ou 10 dias fique na normalidade. Aí vão as fotografias dos três túmulos<sup>94</sup>. Por elas fará os desenhos e logo que os tenha prontos, era favor mandar-me os desenhos e fotografias, a fim de eu aproveitar este enclausuramento forçado, em casa, e ir adiantando o trabalho. Das fotografias que tirei aproveitaram-se 224. Muitas delas são esplêndidas. Depois lhas mostrarei, quando as puder mandar ampliar.

Só em fotografia foram-se perto de 500\$00 escudos. Mas ficamos com imenso material, para muito tempo e muitíssima coisa! Já escrevi a agradecer ao Director Geral<sup>95</sup>. Quanto ao Chefe, não escrevi. Não é por falta de consideração – longe disso. Mas por uma questão de diplomacia, e até de disciplina. Se eu agradecesse ao Chefe, teria o Director-Geral direito a melindrar-se. Pois se foi ao Director Geral que eu escrevi, é a este que eu tenho de dar contas. Se o meu pedido tivesse sido dirigido ao Chefe, nada teria eu que escrever a agradecer ao Director Geral. Assim é que as coisas são (ou devem ser). Cá por mim, escreveria um agradecimento para um, dois, três, ou quantos fossem os interventores no assunto, mas receio que por excesso de delicadeza caia precisamente na incorrecção. Percebeu? Outro assunto – Não reconhece o meu Amigo que ferveu em pouca água? Você saiu-me um grande ponto. É um exaltado. Sobe às nuvens por uma coisa de nada, às vezes por uma simples suspeita, por uma ilusão que se lhe mete na cabeça. Por isso me tem à perna, e ao Formosinho... Ou nós o domesticamos, seu grande selvagem, ou damos conta de si...

Bom, isto é a brincar. Mas, falando a sério, creia que é conveniente mais serenidade, sobretudo quando se trata de coisas que são sempre sérias, ou de que podem resultar consequências muito graves. Ainda não fiz contas com o Dr. Formosinho. Também, pela fartura das sobras, não é pressa nenhuma! Também ainda não fotografei os objectos que trouxe de Alcalar. Por hoje não posso ser mais extenso. Aí vão as fotografias. Não

---

<sup>(94)</sup> *Trata-se de fotografias das escavações efectuadas em Monchique no mês de Outubro, nas quais O. da Veiga Ferreira participou (ver nota 91).*

<sup>(95)</sup> *Ver nota 91.*

se esqueça, quando mas devolver com os desenhos, de me mandar os apontamentos que tomou em campo, ou de mandar cópia deles.

Estimo as melhoras de Sua Ex.ma Esposa.

Um abraço do amigalhão,

**Abel Viana**

P.S. – Ouviu a lição do Dr. Orlando<sup>96</sup>? Se estiver com o Dr. Zby, dê-lhe notícias minhas. Conte-lhe o que fizemos agora. Escrevi-lhe, mas ele não me respondeu ainda, segundo o costume... Se vir o França<sup>97</sup>, dê-lhe um forte abraço meu.

**Documento nº 25 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 23/11/1949*

Meu caro Veiga Ferreira:

Recebi a sua carta. Antes de mais nada, desejo as melhoras de sua Esposa. Isso é que tem sido uma maçada. Não há maior arrelia nem pior contratempo que a doença. Oxalá ela se restabeleça depressa, para sossego de ambos. É claro que, enquanto você estiver preocupado com sua Esposa, deixe de lado os desenhos. Tem tempo. Que vai você fazer ao Algarve nesta altura? Vai às Caldas? Se estiver lá antes de receber esta minha carta, lá verá uma das fotografias que junto lhe envio. Mandei-a ao Cláudio. Também mandei ao Formosinho, assim como a outra em que você está. É a de Alcalar. Verificará que me preocupei mais em focar o monumento que os bípedes... Tinha de ser mas, mesmo assim, é uma recordação. Creio já lhe ter mandado dizer que as fotografias do Museu de Lagos ficaram no geral muito boas, até com uma boa percentagem de ótimas. Vamos fazer muito fogo com isto. Mas, primeiro, preciso de me desembaraçar dos trabalhos que tenho com o Dr. Zby. São coisas pequenas que eu julgo poder despachar depressa. Como perdi os óculos e os novos que mandei fazer, bifocais, levaram muito tempo, porque foi preciso fabricar uma das lentes, de propósito, estive todo este tempo sem poder desenhar. E assim se atrasaram os tais trabalhos com o Dr. Zby. Você, logo que tenha tempo e disposição para isso, dê uma saltada aos Serviços e veja se consegue do Dr. Zby que o atenda e faça o estudo do material mesolítico do Ludo<sup>98</sup>. Como sabe, foi tudo para Lisboa: as primeiras coisas que lá se colheram levou-as logo o próprio Dr. Zby; as que nós colhemos depois, levou-

---

<sup>(96)</sup> Doutor Orlando Ribeiro, Professor de Geografia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, amigo e companheiro de trabalhos de campo de Abel Viana (ver nota 8).

<sup>(97)</sup> Dr. José Camarate França (1923-1963), geólogo e arqueólogo, funcionário dos Serviços Geológicos de Portugal, companheiro de trabalho de O. da Veiga Ferreira.

<sup>(98)</sup> Trata-se do espólio recolhido nas prospeções de superfície realizadas por Abel Viana e G. Zbyszewski e por ambos sumarimante publicado anteriormente (VIANA & ZBYSZEWSKI, 1949). Ver nota 28.

as você. Aquilo é fácil de descrever. O Dr. e você em meia tarde dão conta disso. Mais um bocado de tempo levará a fotografar as peças que o Dr. entenda que se devem reproduzir. Quanto ao resto da conversa, tenho eu cá todos os apontamentos tomados. Mas como o material não está cá, nada mais, pelo menos por agora, poderei fazer. Ora, eu tenho muita vontade de ir a Lisboa, onde não me falta que fazer, mas não estou ainda em condições de saúde para me meter em pensões. A bronquite ainda está assanhada, e os intestinos e estômago – molas que até agora sempre tinham funcionado bem – ainda não entraram na normalidade. Que diabo nos teria impingido a tal pensão de Lagos, para me pôr neste estado? Você também andou lá com dores de estômago. Já a levava de Lisboa ou foi lá que ela lhe apareceu? O que não resta dúvida é que foi lá que me desafinei a este ponto. Por outro lado, como tenho imenso trabalho a continuar e a completar, não lucro nada em sair de casa e em estar a acumular mais materiais.

Olhe que só de Lagos temos imensas coisas. Nem sei onde possamos publicar tanto estudo<sup>99</sup>. Com respeito às minhas tarefas em Elvas e Vila Fernando, está-se-me o assunto a complicar. Se o Veiga Ferreira estiver com o Dr. Zby, ele que lhe conte, pois levar-me-ia bastante tempo a repetir o que mandei dizer ao nosso bom Amigo Dr. Mas o Veiga Ferreira não faça uso do que o Dr. Zby lhe contar. O melhor é deixar correr os fados. No fim, tudo se há-de ajeitar... Você, no meu lugar, iria às nuvens e seria capaz sei lá de quê.

Terei que seguir outro processo. Creio que me não darei mal com ele<sup>100</sup>.

Recebi um caixote com as separatas<sup>101</sup>. É trabalho muito mais apresentável que os do sucateiro que fez as três das Caldas<sup>102</sup>. Também não levou barato. O que mais estranho na conta é a verba de 50\$00 para embalagem e transporte para a estação. O caixote não teria custado mais que 10\$00. O caixote, da tipografia para a estação, talvez não gastasse mais de outros 10\$00, e talvez até podia ter ido de táxi! Francamente, carregaram a unha. Julgam que estão a tratar com o Estado ou com as repartições públicas, carregando em tudo. Um caixote, quatro papéis velhos, já servidos de outras coisas, um frete para a estação e, pronto – 50\$00!

Aqui paguei trinta e tantos – visto que foi despachado com portes a pagar – e mais cinco ao homem que me trouxe o caixote da estação cá para casa. Vou pagar a conta, mas o meu Amigo não deixe de lembrar lá que a tal história da embalagem e do mais foi dura para quem como eu faz grande sacrifício para desembolsar esta quantia<sup>103</sup>. Vou mandar um exemplar para si, outro para o Sr. Bueno e para mais algum que o Veiga

---

<sup>(99)</sup> Ver nota 92.

<sup>(100)</sup> Refere-se às graves desavenças que, na altura, sobrevieram entre, por um lado, o Prof. Manuel Heleno, e, por outro, Abel Viana e António Dias de Deus, a propósito das escavações das necrópoles de incineração da II Idade do Ferro da região de Elvas. Ver, a tal respeito, a carta de Abel Viana ao Prof. A. A. Mendes Corrêa, já publicada (CARDOSO, 1999) e os comentários que, sobre o assunto, ali se apresentam. A este episódio se refere, ainda, pequena brochura de Abel Viana, dedicada à memória de António Dias de Deus, intitulada “Algumas notas sobre António Dias de Deus e suas pesquisas arqueológicas no concelho de Elvas” (VIANA, 1956). Ver nota 88.

<sup>(101)</sup> Ver nota 39.

<sup>(102)</sup> Ver nota 65.

<sup>(103)</sup> Por este desabafo se conclui que Abel Viana pagaria, pelo menos em parte, do seu bolso não só as despesas com a preparação dos seus artigos (fotografias, etc.) como as próprias separatas, não tendo qualquer instituição ou verba especial a suportar tais encargos.

Ferreira veja ser conveniente. Mas só no pessoal da Redacção, a quem devo, entre outros, o favor de me terem publicado isto e de me terem seguido o trabalho na tipografia. Mandarei ao Dr. Zby e... a um raríssimo um ou outro. O resto é para vender, a ver se posso recuperar algum dinheiro. Se a Câmara de Faro não me fica com alguns exemplares, estou tramado. Claro que nunca poderei recuperar a despesa feita, mas quero ver se me reembolso de alguma parte. Sendo assim, não posso estender-me em ofertas. Os exemplares são apenas 400, como sabe.

Bem. Hoje fico por aqui. Renovo os meus votos para que sua Esposa volte à saúde normal. Não se esqueça do que lhe peço, quanto a ir aos Serviços e ver se o Dr. Zby tem possibilidades em fotografar e descrever as coisas do Ludo.

Para si, um abraço do seu dedicado e grato amigo,

**Abel Viana**

P.S. As tais instruções para a régua de calcular?

**Documento nº 26 – Carta dactilografada em folha branca, com carimbo do Centro de Estudos do Alto Alentejo / Beja, datada.**

29/12/49

Sr. Doutor Mendes Corrêa,  
Meu Ex.mo e Ilustre Amigo<sup>104</sup>:

Informara-me de que o Sr. Dr. Manuel Heleno apresentou na Junta Nacional da Educação uma queixa contra os Srs. António Dias de Deus, Domingos Lavadinho e contra mim, por motivo das escavações arqueológicas realizadas pelo primeiro em Vila Fernando.

Mais me informam de que o Sr. Dr. Heleno pretende que a Junta me aplique qualquer sanção cominatória, com fundamento em responsabilidades que o mesmo Sr. Dr. Heleno, injusta e precipitadamente, me imputa. Suponho que a Junta, antes de tomar qualquer decisão a tal respeito, me permita apresentar-lhe explicações acerca do caso, no entanto, visto o meu Ex.mo Amigo ser um dos ilustres membros da Junta, desde já lhe rogo o favor de me aceitar os seguintes esclarecimentos:

- Nada tenho que ver com as explorações do Sr. Dias de Deus, desde 1934 – data em que ele as iniciou – até Junho de 1949, data em que fui a Vila Fernando.
- Logo que tomei conhecimento exacto do que se passava em Vila Fernando, pedi ao Sr. Dias de Deus não fizesse mais escavações, e se limitasse a salvar o que aparecesse durante os trabalhos agrícolas.

---

<sup>(104)</sup> *Esta missiva e a seguinte foram endereçadas, não a O. da Veiga Ferreira, mas ao Prof. A. A. Mendes Corrêa. Por se crer que constituam elementos de relevante interesse para a cabal compreensão dos graves incidentes a que se reporta a nota 100, aqui se transcrevem, na íntegra. A clareza com que os assuntos se encontram apresentados, dispensa mais comentários.*

- Quanto ao procedimento do Sr. Dias de Deus e meu, relativamente aos interesses da Arqueologia nacional e seu património, ficará tudo minuciosamente explicado e documentado nos estudos e relatos que ambos estamos preparando e vamos publicar.
- Quanto ao meu procedimento e do Sr. Domingos Lavadinho, em relação aos nossos deveres para com a Junta, envio ao meu Ex.mo Amigo dois exemplares do jornal de Elvas, nos quais parece suficientemente provado que o Sr. Lavadinho comunicou oportunamente à Junta, e isto depois de eu o esclarecer a respeito da verdadeira importância das estações de Vila Fernando e da Terrugem, de modo que este Sr. não deixou de cumprir sua obrigação.  
Eu e Sr. Dias de Deus, por nossa parte, tencionávamos – e tencionamos – apresentar à Junta uma exposição circunstanciada.
- Não me parece que o Sr. Domingos Lavadinho, pessoa idosa e doente, considerada e respeitadíssima pelos relevantes serviços que presta na importante Biblioteca Municipal de Elvas, mereça qualquer censura ou advertência.  
Por muito ponderosos motivos, não lhe seria ou será fácil observar directamente o que se passa a respeito de estações arqueológicas do concelho em que é Delegado da Junta; no caso presente, forneci-lhe, a seu pedido, elementos para a comunicação que, segundo ele me disse, desejava apresentar à Junta. Creio bem que ele a tivesse enviado. Ainda que se houvesse esquecido de o fazer, o que não creio, não me competia duvidar, tanto mais que o jornal de Elvas se pronunciou pela afirmativa.
- Quanto à necrópole de urnas, da Idade do Ferro, ponto em que, segundo me dizem que a escavação do Sr. Dias de Deus foi feita pouco antes de eu ir a Vila Fernando, e que o Sr. Lavadinho estava muito longe de conhecer a natureza e de avaliar a importância dessa estação.

Foi em face do relato que eu lhe fiz, tanto de viva voz como por carta que lhe enviei logo que regresssei a Beja, que o Sr. Lavadinho redigiu a sua comunicação à Junta.

Fico inteiramente à disposição da Junta Nacional de Educação para as explicações, esclarecimentos e provas que ela entender necessárias.

Desculpar-me-á da maçada que lhe dou e da pressa com que esta vai escrita. Desde já tudo lhe agradece o seu admirador muito dedicado e grato,

**Abel Viana**

**Documento nº 27 – Carta dactilografada em folha branca com carimbo do Centro de Estudos do Baixo Alentejo, datada.**

29/12/1949

Meu Ex.mo Amigo:

Regresssei ontem a Beja. Voltarei a Lisboa logo que tenha boas fotografias da cerâmica pintada, de Vila Fernando. Mesmo de Lisboa escrevi para lá, a fim de me mandarem os fragmentos e são poucos. Não devem demorar. Entretanto, estou redigindo mais uns períodos para acrescentar ao trabalho.

Se na Pensão Astória receberem a resposta do Lavadinho, mandarão entregar ao Dr. Zby, o qual, por sua vez, a enviará ao Ex.mo Amigo. Qualquer que seja, porém, a resposta de Elvas, bastam os dois números do jornal de Elvas, que à parte envio registado, para se demonstrar que eu em nada deixei de cumprir para com a Junta. Ainda bem que essas coisas se publicaram em devido tempo!

Parece-me que elas também ilibam de responsabilidade o Lavadinho. Não houve ninguém (dos três de Elvas, chamemos-lhes assim) que deixasse de proceder com honestidade, zelo e boas intenções.

E até com bom senso...

Custa-me a crer, todavia, que o Dr. Heleno desconhecesse esses e outros números do jornal. Convenço-me de que o Lavadinho lhos enviaria. Persuado-me, igualmente, de que o Lavadinho comunicou à Junta, conforme o declara no jornal.

Se comunicou, ou sonegaram a comunicação ou não a consideraram devidamente. Salvo se, no entender do Heleno, o Lavadinho tinha obrigação de comunicar aquilo de que não tinha conhecimento exacto, ou que mesmo desconhecia por completo.

O que o Heleno pretende, bem o sei; toda a gente calcula o que seja. Aquilo é doença. Incurável.

Numa carta, creio que ao Dr. Zby, hesitei em escrever a palavra “mentiroso”, aplicada a um homem que é professor universitário.

Relendo estes dois jornais de Elvas, dilui-se-me toda a ideia de arrependimento. Junto outra carta, redirigida em termos de poder ser utilizada na Junta, se o meu Ex.mo Amigo o julgar conveniente. Sinto-me bem entregue.

Boa passagem do ano lhe deseja o dedicado e gratíssimo

**Abel Viana**

### **Documento nº 28 – Dactilografado em folha branca com carimbo do Centro de Estudos do Baixo Alentejo / Beja.**

#### **CÓPIA DE PARTE DE UMA CARTA DE ANTÓNIO DIAS DE DEUS, PARA ABEL VIANA<sup>105</sup>**

...“Estou cada vez mais aborrecido com o procedimento do Sr. Dr. Heleno. Não merecia, da parte dele, tantas desconsiderações.

Tratei-o com cortesia; recebi-o com todas as atenções; prestei-lhe todos os esclarecimentos; fiz-lhe algumas ofertas valiosas; enfim, desfiz-me em amabilidades para, afinal, ter tão má recompensa! Creia, meu amigo, sinto-me tão magoado que, se não fosse o meu amigo e o Lavadinho, poria toda a arqueologia de parte. Só arrelias e dissabores tenho recebido. O meu esforço e até o meu trabalho bem mal compreendido é! Alguém falaria no Carrão, na Chaminé e na Terrugem, se eu não desse a conhecer as preciosidades que encerram?

---

<sup>(105)</sup> Documento endereçado ao Prof. A. A. Mendes Corrêa acompanhante dos dois anteriores e com eles directamente relacionado.

Em que estado se encontrariam os mosaicos do Carrão, se eu lhes não acudisse? Outro tanto se poderia dizer do campo de urnas e do cemitério da Terrugem. A maioria dos objectos que se encontram fragmentados já foi retirada nesse estado. Só eu é que retirava qualquer vasilha ou outro objecto.

Poderá faltar-me a teoria, mas a prática forneceu-me elementos bem mais preciosos do que aqueles que a mesma teoria ensina. Vândalo, eu, que cautelosamente, religiosamente, recolhia qualquer fragmento, por mais insignificante que fosse! Infelizmente, esses que assim me alcunham, só têm língua para ordenar, pois faltam-lhes os braços, ou aquele amor que eu sinto, para o executar. Enquanto eu faço um exame directo a tudo o que vai aparecendo, ele ou eles, curam por informações e por elas fazem as suas deduções. Repito, os agravos que me dirigem suportem os com resignação na esperança de que um dia se faça justiça. Vou escrever ao Dr. Heleno, rogando-lhe o obséquio de me devolver aqueles cacos que me pediu emprestados – os melhores\*.” .....

\*(Nota (de Abel Viana): – Refere-se a fragmentos de cerâmica pintada, da necrópole de urnas, da Chaminé).

### **Documento nº 29 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 27/4/1950*

Meu caro Veiga Ferreira:

Recebi, finalmente, notícias suas. Imaginei, de facto, que andasse fora de Lisboa, mas não excluí outras hipóteses. Recebi, também, a separata do artigo publicado na Revista de Guimarães<sup>106</sup>. Parabéns. Vejo que você já vai acertando o passo... Compare essa coisa com a primeira que publicou a respeito do Buço Preto, por exemplo<sup>107</sup>... Agora já tem mais cuidado na prosa, e no rigor das citações. Assim é que é. Compreendeu que isto não é questão de meia bola e força? Dá mais trabalho, lá isso dá, mas escrever atabalhoadamente não presta para nada. É preferível, sem dúvida, nada publicar. Há, até, muito “sábio” que o “é” precisamente porque nunca se lhes viu coisa publicada! Em contrapartida, outros que sabem alguma coisa, passam por incompetentes devido ao pouco cuidado com que publicam as suas investigações. Você entrou no bom caminho, portanto. Tendo aí à beira um Mestre competente e solícito, trate de o aproveitar. Nada me disse ainda das separatas que lhe mandei. Que tais? Reparou no ponto em que me refiro ao homem de Belém<sup>108</sup>? É logo nas primeiras páginas, quando acabo de falar na Chaminé<sup>109</sup>. Eu tinha fatalmente de dizer que ali caíra a Cortina de Ferro... da Arqueologia Portuguesa. O mal que você aponta não é derivado de exigirem para tudo

---

<sup>(106)</sup> Deve ser lapso quanto ao nome da revista, porquanto o primeiro artigo que O. da Veiga Ferreira publicou na Revista de Guimarães data apenas do ano seguinte.

<sup>(107)</sup> Refere-se ao primeiro trabalho de arqueologia publicado por O. da Veiga Ferreira, em 1946 (FERREIRA, 1946).

<sup>(108)</sup> Trata-se, naturalmente do Prof. Manuel Heleno.

<sup>(109)</sup> Trata-se de artigo geral, dedicado à arqueologia elvense, no qual são referidas as notáveis necrópoles sidéricas, objecto da discórdia atrás mencionada, entre as quais a da Chaminé (ver nota 100).

um curso superior – se bem que em Portugal se cuide mais em saber quais os cursos que um homem tem, do que de averiguar o que ele realmente sabe. Mas o mal não procede daí. A origem de tudo está na acção lenta, muito tenaz, e muito feliz para ele, de um cavalheiro que foi preparando e adensando as coisas a seu jeito, levando na curva a Ministros e outras entidades, até se constituir em sólida cortina de ferro da arqueologia portuguesa, querendo que todos lhe sirvam de criados, e não deixando trabalhar “legalmente” os que não nasceram para servos de tão burrinal senhor! Só houve duas pessoas que ele não conseguiu sujeitar a seu domínio: o M. C. e o P. J<sup>110</sup>.

Mas repare que mesmo estes nunca dispuseram da liberdade de movimentos que deviam ter. Estes deviam actuar livremente, sem a mínima sombra de concessão ou de transigência perante o idiota de Belém. As tristes figuras do seu lastimável assistente e da parva discípula<sup>111</sup> são prova eloquente do maléfico cabotino. Esquecia-me dizer-lhe uma coisa: Pode afirmar ao Dr. M. C., da minha parte, que o próprio B. Ferreira me disse a mim, em Espanha, que foi o Heleno quem o meteu na Junta. O Oleiro<sup>112</sup> também me disse que ele próprio fora indicado pelo Heleno. E teve aquele embusteiro miserável a desfaçatez de declarar, sem que ninguém lho inquirisse, que não havia metido prego nem estopa para a nomeação dos dois novos membros!!! Os burros de boa raça julgam sempre que burros são os outros... Porque não meteram o Afonso do Paço? Este tem uma obra, em parte independente da do Jalhay. Além disso, é um oficial superior do Exército, e não um garotóide, como o tal assistente, pobre irresponsável pelas honras que lhe estão pondo no lombo, como vistosa albarda onde possa escarranchar-se o Sancho de Belém. Nomeação bem merecida, apesar de se tratar de um rapaz muito novo, foi a do Oleiro. Esse, sim. É muito novo, mas é muito digno. É daqueles que nasceram já com jeito de homem. Esse pode representar lá fora seja o que for, que o sabe fazer com modéstia e distinção, com aprumo consciencioso. Nem o alarve que o indicou sabe bem o que este rapaz vale! E tenho a certeza, mesmo, de que se enganou redondamente quanto a outras maquiavélicas suposições! Passemos ao outro, ao de Espanha. Não há que ralar-se nem que ofender-se a gente das irritaçõeinhas próprias de temperamentos feminis. Sabe-se lá quando a culpa é do mês-truo? Junto lhe envio uma fotografia, que você me devolverá, na qual está o semi... a cascar no Breuil e seus seguidores, e eu ao lado, assim como quem está com ganas de o deitar abaixo do monte de seixos. A fotografia está escura. É pena não se ver bem a minha cara, que seria de “poucos amigos”. A cena passa-se no terraço médio do Manzanares. Na assistência está apenas um terço dos congressistas, porque as outras caminhetas haviam-se perdido no caminho, de modo que só chegaram ao local quase uma hora depois.

Por tal motivo, dos portugueses, só eu e o Dias de Deus ouvimos a conversa. Oleiro, B. Ferreira, Russell<sup>113</sup> e a rapariga chegaram muito mais tarde. Dos que assistiram, só estava presente, creio eu, uma

---

<sup>(110)</sup> Trata-se do Prof. A. A. Mendes Corrêa e do Padre E. Jalhay.

<sup>(111)</sup> Trata-se do Dr. Bandeira Ferreira e da Dr<sup>a</sup> Irisalva Moita, os quais, ulteriormente, vieram, também, a ter dificuldades de relacionamento com o Prof. Manuel Heleno.

<sup>(112)</sup> Trata-se do Dr. J. M. Bairrão Oleiro (1923-2000), investigador do Período Romano e fundador, anos mais tarde (1955), do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e do Museu Monográfico de Conímbriga, de que viria a ser o seu primeiro Director.

única pessoa que entendia do caso – o Salvador Vilaseca. Manifestei a este a minha reprovação. Deu-me toda a razão e esteve de acordo comigo em que o Santa-Olalla está bastante fora da matéria. Na parte dos terraços que eu vi, não notei qualquer discordância dos estratos. Apenas, aqui e além, algum pequeno revolvimento que, a meu ver, não altera o tom geral das formações. Conforme mandei dizer ao Dr. Zby, não protestei perante todos porque, sendo eu ali tão sinceramente estimado não quis tomar atitudes que possam colidir com a minha situação de hóspede. Apesar de que, pelo menos, para uma grande maioria, não seria desagradável ver alguém a contraditar o homem, de tal modo ele é detestado. Muitos, porém, inclusive o Vilaseca, estão-lhe subordinados, visto serem delegados provinciais do maníaco director geral de escavações. Fiz bem, pois, em limitar-me a mostrar má cara... Atirei-lhe no fim, com a pergunta: “Conhece os terraços de Alpiarça?”. Ao que a meia fêmea respondeu: “Si, pero lo que he visto no esta de acuerdo con lo que escriben ni con lo que me han dicho”<sup>114</sup>. Restava-me, somente, mandá-lo a Mérida, ou a Mértola. Não lho disse, mas pensei-o, e voltei-lhe as costas. Enviei as duas separatas ao França<sup>115</sup>. Que notícias há dele? Estou a trabalhar nas nossas coisas de Lagos. Isto vai devagar, porque me vejo obrigado a intercalar uns longos períodos de repouso. Espero que dentro de dias me encontre completamente restabelecido. Resolvi fazer os artigos por localidades, e não por épocas. Faz mais jeito assim. Dentro de três ou quatro dias começarei a redigir. Lá irá ter uma cópia. É preciso não alongar muito os artigos. Calculei dispor a matéria em três artigos, um para “Zephyrus” (Salamanca), outro para a “Revista de Guimarães” e o outro para a tal revista que vai sair, do D. S. Pessanha<sup>116</sup>.

Diga-me ao Dr. Zby que se não esqueça do nosso paleolítico, tanto dos Arredores de Beja como do Guadiana<sup>117</sup>. Veja se lhe dá uma ajuda, tanto no resto das fotografias que falta tirar como no arranjo das estampas. Junto do Dr. M. C. vá lembrando sempre o nosso trabalho de Monchique. Olhe que ele tem imenso que fazer e é possível que se esqueça. Se você é tão activo nisso como tem sido em mandar-me a fotografia em que estamos com o Abbé Roche, estou bem servido... Será possível, que o raio dessa película ainda ande dentro da chocolateira? Tal máquina, tal fotógrafo. Não se esqueça, pois. Ao Dr. ZBY – paleolítico de Beja e

---

<sup>(113)</sup> Trata-se do Dr. F. Russell Cortez, então investigador do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, anexo à Universidade do Porto, então dirigido pelo Prof. A. A. Mendes Corrêa.

<sup>(114)</sup> O Prof. J. M. Santa-Olalla era poderosa figura da arqueologia espanhola, desempenhando à data o cargo de Comissário Geral de Escavações Arqueológicas do Ministério da Educação Nacional de Espanha. Vê-se, pelo exposto, que discordava dos métodos de H. Breuil no estudo dos terraços fluiviais quaternários e das correspondentes indústrias líticas. No seu “Esquema Paleolítico de la Península Hispánica” (Madrid, 1946), as importantes formações de Alpiarça não são sequer mencionadas; recorreu a designações por si criadas, como Isidrense, Matritense, para a caracterização do Paleolítico Inferior e Médio peninsular; as quais, não tiveram, naturalmente, seguimento (SANTA-OLALLA, 1946). No tocante à pergunta concreta de Abel Viana, ao que parece, J. M. Santa-Olalla admitia em Alpiarça apenas a presença de indústrias do final do Acheulense Superior (Micoquense) (cf. “Tablas Cronológicas” no final do volume referido), ao contrário de H. Breuil e G. Zbyszewski (BREUIL & ZYSZEWSKI, 1945) que, sem as negarem, reportam as mais antigas – e numerosas – ao Acheulense Antigo (Mindel convencional).

<sup>(115)</sup> Ver nota 97.

<sup>(116)</sup> Na verdade, foi apenas um o artigo publicado sobre tal matéria.

<sup>(117)</sup> O artigo sobre o paleolítico dos arredores de Beja foi publicado em 1952 (VIANA & ZBYSZEWSKI, 1952). O segundo, igualmente resultante de colaboração entre ambos, jamais foi ultimado para publicação.

do Guadiana. Ao DR. M. CORRÊA – Trabalho de Monchique. Estimei saber que gostou da mantilha, digo, do véu. Eu bem dizia ao Dias de Deus: preciso de encontrar uma coisa bonita, porque a esposa de fulano é uma rapariga bonita. Já vê que, se desagradasse, podia eu limpar as mãos à parede, com as minhas preocupações de bom gosto. A realidade, todavia, é esta: essas coisas ficam sempre bem... a quem ficam. E mudemos de conversa, não vá você continuar a babar-se.

Esqueci-me de contar ao Dr. Zby este pormenor: No final do seu aranzel, o Santa-Olalla citou um investigador qualquer, não sei se francês se inglês, o qual, segundo o mesmo Santa-Olalla, escreveu algures que “o método de Breuil para a classificação do Paleolítico inferior só devia ser utilizado em último lugar, por ser o menos científico de todos”. Foi assim que o homem concluiu a catilinária. A melhor resposta a dar-lhe, salvo se ele publicar alguma vez tais afirmações, é nós publicarmos quanto antes o nosso Paleolítico. Por isso, peço-lhe lembre de vez em quando ao Dr. Zby a calhoada de Beja e do Guadiana – pelo menos, pois nós devíamos tratar ainda este ano do material do Norte, isto é, do Minho<sup>118</sup>. Bem. Esta já vai muito longa e eu tenho imenso que fazer. Não se esqueça de tudo quanto lhe peço. Trate também de queimar esta carta depois de lida, pois vai muito suja... Ou, então, peça aí em baixo na Academia que lha arquivem, na secção das boas peças literárias.

Veiguinha amigo, adeusinho. Não se esqueça das minhas e das nossas coisas. Acabo de receber carta do Dias de Deus, a dar-me conta de novos achados. Mais dois restos de antas, em uma das quais colheu nada menos de 19 (dezanove!) machados. A Revolução continua, ainda que o de Belém esperneie. O Dr. Zby que se não esqueça também dos nossos trabalhos mais pequenos. A ver se os enfia em qualquer parte.

Os meus cumprimentos a sua Esposa e beijos às miúdas (às minhas sobrinhas).

Para si um abraço.

**Abel Viana**

### **Documento nº 30 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 1 de Junho de 1950*

Meu caro Veiga Ferreira

Isto de andar com as nossas assinaturas de cá para lá e de lá para cá é uma trapalhada e obriga a grande perda de tempo.

Mando-lhe 20 exemplares, os quais o meu Amigo enviará a quem muito bem quiaser, assinando a dedicatória em nome dos três. Procure, no entanto, combinar com o Dr. Formosinho, para não acontecer cada qual enviar um exemplar à mesma pessoa. Entendam-se entre os dois e digam-me o nome das pessoas a quem se encarregam de enviar. Cá por mim, remeti para<sup>119</sup>:

---

<sup>(118)</sup> Trabalho que só viria a ser publicado – e apenas o relativo à estação de Carreço – em 1962, já sem a colaboração de Abel Viana (BREUIL et al., 1962).

<sup>(119)</sup> Esta lista tem interesse por revelar as individualidades às quais Abel Viana entendia dever fazer chegar as suas publicações. Deve reportar-se ao envio da separata “Necropolis de las Caldas de Monchique”, publicada nesse mesmo ano (VIANA, FERREIRA & FORMOSINHO, 1950).

- Dr. Zby.
- Eng. ° Mariano Feio.
- França.
- Mendes Corrêa.
- Jalhay.
- Afonso do Paço.
- Virgínia Rau.
- Ass. Dos Arq. Portugueses.
- Inst. Port. de Etn. H. e Arqueol. (Belém).
- “Brotéria”
- Centro de Estudos Geográficos.
- Eng. ° D. A. de Castelo Branco.
- Serviços Geológicos.
- Dr. C. Teixeira.
- Dr. Mendeiros Gouvêa.
- Dr. G. Cordeiro Ramos.
- Vaultier.
- Jean Ollivier.
- Coron. Mário Cardoso.
- Revista de Guimarães
- Soc. Port. De Antropologia
- Dr. Santos Júnior.
- Russel Cortez.
- Dr. Mário Lyster Franco.
- Dr. Justino Bivar

E sem saber a quem vocês mandaram não mando a mais ninguém.  
 Fica assim combinado? Pois âção lumi no olho. Isto custou caro.  
 Temos ao todo 150 exemplares.

**Abel Viana**

**Documento nº 31 – Carta dactilografada em folha branca, com carimbo do “Arquivo de Beja”, datada.  
 Beja, 19/7/1950**

Meu caro Veiga Ferreira:

Vai a encarnado mas, tenha paciência... É preciso poupar despesas. Não respondi logo à sua primeira carta. Calculará porquê. Eu só não lhe respondo logo na volta do correio por me ser materialmente impossível fazê-lo. Acabei hoje mesmo a preparação do novo número do “Arquivo de Beja”. Devo mandar entregar todo o original – que é um bom pacote de papel, desenhos e fotografias – logo à tarde, à tipografia.

Por causa disto, há duas semanas que não trato de mais nada. Interrompi tudo quanto trazia entre mãos, e só hoje vou recomeçar. Principiarei pelo tal capacete, visto ser coisa pequena. Creio ter aqui todos os elementos precisos, sem necessitarmos de mais informações do Formosinho<sup>120</sup>. A seguir, tratarei dos apontamentos dos cadernos de Carlos Ribeiro e Nery Delgado – remodelação de uma coisa que já estava mais ou menos feita, mas que precisa de ser completada e melhorada. É um trabalho para os Serviços e, por isso, tenho obrigação de o acabar o mais rapidamente possível<sup>121</sup>. Ainda esperava mais umas instruções do Dr. Zby mas, como ele não respondeu a umas perguntas que eu lhe fiz, parto do princípio que ele mantém sem alteração o que antes me mandou dizer em uma carta. Em todo o caso, fale com ele a este respeito. Eu queria que o trabalho fosse agora completamente em condições.

De maneira que, segundo o meu programa, temos:

Iº – O artigo do Capacete; IIº – cadernos de campo de C. Ribeiro<sup>121</sup>, etc.

Abro aqui um parêntesis, para falar propriamente de mim. Como sabe, apanhei grande estafa em Espanha. Como tenho ainda muita força muscular, e muita força de vontade, esqueço-me de que o coração e os brônquios, sobretudo estes, já não estão em condições de entrar em folias desportivas... As visitas de Sagunto e de Tarragona foram muito violentas: dias inteiros sempre a andar, após noites inteiras sem dormir. Para eu, estando em Barcelona, por assim dizer a dois passos, desistir de ir a Gerona e Ampúrias, se calculará o meu estado de fadiga, nessa altura. Só me recompus quando tornei a Madrid, pois aí o trabalho foi já mais descansado. O pior, todavia, foi a minha chegada a Beja, com tempo frio e húmido, a formidável constipação que apanhei e o conseqüente agravamento da asma e dos brônquios. Passei quase dois meses em que só podia trabalhar estando em casa sentado. Nessas circunstâncias, aproveitei quanto pude para ler e escrever. Na semana passada, saí algumas vezes, embora com imenso custo, ofegante, quase sem respeitar. No dia 9 deste mês, fui de manhã ao Castelo tirar umas fotografias, e tive uma meia dúzia de escarros sanguíneos. Após o que me senti mais aliviado. Ante-ontem de manhã repetiu-se a brincadeira, e fiquei então com melhoras extraordinárias. Ora, eu é que não fiquei satisfeito com tal manifestação de cura. Esta história de escarros sanguíneos começou no Guadiana, quando fiz num dia, com o Eng.º Mariano e o Dr. Patrício, trinta quilómetros de marcha, quase todos por caminhos do diabo e com um respeitável calor<sup>122</sup>. A segunda vez foi em Córdoba, estando eu lá no Congresso Luso – Espanhol. Foi em 1944. Depois, repetiu-se não mais que uma vez por ano, e só nesta ocasião é que sucedeu serem duas vezes, apenas com intervalo de poucos dias. Há mais de seis anos que, para fugir a despesas e maçadas, e também a perdas de tempo, armei em médico de mim próprio. Resolvi, portanto, procurar a medicina. Fui ontem a uma clínica onde fui examinado por três médicos. Radiografaram-se. Hoje fazem a análise da espectoração.

---

<sup>(120)</sup> Trata-se de um notável capacete de bronze, da II Idade do Ferro, achado na encosta da colina do castelo de Aljezur e conservado no Museu Regional de Lagos (FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1953).

<sup>(121)</sup> Não terá sido, de facto, concluído, visto jamais Abel Viana ter publicado algo sobre tais Cadernos.

<sup>(122)</sup> Trata-se do Doutor Mariano Feio e do Dr. Amílcar Patrício, geógrafos que, com Abel Viana, calcorream o rio Guadiana do Ardila até à foz, missão que deu origem a trabalhos de índole geológica e arqueológica de grande mérito e para a época, pioneiros. De Abel Viana, foram publicados importantes contributos sobre as indústrias líticas recolhidas no decurso de tal missão (VIANA, 1945; 1945/1946/1947).

Entretanto mandam-me tomar cálcio e fazer repouso. Se for coisa de natureza pulmonar, chegam-me a estreptomomicina e a cura não será trabalhosa nem difícil. Mas não creio que isto seja de natureza pulmonar. Dê-m-lhe o nome que lhe derem e as explicações que quiserem, estas espectorações com sangue são... hemoptises, embora de carácter benigno. Tuberculoso não creio que seja, pois é coisa que não consta em pessoas da minha mais que numerosíssima família. Além disso, esta minha cor, de tal ordem que poucos acreditam em que eu sofra a valer de falta de ar, este meu apetite, sempre pronto, graças a Deus, e a ausência absoluta de febre, mesmo quando estou mais atrapalhado dos brônquios e da asma, depõem em contrário. E se for coisa que leve jeito de para aí caminhar, a cura estava assegurada, sem trabalhos de maior. Mas o que eu realmente devo ter, é um grave destroço dos brônquios, resultante de uma bronquite que me acompanha desde os vinte de idade: de uma vida nem sempre bem regrada no descanso, ou mesmo nada regrada...; de uma pneumonia dupla aos vinte anos, de uma broncopneumonia em Faro e outra aqui em Beja, esta há sete ou oito anos. Sendo assim, como creio que seja, o tratamento deve ser mais difícil. Seja como for, o que não devo é continuar a deixar correr o marfim, como há tanto tempo venho fazendo, sempre confiante na minha rijeza natural e na impunidade das milhentas e milhentas tolices que contra a saúde tenho praticado ao longo da vida. Toca a fazer tratamento sério e a evitar cavalarias altas, tendo sempre em vista que já conto 54 anos feitos em Fevereiro passado... O meu estado presente é tão razoável que tenciono seguir depois de amanhã para Vila Fernando e Elvas. O tempo está quente e seco, não levo bagagem pesada, tenho muitas horas para fazer repouso nas caminhetas, que são cómodas. Lá, farei todo o trabalho que se puder fazer sentado, menos o de fotografia que, claro está, me obrigará a certo movimento. Mas o Dias de Deus já tem lá tudo bem ordenado, para me facilitar o serviço e poupar-me tempo e esforços. Calculo demorar quatro ou cinco dias, apenas. Ainda que pese aos Helenos, coca – bichos e cabotinos, aquilo continuará a dar-nos muito que fazer. E havemos de fazê-lo, tanto mais que temos a boa escora que o Amigo sabe. Esses cavalheiros hão-de continuar a ver como a Arqueologia é e deve ser feita! Basta de atitudes misteriosas, mais próprias de alquimistas medievais que de cientistas de nossos tempos. Pela minha parte, estou resolvido a lutar quanto possa contra monopólios prejudiciais e estúpidos. E fiquem-se os herméticos com suas mexerufadas bizantinas, para deleite dos parvos e próprio. Quanto a nós, trabalharemos às claras.

Voltando ao nosso programa de trabalho. Conforme lhe disse, tratarei primeiro do capacete de Lagos e dos Apontamentos de C. Ribeiro. Remodelarei depois o artigo sobre a “Cova da Moura”, visto de Barcelona me terem manifestado desejo de o publicarem logo que eu o reenvie devidamente reduzido<sup>123</sup>. Seguir-se-ão, depois, os dois trabalhos que tenho com o Dr. Zby, sobre cerâmica do Monge e de Oeiras, dois estudos que estão quase concluídos<sup>124</sup>. Quero dizer, os desenhos e a descrição do material já estão feitos. Faltam apenas

---

<sup>(123)</sup> *Trata-se de um monumento megalítico, assim denominado, da freguesia de Carreço, concelho de Viana do Castelo publicado nas Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia, reunido na Galiza em 1953 (VIANA, 1955).*

<sup>(124)</sup> *Trata-se de dois trabalhos só publicados muito mais tarde, reunindo as observações sobre os espólios das duas estações pré-históricas, a cuja autoria se agregou O. da Veiga Ferreira (ZBYSZEWSKI, VIANA & FERREIRA, 1957 a; ZBYSZEWSKI, VIANA & FERREIRA, 1957 b) e que não dão particular destaque ao conjunto cerâmico, ao contrário do que era, em 1950, a intenção do Autor.*

umas tretas de introdução, não muito longas, mas que precisam de cuidado, de uma boa vista por tudo quanto conheço acerca dessa cerâmica. Retomarei, depois, o nosso trabalho a respeito de..... nada disto. Retomarei, depois, o meu estudo a respeito dos últimos trabalhos que realizamos, eu e o Dias de Deus, em Elvas, a fim de o apresentarmos no próximo Congresso Luso – Espanhol<sup>125</sup>. Quanto ao nosso, das Caldas de Monchique, está pronto. Como, antes do Congresso, irei a Lisboa, eu próprio o levarei comigo e deixaremos-lo entregue ao Dr. M. Corrêa<sup>126</sup>. Tanto este trabalho, como o do Dias de Deus e meu, acerca de Elvas, acho que os devemos apresentar por intermédio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. É esse o meu desejo e creio que você o aplaudirá, assim como o Formosinho. Quanto ao Dias de Deus, tenho a certeza de que não pretenderá que o meu e dele vá por intermédio do... Heleno. Quero ver se faço tudo isto antes de Outubro, porque ainda este ano quero concluir o trabalho do paleolítico do Guadiana, assim como o dos arredores de Beja (Zby – Viana) e estar, ainda, lá para Novembro e Dezembro, aí em Lisboa, a fim de preparar com o Dr. Zby o paleolítico minhoto<sup>127</sup>. Procurarei, além disso, aprontar algumas “pequenas – grandes” coisas do material do Museu de Lagos. Acho que é preferível, para mais facilidade de publicação, dividirmos por uma série de coisas pequenas, seja por estações ou grupos de estações, seja por épocas. Entretanto, irei apertando o Formosinho. Ele tarda mas acabará por nos fornecer o que dele precisamos – que por sinal é relativamente pouco. O principal já está apontado, e já temos feito o trabalho fotográfico (bem bom, por sinal). Como o capacete já vai isoladamente, poderemos fazer o mesmo relativamente a outras peças<sup>128</sup>. Este ano não vou ao Minho. Terei, portanto, muito tempo para trabalho de gabinete. Bem sabe que tenho pouco tempo para escrever cartas. Fique com esta arquivada, para a todo o tempo ver qual é o nosso programa. Passemos a outros assuntos.

– Oxalá o França<sup>129</sup> seja feliz em terras africanas. Estou certo de que a actividade dele vai ser considerável. Quando você me enviou estas duas últimas cartas, ia a caminho um postal meu em que manifestei a minha opinião acerca das coisas de Tomar.

Parece-me que, em vista do França nos ter deixado carta branca, a primeira coisa a fazermos é publicar o material dele, se possível for – isto é, a menos que ele se oponha – em nome dele. Eu sei perfeitamente onde são as estações, porque ele mas foi mostrar<sup>130</sup>.

Não tenho dificuldade alguma em encontrá-las no terreno, se lá formos. Depois, na mesma ocasião de lá irmos, poderemos fazer também uma sondagem por nossa conta. A exploração é fácil, porque as furnas e abrigos são numerosos, e o material é abundantíssimo, começando a aparecer logo à entrada. Claro que uma exploração em regra será tarefa para muita gente e para muitos anos! Aquele manancial deve ser praticamente inesgotável! Mas sobre este assunto precisamos de continuar em contacto com

---

(125) *O que de facto veio a acontecer. Ver Bibliografia (VIANA & DEUS, 1953).*

(126) *Ver nota 2.*

(127) *Ver nota 119.*

(128) *Ver notas 92 e 120.*

(129) *Ver nota 97.*

(130) *Trata-se de propósito que jamais se concretizou.*

o França e, principalmente, de saber qual a opinião do Dr. Zby. Este decidirá do que temos a fazer, do modo como o faremos, etc.. Fale, pois, com ele. Se houver qualquer diligência a fazer junto de qualquer pessoa ou entidade, o Dr. Zby tratará disso.

- Recebi há dias a obra do Dr. Bellido, acerca de escultura romana de Portugal e Espanha. São dois grandes volumes, um de texto outro de gravuras<sup>131</sup>. Ainda não sei quanto custou, mas é coisa para 300 pesetas ou um pouco mais. Vale bem a pena. Como deixei em Madrid 1.000 pesetas das que me sobraram da viagem, lá me pagaram com esse dinheiro, mas ainda não me mandaram dizer quanto foi. Também mandei vir um belíssimo livro sobre Numância. Não é coisa actualizada, visto na altura em que foi publicado a parte escavada ser muito menor que a de hoje. Mas nunca imaginei que um livro de tal tamanho, com tal riqueza de estampas, muitas delas a cores, pudesse vender-se por 50 pesetas (25\$00). É um magnífico álbum, com mapas desdobráveis, etc..
- Fiquei satisfeitiíssimo com a sua nova situação. Nunca imaginei tal hipótese, por isso, a surpresa foi grande, e o contentamento também. Aí nos Serviços é onde você ficará melhor e onde melhor se poderão aproveitar as suas possibilidades<sup>132</sup>. Convém que você deixe a repartição. Mas em boa paz. Precisa de sair “por cima”, sem deixar sinal de atrito. Claro que deixará atrás de si, certamente, detractores ruins, invejas mesquinhas. Entretanto tentarão, talvez, excitá-lo, de qualquer maneira, a ver se você põe o pé na casca de laranja, a ver se dá o flanco por onde o ataquem eficazmente. Seja esperto, mais sabido que eles. Traga-mos debaixo de olho mas finja que nem os vê. É o mais cómodo e o mais seguro para si. Eles conhecem-lhe o feitio e decerto não deixarão de o provocar, para que você se desmanche, se coloque mal, do ponto de vista disciplinar. Só lhe digo isto: aprenda com eles a ser espertalhão, do contrário, ferram-lhe a partida. Cautela. Você vai singrando bem. Não precisa de armar em tolo, em susceptível, em criancinha irritável. Se armar banzé, seja de que jeito for, olhe que eles cascam-lhe; dar-lhe-ão, ao menos, muito incómodo e muito que fazer. Você está como eu desejaria estar. Não tive tal sorte. Até há pouco, trabalhei sempre sózinho, isolado, sem auxílio de quem quer que fosse. Muito elogio, muita palavra bonita mas, passe de largo... O único porto em que eu me podia ter refugiado era o grupo do Porto, junto de M. Correia. Dispunha-me a fazê-lo, em começos de 1933, quando me atiraram para o Algarve e em condições de não poder cuidar de mais nada senão de Professores e escolas. Só agora, após quase trinta anos de actividade, pude chegar-me aos bons e verdadeiros amigos e comecei a ser auxiliado. Antes disso, os que mais próximo de mim andaram, o único cuidado que tiveram a meu respeito foi manterem-me convenientemente afastado. Presentemente,

---

<sup>(131)</sup> É a obra monumental “*Esculturas Romanas de España y Portugal*” de António García y Bellido, editada em dois volumes pelo Consejo Superior de Investigaciones Científicas de Madrid (GARCÍA Y BELLIDO, 1949). Conclui-se desta e doutras afirmações que Abel Viana mantinha permanente actualização bibliográfica, aliás evidenciada pelas citações dos seus trabalhos, designadamente no respeitante à produção arqueológica espanhola, não se furtando a despesas, pagas parcial ou totalmente, do seu bolso.

<sup>(132)</sup> Refere-se à transferência de O. da Veiga Ferreira da sede da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos para os Serviços Geológicos de Portugal (ver nota 70).

tenho tido amigos, e os restantes cavalheiros, que já se cansaram, que já se fartaram, já me não molestam, porque eles colheram já os gloriosos loiros de notáveis arqueólogos... de ca-ca-ra-cá<sup>133</sup>.

Nem conseguiram atingir a estatura que deviam, nem consentiram que outros, como eu, viessem a aprender um bocadinho. Olhe que em Espanha há algumas rivalidades, é certo, mas nenhum dos grupos faz caixinha, nenhum afugenta os novos, antes os criam e desenvolvem activamente. Em Espanha, neste papel de protectores e criadores de actividades, há vários Mendes Corrêas. Em Portugal temos só um, e já é uma sorte! Não esqueço o Dr. Zby, nem a belíssima acção do Instituto para a Alta Cultura. Fora disso são quase todos helenos mais ou menos disfarçados. Tinha falado ao França para que este recomendasse, da minha parte, ao Dr. M. C., o Dr. João Manuel Bairrão Oleiro, para a Sociedade Portuguesa de Antropologia. Peça-lhe fale nisto ao Dr. M. C. Suponho que o França já não teve tempo de falar nisto, pois foi muito à última hora. Tome nota: João Manuel d'Oliveira Bairrão Oleiro, Licenciado em Ciências Históricas e Filosóficas, Bolseiro do I. A. C. em Madrid, especializado na Época romana<sup>134</sup>. Um abraço.

Veja lá esse nosso trabalho grande das Caldas de Monchique<sup>135</sup>. Ainda não será publicado este ano? E ainda há quem aponte, para nos apoucar, que só temos publicado folhetos, coisinhas de nada!

P.S. Já sabe que faleceu o irmão do Cláudio<sup>136</sup>? Sabe também que casa hoje a Maria do Carmo, filha mais velha do Lyster Franco<sup>137</sup>?

Cumprimentos a sua Esposa. Dê notícias minhas ao Dr. Zby. O mesmo ao Dr. M. Corrêa.

**Abel Viana**

**Documento nº 32 – Carta dactilografada em folha branca, com carimbo do “Arquivo de Beja”, datada. Beja, 26/9/950**

Meu caro:

Recebi a sua carta de 21. Já estranhava o seu silêncio.

Cheguei a pensar que tinha ido com a família retemperar o corpo e o espírito em qualquer praia ou sítio campestre.

---

<sup>(133)</sup> *Este conjunto de conselhos confirmam a amizade filial que Abel Viana sentia por O. da Veiga Ferreira, reconhecendo-lhe os méritos, mas também franqueza do seu carácter, propício a prejudicá-lo nas suas relações de trabalho com colegas e superiores (ver nota 89). São, por outro lado, o espelho das dificuldades sentidas por Abel Viana na sua afirmação como arqueólogo, constituindo deste modo um precioso depoimento pessoal, feito na primeira pessoa.*

<sup>(134)</sup> *Este último ponto desta extensa missiva mostra que Abel Viana se encontrava perfeitamente ciente do valor dos poucos jovens que, então, despontavam para a Arqueologia, do mesmo modo que era crítico face aos que então, a dominavam. O seu apreço pelo Dr. J. M. Bairrão Oleiro vem confirmar anteriores declarações a seu respeito (ver nota 112).*

<sup>(135)</sup> *Ver nota 2.*

<sup>(136)</sup> *Ver nota 17.*

<sup>(137)</sup> *Dr. Mário Lyster Franco, investigador da história e arqueologia algarvia, director do Correio do Sul (ver nota 59).*

Afinal, o menino, muito egoisticamente, andava a laurear sozinho nos vergeis, minhotos, talvez a meter-se no verdasco e quejandos saborosos desmandos... Isso é feio. Muito mais feio, porém, é eu não ter ido também até lá acima. O trabalho do “Arquivo” e a comunicação sobre as coisas de Elvas não mo consentiram<sup>138</sup>. As minhas extravagâncias de verão, este ano, resumiram-se numa ida à feira de Moura e outra à feira de Cuba, assistindo nesta a menos de meia tourada à vara larga, espectáculo que eu nunca presenciara. Tirei 24 fotografias durante os dois primeiros toiros. Depois, farto de ver pobres diabos atirados às nuvens, ou a fazerem de ventoinha nos cornos do bicho, abandonei o poiso. Enquanto me dominou o ardor fotográfico, todo o meu cuidado esteve em surpreender os momentos mais trágicos ou picarescos da lide. Mas depois, estar ali, friamente, a deleitar-me com tanta pancadaria, tanto tipo a sair em braços e aos berros pela mãe... Raios os partam! Fora isto, passei todo o tempo aqui amarrado à banca, a ler, a reler e a escrever. Ao mesmo tempo que preparava o trabalho de Elvas, fui colhendo elementos para o estudo comparativo de alguns dos objectos de Lagos, assim como para a cacaria a publicar com o Dr. Zby. (Monge e Oeiras)<sup>139</sup>. Concluí ontem o trabalho de Elvas. Terei de lá ir por estes dias, por causa dos achados da Idade do Bronze. Por sugestão minha e concordância da “Fundação da Casa de Bragança”, o Dias de Deus conseguiu adquirir em Coimbra, à viúva do seu antigo companheiro de explorações, os valiosos espólios achados quase todos em antas do Alto Alentejo. Vamos, agora, fazer o rol descritivo desses objectos, antes deles serem entregues à Fundação<sup>140</sup>. Parece-me que é assim que de facto se “salva” o património arqueológico nacional, ou a sua validade científica. Vamos à sua carta. O artigo do capacete – Julgo ter sido bom não o quererem na tal Revista. Esta deve ter um público muito circunscrito e, como é natural, mais interessado nas especialidades da profissão que em outras. O artigo ficaria ali sepultado sob a técnica das estradas ou lá o que é. Mostre-o, pois, ao Dr. Zby, ou ao Dr. M. Correia. E porque não o apresentaremos ao Luso – Espanhol?<sup>141</sup> Vá ao Inst. para a Alta Cultura, onde funciona a Secretaria do Congresso, e inscreva-o Trate de regularizar essa coisa. Estou persuadido de que não o rejeitarão. Em todo o caso, fale primeiro com o Dr. M. Correia ou com o Zby. E siga o caminho que eles aconselharem. Talvez tenhamos mais a ganhar que a perder com a rejeição. Ô Veiga Ferreira, você tem de refrear um pouco essa freima de querer arqueologizar toda a Direcção Geral de Minas! Cá me parece que o

---

<sup>(138)</sup> Ver nota 88.

<sup>(139)</sup> Ver nota 124.

<sup>(140)</sup> Além das numerosas publicações relativas às necrópoles de incineração da II Idade do Ferro da região elvense, a que se somaram os estudos preliminares sobre diversas estações do Período Romano da mesma região, Abel Viana e A. Dias de Deus publicaram importantes estudos sobre o megalitismo regional (VIANA, 1950; VIANA & DEUS, 1952; DEUS & VIANA, 1953; VIANA & DEUS, 1955/1957; VIANA & DEUS, 1957). O último dos artigos citados, refere-se precisamente aos materiais da secção arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa, gerido pela “Fundação da Casa de Bragança”.

<sup>(141)</sup> Ver nota 120. Pelo que se pode concluir, o artigo terá sido primeiramente submetido para publicação na “Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores”, que não o terá aceite: depois deste episódio, O. da Veiga Ferreira apenas publicou um último artigo de índole arqueológica na referida publicação, em 1955, contrastando com a colaboração frequente dos anos anteriores. Tal não obstou a que mantivesse, até ao fim, excelente amizade do responsável pela parte editorial da Revista, o Eng. Bueno, também referido nesta Correspondência.. O referido trabalho veio, de facto, a ser apresentado ao XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, tendo sido publicado nas respectivas Actas.

único arqueologizável seria o Acciaiuoli, mas só em arqueologia aquática, aquosa, aguada, termo-líquida, ou coisa assim parecida. Com esse, porém, não se entende você, por ter mais preferência pela arqueologia sólida, desta que se cava à enxada e tem coelhos bravos ao lado... Desista, pois, de tal intento. Se persiste, vai para o martiriológico, pela certa! Você já lhes deve cheirar a ossada romana, defunto visigótico, sei lá! Tenha cuidado. São capazes de lhe arranjar um funeral... Inscrição no Congresso – O título do nosso trabalho é: “Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique – Investigações de 1948 e 1949”. Sabe que eu embirro com títulos compridos. Título complicado, monumental, é sinal de escrito que não presta, de autor vaidoso e burro<sup>142</sup>.

Ida ao Minho – Parabéns. Foi pena não ter encontrado o Rosa de Araújo<sup>143</sup>. Ele devia estar em casa, em Santa Marta, mas logo no começo da freguesia, coisa de meia hora de caminho – por sinal muito lindo. E ele, decerto, cascava-lhe logo nos queixos com um naco de bom presunto, para começar... Mas, pelo visto, você andou por ali em velocidade excessiva. Assim não presta. O Minho quer-se saboreado pausadamente, em êxtase bucólico. Nem o vinho verde se pode beber com a pressa com que se bebe água. Inexperiência!

Quanto aos amavios de Guimarães, muito me conta. Agradeço pela parte que me toca, mas toca um pouco a rachado. E soa desafinado porque eu ainda não aprendi latim. Verdade seja que em Maio, ao regressar de Espanha, vim encontrar em casa um folheto com dedicatória amabilíssima, vinda do vimaranense. Por coincidência, aguardava-me outra, com igual dose de amabilidade dedicante, do tal que me acusou de querer “comer tudo”. Vá lá que se contentou em chamar-me Sebastião, metaforicamente. Só falta um dos componentes do terceto – o rabequista de Belém<sup>144</sup>. Deve estar a estudar a partitura. Como sabe, os partos desse costumam ser difíceis. Esses cavalheiros têm um latim estupendo!

Moedas visigóticas<sup>145</sup> – Você está equivocado. Do Vives possuo o catálogo das moedas arábico-hispânicas. Do que lhe interessa, tenho “Las monedas visigodas del Museo Arqueológico Nacional”, por Felipe Mateu y Llopis. É um volume de 440 páginas, com muitos mapas e grande quantidade de desenhos e estampas, editado pelo Museu Arqueológico de Madrid. Parece-me indispensável a quem queira tratar do assunto. Veja se o encontra em Lisboa. Com a peseta preta, é barato. Veja também a coleção de “Ampúrias”, a do “Archivo Español de Arqueología” e a das “Memórias de los Museos Arqueológicos Provinciales”. Há lá muita coisa sobre moeda visigótica. Cá no Museu de Beja não há moedas visigóticas. Nem uma para amostra. De vez em quando aparecem algumas nos terrenos cá do distrito. Como são de ouro, custam caras e... a Junta de Província não as compra para o Museu. Formosinho – Não me manda nada, nem sequer tem respondido às minhas cartas e postais. É um chato. Estou desanimado. Só indo lá, mas é uma despesa grande e uma perda de tempo. Confesso não saber se é só preguiça ou se há também da parte dele o desejo de não publicarmos

---

<sup>(142)</sup> Ver bibliografia (VIANA, FERREIRA & FORMOSINHO, 1953).

<sup>(143)</sup> Trata-se de José Rosa de Araújo, investigador local e grande Amigo de Abel Viana, sobre o qual publicou dois textos in memoriam (ARAÚJO, 1963/1964; ARAÚJO, 1968).

<sup>(144)</sup> Trata-se, naturalmente, do Prof. Manuel Heleno, com quem Abel Viana definitivamente se desentendera após os desagráveis incidentes relatados anteriormente (ver notas 100, 104 e 105).

<sup>(145)</sup> Ver nota 59. O interesse de O. da Veiga Ferreira pela numismática parece não ter esmorecido após a publicação, em 1949, de nota sobre dois trientes visigóticos.

aquilo. Como sabe, ele está cheio de ideias abstrusas e, ao mesmo tempo, inferna-o o receio de que digamos asneiras. Aperte-o daí. Diga-lhe que eu já estou neurasténico, de tanto esperar. Diga-lhe qualquer coisa. Diga-lhe o que quiser, contanto que ele se despache. O trabalho de Monchique – Fiquei satisfeitíssimo com as boas esperanças que me dá de vermos em breve publicado esse nosso trabalho.

Será mais um enormíssimo favor que ficaremos devendo ao Dr. Mendes Correia. Sem o patrocínio dele o mais certo seria isso ir morrer num caixote do lixo. Nada que mais me custe que estar com tanto trabalho, a encher papel, sem finalidade de publicação. Estas coisas, quando demoram muito a aparecer, perdem a oportunidade. Calculará, pois, quanto fiquei contente pela boa notícia que me dá<sup>146</sup>.

Agora, conforme lhe disse, vou-me empregar a fundo na conclusão dos artigos com o Dr. Zby. Ele não respondeu à minha última carta, nem me manda dizer se posso ou não dispor o artigo dos “cadernos de campo”<sup>147</sup> conforme a cópia que lhe mandei. Veja se pode estar com ele e fale-lhe nisto. Diga-lhe que se pronuncie apenas quanto à disposição, e que não faça caso de alguns erros na distribuição dos lugares pelas respectivas províncias. Adquiri um bom mapa, devidamente actualizado, pelo qual me posso guiar em definitivo. De nada posso tratar, porém, sem ele me dizer se concorda ou não. Certamente ele não tem estado em Lisboa, ou andar ocupado, esquecendo-se de mim. Trate-me disto. Não se esqueça. Estou à espera da tal fotografia que ficou de me mandar (isto agora é consigo). Relativamente à minha saúde, isto vai andando menos mal. Oxalá, se não puder ser melhor, eu me conservasse sempre assim. Para o Congresso aí me tem<sup>148</sup>. Devo mesmo ir para aí dias antes, pois aproveitarei em fazer outras coisas nos Serviços Geológicos. Uma delas será acabar de identificar os exemplares fotografados, do paleolítico dos arredores de Beja<sup>149</sup> e, seguidamente, identificar também os relativos ao Guadiana. Quase que só falta isso e, por tão pouco, mais vale deixar logo tudo completo, embora seja tarefa que eu possa fazer sem a assistência do Dr. Zby. Entretanto, continuarei trabalhando cá, e darei uma saltada a Elvas, enquanto o tempo corre razoável. Suporto muito melhor o tempo invernososo em Lisboa que em Elvas. Não sei se acerto em deprender da sua carta que você está sem notícias do França. Eu não tenho nenhuma, nem directa nem indirecta. Já lhe pedi a si o favor de me mandar dizer alguma coisa, logo que a tenha. É natural que ele tenha muitas ocupações, entre elas talvez uns estudos comparativos entre os grandes ús (“sic”) das pretas – estudo considerável, em peso e colorido. Se anda por lá a organizar qualquer sociedade espeleológica<sup>150</sup>, estamos bem arranjados, nunca mais o veremos à superfície da terra. Ainda estou sem saber se ele levou ou não a família. Por hoje, basta de paleio.

Não perca de vista o nosso trabalho de Monchique. O Dr. M. Corrêa tem imenso que fazer. Não pode lembrar-se de tudo. Ainda ante-ontem o ouvi pela rádio, a improvisar com uma facilidade extraordinária, que lhe é muito própria, uma despedida aos caçadores que foram a Angola, largando-lhes um a propósito gracejo,

---

<sup>(146)</sup> Ver nota 2.

<sup>(147)</sup> Trata-se de um projectado estudo em colaboração com G. Zbyszewski, já anteriormente referido, sobre os cadernos de campo de Carlos Ribeiro, o qual não se concretizou (ver nota 121).

<sup>(148)</sup> Trata-se do XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Lisboa, 1950).

<sup>(149)</sup> Ver nota 117.

<sup>(150)</sup> J. Camarate França era espeleólogo e pertencia à Sociedade Portuguesa de Espeleologia.

logo atenuado com elegante amabilidade. O que não acredito é que a Marquesa e as filhas<sup>151</sup> tenham ido para matar leoas também. Estarão com ideias de empreender qualquer exploração agrícola em África? Não se esqueça de escrever ao Formosinho. Não se esqueça de falar ao Dr. Zby.

Cumprimentos a sua Ex.ma Esposa, ao Dr. M. Corrêa e ao Dr. Zby. Para si um abraço.

**Abel Viana**

**Documento nº 33 – Carta dactilografada em folha branca, do tamanho dum bilhete postal, datada. Beja, 8/10/1950**

Meu caro: No regresso de Vila Fernando, Vila Viçosa e Évora, encontro a sua carta de 4 do corrente. Fico ciente de tudo. Vou dedicar a tarde de hoje à reprodução fotográfica das moedas que vem no Vives. Vamos a ver se me saio satisfatoriamente. Foi bom meter o capacete no Congresso. Com respeito às lápides com letras indígenas, no museu de Beja há somente uma, que está fotografada e desenhada no Arquivo de Beja. Também lá vem a reprodução das que Cenáculo diz ter achado no Baixo Alentejo, as quais se perderam. Você tem a colecção. Folheie-a de cabo a rabo e lá encontrará tudo. (Posso levar-lhe as fotografias, ou as provas das gravuras, de tudo isto). Em Faro há uma grande, do Ameixial, publicada por Leite de Vasconcellos na Revista de Arqueologia (dirigida pelo Cordeiro de Sousa).

Tem mais uns fragmentos que eu publiquei com o Lyster Franco (Vid. “O espólio arqueológico de José Rosa Madeira”<sup>152</sup> – folheto que você tem). Disse-me o Heleno que estes bocaditos fazem parte de outras lápides que o Rosa Madeira lhe deu para o Etnológico. Acho possível, mas o Heleno limita-se a espreitar o ensejo de levar os tais bocados, em vez de publicar as lápides que diz ter, e que se completam com estes bocaditos. Finalmente, conheço o que está em Lagos. Como vê, está tudo ao seu alcance<sup>153</sup>. Cá estou para Sintra, Tomar, e o mais que for preciso. Tenciono seguir para aí no dia 15 do corrente, caso não faça mau tempo. O que você me não disse foi o que entende o Dr. Zby acerca do trabalho dos apontamentos do C. Ribeiro... Esqueceu-se?

Fale com ele e mande-me dizer qualquer coisa. Queria levar isto pronto<sup>154</sup>. Recebi carta do Formosinho. Só me manda informes a respeito do capacete, que nada adiantam. Piou tarde. Quanto ao mais... Diz que está com uma preguiça invencível, para tudo. Desconfia que é velhice, ou doença...

Estou a ver que terei de lá ir. Na minha companhia fica bem disposto para o trabalho. Saiba que comprou um automóvel. O nosso Formosinho de automóvel! Está a ver, por cima da preguiça, uma automobilite aguda!

---

<sup>(151)</sup> *Trata-se da Marquesa de Cadaval, D. Olga di Robillant Álvares Pereira de Mello, proprietária dos terrenos onde se encontram os concheiros do vale da ribeira de Muge.*

<sup>(152)</sup> *Ver Bibliografia (VIANA & FRANCO, 1945).*

<sup>(153)</sup> *Trata-se, aparentemente, de elementos que O. da Veiga Ferreira pretendia reunir para um estudo sobre a escrita do Sudoeste que, no entanto, jamais publicou.*

<sup>(154)</sup> *Ver notas 121 e 147.*

O seu trabalho de Évora está a compor<sup>155</sup>. Assim mo disseram lá. Eu estive a pique de ir visitar a herdade do Eng.º Portas, mas deixei isso para mais tarde, pois não queria deixar o Dr. A. Luis Gomes<sup>156</sup>, com quem me encontrei em Vila Viçosa. Aí em Lisboa lhe contarei outras coisas. Diga-me o que ordena o Dr. Zby a respeito dos “Apontamentos”. Mas sem demora.

Envio-lhe estes dois retratos tirados pela minha máquina. Eu foquei e minha mulher disparou. É em fralda de camisa e com 30 graus à sombra que eu trabalho parte do ano. Junte lá isso ao seu documentário<sup>157</sup>. Um abraço.

Abel Viana

**Documento nº 34 – carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 12/11/1950*

Meu caro Veiga Ferreira:

Você mandou-me dizer que só voltava a Lisboa a 14, por isso, esta vai a tempo.

Desde que regresssei daí não tenho feito outra coisa, desde as 8 da manhã à meia noite, senão tratar do “Arquivo de Beja”, que a tipografia resolveu, finalmente, meter ao prelo, após cinco meses de estagnação, e pôr em ordem o paleolítico dos arredores de Beja e do Guadiana, trabalhos que se arrastam há três anos e que eu quero entregar ao Dr. Zby quanto antes. Têm sido horas e horas a fio amarrado à máquina de escrever. Apenas tenho tirado uma horas para tratar da minha correspondência, que anda atrasadíssima. Entretanto, escrevi ao Dr. M. Corrêa, a dar-lhe as minhas impressões acerca do Congresso<sup>158</sup>, e a pedir-lhe protecção para os nossos trabalhos. Claro que em carta não pude ser minucioso.

Mesmo assim a carta saiu-me grande de mais. Creio que você lhe terá contado como as coisas se passaram. Ele fez imensa falta. Também escrevi ao Formosinho. Vamos a ver se ele agora se resolve. Passemos à sua última carta:

---

<sup>(155)</sup> Trata-se de artigo dedicado à arqueologia de Estremoz e de Vila Viçosa, publicado na revista “A Cidade de Évora” (FERREIRA, 1950).

<sup>(156)</sup> Presidente do Conselho Administrativo da “Fundação da Casa de Bragança”. A Fundação era uma grande proprietária na região de Elvas, pertencendo-lhe boa parte dos terrenos onde A. Dias de Deus encontrou as estações que publicou, conjuntamente com Abel Viana. Tais espólios foram, depois, repartidos entre o Museu de Elvas e o Museu de arqueologia que, por iniciativa da Fundação, se organizou e montou, primeiro no Paço Ducal, depois no Castelo, tomando então a designação de Museu Arqueológico de Vila Viçosa.

<sup>(157)</sup> Trata-se de fotografia de Abel Viana, datada de Setembro de 1950 com a seguinte dedicatória autógrafa, escrita no verso: “Ao Querido Amigo, Octávio da Veiga Ferreira. Pianando os nossos relatórios, com 30º à sombra. Beja, setembro de 1950”.

<sup>(158)</sup> Ver nota 148.

Iº – Vaso de Monchique. Tenha paciência mas... nada de pressas. O vaso é curioso mas só por si não vale um momento... Deixe-me respirar um pouco e arranjar tempo para dar uma sossegada volta a esta livralhada toda. Não terá graça nenhuma fazer isto de afogadilho e, depois, descobrir coisas que escaparam à busca. Tempo ao tempo, portanto, que não falta que fazer e há coisas muito mais importantes a tratar primeiro. Descanse, que o vaso não nos foge.

IIº – Moedas do Vives<sup>159</sup>. Junto lhe mando as quatro fotografias que tirei, à experiência. Como saíram satisfatórias, vou tirar as duas que faltam. Mando-lhe também as respectivas películas para você mandar ampliar. Creio que ampliadas no triplo ficam em condições de você ver bem o que são as fotogravuras do Vives. Nas costas de cada prova vão as indicações. Algumas não interessam ao seu caso; as que lhe devem aproveitar são as de EBORA, PAX IULIA, DIPO e OSSONOBIA. Falta tirar as de SALACIA, SIRPENS; MYRTILIS e BAESURIS. Veja se estas lhe servem, a fim de, caso afirmativo, tirar as outras. Copiar-lhe-ei, também, o texto relativo a estas moedas. Vou também procurar uma fotografia que tenho dos exemplares do Museu de Beja. Quanto a Vives creio, portanto, que está semi-servido. Realmente estou bem servido com os parceiros que arranjei... Um anda menos que um caracol e é o cabo dos trabalhos para o levar a fazer alguma coisa; o outro dispara a cem à hora, e é o cabo dos trabalhos para lhe meter os travões... Nunca se deixe adormecer, mas é preciso também não se precipitar.

III – Elementos sobre o Minho. Remeti-lhe, há dias, registado, dois volumes do “Anuário do Distrito de Viana”, obrázita de que eu fui um dos directores, com o máximo de trabalho e sem qualquer lucro (pois este foi para os outros dois, ao tempo mais atrapalhados financeiramente que eu). Como verá, tem artigos de valor, entre os quais um do nosso Dr. M. Corrêa. Eu tinha aqui três exemplares.

Julgava que já tinha dado um a si. O outro exemplar é para me fazer o favor de entregar nos Serviços Geológicos, para a Biblioteca. Entregá-lo-á ao Sr. D. António. Não se esqueça. E tenha muita cautela com a capinha, que é linda e muito frágil. Nesse livro encontrará o que pretende. Lá está o tal mapa arqueológico. No texto vai resumido o que ao tempo eu sabia a tal respeito<sup>160</sup>. Depois disso, o José Rosa de Araújo localizou mais coisas<sup>161</sup>. Vou ver se consigo obter-lhe mais qualquer coisa. Mas olhe que já tem aí bem com que se entreter.

Quanto ao Distrito de Braga, há uma carta arqueológica, creio que do Mário Cardoso, na “Homenagem a Martins Sarmento” (?). Não é aí, mas sim na “Correspondência entre Hübner e M. Sarmento”. Também no Vol. Iº das Comunicações do Congresso do Mundo Português há um mapa proto-histórico do concelho de Guimarães, trabalho do Dr. Luís de Pina – coisa séria, portanto. Tudo isto lhes deve aproveitar. Acerca de minas no Vale do Lima, veja se entra em contacto com Roberto Pinto de Gouveia, São Lourenço da Montaria (Serra de Arga) – Viana do Castelo. É ele que dirige a exploração da mina de estanho de São Lourenço da

---

<sup>(159)</sup> Ver nota 145. No caso, trata-se de moedas hispano-romanas cunhadas em território hoje português. O trabalho sobre tais moedas só viria a ser publicado muitos anos volvidos (FERREIRA & FERREIRA, 1973).

<sup>(160)</sup> Abel Viana foi Director do “Anuário do Distrito de Viana do castelo”, em 1932, com Manuel Couto Viana e Alberto Meira. Refere-se ao artigo “Carta pré- e proto-histórica do Distrito de Viana do Castelo” (VIANA, 1932).

<sup>(161)</sup> Ver nota 143.

Montaria. Ele deve poder-lhes dar informações úteis. É rapaz novo, excelente pessoa, desempoeirado. Vale a pena conhecê-lo e naturalmente se passa a estimá-lo. Ele vive mesmo na Serra. Tem carro. Vive em uma casa onde eu gostaria de passar um bom pedaço da vida. Escreva-lhe.

IV – Planta das manchas mineiras. Trate de acabar isso, e o mais que julgar conveniente, e de me mandar para cá logo que possa. Isso é mais importante que o penico, digo, que o vaso de Monchique, por isso deve ter precedência. Saiba que hoje mesmo remeto para Madrid a minha inscrição, e a de você, no IIº Congresso Nacional de Arqueologia<sup>162</sup>. Realiza-se na próxima primavera. Deve ser no mês de Abril. Prepare-se para ir também! Veja se amealha umas centenas de escudos, que lhe devem chegar. Indo comigo, eu lhe direi como estar muito bem em Madrid sem grande dispêndio. Além das sessões de estudo, que são lições admiráveis (comparado com estes congressos, o Luso – Espanhol é uma miséria), há excursões a Numância, Termância, Duraton, etc.. Você precisa de conhecer coisas destas. A inscrição é apenas de 25 pesetas (13 ou 14 escudos!). Pois é para tal lugar que nós devemos preparar o assunto da Idade do Cobre. Ali mesmo. Deixe que eu terei a diplomacia necessária para que o trabalho seja bem recebido<sup>163</sup>. Com o Dias de Deus apresentarei um estudo sobre a cultura megalítica na região de Elvas. Você bem sabe do magnífico material que temos a tal respeito. E não é só o que lhe mostrei. Há muito mais<sup>164</sup>. Por enquanto, sobre o nosso trabalho (Idade do Cobre), apenas tenho pensado. Só depois desta gestação puramente mental me resolverei a ler e a redigir. Antes de Abril estará pronto e irá às suas mãos, para os devidos efeitos. Descanse, pois.

V – Pontas de seta e outros objectos de cobre. Desenhe quanto possa, e o mais fielmente possível. Copie do Leisner. Eu copiei alguma coisa, mas relativamente pouco, e não foi uma reprodução rigorosa. Apenas uns rabiscos para me orientar. Faça agora coisa fiel.

Veja lá como se escreve “cobre” em alemão, e faça uma estatística de todo o cobre citado pelo Leisner. É capaz disso? Creio piamente que sim.

E nada mais tenho, creio eu, que dizer relativamente à sua última carta. Tome bem nota deste programa. Deixe-me, entretanto, adiantar estas coisas que estou fazendo com o Dr. Zby. Dentro de um mês terei tudo pronto. Depois me virarei absolutamente para as nossas, embora eu vá, desde já, fixando alguns tópicos.

Como sabe, estou às ordens do Dr. Zby. Logo que ele me mande avançar para Lisboa, seguirei para aí. Mas não quero ir com as mãos a abanar. Tenho de trabalhar imenso para dar cumprimento a tudo isto. É necessário acabar com o paleolítico alentejano, para poder começar a tratar do minhoto.

Não esqueça entregar ao Sr. D. António de Castelo Branco o exemplar do “Anuário de Viana do Castelo”.

Mande-me dizer se sempre mandou ao Heleno as separatas do bronze das Caldas. Se você não mandou, mando eu. Mas diga-me primeiro se sim ou não<sup>165</sup>.

---

<sup>(162)</sup> Realizado em Madrid, em 1951, cujas actas se publicaram no ano seguinte.

<sup>(163)</sup> Abel Viana e O. da Veiga Ferreira vieram efectivamente a apresentar ao IV Congresso Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas, reunido em Madrid em 1954 importante trabalho sobre tal assunto (FERREIRA & VIANA, 1956).

<sup>(164)</sup> Ver bibliografia (VIANA & DEUS, 1952).

<sup>(165)</sup> Na carta de 1 de Junho de 1950 (Documento nº 30) não consta o nome do Prof. Manuel Heleno, mas sim o do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnologia: seria, pois à instituição e não ao seu Presidente que as separatas eram oferecidas, o que se compreende dadas as relações difíceis existentes entre aquela e Abel Viana.

E basta de conversa, por hoje. Parece-me que não me esquece nada. Dê notícias minhas ao Dr. Mendes Corrêa, D. António<sup>166</sup>, Zby e C. Teixeira<sup>167</sup>. Cumprimentos a sua Esposa. Beijos à minha “sobrinha” e também à que não é minha sobrinha. Para si um abraço.

Abel Viana

P.S. Aproveite do Leisner o mais que puder<sup>168</sup>.

### **Documento nº 35 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 1/3/1951*

Meu Exm<sup>o</sup>. Amigo:

Os meus cumprimentos.

Recebi, há uns quinze dias, um ofício do Secretário da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, a perguntar-me se eu, para publicação, entregara a qualquer revista os trabalhos que apresentei ao XX Congresso Luso – Espanhol<sup>169</sup>. Respondi que não. Disse, mais, que tanto o trabalho de colaboração com o Dias de Deus como os dois de colaboração com Formosinho e Veiga Ferreira desejava eu fossem publicados no volume das Memórias do Congresso.

Como, certamente, o meu Exec.<sup>mo</sup> Amigo será consultado a respeito das publicações do Congresso, venho prevenir da pergunta que me fizeram e da resposta que dei, rogando-lhe nos patrocine a publicação dos três trabalhos.

Já mandei para a “Brotéria” o artigo sobre a exploração da necrópole romana do Bairro Letes, em Faro<sup>170</sup>. Peço se não esqueça do pequeno subsídio que o Director da Revista indicou, para ajuda das gravuras.

Isto é só pedir... pedir... pedir... Queira perdoar.

De Madrid avisam-me estar marcado para 28, 29 e 30 deste mês o II Congresso Nacional de Arqueologia. Tenciono lá ir, principalmente pela visita a Numância, Termância e outras estações. Vou começar hoje a redigir os trabalhos que desejo lá apresentar, de sociedade com os colaboradores do costume<sup>171</sup>.

---

<sup>(166)</sup> Eng. António de Castello-Branco, Director dos Serviços Geológicos de Portugal, que sucedeu na chefia destes ao Eng. António Vianna, falecido em 1949.

<sup>(167)</sup> Doutor Carlos Teixeira, Professor de Geologia, Estratigrafia e Paleontologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e antigo discípulo do Prof. A. A. Mendes Corrêa. No início da sua carreira, dedicou-se intensamente à Arqueologia, tendo publicado numerosos trabalhos de mérito; manteve até ao fim da vida (f. 1982) manter cordiais relações com os arqueólogos portugueses da sua geração.

<sup>(168)</sup> Refere-se à monumental obra de G. Leisner e V. Leisner, “Dir Megalithgräber der Iberischen Halbinsel – der Süden”, publicada pela casa editora Walter de Gruyter, de Berlim, em 1943.

<sup>(169)</sup> Trata-se, não do XX Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, mas sim do XIII, ao qual Abel Viana e O. da Veiga Ferreira apresentaram diversos trabalhos, que foram publicados nas respectivas Actas (FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1953; VIANA, FERREIRA & FORMOSINHO, 1953).

<sup>(170)</sup> Ver Bibliografia (VIANA, 1951).

<sup>(171)</sup> Esta passagem é significativa do modo de preparação dos artigos a que Abel Viana, generosamente, associava os nomes de companheiros de trabalho, apesar de quase todo o esforço ter sido seu, na maioria dos casos.

Recebi ontem os dois tomos do Vol. XII do “Boletín Bibliográfico de Antropología Americana”, relativo a 1949 e publicado em 1950.

O meu Exc.<sup>mo</sup> Amigo com certeza já os recebeu. No entanto, direi: a págs. 304 do Tomo I, vem uma referência aos “Trabalhos de Antropología e Etnología”; a págs. 247 do Tomo II, está uma recensão de “La posición sistemática de los Amerindios”.

Neste mesmo Tomo vejo que Gimpera não se conforma com as teses revolucionárias de Santa-Olalla.

Este enviou-me, há dias, o riquíssimo volume – “Acta Arqueologica Hispanica – V” (Chamartin de la Sierra – Avila). Bela homenagem à memória de Cabré!<sup>172</sup>

Por hoje não o maço mais.

Mande as suas ordens ao muito grato e dedicado

**Abel Viana**

### **Documento nº 36 – Carta manuscrita em folha branca, datada.**

*Beja, 8/3/951*

Meu caro:

Faça-me o favor de classificar esse molusco que dá essas conchinhas brancas em forma de presunto: (desenho). Aí na Sala de Arqueologia<sup>173</sup>, no mostrador da fila da esquerda, para quem entra, se me não engano no 5º mostrador, onde estão coisas de vários sítios (Monte Abraão, S. Geus, Porto Covo, etc.), há objectos do “Dólmen de Vila Fernando”. Entre esses objectos, estão algumas conchinhas destas. De modo que, além da fotografia, você tem aí o objecto próprio.

Mande-me isto na volta do correio, se lhe for possível.

Cumprimentos para todos.

Sempre vai a Espanha<sup>174</sup>?

Continuo aguardando a sua decisão.

Cumprimentos para todos.

Um abraço.

**A. Viana**

---

<sup>(172)</sup> Trata-se da obra monumental “El castro y la necropolis del Hierro Celtico de Chamartin de la Sierra (Avila), publicada em 1950 pela Comisaria General de Excavaciones Arqueológicas, de Espanha, dirigida pelo Prof. J. M. Santa-Olalla, na qual Juan Cabré Aguiló figura, a título póstumo, como primeiro autor. O facto do Prof. J. M. Santa-Olalla ter enviado esta importante obra a Abel Viana mostra o respeito que este lhe merecia, apesar da má impressão que Abel Viana dele reteve em encontro anterior (ver nota 114).

<sup>(173)</sup> Referia-se à Sala de Arqueologia do Museu do Instituto Geológico e Mineiro.

<sup>(174)</sup> Trata-se da participação já antes referida, no II Congreso Arqueológico Nacional, reunido em Madrid nesse mesmo ano de 1951.

**Documento nº 37** – Carta manuscrita em folha branca (em parágrafo grande), datada.  
*Beja, 4 de Junho de 1951*

Meu caro: Como passa? E os seus? E a gente dos Serviços? Eu vou andando, mas ainda bastante atrapalhado. No entanto, trabalha-se. Pedi-lhe, há dias que fizesse aqueles desenhos, agrupados conforme indiquei.

Hoje, segue mais esta maçada para si. Depois dos artigos em que tratamos dos objectos do Museu de Lagos – artigos que são três –<sup>175</sup>, vamos tratar do conjunto da região de Lagos. Para isso, precisaremos de uma pequena carta, em termos que vou expor: Faça-me, pela carta de 1/50.000, um extracto dos arredores de Lagos, desde a Figueira (extremo Oeste, na costa), até à Foz do Arade, um pouco para além de Ferragudo (extremo Leste, tal como na folha 29-C da carta do Estado Maior). Para Norte, faça um limite um pouco acima de Bensafrim e de Alcalar, afim de podermos assinalar os vários pontos destes sítios de onde temos achados arqueológicos.

Localize somente as sedes das freguesias, ou aldeias principais, os cursos de água, as estradas principais, o caminho de ferro, as falésias e as praias arenosas, algumas cotas no litoral e os pontos com marco geodésico no interior. Apenas isto.

Não carregue muito, porque precisamos de deixar espaço em branco para localizar todos os pontos que o Estácio da Veiga assinala nas duas Cartas Arqueológicas, isto é, na Pré-histórica, publicada nas “Ant. Mon.” Vol. I, e na Histórica, publicada no “Archeólogo Português”, vol. XV. Você mesmo poderá fazer essa localização. Mas ponha só o nome do sítio, e as letras B., F. R. (Bronze, Ferro, Romano). Nada daqueles sinais convencionais do Estácio, a fim de tornar a coisa menos confusa. Mas para já, preciso desse quadrado do que vai indicado a lápis, que é para o artigo acerca do Monte Molião<sup>176</sup>. Veja se me pode mandar este bocado dentro de uma semana, o mais tardar. E como vão as nossas coisas? O trabalho de Monchique? Publica-se ou não?

E as coisas de Tomar, fazem-se ou não se fazem?

Parece-me que você, absorvido pelo novo mundo em que entrou, já não faz caso do resto... Os três artigos estão quase prontos. Devo mandá-los ao Formosinho dentro de 10 ou 12 dias. Mas desta vez não os demorará, porque, se for preciso, vou a Lagos buscá-los! Cumprimentos para sua Esposa. Recomende-me ao Dr. Mendes Corrêa e ao Dr. Zby<sup>177</sup>.

Um abraço.

**A. Viana**

---

<sup>(175)</sup> Ver bibliografia (VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1952; VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1953 a; VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1953 b).

<sup>(176)</sup> Ver Bibliografia (VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1952). Efectivamente, no artigo citado, publica-se uma figura que corresponde a uma zona da carta antes pedida a qual, porém, não chegou a publicar-se em nenhum dos artigos dedicados ao estudo dos materiais do Museu Regional de Lagos (ver nota 175).

<sup>(177)</sup> Os frequentes pedidos de transmissão de cumprimentos ao Dr. A. A. Mendes Corrêa compreendem-se: no decurso da década de 1950, O. da Veiga Ferreira desempenhou as funções de secretário particular, encontrando-se regularmente com Mendes Corrêa na Sociedade de Geografia de Lisboa, a que este último presidia.

**Documento nº 38 – carta dactilografada em folha branca, com carimbo do “Arquivo de Beja”, datada.**

*Beja, 27/7/1951*

Meu caro:

Recebi a sua carta de ante-ontem e acabo de receber agora outra. Preparava-me para lhe responder, quando recebi a segunda carta. Não repare nos erros que esta vai ter, pois está um calor tremendo. São 11 horas da manhã e a coisa deve andar já à roda dos 30 graus. O pior é o vento que está a soprar de Leste. É o tal “Levante”, que põe a gente a pão e laranja. Assim custa imenso trabalhar. Anda-se atordoado, verdadeiramente doente. Vamos já ao caso de que trata na segunda carta. Quando preciso de ter dinheiro em Espanha, escrevo para uma casa comercial de Vila Real de Santo António, a dizer: Peço me mandem para Madrid... tantas pesetas. Lá da casa escrevem para Ayamonte, ou para Sevilha, e de lá remetem para Madrid um vale do correio no valor das pesetas que indiquei. Depois, de Vila Real, mandam-me dizer quanto tenho a pagar em dinheiro português – importância que daqui lhes remeto em vale do correio. O valor da peseta tem oscilado, nestes últimos seis anos, entre \$90 e \$55. É conforme a ocasião. Acresce mais uns 5 ou 6 escudos, do trabalho da remessa do vale espanhol. O processo é cómodo, mas algumas vezes é moroso, ou porque em Vila Real se esqueçam do pedido, ou por qualquer outra razão. Em Madrid tenho várias pessoas que me podem receber as pesetas, sendo necessário, porém, eu previamente avisar, porque eles recebem lá o vale expedido por um nome que não conhecem (assim como eu também fico sem conhecer). Portanto, mando dizer de cá: Se receber de tal ou tal parte um vale do correio na importância de X, esse vale é meu. E pronto. Actualmente quem me serve de “caixa” em Madrid é a secretária do Bellido, uma rapariga chamada Angústias Cazorla, sobrinha do Camps Cazorla, que o Dr. M. C. bem conhece. O tio, claro está. Neste momento sei que ela só conserva 30 das minhas ricas pesetas, e que estou lá devendo umas cento e tantas... Preciso, pois, por estes dias, de recorrer a Vila Real, a fim de reforçar os meus “fundos” no mercado externo... Ora, para o caso de que me fala, terei muito gosto em tratar das coisas, mas não aconselho este expediente, pela simples razão de que em Vila Real podem demorar, e as pesetas não estarem em Madrid na data precisa, que é relativamente próxima. Só por esta razão, que me parece muito ponderável. Ainda se eu estivesse próximo de Vila Real, para dar ali uma saltada, ou se tivesse lá pessoa de confiança para apressar o caso. Mas é longe e não tenho lá a pessoa necessária para tal diligência.

Mas, vamos pensar bem no caso de que se trata. A Senhora pode levar consigo, legalmente, 10.000 pesetas. Pois pode levar outras 10.000, ou 30.000 porque ninguém a incomodará. Às vezes, na fronteira, nem chegam a perguntar quanto levamos. Quando perguntam, se levamos as 10.000 ou menos, dizemos que levamos 3, 4, 5 mil ou quantas forem. E se levamos mais, dizemos que só levamos as 10.000. Nunca exigiram, a mim ou a qualquer outra pessoa, nas tantíssimas vezes que tenho passado a fronteira, em diversos pontos, que abrissemos as carteiras, ou mostrássemos os bolsos. Nem mesmo uma vez que, no momento em que o funcionário espanhol me perguntou quantas pesetas levava, em respondi muito lampeiro – trezentas! Ao que le advertiu: Mas o Sr. Sabe que não é permitido! E eu emendei: Eu não levo peseta alguma; supunha que me

perguntava quantas pesetas eu desejava adquirir aqui na fronteira. Riram-se da minha confusão, devida à pouca prática no castelhano. Mas o certo, a verdade, é que eu, além das tais 300 pesetas que disse querer comprar, a fim de coonestar a minha entrada em Espanha, levava na carteira 4.000 pesetas pretas... Isto foi no tempo em que se não podia levar nenhuma. Podia citar aqui outros factos corroborantes da desnecessidade de a Senhora colocar primeiro as pesetas em Espanha. Pode, e até é mais cómodo levá-las consigo. Põe 10.000 na carteira, outras 10.000 numa bolsa, etc.. Eles não espiolham essas coisas. Mesmo no tempo em que não era permitido levar peseta alguma eles bem sabiam que raro seria aquele que as não levasse. Ainda há pouco foram daqui, em excursão, várias pessoas, algumas das quais me vieram pedir informações a respeito disso e de outras coisas. Um casal sei eu que levou 50.000, isto é, 30.000 a mais que a conta legal. Ninguém os incomodou. Claro que a Senhora, se lho perguntarem, declarará que leva apenas as 10.000. E não liga mais ao caso. Nem faz confidências a quem quer que seja. Faz agora um ano que um Amigo meu, de Setúbal, o poeta e capitalista Leonardo Pereira, sofreu o seguinte incidente, só acontecível a quem anda na Lua, como costumam os poetas... Foi a Sevilha no carro dele, com a esposa. No regresso, ao chegar a Ficalho (isto é, a Rosal de la Frontera), perguntando-lhe o espanhol que dinheiro trazia, despejou a carteira diante dele, e pôs-se a contar. Claro que pelo papel dos câmbios se via quantas pesetas ele havia comprado em Espanha, e ele não tinha mais que responder – comprei o que aí está indicado, de modo que do dinheiro português sobraram-me X escudos (O que ele à entrada declarara que levava, menos o que estava indicado no papel dos câmbios). Eles contentam-se com esta simples resposta, e não pretendem verificar se de facto trazemos pesetas de retorno, ou se há qualquer falta de verdade nas nossas declarações. Ora, o bom do meu amigo Leonardo, pôs-se a contar e viu nada menos que o seguinte: cinco notas de mil pesetas e oito contos em moeda portuguesa, além do que ele havia declarado à entrada! Fora o guarda-livros dele que, à última hora, lhe metera mais este dinheiro na carteira, sem ele, Leonardo o saber, ou... ter-se-ia esquecido, se o guarda-livros lho disse. O funcionário espanhol era um principiante e atrapalhado com o caso, levantou o auto e, depois, consultou para Madrid. De lá observaram-lhe particularmente, que ele abrisse os olhos de mais... Mas foi tarde. O Leonardo, a Senhora e o automóvel ficaram detidos uns dias no Rosal, legalmente “presos”, mas tão presos que aproveitaram mais uns passeios por terras fronteiriças de Espanha, até o assunto ficar solucionado. Imagine que até vieram passear a Beja, vindo ele e a esposa a minha casa, mais o aduaneiro português em Ficalho e o tal aduaneiro espanhol que o “prende” e autuou, e fomos almoçar juntos. O bom do espanhol estava entupido, aborrecidíssimo. Conto isto só para salientar que não convém fazer-se mais do que nos mandam ou nos pedem. As senhoras, porém, têm nestas coisas mais senso que os homens. Se fosse a esposa do Leonardo quem levasse o dinheiro não iria espalhar as notas diante do alfandegário...

Não há que temer a “apalpadeira”. Os funcionários da fronteira são psicólogos. Quando submetem alguém à apalpação é porque sabem que a pessoa é contrabandista, ou têm denúncia sobre ela.

Tratando-se de uma senhora distinta, à simples vista, sem cara de comprometida, e sem arrogância, nem portuguesas nem espanhóis a molestam.

Para não fazer muito volume, convém levar notas de mil, ou de quinhentas pesetas. Eu não sei o tempo que a Esposa do Doutor lá demora. Se demora bastante tempo, pode levar as 10.000, e depois lá receberá o resto. Mas, repito, julgo completamente desnecessário fazer-se isto.

Agora, uma coisa: Tem o Doutor em Lisboa quem lhe venda as pesetas? Se não conhece aí quem lhas arranje, posso eu obter-lhas aqui, embora as tenha de lhas levar a Lisboa. Nem isso é preciso. Quem mas vender encarrega-se de as mandar entregar em casa do Doutor, sem despesa de maior. Se quiser que lhas compre, é favor avisar-me já na volta do correio, pois nem sempre o vendedor dispõe, aqui em Beja, de grandes quantidades, tendo de as mandar vir de alguma das vilas fronteiriças. Cá fico, pois, às ordens, para o que for preciso. Como sabe, o comércio de pesetas, sejam brancas ou pretas (elas são todas iguais!), está legalmente autorizado<sup>178</sup>.

Em devido tempo recebi os desenhos das coisas de Lagos, os quais ficaram excelentes. Também recebi o mapa. Tal e qual o que eu pretendia. O primeiro artigo que fiz com o material do Museu de Lagos trata em especial do Molião. Já mandei o trabalho para o Formosinho. Segundo ele, teve de virar tudo do avesso... Certo é que algumas coisas precisavam de ser corrigidas em pormenor, pois só ele deve saber bem o que por ele foi feito. O pior é que ele quer manter opiniões dele próprio, e as opiniões dele, como sabe, nem sempre são aceitáveis, por ter cristalizado no Déchelle<sup>179</sup> e no Estácio. Recebi hoje carta dele, na qual me diz que hoje mesmo deve mandar o artigo definitivamente dactilografado. Creio que desta vez não faltará ao prometido. Não sei se sabe que há pouco faleceu a sogra dele, que com ele vivia. Deve ter passado um bocado bastante desagradável. Depois, teve a eleição presidencial<sup>180</sup>. Como o V. F. sabe, ele é o Presidente da comissão concelhia da União Nacional. Mas agora já está livre de tudo. Eu é que ainda não tive tempo de concluir os dois restantes artigos<sup>181</sup>. Tenho tido muitas outras coisas a fazer e, além disso, por razões de saúde o meu rendimento de trabalho diminuiu imenso. De 14 ou 16 horas de trabalho intenso, por dia, desci para três ou quatro, e mesmo assim muito molemente. Já vou muitíssimo melhor. Agora, porém, é o calor. Meu caro, com mais de 30 à sombra é muito difícil manter energias físicas e intelectuais. Nem me atrevo a ir a Elvas, onde a minha presença seria conveniente. Só tenciono lá ir para Setembro, ou Outubro. O calor ali é também infernal.

Como me mandou dizer que estaria fora de Lisboa durante certo tempo, eis a razão porque ainda lhe não havia escrito. Pelo Vaultier<sup>182</sup> soube que o Dr. Zby ia até aos Açores. Você completou a informação. De modo que em Lisboa nada tenho, por enquanto, que fazer. Estive aí por duas vezes. A primeira foi na ocasião do tal cortejo dos Santos Populares. O Governador Civil encarregou-me de acompanhar a representação do Baixo Alentejo e vigiar os acontecimentos. Apanhámos o 3º prémio, entre 18 distritos. Nada mau. Fiquei desolado com a pobreza das manifestações folclóricas que andam por aí fazendo. Não são manifestações folclóricas, mas

---

<sup>(178)</sup> *Esta longa descrição das vicissitudes que condicionavam a obtenção de pesetas, em Portugal, bem como as limitações ao seu uso no país vizinho, é uma realidade que, vista à distância de 40 anos, se nos afigura caricata, mas que, à época, era ditada pelo forte proteccionismo económico vigente em Espanha.*

<sup>(179)</sup> *Refere-se ao "Manuel d'Archéologie préhistorique, celtique et gallo-romaine", de J. Déchelette, publicado em quatro tomos, entre 1908 e 1914 (Paris: Librairie Alphonse Picard et fils).*

<sup>(180)</sup> *Refere-se à eleição para Presidente da República.*

<sup>(181)</sup> *Ver nota 175.*

<sup>(182)</sup> *Maxime Vaultier, industrial francês e entusiasta da Arqueologia, autor de diversos trabalhos, em colaboração ou realizados individualmente de carácter arqueológico, com os mais activos arqueólogos portugueses da época.*

sim mistificações. Até a representação de Viana do Castelo se apresentou falsificada! Os organizadores, honra lhes seja, não se deixaram ir no embrulho. Estive aí dois dias, no fim do mês passado, portanto. Voltei a Beja e, dois dias depois, tornei a Lisboa. Foi na ante-véspera do encerramento da Feira das Indústrias, certame que eu desejava ver. Fui, também, ao Etnológico, ver as coisas da Idade do Ferro (Alcácer, Bensafrim, etc.), finalmente expostas... Lá contemplei, igualmente, os objectos da Chaminé, com o honestíssimo letreiro segundo o qual foram depositados (à força, ou por manha!), pelo Dias de Deus<sup>183</sup>.

Não passei, portanto, do salão de baixo, até uns 30 metros a contar da porta de entrada. Lá me encontrou o Luis Chaves, com quem conversei um bom pedaço. Aí estive outros dois dias, mas acompanhado de minha mulher, que desde a Exposição do Mundo Português não voltara a Lisboa. Dei com ela grandes voltas, a fim de lhe mostrar as mais salientes novidades da Capital: Exposição das Indústrias, Jerónimos (desde então transformados pelo Baltasar<sup>184</sup>), Aeroporto, Estádio, Viaduto Duarte Pacheco, Jardim Zoológico, cinema São Jorge (onde vi uma fita afitiva – “Trágico amanhecer”), Feira Popular, da qual minha mulher não fazia a mínima ideia; Arieiro, Alvalade; zona da rua da Palma e Praça da Figueira. Do Aeroporto, metemo-nos no autocarro, para lhe mostrar mais de perto o Bairro da Encarnação<sup>185</sup>. Foi nos primeiros dias deste mês. Você não devia achar-se então em Lisboa. O Zby também não, por isso não fui aos Serviços.

Estou preparando as coisas a fim de seguir para Viana no dia 8 de Agosto. Pela primeira vez vai comigo minha mulher. Vou-lhe pregar uma fartada de Minho. Há-de pisar os terraços do Minho, do Lima e, possivelmente, do Cávado, não falando nos da Costa marítima. Ela anda muito bem e gostará de me acompanhar naquelas caminhadas por sítios de uma beleza como ela ainda não viu. Estarei lá até aos fins de Agosto, a não ser que qualquer descoberta aconselhe a demorar-me mais alguns dias. Antes de seguir tornarei a escrever-lhe, evidentemente. Estou pensando no tal programa de realizações no Oeste algarvio. Logo que acabe de pensar, escrevo. E quanto a Tomar? Afinal você nada de concreto me manda dizer. Que foi lá, que cheirou isto, que cheirou aquilo...

Mas que conversa é essa? Então fica só em cheiradelas? A não ser que você tenha lá encontrado um capitão que acompanhou o França, duvido que possa acertar com todos os pontos pesquisados por aquele nosso Amigo<sup>186</sup>. Folgo do que me diz do Santos Simões. Estou de acordo com as suas impressões. Ainda há uma circunstância para admirar: que ele seja assim, sendo tão rico. Sabe e é modesto. Na verdade ele é meu amigo e eu tenho também por ele muita estima e admiração. Se algum dia formos para Tomar (coisa de que duvido muito.....), vai-nos ser um auxiliador indispensável.

Ó Veiga Ferreira, quando é que você deixa de sonhar tanto com os olhos abertos? Quando é que você encurta um bom pedaço essa GARGANTA? Lá a fazer projectos é você um alho! Porque não organiza você em Portugal a Comissão Organizadora de Excursões Inter-planetárias? Ficava-lhe a matar. O que você merecia era... meio quilo de bom presunto nos queixos. Depois, fosse lá beber cerveja à sua custa.

---

<sup>(183)</sup> Ver notas 100 e 109.

<sup>(184)</sup> Trata-se do Dr. Baltasar Rebelo de Sousa, que era, à data, membro do Governo.

<sup>(185)</sup> Bairro Social construído pelo Estado, onde O. da Veiga Ferreira já residia à época.

<sup>(186)</sup> Ver nota 130.

Diga-me uma coisa: O Dr. M. Gouvêa deixou a Secretaria do I. A. C.? Ouvi a Emissora designá-lo por “antigo Secretário do I. A. C.” ... Que quer dizer este “antigo”?

E basta. Que calor! Cumprimentos a Sua Esposa, ao Sr. Doutor M. C. e a quem por mim perguntar. Saúde. Um abraço. Beijos às minhas sobrinhas.

**Abel Viana**

**Documento nº 39 – Carta manuscrita em folha branca, datada.**

*Beja, 17/10/951*

Meu caro:

Recebi a sua carta de ontem. Bela notícia para quem começa a convalescer! Eu não posso ir a Lisboa, nem a parte nenhuma, nestas duas ou três semanas mais chegadas, de modo que o Veiga Ferreira tenha paciência, trate sozinho da afinação do original do nosso trabalho. O Dr. Zby dar-nos-á a sua preciosa ajuda. Como se trata da disposição das gravuras, respeitem a orientação que ele der. Faça tudo conforme ele indicar. Claro que se houver alteração na numeração das estampas, ou do número das figuras de cada estampa, é preciso ir ao texto fazer a respectiva mudança. Não é isto, porém, coisa difícil. E se de todo em todo você tiver dúvidas, uma vez que as estampas estejam devidas e definitivamente ordenadas, mandava-me tudo para cá, a fim de eu fazer a tal mudança de numeração no texto. Meu caro, o essencial, agora, é o seguinte:

1º – Tratar imediatamente do arranjo definitivo das estampas. 2º – Seguir à risca as indicações do Dr. Zby. 3º – Ouvir também a opinião do Prof. Mendes Corrêa, visto ser ele, afinal, o juiz supremo da questão, tudo de modo que da nossa parte não haja sequer um segundo de demora<sup>187</sup>.

Que ninguém tenha de esperar por nós.

E o trabalho do Paleolítico de Beja<sup>188</sup>? O Dr. Zby tem andado com ele? Você deu-lhe ajuda? Não se tormente de ter muito trabalho. Coisa horrível é estar-se proibido de trabalhar, de ler, de escrever, até de falar! O médico ainda não me deu licença para escrever. Esta vai de contrabando, e a lápis, para me fatigar menos. É a primeira que escrevo desde o começo deste mês. Estou a fazer um tratamento por meio de uma injeção – vacina. Deu-me uma reacção de tal ordem que se na tarde do dia 3 do corrente o médico não me acode com aminofilina, efedrina, coramina, brunquisban – um sumo de injeções, comprimidos, etc. fenicilina e estreptomina em banda, eu tinha ido desta para melhor. Na tarde de 3 estive algumas horas quase inconsciente. Seguiram-se dias em estado muito grave.

Há quatro dias que me sinto rerguer, mas estou fraquíssimo, e vejo que o tratamento tem de continuar – Não me posso alongar mais. Rogo-lhe faça como acima digo, a respeito do nosso trabalho grande. Recebi uma comprida carta do Formosinho, à qual não pude responder ainda.

---

<sup>(187)</sup> *Trata-se do extenso artigo publicado no volume 14 dos “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, relativo ao ano de 1953/1954 (ver nota 2).*

<sup>(188)</sup> *Ver nota 117.*

Ele vai para Abrantes uns dias e, depois, passará outros, aí em Lisboa. Contem com ele nos Serviços. Quer as coisas de Monchique para o Museu de Lagos? Vou ver se, entretanto, o levo a pôr de parte essa triste ideia. Mas não o posso fazer já. Acho que lhe podiam dar tudo, menos o machado de bronze, o trapo de linho e a navalha<sup>189</sup>.

Recomende-me a todos. Um abraço deste seu amigo que escapou milagrosamente.

**Abel Viana**

**Documento nº 40 – carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 25/11/51*

Amigo Veiga Ferreira:

Desejo que tenha chegado bem a Lisboa. Eu vou melhorando, mas ainda não pude ir ao médico, porque o estado do tempo não o permite. Continuo com as injeções de cálcio. Isto, no entanto, vai muito melhor. Já trabalho algumas horas por dia e, como tive certo descanso, a cabeça está fresca, em ótimas condições. Ainda não chegou cá o tal papel preto. Venha isso logo que seja possível, a fim de eu tratar disto já. Até me faz mal ver isto aqui parado... Venha, pois, o tal papel<sup>190</sup>. A relação que fizemos há dias, dos trabalhos que estou fazendo nos Serviços com o Dr. Zby, segundo creio, não foi completa. Ora tome nota, e faça o favor de conferir com o Dr. Zby<sup>191</sup>:

- Paleolítico das margens do Guadiana;
- Monumento do Monge.
- Estação da Ponte da Lage (Oeiras).
- Paleolítico do Alto Minho.
- Material de Vila Nova de Milfontes.
- Material de Odemira.
- Material de Castro Marim.
- Material de Ferreira do Alentejo.

---

<sup>(189)</sup> São peças estudadas anteriormente pelos Autores, oriundas das necrópoles pré-históricas de Monchique (VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1947), que se conservaram, efectivamente, em Lisboa, na Sala de Arqueologia do Museu do Instituto Geológico e Mineiro.

<sup>(190)</sup> Deve referir-se a pedido de cartolina preta em que foram montadas numerosas estampas fotográficas do trabalho referido na nota 187.

<sup>(191)</sup> Esta extensa lista é bem expressiva da febril actividade arqueológica de Abel Viana, aqui apenas retratada por defeito daquela que na realidade desenvolvia, sózinho ou em colaboração, como é o caso de G. Zbyszewski. Importa, no entanto, referir que, devido por certo às ocupações profissionais deste último – que, antes de mais, desenvolvia intensos trabalhos como geólogo – apenas os materiais da tholos do Monge (Sintra) e da gruta da Ponte da Lage (Oeiras) foram publicados por ambos, em colaboração com O. da Veiga Ferreira (ver nota 124).

- Material de Serpa.
- Gruta do Carvalhal (Turquel).
- Gruta do Zambujal (Melides).
- Material da Fonte da Rotura.
- Dólmen de Alcácer do Sal.

Quanto ao Paleolítico das margens do Guadiana, o que o Dr. Zby tem aí é uma cópia, a fim de verificar se a ordem por que dispus as estações está bem, e para se regular no que falta da fotografia do material. Logo que faça as anotações que entender convenientes, era favor devolver-me essa cópia, para eu lhe remeter o original definitivamente arranjado.

Vou fazer, e já, um paleio de entrada, que se ajeite à descrição introdutória do trabalho<sup>192</sup>.

Antes do fim do ano, enviarei ao Dr. Zby o Paleolítico do Alto Minho, o Monge, a Gruta de Oeiras e grande parte das outras coisas, que, de resto, são pequenas.

Transmita-me tudo isto ao Dr. Zby e dê-lhe um abraço meu.

Cumprimentos para sua Esposa e para as miúdas. Cumprimentos para o Professor Doutor Mendes Correia, ao Ex.mo Sr. Director dos Serviços, Eng.º Moitinho, etc. etc.. Informe o Dr. M. Correia de que o meu estado é satisfatório, quase normal. Salvo o não poder ainda sair de casa, e de me acautelar com certas coisas, já trabalho muitas horas diárias, com magnífica disposição. E por hoje nada mais. Um abraço.

**Abel Viana**

P.S. – O cabrito chegou com os cornos inteiros? Agora me lembro que não é cabrito, mas sim corça... Se calhar também ela os tem... Não esqueça o papel preto.

## **2ª Carta:**

Ainda não respondi ao Formosinho. É para castigo dele. Fica pelas muitas vezes que ele também demora em responder. Começarei amanhã o meu relatório para a Junta, digo, para o Instituto para a Alta Cultura.

Até 3 ou 4 de Dezembro deverei remetê-lo ao Instituto, e a respectiva cópia para o Dr. M. Correia e Dr. Zby<sup>193</sup>. Bem desejaria que os Serviços me considerassem, oficialmente, claro está, cooperador eventual, (...) como queiram, contanto que, de facto, se pudesse indicar oficialmente o meu fraco préstimo nessa casa. Há muito tempo que falei nisso aí. Agora, sinto-me embaraçado, pois não vão levar-me a mal insistir. Se não puder

---

<sup>(192)</sup> *É estranho que, estando este artigo concluído, ou muito próximo disso, jamais tenha sido publicado.*

<sup>(193)</sup> *O referido relatório vem mostrar que Abel Viana era, à data, bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, órgão que o financiava nas suas investigações. Pelo seu currículo, publicado pelo próprio neste mesmo ano de 1951 (VIANA, 1951) verifica-se, de facto, que tal situação teve início em 1945.*

ser, paciência, não se falará mais no caso<sup>194</sup>. Consulte a este respeito o Dr. Zby. Olhe a tal fotografia tirada em Alpiarça! Não se me (...?) um faz mas não faz!

Mande o papel... Já viu o 1º número da Terra Lusa? Afinal sempre saiu<sup>195</sup>.

**Abel Viana**

Como o “Arquivo de Beja” se encontra, presentemente, em fase de “vacas magras”, vou mandar o artigo com os objectos romanos da Mina de Aljustrel (Algares) – os que estão nos Serviços e os que estão no Museu de Beja, para o Porto, ao Prof. Guimarães. Pergunte ao Dr. Zby se acha bem<sup>196</sup>.

Esse artigelho está só a meu cargo.

### **Documento nº 41 – Carta manuscrita em folha branca, datada.**

*Beja, 3/12/951*

Caro Veiga:

Nem papel preto<sup>197</sup> nem notícias suas... Terá falecido a cabra de barro? Que pena! Vou indo cada vez a melhor. Já trabalho em pleno desde que você aqui esteve, tenho dado bem ao dedo.

Já concluí três trabalhos e tenho outros quase acabados. Junto envio a cópia do relatório. É favor dizer ao Dr. Zby que, dentro de poucos dias, lhe remeto a introdução ao Paleolítico do Guadiana (projecto de introdução, já se vê), os Materiais paleolíticos do Alto Minho, as duas conversas do Monge e da gruta da Ponte da Lage e o Dólmen de Alcácer. Tudo isto lhe estará nas mãos antes do Natal<sup>198</sup>.

O resto também irá depressa. Mas não pegarei em mais nada sem mandar para aí tudo o que respeita a trabalhos com o Dr. Zby. Antes de meados de Janeiro devo ter tudo isto pronto.

Depois, vamos às nossas coisas – às de Lagos, a tal história do cobre peninsular (uns bons cobres, peninsulares, insulares ou continentais, é o que nos fazia um jeitão...) e às coisas de Elvas, que são muitas e importantes. A Livraria Morais fez agora um leilão em Lisboa, da importante Livraria que pertenceu a um funcionário superior do Banco de Portugal. Sabe quanto deram pelo “Neolítico

---

<sup>(194)</sup> *Este desejo jamais se concretizou, ao contrário do que se verificou com o Centro de Estudos de Etnologia peninsular, sob direcção do Prof. A. A. Mendes Corrêa, que o agregou como “colaborador eventual” (VIANA, 1951).*

<sup>(195)</sup> *Ver nota 11.*

<sup>(196)</sup> *Trata-se de artigo que não chegou a publicar-se. É provável que este tenha sido refundido com outros elementos, dando origem a um importantíssimo estudo sobre a arqueologia mineira do Período Romano, publicado apenas em 1954 (VIANA, ANDRADE & FERREIRA, 1954), nas “Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal”. No “Arquivo de Beja” foi ulteriormente publicada outra versão do mesmo assunto (VIANA, FERREIRA & ANDRADE, 1956).*

<sup>(197)</sup> *Ver nota 190.*

<sup>(198)</sup> *Ver nota 191.*

de Pavia”, do Vergilio Correia? 100\$00! Eu oferecera 50\$00<sup>199</sup>. As nossas separatas ainda hão-de valer fortunas!!!

Mas só depois de esticarmos a perna. No entanto, nossos netos andarão a pé... se não sofrerem dos calos. Mostre o relatório ao Dr. Zby e entregue-o ao Dr. Mendes Correia. Então essa coisa de colaborador eventual do Centro de Est. Peninsulares não mete nomeação, ofício, etc.?<sup>200</sup> Se eu, sem prova documental, alegar em público tal qualidade, podem prender-me... E aí nos Serviços não se arranja nada? Nem como presente de Natal? Sou capaz de pôr na chaminé todos os pares de botas ferradas que tenho rebentado em busca de calhaus lascados, mas não queria pô-los em vão. Você andou com sorte, quando veio aqui a Beja. Tenho aqui três lindos coups-de-poing que trouxe este ano de Areosa. Era para você mos levar ao Dr. Zby, mas esqueceu-me. Como você se livrou deste lastro! E você precisa mesmo de lastro, para ser pessoa de peso. Quanto mais lastro, mais peso.

Já estou a perder tempo. Papel preto. Quero ver-me livre desta geringonça das Caldas. Fale com o Dr. Zby e com o Dr. M. Correia. Mexa-se. E a famosa fotografia com o Pe. Roche??? É uma rocha! Saúde. Cumprimentos para todos.

Um abraço.

**Abel Viana**

P.S. = Há uns trabalhos do Dr. C. Teixeira e outros sobre coisas das Ilhas e Ultramar. Não se pode arranjar isso? É uma coleção de meia dúzia de volumes, ou mais. O Dr. M. C. não nos arranja isso?

**Documento nº 42 – carta dactilografada em folha branca, de dimensões próximas da de um bilhete postal, datada.**

*Beja, Domingo de Entrudo de 1952*

Veiguinha Amigo:

E então? Que novidades hão? A publicação dos nossos trabalhos vai bem encaminhada? O de Monchique? Já acabou de preparar os desenhos e de retocar as fotografias? E os do Congresso Luso – Espanhol<sup>201</sup>? Estou ansioso por saber de tudo isto.

Quanto a saúde, vou andando muito regularmente. Tenho saído todas estas últimas tardes, para fotografar, em série, todos os objectos de prata e ouro do Museu, assim como várias coisas das secções arqueológicas

---

<sup>(199)</sup> Trata-se de uma rara edição, correspondente à Memória nº 27 da Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas (Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales, 1921), da obra “El Neolítico de Pavia”, do Prof. Vergilio Correia, a qual, pelos vistos, já na década de 1950 era muito procurada.

<sup>(200)</sup> Ver nota 194.

<sup>(201)</sup> Ver bibliografia (VIANA, FERREIRA & FORMOSINHO, 1953).

que até hoje ainda não havia fotografado ou desenhado. Ando, pois, em rodagem... O médico quer que eu me vá exercitando a pouco e pouco, antes de me abalançar a sair de Beja para qualquer parte onde tenha de me sujeitar a caminhadas e outros esforços. Vou, entretanto tomar mais algumas injeções de cálcio. Depois, logo que o tempo esteja um pouco mais quente, vôo (é o termo) para as bandas de Vila Viçosa e Elvas, onde há imenso que fazer, e com urgência.

Depois do serviço em Elvas, irei até Lisboa, caso o Dr. Zby não esteja ausente.

Entretanto estou trabalhando muito. Tenho uma porção de coisas em marcha, algumas quase prontas, dependendo o acabamento apenas por um ou outro pormenor. Entre as quase concluídas estão várias daquelas que respeitam à minha colaboração com o Dr. Zby, sobre materiais dos Serviços<sup>202</sup>.

As minhas consigo e com o Dr. Formosinho também estão adiantadas. Tudo isto sofreu atraso, como é natural, com a minha doença, mas há outro motivo que causou mais atraso que a doença. Você bem sabe que, por oferta e por compra, os meus livros de arqueologia aumentaram imenso. A quantidade é já tal que não posso confiar apenas à memória a sua utilização.

Perdia imenso tempo à procura de elementos aqui e além. Os verbetes feitos eram já muitos, mas ainda em número muitíssimo insuficiente. Tive, em primeiro lugar, de fazer nova catalogação dos meus livros. Seguidamente, verbetei quanto pude, relativamente ao Paleolítico, Neolítico, Bronze e Ferro. Faltam-me o Romano, Visigótico, Epigrafia, Numismática, etc., mas como estas coisas são menos urgentes, deixo-as para outra ocasião. Já terminei este serviço e, agora, já me posso mexer melhor na continuação dos nossos trabalhos.

E a respeito do Paleolítico de Beja? Que me diz?

E o do Guadiana? O Dr. Zby sempre fez as fotografias que faltavam? E os tais apontamentos de Carlos Ribeiro?

E a minha inscrição para a compra do livro de Abbé Breuil, sobre arte rupestre?

Pergunte-me tudo isto ao Dr. Zby, e responda-me por ele, que ele terá mais que fazer para poder dar-me resposta.

Agora, um pedido meu.

Preciso de um desenho como este que lhe envio junto a esta. Como vê, é um decalque dos arredores de Tavira, sobre a carta de 1/100.000. Precisava desse boneco muito bem feito, como você é capaz de fazer, visto os meus olhos falharem já para coisas muito miúdas.

É favor alargar o boneco mais um centímetro para cima e para os lados esquerdo e direito. No lado do mar ficará como está. Quanto a indicações, bastam as que vão assinaladas. Pode completar a rede das linhas de água e pôr uma ou outra indicação orográfica. Quanto ao mais, deixe como está, a fim de salientar melhor a parte onde assentam as ruínas de Balsa, que ficarão sinaladas pelo tracejado. Apenas uns pontos com números. A legenda explicativa coloque-a sobre o mar (como quem diz...). Apenas isto: 1 – Torre d’Ares. 2 – Ondas. 3 – Pedras d’El-Rei. 4 – (sepulturas). 5 — Carretera. /..... Ferro – Carril. Assim mesmo,

---

<sup>(202)</sup> Ver nota 191.

em espanhol. Cautela, que no boneco que envio El-Rei vai errado. Veja se me pode fazer isto com urgência<sup>203</sup>.

Cumprimentos meus para sua Esposa e para os nossos excelentíssimos e bons Amigos. Para si, um abraço.

**Abel Viana**

**Documento n° 43** – carta dactilografada em folha branca, com carimbo do “Arquivo de Beja”, datada. Beja, 27/5/1952

Meu caro Veiga Ferreira:

Cá estou novamente a escrever-lhe, porque há assuntos importantes a tratar. Você diz que não sabe para onde se voltar. A mim acontece-me o mesmo, mas acho que isto é bom sinal.

Depois da belíssima campanha de Vila Fernando – Vila Viçosa, que me vai proporcionar, e ao Dias de Deus, um trabalho até hoje, creio eu, não realizado entre nós, sobre aquela época luso-romana<sup>204</sup>, surge-me inesperadamente o episódio de Odivelas, verdadeiramente notável.

Ora oiça. O tractor cortou de travéz o corredor de um dólmen. O dono da propriedade mandou cavar nesse ponto e tirou daí 24 ídolos-placas, 3 machados de pedra e muitas ossadas. Cavaram uns dois metros na extensão do corredor, mas sem se aperceberem do que se tratava.

Como perto afloravam as pontas de umas pedras, cavaram aí também e acharam nada menos que um grande monumento de falsa cúpula, tipo perfeito de Los Millares. Estou certo de que em Portugal ainda se não achara monumento megalítico com tal arquitectura. Lembra, de certo modo, o monumento de Nora. Dentro da câmara, muito vasta e ligeiramente ovalada na direcção do corredor, colheram 24 ídolos-placas, 32 facas e fragmentos de facas de sílex, 4 cabeças torneadas, de agulhas de osso (grandes), 8 vasilhas completas, vários dentes de javali, alguns deles perfurados, dois pequeninos búzios (“beijinhos”)<sup>205</sup> com perfuração dupla e ossadas que deviam pertencer a cerca de uma centena de indivíduos! Esta descoberta foi em Agosto do ano passado.

Os proprietários da herdade resolveram vender os achados. Informados, talvez, pelo Armando de Lucena, foram ao Etnológico. Levaram as 24 placas achadas no corredor e duas cabeças de agulha. O Heleno disse-lhes que pagava cada placa a 100\$00. Os donos concordaram, mas o Heleno, por fim, deu-lhes os 2.000\$00, ficando incluídos na conta as duas cabeças de osso. Levaram também três machados, mas esses não os

---

<sup>(203)</sup> *Pode concluir-se, por este e outros trechos da correspondência, que O. da Veiga Ferreira passaria a limpo desenhos de mapas destinados a ilustrar artigos assinados unicamente por Abel Viana. Era uma forma de retribuir as ajudas frequentes prestadas por este, no âmbito de indicações bibliográficas ou fornecimento de fotografias, solicitadas pelo primeiro.*

<sup>(204)</sup> *Ver bibliografia (VIANA & DEUS, 1955 a, 1955 b).*

<sup>(205)</sup> *Trata-se do molusco Cypraea (Trivia) europaea.*

quiseram lá deixar, a menos que o Heleno os pagasse por fora. Vieram-se embora e, como não simpatizaram com o Heleno, procuraram informar-se, através do Lucena de, qual o verdadeiro valor que teria o resto do espólio. Lucena disse-lhes que não entendia do assunto, mas que conhecia pessoa capaz de os informar. Foi então que vieram todos a minha casa. Ontem fui a Odivelas, conforme ficara combinado. Na altura em que vieram a minha casa, trouxeram-me 3 ídolos-placas, duas facas, um formão e uma das vasilhas mais pequenas, como amostra. Logo que vi os objectos, colhi as informações que pude a respeito das circunstâncias do achado, mostrei-lhes desejo de ir estudar o caso no local e pedi-lhes que me deixassem ficar cá em casa os objectos que traziam, afim de os desenhar e fotografar. Eles acederam a tudo. Não me haviam dito nada, então, do negócio feito no Etnológico. Disseram-me, sim, que ainda tinham em casa muita coisa. Ontem, quando lá cheguei e vi a quantidade do material, ateí as mãos à cabeça! Estava tudo muito cheio de concreções calcárias, tudo a precisar de cuidadosa limpeza. Vi logo não me ser possível fazer o trabalho lá em Odivelas, a menos que lá ficasse vários dias. Pedi que me deixassem trazer tudo para Beja, ao que prontamente acedera. Eu levei toda a abundante tralha para fotografar: lentes especiais, filtros, panos negros, fotómetro, tripés, plasticina, alfinetes, percevejos, cola, etc., além dos petrechos de medir. Uma mala cheia.

Levei também comigo um dos empregados do Museu de Beja, visto estar ontem de folga. O rapaz é habilíssimo, despachado, e prestou-me grandes serviços. Metido tudo em dois grandes cestos, que eu e o rapaz trouxemos pessoalmente... fomos, depois, ao local do sinistro... Os homens revolveram tudo, vasculharam tudo, minuciosamente. Não crivaram a terra, mas vê-se que a coaram pelos dedos, apesar da sua enorme quantidade, pois estivemos três pares de olhos, mais de meia hora, cata que cata, e não lobrigamos nada. Os donos da herdade são dois irmãos, pessoas espertas e instruídas, destas que não são dadas a fantasias e em cujas informações se pode confiar. De papel e lápis na mão foram rabiscando e descrevendo o que viram, de modo que ficamos com elementos de certa confiança, ainda que na maior parte sejam de memória. Claro que a planta da câmara lá está marcada no terreno, de maneira a não deixar dúvidas. Todo o pedregulho que pertenceu ao monumento lá permanece também. O meu trabalho foi fácil. Repare, porém, que o sabichas de Lisboa não curou disso: limitou-se, unicamente, a chatinar sobre os objectos que lhe levaram, como qualquer negociante de ferro velho! Que grande arqueólogo! Da minha observação directa resultou também o seguinte. Os achadores julgaram que o pedaço de corredor que a charrua cortou nada tinha que ver com a câmara. Vi, porém, que entre esse ponto e a câmara há cinco metros de extensão, por explorar, e talvez mais alguma coisa, no sentido oposto. É isso que eu, oportunamente, vou dirigir. Como vê, amigo Veiga, razão tive para me dar ao sacrifício de comprar o calhamaço do Leisner, pois o Bronze não me quer largar<sup>206</sup> ...

Vamos, agora, a dois pontos importantes:

Iº – Os lavradores notaram que o Heleno e outros que estavam com ele tiveram uns risinhos maliciosos, lá uns com os outros, o que agravou a má impressão que lhes deu logo à entrada o homem de Belém. Não ficaram com vontade de lá voltar. Penso em falar à Junta de Província de cá, a ver se querem adquirir o resto do espólio, para o Museu de Beja. No caso de não quererem comprar, quererão aí os Serviços adquirir o que

---

<sup>(206)</sup> *O estudo deste magnífico espólio foi efectivamente realizado por Abel Viana, dando origem a publicação (VIANA, 1953).*

resta? Veja atrás o que consta deste resto. Mas repito, acertando a conta: 24 ídolos-placas, 8 instrumentos de pedra polida, 9 vasilhas inteiras e alguns fragmentos, três dentes de javali perfurados e oito não perfurados, três fragmentos de cilindros de osso, duas cabeças de alfinetes, de osso, duas conchas de marisco, perfuradas. Isto é com os Serviços<sup>207</sup>. Agora, com o Doutor Mendes Corrêa:

IIº – Num grande caixote que os lavradores tinham em casa, assim como no montão que ficou junto do monumento<sup>208</sup>, escolhi os seguintes ossos: dois crânios, muito bons, completos, em magnífico estado de conservação; vários maxilares inferiores e fragmentos dos mesmos; vários ossos longos (extremidades); alguns fragmentos de omoplatas, uma dúzia de vértebras. Pergunto: Posso mandar isto para o Dr. Ataíde (Instituto de Antropologia do Porto)<sup>209</sup>? Tenho isto em minha casa. É só encaixotar e mandar para a estação do caminho de ferro. Preciso, porém, de que o Dr. M. C. me autorize ao envio. Diga-me também ao Dr. M. C. que os crânios visigóticos da Terrugem, assim como alguns restos obtidos em dólmenes de Elvas, que estão em poder do Dias de Deus, seguirão brevemente para o Instituto de Antropologia, se o Dr. M. C. disser que também podem ser remetidos. Fale portanto com ele e mande-me a resposta. Que me desculpe de não lhe escrever directamente, mas, além de lhe não roubar tempo com cartas, tenho o prazer de... o ouvir pela Emissora.

Faça de conta que esta carta não é só para si, mas também para o Doutor M. Corrêa e para o nosso querido Zby. É um relatório.

E vou-me ao trabalho. Isto marcha direitinho a Salamanca<sup>210</sup>, mais um artigo nosso (você, Formosinho e eu) e outro meu e do Dias de Deus. Quero ver se faço isto tudo antes do dia 3 de Junho, data em que penso ir até Lisboa.

E vá engordando os borrachos<sup>211</sup>.

Um abraço.

**Abel Viana**

---

<sup>(207)</sup> Os Serviços Geológicos de Portugal não chegaram a efectuar a pretendida aquisição deste espólio arqueológico.

<sup>(208)</sup> A enorme abundância de ossos humanos, correspondentes aos sepultamentos no interior do monumento colectivo é bem visível numa das fotos publicadas (VIANA, 1953, Est. III, n.º 12).

<sup>(209)</sup> Trata-se do Dr. Alfredo Ataíde, naturalista do referido Instituto.

<sup>(210)</sup> Ver nota 206. Na verdade, no vol. 4 da revista "Zephyrus", de Homenagem ao arqueólogo salmantino P. Cesar Moran Bardon foram publicados três trabalhos arqueológicos tendo A. Viana por primeiro ou único signatário (DEUS & VIANA, 1953; VIANA, 1953; VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1953 b).

<sup>(211)</sup> Alusão jocosa à prática de O. da Veiga Ferreira capturar pombos na janela do seu gabinete de trabalho dos Serviços Geológicos de Portugal, que depois preparava na sua casa do Bairro da Encarnação, sendo particularmente apreciados por Abel Viana (CARDOSO, 1993/1994).

**Documento nº 44 – Carta dactilografada em folha branca, com carimbo do “Arquivo de Beja”, datada.  
Beja, 12/2/1953**

Meu caro Veiga Ferreira:

Pelo correio de hoje segue, registado, o trabalho de Aljustrel<sup>212</sup>, arranjado na maneira que você indicou. Não repeti a dactilografia de tudo porque, no caso de serem necessárias mais alterações, não estar a gastar papel inutilmente. A propósito: Não me poderá arranjar aí algumas folhas de papel de máquina, assim com também algumas de desenho? A verdade é que eu tenho gasto e continuo gastando considerável quantidade de papel nestas coisas, isto é, em trabalhos de coisas respeitantes aos Serviços. Até aqui não tenho maçoado com pedidos, mas a minha vida tornou-se mais apertada. Imagine que o actual Governador Civil e o actual presidente da Junta de província resolveram cortar-me, por simples medida económica, os subsídios mensais que me davam: de 300\$00 a Junta, e de 100\$00 o Governo Civil, a fim de eu olhar pelo Museu e aturar outras coisas. Era, com vê, uma fartura! Não querem saber do Museu. Que o Estado tome conta dele... Entretanto, não se lhes dá que o Museu caia! O patife do meu cunhado rico, que está aí em Lisboa, decidiu também cortar a mesada de 250\$00 que dava para ajuda do sustento do pai. Claro que sou eu, agora, quem sozinho tem de andar com as despesas do velho, do pobre velho que não tem mais ninguém que olhe por ele. Em suma, este 1953 começa para mim bastante mal. Você imaginará o que é perder 650\$00 mensais quem não tem de ordenado mais de 1.600\$00, e dois filhos sem emprego. Veja, pois, se me pode mandar algum papelinho. Não é preciso muito. Basta a porção calculada para os trabalhos a fazer<sup>213</sup>.

Você estará lembrado de ter ido comigo à Casa Havanesa, no Chiado, trocar por umas senhas alguns livros vazios, de zigue-zague. Uma dessas senhas, a que junto lhe remeto, está premiada duas vezes, ou seja, tem a dezena de um dos prémios e a centena de outro. No caso não darem dois prémios, o que será natural, entendo que posso optar pelo prémio da dezena, que é melhor (ou deve ser) que o da centena. O da dezena é uma dúzia de lenços; o da centena é uma lapiseira. Claro que prefiro os lenços. Peço-lhe o favor de me passar por lá e tomar conta deles, e de mos enviar para cá, em encomenda, pois lhe enviarei em selos do correio a importância que você gastar – ou lho pagarei quando aí for – como você quiser. Não encarrego disto o meu rapaz porque é com dificuldade que ele pode sair do quartel, a tempo de apanhar aberta a tabacaria. Além disso, como é rapaz, podem intrujá-lo. Desculpe-me a incumbência, mas faça-me este favor.

---

<sup>(212)</sup> É o artigo publicado em 1954 nas “Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal” e, logo no ano seguinte, no “Arquivo de Beja” (ver nota 196).

<sup>(213)</sup> As dificuldades sentidas por Abel Viana de toda a ordem, incluindo as de carácter financeiro são hoje dificilmente imagináveis pelos arqueólogos portugueses, quase todos habituados a assinalável desafogo financeiro o que, em si mesmo, não significa, naturalmente, mais e melhor produção científica... O exemplo de Abel Viana aí está, sempre presente, a demonstrar exactamente como, com meios quase nulos, onde até a folha de papel era cuidadosamente aproveitada, se pode construir uma obra notável. Mas a situação não deixa de ser chocante, sobretudo quando se pensa o que este incansável trabalhador científico poderia ter feito caso lhe tivessem cedido apenas uma pequena parte dos meios alocados, na actualidade, a diversos arqueólogos... justamente aqueles que, como de costume, mais se queixam... da falta de meios!

O chato do Afonso do Paço não dá sinal de si. Talvez ele achasse que eu resumi de mais o trabalho, quando é certo que quanto mais compridas forem as coisas muito mais custam publicar-se. Seja como for, já era tempo de ele mandar dizer qualquer coisa<sup>214</sup>. Recebi já os convites para o próximo Congresso Luso-Espanhol, que se realiza em Outubro, em Espanha (Oviedo), e para o III Congresso Nacional de Arqueologia, a realizar em Julho, na Galiza. Para o primeiro tenciono remeter qualquer coisa minha, de menos importância, pois tais congressos, quando realizados em Espanha, morrem sem deixar livros de actas; cá em Portugal, embora com grandes atrasos, sempre publicam alguma coisa, e quanto ao último só por muito pouca sorte nossa não publicarão também os trabalhos que apresentamos. Ao III Congresso Nacional de Arqueologia, se você está pelos ajustes, apresentaremos o trabalho acerca do cobre, porque tais congressos têm sempre publicado qualquer coisa. Já me lembrei de o mandar para Zephyrus, mas esta publicação, segundo creio, já há bastante tempo que não sai<sup>215</sup>. A propósito: Como os Serviços também recebem a “Ampúrias”, manda-me você dizer qual foi o último número aí recebido? É que desconfio que não mo enviaram, ou se extraviou – a menos que também esteja muito atrasada. Não se esqueça – diga-me qual foi o último número de “Ampúrias” recebido pelos Serviços.

Ainda a respeito do trabalho de Aljustrel: Meti no texto o conteúdo de algumas coisas que eu tinha posto em notas, mas não foi nos sítios que você indicava, uma vez que aí destruíam a sequência da prosa. No sítio onde enxertei essas coisas fica bem. Não troque nem meta mais palavras no texto. Olhe que logo de entrada uma emenda sua fazia com que aparecesse a palavra “dar” repetida, uma logo adiante da outra, no mesmo período. Em outro sítio, encaixou a palavra onde, onde de maneira nenhuma fica bem, por desnecessária e por incorrecta. Há também que respeitar o estilo. Já escrevi outra vez ao Formosinho a recomendar-lhe que não perca de vista os novos achados de Monchique<sup>216</sup>. Não sei se a Mãe dele melhorou. Oxalá tal tenha acontecido. Estou certo de que ele, logo que possa, se porá em campo. Como já enviou o que faltava para o nosso terceiro artigo sobre objectos do Museu de Lagos<sup>217</sup>, vou hoje mesmo retomar a papelada, a fim de concluir o trabalho. De resto, está preso por pouco. Talvez ainda este mês o possa enviar ao Dr. Bellido. Para a Revista de Guimarães tem, cuido eu, bonecada de mais. Talvez o M. Cardoso não tenha verba suficiente para as gravuras, que são algo numerosas. Em todo o caso, talvez lho envie, antes de o mandar para Espanha, a ver o que ele diz<sup>218</sup>. O Mariano veio ontem visitar-me, conversámos bastante. Há pouco enviou-me um

---

<sup>(214)</sup> *Refere-se certamente ao trabalho publicado em co-autoria com A. do Paço e O. da Veiga Ferreira, “Antiguidades de Fontalva: Neo-Eneolítico e Romano” (PAÇO, FERREIRA & VIANA, 1957).*

<sup>(215)</sup> *De facto, Abel Viana apresentou ao III Congresso Nacional de Arqueologia, que se realizou na Galiza em 1953, um estudo sobre a citânia de Santa Luzia, Viana do Castelo (VIANA & OLIVEIRA, 1955). Quanto ao “trabalho acerca do cobre”, veio a lume em 1956, nas Actas do IV Congresso de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas, reunido em Madrid em 1954 (FERREIRA & VIANA, 1956). Ver nota 163.*

<sup>(216)</sup> *Desconhece-se se estes novos achados foram publicados, porquanto o último trabalho dedicado pelos autores à arqueologia de Monchique foi publicado no ano seguinte (1954) e menciona, estritamente, no próprio título, os achados efectuados de 1937 a 1949 (VIANA, FERREIRA & FORMOSINHO, 1954).*

<sup>(217)</sup> *Ver nota 175.*

<sup>(218)</sup> *Deve corresponder ao artigo intitulado “De lo Prerromano a lo Arabe en el Museo Regional de Lagos”, publicado no volume relativo ao ano em curso (1953) no Archivo Español de Arqueologia (VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1953 a).*

exemplar da tese, a qual vou ler com o interesse que você calculará<sup>219</sup>. Os meus cumprimentos para sua Esposa e suas filhinhas. Cumprimentos também para o Sr. Eng.º Director, ao Eng.º Moitinho e ao C. Teixeira<sup>220</sup>, se por aí aparecer. Para si, um abraço.

**Abel Viana**

P.S. – Recomende-me também ao Dr. M. Corrêa. Não se esqueça: os tais lenços e número de “Ampúrias”.

Do Dr. Zby não falo, pois julgo não estar aí. Cá em Beja não me apareceu. Anteontem devolvi provas tipográficas do Paleolítico dos Arredores de Beja<sup>221</sup>. Foram daqui no mesmo dia em que as recebi.

### **Documento nº 45 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 9/3/1953*

Veiga amigo:

A notícia relativa aos nossos trabalhos do Congresso Luso-Espanhol deixa-me bastante aborrecido, mas não vale a pena esmorecer e muito menos desesperar. Faz mal à saúde... Precisamos de andar no meio de tudo isto com muita serenidade. Deixe-me desde já dizer-lhe uma coisa: sempre desconfiei de que os trabalhos não fossem publicados tal e qual como os apresentamos; no entanto, foram mais além do eu contava<sup>222</sup>. Este tal Luso-Espanhol para o P. das Ciências é, sem dúvida, o pior dos congressos, talvez por meter muita coisa ao mesmo tempo. A secção de Arqueologia costuma ser uma miséria, assim como outras mais. Dão mais importância a outras secções. E aqui em Portugal ainda publicam alguma coisa; nos realizados em Espanha o costume é nada publicarem e, ainda por cima, darem sumiço aos trabalhos apresentados.

Bem me preveniu o Dr. António Sousa Câmara, em Córdoba, que não caísse nunca na tolice de entregar desenhos e fotografias que dão muito trabalho e despesa a organizar, por que o mais certo era darem cabo de tudo. E foi assim mesmo, porque as 24 fotografias e 8 desenhos que para lá enviei desapareceram. Bem. Andou acertadamente em deixar lá ficar o artigo do “capacete”<sup>223</sup>.

---

<sup>(219)</sup> O Prof. Mariano Feio publicou a sua dissertação de doutoramento dedicada ao estudo da evolução do relevo do Baixo Alentejo e do Algarve em 1952, no ano anterior ao desta missiva (Feio, 1952). Antes, tinha publicado magnífico estudo sobre os terraços do Guadiana a jusante do Ardila (FEIO, 1946), resultante da missão conjunta com Abel Viana. Este, viria a publicar, no mesmo ano artigo sobre o Paleolítico do mesmo troço fluvial, ali cartografando as ocorrências de materiais líticos então detectadas (VIANA, 1946; 1945/1946/1947). Ver nota 122.

<sup>(220)</sup> A menção, frequente ao Prof. Carlos Teixeira, como individualidade a quem desejava enviar cumprimentos, através de O. da Veiga Ferreira evidencia as cordiais relações mantidas por ambos com aquele Professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, as quais, ulteriormente, se degradaram.

<sup>(221)</sup> Ver nota 117.

<sup>(222)</sup> Abel Viana e colaboradores viriam a ver publicadas três comunicações nas Actas do referido Congresso (FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1953; VIANA, FERREIRA & FORMOSINHO, 1953; e VIANA & DEUS, 1953).

<sup>(223)</sup> Ver nota 120.

Deixe-os lá reduzir as gravuras como quiserem. Quanto ao de Monchique, ele é tão importante que convém não o perder<sup>224</sup>. Parece que devemos, primeiro, tentar a sua publicação cá em Portugal. O meu parecer é que você o envie ao Mário Cardoso, a ver se ele no-lo publica. Se ele disser que sim, fica o caso resolvido. Se disser que o não pode publicar, então mande-mo para cá a fim de eu o remeter ao Maluquer. Mas em todas essas andanças pelo correio acondicione-o de maneira que as estampas se não prejudiquem. Você tem aí material suficiente para embrulhar isso com todas as condições de segurança. Não aconteça o mesmo que com o papel, que chegou cá reduzido a papa.

Portanto, quanto ao trabalho de Monchique, parece-me que o caminho a seguir é este: I<sup>o</sup> apresentá-lo ao Mário Cardoso, e só depois dele nos dizer que não o pode publicar é que seguirá para Espanha. Digo isto porque, além de ser mais próprio publicá-lo cá, as coisas em Espanha também já não correm de tanta feição como dantes<sup>225</sup>. Os dois trabalhos que foram para “Ampúrias” já estão em Madrid, à minha disposição, porque o Almagro, embora pedindo mil desculpas, foi dizendo que os trabalhos são muito grandes e que não tem verba... Só o Bellido continua a publicar-nos tudo, mas só trata do pré-romano para cá<sup>226</sup>. Um dos trabalhos que lá tinha era sobre os dólmenes de Elvas, e outro é o tal da Cova da Moura, que eu já reduzira à terça parte do tamanho primitivo. Esse vou mandá-lo vir, a ver se o Zby me arranja a ser publicado pelos Serviços, uma vez que tem paleolítico à mistura, e que todo o material está aí nos Serviços<sup>227</sup>. O outro, vou ver se a Fundação da Casa de Bragança mo publica, uma vez que o material descrito lhe pertence<sup>228</sup>. Preciso de saber, portanto, quando o Dr. Zby aí está, porque darei uma saltada a Lisboa e levarei o trabalho comigo, a fim de com o Dr. Zby submetê-lo à apreciação do Sr. D. António de Castelo Branco. Agora, meu caro Veiga, acho que devemos substituir esse trabalho que você retirou, por uma nota, com as tais duas páginas de gravuras. Não lhes perdoemos a coisa!!! Vá-me ter já com o tal cavalheiro que trata das publicações do Congresso e diga-lhe, da minha parte, que vamos reduzir o trabalho a “proporções convenientes” (chamemos-lhe assim), e que não demoraremos a fazer-lhe entrega dele. Entretanto, vou fazer um resumo da prosa. E pregamos-lhe com as tais duas páginas de figuras: uma com a planta do túmulo n.º (?) do Buço Preto, e outra com as pontas de seta. E pronto. Deixe que eu depois de amanhã começo já com isso. A planta desse túmulo tenho eu cá. Será preciso, porém, que você me arranje outra fotografia das pontas de seta. Como sabe, essas fotografias

---

<sup>(224)</sup> *Trata-se, efectivamente, de comunicação publicada nas Actas correspondentes (Viana, Ferreira & Formosinho, 1953).*

<sup>(225)</sup> *Ver nota 224.*

<sup>(226)</sup> *O Doutor António García y Bellido era o responsável, à data, pela edição do “Archivo Español de Arqueología”.*

<sup>(227)</sup> *Projecto gorado: o referido estado foi publicado nas Actas do III Congreso Nacional de Arqueología, realizado na Galiza no ano da presente missiva (1953), cujas actas saíram em 1955 (VIANA, 1955). Dá a impressão de existirem crescentes dificuldades, por parte de G. Zbyszewski, de conseguir publicar nas “Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal” trabalhos de índole arqueológica, agravados quando tais contributos tinham origem em pessoas estranhas à Instituição, como era o caso de Abel Viana, que jamais conseguiu ser considerado como simples colaborador (oficial ou não). Ver nota 194.*

<sup>(228)</sup> *Trata-se do estudo “Mais alguns dolmens da região de Elvas”, o qual viria a ser apresentado ao IV Congreso Nacional de Arqueología, reunido em 1957, do qual a Fundação da Casa de Bragança custeou a edição da separata (VIANA & DEUS, 1957).*

arranjou-as você aí nos Serviços. As chapas devem estar aí. Mande-me para cá as fotografias e dentro de 8 ou 10 dias já você terá aí o resumo e leva-lo-á ao Instituto.

Farei o resumo de forma a não prejudicar a posterior publicação integral do trabalho que aí tem. Nada de desanimar. Desertar, nunca! Não lhe parece? Toca a acalmar os nervos e vamos para diante. Quanto ao meu trabalho (meu e do Dias de Deus), vou proceder de forma idêntica<sup>229</sup>. Faça-me o favor de mandar o nome da pessoa que está encarregada das publicações, a fim de eu lhe escrever. O que estranho é que não mandem dizer qualquer coisa, como seria natural. Diga-me quem é o cavalheiro, a fim de lhe escrever. Nome completo, já se vê. E é para o Instituto de Alta Cultura que tenho de me dirigir? Tenha paciência, mas informe-me disto. Cá fico à espera da sua resposta. Não a demore. Esta já não irá hoje, dia 9. É demasiado tarde para a poder mandar ao correio. Tenho que me deitar cedo, pois amanhã, às sete da manhã, vou a uma herdade próximo de Beja, com um dos empregados do Museu, a fim de extrair uns restos de mosaico romano. Conheço a técnica, mas nunca tive ocasião de a experimentar. Você calculará como estou ansioso por experimentar a coisa. Serei bem sucedido? A ver vamos. Além do que tenho lido, seguirei as instruções do nosso belo camarada Formosinho. Depois lhe contarei o resultado. Outro assunto. O Sousa Oliveira, que havia ido para São Miguel com mês e meio de licença, ainda não voltou, passados 3 meses e, o que é pior, sem nunca mais ter escrito a ninguém, nem para a Câmara de Viana, nem aos Amigos. Aninguém, absolutamente. O Fragoso de Lima, em carta que me remeteu de Ponta Delgada, a 26 do mês passado (há 11 dias, portanto), diz-me que esteve com ele várias vezes, e que foi com a esposa visitá-lo aos Arrifes, que é a terra do Oliveira. E nada mais diz. No entanto, corre em Viana o boato, não se sabe com que fundamento, que o rapaz se suicidou. Não quero crer em tal, mas é realmente muito estranho o silêncio dele. Você imaginará como estou aborrecido com o caso. Ele embarcou para os Açores creio no dia imediato àquele em que você o acompanhou aí aos Serviços. Essa visita encantou-o. Disse-me que no regresso tornaria a ir aos Serviços, e que daria uma saltada aqui a Beja. Nunca me escreveu, apesar de, quando estava em Viana, me escrever muitas vezes, sempre cartas muito extensas, a trocar impressões comigo, acerca das coisas do museu de que ele é, como você sabe, director. Temos, até, em preparação, dois estudos, um sobre azulejos antigos, outro sobre a citânia de Santa Luzia<sup>230</sup>. Já escrevi ao Fragoso de Lima, por avião, a ver se consigo ter notícias do rapaz. É uma grande maçada. Porque apesar de tudo sinto-me inquieto<sup>231</sup>. E os meus lenços? Ainda não os foi buscar? Um dos meus rapazes vai depois de amanhã a Lisboa. Se tiver tempo, irá como tropa aí aos Serviços, mas não é certo. Ele tem de voltar no mesmo dia. Portanto, de quinta-feira em diante não espere que ele vá lá. Mande-me os trapos pelo correio, mas não caia em enviá-los como livros ou papéis, porque ficarei sem eles. Mande-me como amostra, ou como encomenda postal, que eu lhe mando em selos a importância do porte. E por hoje nada mais. Vou-me deitar que são horas. Um abraço.

**Abel Viana**

---

<sup>(229)</sup> *A pertinácia de Abel Viana contrastava com a facilidade com que O. da Veiga Ferreira, dados a grandes entusiasmos e verdadeira dedicação que punha em tudo o que fazia, chegava ao desânimo. No caso, tal qualidade foi coroada de êxito (ver nota 222).*

<sup>(230)</sup> *Ver bibliografia (VIANA & OLIVEIRA, 1955) e nota 215.*

<sup>(231)</sup> *A manifestação destas e de outras preocupações é mais uma prova do afecto que Abel Viana votava aos amigos e seus colaboradores da “faina arqueológica”.*

**Documento nº 46 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 21/6/1953*

Meu caro Veiga Ferreira:

Acabo de receber a sua carta, no momento em que estou de mala pronta para Vila Viçosa e Vila Fernando<sup>232</sup>. Já não tenho tempo de avisar para lá, onde está tudo preparado, à minha espera. Está o Dias de Deus, e está o automóvel da Fundação, no qual durante três dias terei de percorrer os locais de escavações. Além disso, já há muito que recebi dinheiro da Fundação, a fim de ir a Vila Viçosa observar as obras do Castelo e dar o meu parecer... e já parece mal eu ter embolsado a importância e não haver feito o serviço que me pediram. Era para ir lá em 29 do mês passado, mas como o Dias de Deus teve de ir nessa altura ao Porto, em serviço oficial, aproveitei para ir a Coimbra, onde estive até 8 do corrente.

MAS FICA ASSIM COMBINADO – SIGO PARA VILA VIÇOSA AMANHÃ, ÀS 8 DA MANHÃ. NA TERÇA-FEIRA, JÁ ESTAREI EM VILA FERNANDO. VOCÊ ESCREVE PARA VILA FERNANDO, A DAR-ME INSTRUÇÕES. Eu tinha de fazer, em Vila Fernando, para 8 dias, mas faço apenas o que for mais urgente, e de Vila Viçosa sigo logo directamente a Lisboa. FAREI TODA A DILIGÊNCIA EM PARTIR PARA LISBOA NA TARDE DE QUINTA-FEIRA. Você fará o favor de me esperar na estação do Terreiro do Paço. Creio que o comboio deve lá chegar cerca das 21 horas e pico. De Vila Fernando lhe escreverei, ou mesmo telegrafarei, a dizer-lhe que sigo para aí.

VOCÊ, TODAVIA, VERÁ SE AINDA VOU A TEMPO, PORQUE, SE NA QUINTA JÁ FOR TARDE, CLARO QUE ESCUSO DE IR AÍ GASTAR TEMPO E DINHEIRO INUTILMENTE. Diga-me, pois, NA VOLTA DO CORREIO E PARA VILA FERNANDO, se na Quinta ainda vou a tempo.

Suponho que devo ir a tempo. A reunião projectada não deve ser para já, isto é, para daqui a umas poucas semanas. Creio mesmo que não deverá ser antes do fim de Julho, pois de 18 desse mês a 24 é o Congresso na Galiza, e a esse congresso, que é o IIIº Nacional, de Espanha, vão Santa-Olalla, Bellido, Almagro, Pericot, Castillo, etc., isto é, todos os “grandes” de Espanha.

É evidente que terei todo o interesse em estar com o Prof. Mendes Corrêa.

Você é levado dos diabos! Só sabe avisar-me à última hora!

Já não fui a Muge por me ter escrito à última hora. Depois, fechou-se em copas... Nem eu sabia se vocês lá continuavam. Pois eu passei na estação, digo, no apeadeiro de Muge em 29 de Maio, ao meio-dia e meia hora, e tornei a passar em 8 do corrente, cerca das 17. Fartei-me de pensar em Abbé Roche e em si<sup>233</sup>. Se

---

<sup>(232)</sup> Trata-se da resposta a uma missiva de O. da Veiga Ferreira, datada de 19/6/1953, solicitando a ida ao Porto de Abel Viana, a pedido do Prof. A. A. Mendes Corrêa, no âmbito da preparação de uma reunião, ao mais alto nível, naquela cidade, de arqueólogos portugueses e espanhóis (ver Documento nº 19, CARDOSO, 1993/1994). A total disponibilidade de Abel Viana, evidenciada, nos parágrafos seguintes da missiva, em interromper trabalhos de há muito programados de âmbito arqueológico, no caso custeados pela Fundação da Casa de Bragança, dá bem a noção da importância que atribuía a qualquer solicitação oriunda do Prof. Mendes Corrêa, o qual, em situações anteriores, tinha já acudido em sua defesa (ver notas 100, 104 e 105).

<sup>(233)</sup> Nessa altura do ano de 1953, O. da Veiga Ferreira e Jean Roche realizavam campanha de escavações arqueológicas no concheiro da Moita do Sebastião, Muge (ver CARDOSO & ROLÃO, 1999/2000).



para Viana do Castelo, pois não deverei correr o risco de fazer viagem directa daqui a Orense. Tenho estado em tratamento, quase todos os meses. No mês de Maio e em Junho, e até mesmo na segunda metade de Abril, tenho feito muita coisa fora de Beja: Faro, Amareleja, Serpa, Barrancos, Mértola, Moura, e aqui pelos arredores de Beja.

Basta de conversa, tenho muito que arranjar, até à hora de partida. Avise-me para Vila Fernando – Abel Viana – Ao cuidado do Sr. A. Dias de Deus; Colónia Correccional de Vila Fernando (ALENTEJO). Não deixe de pôr ALENTEJO, senão arrisca-se a ir parar a Trás-os-Montes. Percebeu?

Até breve. Um abraço.

**Abel Viana**

P.S. – Já sabe que faleceu a Mãe do Formosinho? Se não sabia, escreva-lhe já. O falecimento foi já há uns 15 dias.

#### **Documento nº 47 – Carta manuscrita em folha de caderno pautada, datada.**

*Viana, 16-7-1953*

Meu caro Veiga Ferreira:

Saúde. Cá estou, pronto a seguir para a Galiza<sup>240</sup> amanhã de manhã.

Estou satisfeito porque, além de ter assegurado a companhia do Dias de Deus e de P.º Henrique Sousa, o Director do Museu de Viana também vai, pois tem já toda a papelada em ordem<sup>241</sup>.

Estive ontem com o Presidente da Câmara de cá de disse-lhe que a excursão do Congresso passaria por Viana. Ele ficou satisfeito mas, ao mesmo tempo, preocupado, pois deseja receber a excursão em termos capazes e, por isso, necessita de saber com antecipação do dia e hora em que os excursionistas chegam cá. Disse-lhe que, de Espanha, o informarei, por telegrama, ou por telefone, pois sem ouvir o Beltran<sup>242</sup> de nada posso informar ao certo. Por outro lado, creio que, relativamente ao programa respeitante a Portugal, é o Dr. Mendes Corrêa quem tudo decide. Combinemos, pois, o seguinte: 1º – Em Orense, falo com o Beltran, procurando assentar as coisas em princípio; depois, em Guimarães, ou Braga, o Dr. M. Corrêa resolverá em definitivo.

Ao Presidente da Câmara disse que a paragem em Viana seria muito curta. Logo que cheguem aqui, sobem a Santa Luzia, até à Citânia, aonde os autocarros chegam mesmo à beira das ruínas. Olham para aquilo e, depois, em frente à Basílica, de onde o panorama é surpreendente, os ranchos populares exibirão umas

---

<sup>(240)</sup> Ver nota 238.

<sup>(241)</sup> Ver nota 231.

<sup>(242)</sup> Trata-se do Doutor Antonio Beltrán, Professor da Universidade de Zaragoza e organizador das sucessivas edições do “Congreso Nacional de Arqueologia”, de cujas actas era, também, o editor.

danças e apresentarão alguns trajes. Em fim, será coisa muito breve, pela força das circunstâncias, isto é, por não ser possível haver demora, mas que certamente impressionará vivamente os congressistas. Para não retardar a informação disto, vá com este meu bilhete ao Dr. Mendes Corrêa. Se ele pode desde já mandar dizer qualquer coisa para cá, era favor escrever ao Dr. Araújo Novo – (Dr. José Gonçalves de Araújo Novo). Presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Claro está que a mim muito pesaria que os congressistas não passassem por cá, certo como estou de que a sua passagem aqui será coisa muito diferente das estopadas que o Russel lhes preparava em Talábriga, no acampamento romano e adjacências<sup>243</sup>...

Eu só volto a Viana em 27 ou 28, segundo creio. Trate-me disto.

Um abraço.

**Abel Viana**

**Documento nº 48 – Carta manuscrita em folha de caderno pautada, datada.**

*Viana, 30/7/1953*

Meu caro Veiga Ferreira:

Estimo que você e sua Esposa tenham regressado a Lisboa o melhor possível.

Tive imensa pena de não poder acompanhá-los um bocado no Porto. Mas eu estava completamente arrasado com a violência que foi a série das jornadas do Congresso, tanto em Espanha como em Portugal. Cheguei ao Porto extenuado, muito doente. Logo que deixei os congressistas, aqui em Viana, na tarde de 26, meti-me na cama dois dias.

Tenho aqui bastante que trabalhar com o Dr. Sousa Oliveira<sup>244</sup>. Minha mulher deve chegar aqui em 4 ou 5 de Agosto.

Veja se me pode receber este dinheiro, e o outro da ida a Lisboa.

Mande-me para cá, logo que seja possível, pois em breve me fará bastante falta.

Vou publicar na “Brotéria” o tal paleio que tinha a dizer no Porto e que, por excelência da organização, ficou no saco...

Então as provas tipográficas do nosso trabalho das Caldas de Monchique não vêm para eu ver<sup>245</sup>?

É você quem revê? Olhe que o mais certo é você deixar escapar qualquer coisa... Digo isto porque, nos trabalhos exclusivamente seus, não há um só que não tenha lapsos muito lamentáveis. Demais, a triste experiência tem-me provado que os “homens de ciência” por via de regra, escrevem pessimamente e, o que

---

<sup>(243)</sup> *Dr. Fernando Russel Cortez (ver nota 113).*

<sup>(244)</sup> *Ver notas 231 e 241.*

<sup>(245)</sup> *Trata-se do extenso artigo dedicado à Arqueologia de Monchique, publicado nos “Trabalhos de Antropologia e Etnologia” (FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA 1953/1954). Ver nota 2.*

é pior, têm a mania de emendar o que está bem e foi escrito por quem, na realidade, sabe escrever alguma coisa...

Francamente, gostaria de ver as provas.

Um abraço de

**Abel Viana**

**Documento nº 49 – Carta manuscrita de três folhas, duas de caderno pautada, datada. A última folha é um papel de rascunho do Banco de Portugal (Agência de Viana do Alentejo).**

*Viana do Castelo, 3/8/953*

Meu caro Veiga Ferreira: Oxalá você e os seus se encontrem bem. Eu vou indo muito razoavelmente. Já descansei bastante mas ainda tenho sono! O Congresso foi uma verdadeira Volta a França em bicicleta! Os nossos Amigos espanhóis, como previ com muita antecipação, arranjaram um programa extenuante. Já comecei a trabalhar aqui, mas com legítima prudência.

Minha mulher deve partir de Beja na próxima 4<sup>a</sup>-feira, chegando ao Porto no fim da tarde do mesmo dia. Vamos lá tratar da nossa vida.

1<sup>o</sup> – Separatas. – Quando regressar a Beja remeter-lhe-ei 50 exemplares, pelo menos, e você irá distribuindo. Tomará nota, porém, das pessoas e entidades a quem dá. Pergunte ao Formosinho sobre o destino que deu aos 20 exemplares que lhe enviei.

2<sup>o</sup> – Recibos. – Já lhe mandei o recibo da despesa do Porto. Quanto ao recibo da despesa que fiz em Lisboa, tenha paciência, mas procure-o, porque você já o tem aí. Enviei-lhe de Beja, devidamente selado. Foi na altura em que lhe mandei as separatas. Tem-no aí, com toda a certeza.

3<sup>o</sup> – Provas tipográficas. – Remeti-lhe ontem as 2.<sup>as</sup> provas, devidamente emendadas. Pela sua riquíssima saúde, mande para o Porto só a 2<sup>a</sup> prova, vista por mim, e não lhe toque.

Aterra-me a ideia de que você faça publicar qualquer parte do trabalho, sem eu ver a 2<sup>a</sup> prova.

Por amor de Deus não me altere o texto. Perdoe-me dizer-lhe que o meu caro Veiga não está com condições para emendar a minha prosa, nem mesmo outras pessoas a quem muito admiro, mas que neste capítulo nada me têm a ensinar. Você tem-me emendado sistematicamente maneiras de dizer que Alfredo Pimenta, Aquilino, Agostinho de Campos e outros me têm gabado em cartas que eu não costumo mostrar a ninguém.

E vem o meu Amigo, que nunca ensinou português a ninguém (lembre-se de que sou mestre-escola...), que nunca procurou saber escrever, que nunca leu os clássicos, que não tem o costume de ter continuamente ao lado os bons dicionários e o vocabulário oficial, sempre que escreve, emendar quem desde os 14 anos de idade fez tudo isso! Vamos. Cada qual em seu ofício. Em um papel ao lado dou-lhe alguns exemplos para os quais peço a sua atenção. Não leve a mal este meu protesto. Lembre-se de que eu é quem tinha razão para me zangar. Deixe a prosa comigo, meu caro. É evidente que eu posso cometer um ou mais lapsos,

mas você emenda precisamente o que está bem, para ficar mesmo bem, e às vezes, até, para ficar muito mal<sup>246</sup>. Mande a massa. Um abraço.

**Abel Viana**

1º

Em suas = nas suas

Em um dos túmulos = num dos túmulos

A forma sublinhada é que é português correcto.

A segunda só se deve empregar em certos casos, sobretudo para variar as maneiras de dizer.

2º

Constitutiva do = que constitui

A primeira forma tinha a vantagem de suprimir um que, esse negregado que característico dos que escrevem sem saber escrever. Os que escrevem mal suspeitam sempre da legitimidade das formas que desconhecem. Assim acontece, por exemplo, com os que julgam aprender seguindo a prosa... dos jornais, ou das revistas técnicas, onde escrevem engenheiros, arquitectos e outras sumidades técnicas que, para terem uma prosa mais decente, deviam regressar à escola primária.

3º

Mamôa – mamoa

O meu Amigo acentuou a palavra, sempre que a encontrou, e foram muitíssimas vezes. O tipógrafo, porém, ou o revisor da tipografia, mais sabedores de ortografia, não emendaram para errado, no que fizeram muito bem. Mamoa, Lisboa, Goa, etc., não levam acento circunflexo.

4º

Polido – pulido

Não me perdoou o pulido, mudando sempre para polido. Ora ambas as formas significam alisamento, lustramento, etc., e delicado, de boas maneiras, etc.. Em todo o caso, polido está mais de acordo com a pronúncia, razão porque prefiro esta forma. Ao menos, se a palavra sair diante dos olhos de um locutor da Emissora, não haverá risco de ele (de ele, note bem, e não dele!) pronunciar pó-li-do, tal como já pronuncia tá-len-to, sá-bi-do, etc. (à brasileira). Pulido estava muito bem, Amigo. E ao cabo deixou escapar em uma das páginas – pulimento! Veja lá como é a sua disciplina ortográfica!

5º

Teve olhos para matar estas pulgas e, no entanto, deixou escapar muitas trocas de letras, entre as quais, um título em que ficou Mirante da Mala, em vez de Mirante da Mata. Olha a mala! Olha a mala!....

Veiguinha amigo, tenha confiança em mim!

Olhe que eu não trago a minha fala estragada com a convivência assídua com franceses e, além disso, estudei muito a nossa língua.

IMPORTANTE – Veja, pelo original, se a legenda da Fig. 59 está certa. Mas veja bem, letra por letra, nas palavras estrangeiras. Tenha cuidado em não pôr acentos em títulos de obras antigas, como fez, por exemplo, no subtítulo das “Antiguidades” do Estácio da Veiga.

Títulos das obras e nomes dos autores reproduzem-se sem a menor alteração.

E o mesmo se deve fazer nos trechos que se transcrevem, salvo quando se adverte o leitor de que a ortografia da transcrição vai actualizada.

Mas nos títulos das obras, isso nunca se faz.

### **Documento nº 50 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 28 de Setembro de 1953*

Meu caro Veiga Ferreira:

Escrevi-lhe ontem um postal e enviei-lhe as provas tipográficas do trabalho de Monchique (quartas provas). Deve ter recebido isto hoje<sup>247</sup>.

- Conforme lhe disse, inste com a tipografia para fazer as 300 separatas para o Dr. Sousa<sup>248</sup>. Ponha em acção toda a sua argúcia e diplomacia. O trabalho bem merece ser o mais divulgado possível, por isso, esses 300 exemplares têm toda a importância.
- Pelo correio de hoje segue um pacote com 40 exemplares do trabalho de Lagos. Vinte e sete exemplares levam dedicatórias; os treze restantes vão apenas assinados por mim.
- Diga-me quantos exemplares do trabalho de Odivelas lhe mandei, isto é, quais as pessoas a quem ofereci por seu intermédio.
- Fora do pacote com os exemplares de Lagos, remeto-lhe também o exemplar de Odivelas.
- Quanto à exploração em Aljustrel, marque data.
- Vou dar-lhe a lista das pessoas a quem já ofereci o trabalho de Lagos, e outra das pessoas a quem se oferece agora, com indicação das respectivas moradas, pois é possível você ignorar algumas.

Pessoas a quem já ofereci (sem contar o que foi por seu intermédio, isto é, sem contar os 20 exemplares que mandei a si e os 15 que mandei ao Formosinho)<sup>249</sup>:

---

<sup>(246)</sup> *É curioso que, não obstante o estilo incisivo utilizado por Abel Viana para com O. da Veiga Ferreira, nesta e em outras missivas, ele não chocava o seu destinatário; ao contrário, acatava tais indicações, ele próprio se pautando também pela frontalidade nas suas relações com os outros, especialmente com aqueles que estimava e admirava: a amizade com aquele a quem chamava de Mestre (CARDOSO, 1993/1994), manteve-se, pois, até ao fim.*

<sup>(247)</sup> *Ver nota 245.*

<sup>(248)</sup> *Pode ser qualquer um dos três trabalhos publicados sobre materiais do Museu Regional de Lagos (ver nota 175).*

<sup>(249)</sup> *Uma vez mais, se destaca o interesse desta lista de personalidades e entidades, por evidenciar as relações pessoais e científicas mantidas à data por Abel Viana e seus colaboradores (ver nota 120).*

- |   |                                     |
|---|-------------------------------------|
| 1 – Dias de Deus                          | 21 – Russel Cortez                  |
| 2 – P.º Henrique Louro                    | 22 – Bandeira Ferreira              |
| 3 – Dr. Lyster Franco                     | 23 – Dr. Maximino Correia           |
| 4 – Dr. Justino de Bívar Weinholtz        | 24 – Dr. Orlando Ribeiro            |
| 5-6 – “Brotéria” (2 exemplares)           | 25 – Dr. Carrington da Costa        |
| 7 – António Jorge Dias                    | 26 – Dr. Pereira Dias               |
| 8 – Jaime Lopes Dias                      | 27 – Instituto de Coimbra           |
| 9 – Fernando de Castro Pires de Lima      | 28 – Aquilino Ribeiro               |
| 10 – Alberto Feio                         | 29 – Dr. Reinaldo dos Santos        |
| 11 – António Machado de Faria             | 30 – Dr. João Couto                 |
| 12 – Coronel António Elias Garcia         | 31 – Dr. António Luís Gomes         |
| 13 – P.º Nogueira Gonçalves               | 32 – Dr. Tavares Chicó              |
| 14 – Augusto César Pires de Lima          | 33 – Maria de Lourdes Costa Artur   |
| 15 – J. M. Cordeiro de Sousa              | 34 – José Rosa de Araújo            |
| 16 – Arq. Moura Coutinho                  | 35 – Biblioteca de Viana do Castelo |
| 17 – Dr. Alfredo Ataíde                   | 36 – Director da Bibl. de Viana     |
| 18 – Eng.º Silva Dias                     | 37 – Leandro Quintas Neves          |
| 19 – Eng.º Santos Simões                  |                                     |
| 20 – Dr. José António Ferreira de Almeida |                                     |

Viana .....	37 exemplares
Formosinho .....	15 exemplares
V. Ferreira .....	<u>20 exemplares</u>
	72 exemplares

mais 40 que seguem hoje = 112 exemplares

#### MORADAS DAS PESSOAS PARAAS QUAIS VÃO EXEMPLARES COM DEDICATÓRIA:

- 1 – Luís Chaves – Rua do Dr. Teófilo Braga, 21-1º – Lisboa.
- 2 – Virgínia Rau – Avenida da República, 75, Lisboa.
- 3 – Coronel Mário Cardoso – Quinta da Atougia – Guimarães.
- 4 – Dr. João Manuel Bairrão Oleiro – Avenida Dias da Silva, 224, Coimbra.
- 5 – Dr. J. R. Dos Santos Júnior – Quinta da Caverneira – Águas Santas – Ermesinde.
- 6 – Dr. Alberto Souto – Director do Museu Regional de Aveiro.
- 7 – Dr. Rocha Madahil – Director da Biblioteca Pública de Braga.
- 8 – Luís Reis Santos – Director do Museu Machado de Castro – Coimbra.
- 9 – Real Academia Galega – Corunha – Espanha.
- 10 – D. Sebastião Pessanha – Casa das Magnólias – Sintra.
- 11 – Eng.º Raul da Costa Couvreur – Alameda das Linhas de Torres, 149, Lisboa.

- 12 – Cardoso Marta – R. do Marquês da Fronteira, 117-4º D.º, Lisboa.
- 13 – Arquitecto Paulino Montez – Director da Escola Nacional de Belas Artes – Lisboa.
- 14 – Jean Ollivier – Rua do Alecrim, 47-B, Lisboa (?). Av. João Crisóstomo 70-2º D.º
- 15 – Dr. Damião Peres – Avenida de Alvares Cabral, 32-1º D.º (?)
- 16 – Frazão de Vasconcelos – R. do Actor Taborda, 36-5º Esq., Lisboa.
- 17 – Dr. Ezequiel de Campos – Leça do Bailio – Porto.
- 18 – Dr. Joaquim de Carvalho – Rua do Pinhal, 5 – Figueira da Foz.
- 19 – Dr. Leonel Ribeiro – Praça José Fontana, 15-1º
- 20 – Dr. José Luís de Pina – R. Garcia da Orta, 77 (à Avenida de Marechal Gomes da Costa) – Foz do Douro – Porto.
- 21 – Dr. Hernani de Barros Bernardo – Av. da Liberdade, 242.
- 22 – Dr. Carlos de Passos – Rua do Bonfim, 309 – Porto.
- 23 – Dr. Joaquim Fontes – Rua da Penha da França, 39-1º, Lisboa, Rossio, 59-1º
- 24 – Joaquim Sellés Paes de Vilas Boas – ? Barcelos
- 25 – Afonso do Paço – Avenida da República, 15 – 5º – Lisboa.
- 26 – Associação dos Arqueólogos Portugueses. Edifício Histórico do Carmo. Lisboa.
- 27 – Centro de Estudos Geográficos – Rua do Arco, a Jesus (n.º 13).

Não tenho bem a certeza da direcção actual do Jean Ollivier. Veja se ma indica.  
 Também não sei a do Pais de Vilas Boas, nem a do Leonel Ribeiro. Mande-me dizer.  
 E por hoje nada mais – que me lembre. Tenho imenso que fazer. Estou rodeado de uma autêntica feira de papelada!

Cumprimentos para o Sr. Director, Eng.º Castelo Branco, Eng.º Moitinho, Zby, Senhoras e Srs. Funcionários da casa. O mesmo para sua Esposa e suas filhinhas.

Um abraço.

**Abel Viana**

P.S. – Não tenho notícias do Formosinho. Creio que não chegou a acusar a recepção dos folhetos que lhe mandei, nem o meu aviso de que ia para Viana.

Não se esqueça de me mandar a lista das pessoas a quem já ofereceu a nossa separata, assim como aquelas a quem deu a de Odivelas<sup>250</sup>.

---

<sup>(250)</sup> Ver nota 206.

**Documento nº 51 – carta manuscrita em folha branca (1/2 A4) com carimbo do “Arquivo de Beja”, datada.**

*Beja, 17/10/953*

Meu caro Veiga Ferreira:

Saúde. Esperei até o correio da tarde de hoje, a ver se vinham as provas das gravuras.

Como não vieram, mandei a prova de texto, devidamente emendada, para o Porto. Em nota a lápis, disse: “É favor remeterem, com as 2.<sup>as</sup> provas<sup>251</sup>, as provas das gravuras que faltam intercalar no texto, a fim de se indicar a altura em que entram”. Agora, é não esquecer.

Junto as indicações para a capa e primeiras quatro páginas da separata. Acho que fica bem como você disse: ser como a do meu trabalho sobre as coisa de Elvas. No entanto, mostre ao Prof. M. Corrêa. Ele decidirá o que entender por melhor. A capa é, conforme sabe, igual à 3ª página.

Ouvi pela rádio a notícia da chegada do Prof. Mendes Corrêa. Gosto pouco de o ver andar pelos ares mas, enfim, se ele gosta... Estou ansioso por que ele nos relate a sua descoberta em Timor. Ainda bem que foi um português a descobrir o raio do osso, ou lá o que é, que não fio do que dizem jornais! Eu ia escrever-lhe a dar-lhe as minhas boas-vindas mas acho que será melhor você apresentar-lhas em meu nome e, se ele o consentir, dar-lhe o abraço simbólico. Pode mesmo ser meio abraço, visto como, pela estatura que tem, não ser fácil apanhá-lo num abraço inteiro.

Diga-lhe que estou satisfeito pelo regresso dele, pela publicação do nosso trabalho de Monchique, que estou razoavelmente de saúde, e que estou trabalhando muito.

Recomendações muitas para os de sua casa e junto dos Serviços.

Um abraço.

**Abel Viana**

**Documento nº 52 – Carta manuscrita em folha branca (1/2 A4) com carimbo do “Arquivo de Beja”, datada.**

*Beja, 21/10/1953*

Meu caro:

Aí vai esta carta do Couvreur<sup>252</sup>, que mandou dentro de uma carta para mim, pedindo-me que lhe fizesse chegar às mãos. Conforme lhe mandei dizer no sábado passado, remeti para o Porto as provas. Agora, espero

---

<sup>(251)</sup> Deve tratar-se de um outro trabalho em curso de impressão que o referido na nota 245 e, tal como aquele, alusivo à arqueologia de Monchique, visto aquele já se encontrar em quartas provas (ver Documento nº 50) e este apenas em segundas. É provável que seja o artigo publicado em 1954 nos “Trabalhos de Antropologia e Etnologia” (VIANA, FERREIRA & FORMOSINHO, 1954).

<sup>(252)</sup> Trata-se do Eng. Raul da Costa Couvreur, numismata de mérito, que constava da listagem a quem os Autores enviaram separata do trabalho conjunto (ver nota 249).

que com as 2.<sup>as</sup> enviem as provas das gravuras, a fim de eu poder indicar o sítio onde devem entrar. Não sei se você chegou a telefonar para lá, conforme eu lhe havia pedido. Seja como for, para as 1.<sup>as</sup> provas já não tem remédio, mas é necessário que façamos isso quando mandarem as 2.<sup>as</sup>. Já cá recebi. Já cá tenho dois pacotes que vieram dos Serviços. Não sei se isto é tudo, ou se vem mais qualquer coisa. Logo que esteja cá tudo – e você me fará o favor de prevenir se foi tudo ou não – escreverei ao Sr. D. António a agradecer. Mas você diga-me se já é altura de o fazer<sup>253</sup>. O meu Amigo tem agora o prazer de ouvir o Prof. Mendes Corrêa e, por isso, terá menos tempo para me aturar. Diga-me, no entanto alguma coisa a respeito do seguinte:

1º – O Paleolítico do Guadiana sempre é publicado no próximo ano de 1954? Já fotografaram algumas pedras que faltavam?

2º – E os pequenos artigos que já estão em poder do Dr. Zby também já levaram destino, ou estão para levar em breve?

Estes dois pontos são para o Dr. Zby fazer o favor de informar<sup>254</sup>.

3º – Em que ficou o trabalho de Fontalva? Que é que Afonso do Paço, afinal, lhe quer pôr, ou tirar. Julgo que, tal como foi daqui, já estaria em condições de publicar. Veja se lhe fala, ou se lhe telefona, e ele que diga, com toda a franqueza, o que pensa do caso<sup>255</sup>.

Acabei ontem e ontem mesmo mandei para Espanha os 3 trabalhos que faltavam para o Congresso da Galiza<sup>256</sup>. Agora, descanso três dias, a pôr papelada em ordem, e vou atirar-me ao nosso Bronze, isto é, ao nosso Cobre, para o Congresso Internacional, em Madrid (Abril)<sup>257</sup>. Escreva-me.

Um abraço.

**Abel Viana**

**Documento nº 53 – Carta manuscrita em folha de carta branca (1/2 A4), datada.**

*Beja, 25/11/1953*

Meu caro:

Aqui lhe envio a cópia do meu relatório, enviei-o hoje mesmo para o Instituto.

É, portanto, altura do Prof. M. Corrêa intervir. Peço-lhe que leve esta cópia e lhe diga da minha parte que lhe solicito o seu patrocínio.

O Prof. A. del Castillo escreveu-me de Barcelona, a anunciar-me a sua próxima visita a Portugal. Vejo, pelos jornais, que ele já aí está. Você, naturalmente, está acompanhá-lo, tanto nos Serviços como fora destes.

---

<sup>(253)</sup> É provável que se trate de publicações dos Serviços Geológicos de Portugal, anteriormente solicitadas por Abel Viana.

<sup>(254)</sup> Estranhamente, quase nenhum destes artigos em colaboração com G. Zbyszewski foram publicados (ver notas 117, 119, 121, 124, 147, 191 e 227).

<sup>(255)</sup> Ver nota 214.

<sup>(256)</sup> Ver nota 239.

<sup>(257)</sup> Ver notas 163 e 215 (fim).

Aproveite a companhia dele o mais que puder. Você bem sabe quanto ele vale. Aproveite, portanto, para lucrar mais este “curso” que se lhe oferece. Pena tenho de não poder ir a Lisboa. Se eu recebesse essas massinhas que gastei aí por causa do Congresso, ainda daria aí uma saltada. Como as não recebi, estou depenado, e perco uma boa altura de aproveitar este ensejo de acompanhar um Mestre como Castillo. Eu já lhe mandei para aí um postal, mas você dê-lhe um abraço meu. Estou ultimando dois trabalhos para mandar ao Dr. Bellido: um sobre a necrópole do Padrãozinho<sup>258</sup>. Depois, salta para a forja o nosso “Cobre”<sup>259</sup>. Você nada me respondeu ainda acerca da redução a fazer nos desenhos que me enviou. Também não me mandou o papel vegetal e o mais que lhe pedi<sup>260</sup>. Calculo que seja por ter muito que fazer.

Já não recebia notícias do Formosinho (...?) muito. Ontem chegou-me carta dele.

Anda muito aborrecido por causa da doença da Esposa, doente há cinco meses, e que, de vez em quando, tem crises gravíssimas. Diz-me ele que tem muitas noites perdidas a vigiar a doente. Por outro lado, o ajudante no cartório atingiu o limite de idade, não foi substituído, e é ele, Formosinho, que tem de fazer o trabalho todo. Enfim, as coisas não lhe correm nada bem.

Que diz o Dr. Zby, sobre os nossos (dele e meus) trabalhos pequenos?

Já fotografaram o resto das pedras do Guadiana<sup>261</sup>. Um abraço para o Dr. Zby e outro para si.

**Abel Viana**

**Documento nº 54 – Carta dactilografada em folha branca (1/2 A4), não datada, que se encontrava agrafada à precedente.**

*Beja,*

Meu caro:

Que tal vai da constipação? Já está curado? Assim seja! Tenha cuidado com o tratamento dessas coisas. Recebi há dias mais provas do trabalho das Caldas, as quais lhe devolvi emendadas logo no mesmo dia, isto é, na volta do correio. Não lhe escrevi logo porque tenho tido imenso que fazer<sup>262</sup>.

Você nem calcula. Tenho de aproveitar esta boa disposição e este magnífico tempo que tem feito. Junto lhe envio o recibo que, se não estou em erro, é segunda via, pois estou persuadido de que o tinha enviado. Seja como for, ele aí vai. Junto, também, alguns cartões de recepção dos trabalhos dos Serviços. Peço-lhe o favor de lhes dar entrada na Casa. Depois enviarei mais alguns que teimam neste momento em não aparecer... Não se esqueça do tal papel vegetal, etc., etc. Mande dentro de um canudo, se puder ser ou enrolado, de modo

---

<sup>(258)</sup> *Desconhece-se qualquer trabalho de Abel Viana subordinado a este topónimo.*

<sup>(259)</sup> *É evidente o grande empenho dispensado por Abel Viana a este trabalho que foi, de facto, de grande importância: ver notas 163, 215 (fim) e 257.*

<sup>(260)</sup> *Ver nota 213.*

<sup>(261)</sup> *Ver nota 254.*

<sup>(262)</sup> *Ver nota 245.*

que não chegue cá amarrotado. Também precisava de uma dúzia de percevejos (punaises) que fossem bons. Os que por cá compro raro se podem utilizar mais de uma vez<sup>263</sup>. Vou escrever ao Sr. D. António, a agradecer o que me enviou. Também recebi uma brochura do Dr. Carlos Teixeira. Tenho lido tudo, quando vou para a cama, se bem que o não faça nunca antes da meia noite. Sempre se lê, pelo menos, uma hora. Ainda não me disse onde mora agora o Leisner. Não esqueça.

Importante: Os desenhos para o nosso trabalho de Madrid<sup>264</sup> representam os objectos em tamanho natural. Convém mandar esses objectos já reduzidos.

Reduzidos e dispostos por páginas de estampas. Vou pô-los em ordem, de acordo com o texto. Depois, mando-lhos e você, tenha paciência, vá para o laboratório fotográfico e reduza tudo isso por meio do realejo de ampliação. Percebe o que eu digo, não é assim? É que se olham para aquela quantidade de desenhos, e ao tamanho deles, dizem logo que não se pode publicar o trabalho, e que a publicação fica muito cara, por mais que se avise que é para reduzir. O melhor, portanto, é levar as coisas já no tamanho próprio. Não mandarei nada, todavia, sem primeiro você me dizer se acha bem esta minha lembrança. O trabalho de redução é fácil, pois os desenhos, como sabe, são muito simples. Já tenho dactilografado o meu relatório para o I. A. C.<sup>265</sup> No dia 25 do corrente lhe enviarei a cópia.

Recebi dois trabalhos do França. Fiquei contentíssimo. Vou-lhe escrever.

Cá por casa tudo bem. Recomende-me aos seus e aos nossos amigos dos Serviços.

Um abraço.

Abel Viana

### **Documento nº 55 – carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 15/12/1953*

Meu caro: pelo correio lhe envio 25 exemplares do nosso terceiro e último artigo da série respeitante ao recheio do Museu de Lagos<sup>266</sup>. Estou satisfeitíssimo por ver, finalmente, tudo isto na rua. O segundo, quanto a mim, é o que oferece mais interesse científico, mas tanto como o segundo este último põe a careca do Irmão refilão bem exposta ao Sol, como tinha de ser<sup>267</sup>. Aí vai a lista das ofertas que eu faço, para que os outros Sócios as não dupliquem ou até tripliquem. Guardem-na bem guardada, e não mandem o folheto a ninguém sem consultá-la. Daqui a dias remeto mais exemplares. Os pacotes não podem levar mais de 3 quilos. Ora tome bem nota dos cavalheiros a quem não mandará<sup>268</sup>:

---

<sup>(263)</sup> Ver notas 213 e 260.

<sup>(264)</sup> Ver notas 163, 215 (fim), 257 e 259.

<sup>(265)</sup> Abel Viana era bolseiro do Instituto para a Alta Cultura desde 1945 (ver nota 192).

<sup>(266)</sup> Ver notas 175 e 248.

<sup>(267)</sup> Trata-se, naturalmente, do Dr. José Formosinho. O segundo e o terceiro dos citados artigos são os publicados em 1953 (ver nota 266).

<sup>(268)</sup> Esta lista, tal como as duas anteriores, evidencia as relações científicas que Abel Viana mantinha com instituições e individualidades ligadas à época, e em Portugal, à Arqueologia (ver notas 120 e 249).

- António Dias de Deus
- Dr. Zby
- Serviços Geológicos
- Dr. Mendes Corrêa
- Dr. Carlos Teixeira
- D. António de Castelo Branco
- Eng.º Oliveira Simões
- Arquitecto Moura Coutinho
- Dr. Alfredo Ataíde
- Dr. Leonel Ribeiro
- Dr. Maximino Correia
- Dr. Carrington da Costa
- Dr. Pereira Dias
- Aquilino Ribeiro
- Dr. Reinaldo dos Santos
- Dr. Tavares Chicó
- Maria de Lurdes C. Artur
- António M. De Faria
- Dr. Alberto Feio
- Dr. Russel Cortez
- Dr. Luís de Pina
- Dr. Santos Júnior
- Jean Ollivier
- Dr. Damião Peres
- Dr. Ezequiel de Campos
- Coronel Elias Garcia
- Dr. Augusto de Castro Pires de Lima
- Eng.º Raúl da Costa Couvreur
- Dr. H. de Barros Bernardo
- Dr. J. A. Ferreira de Almeida
- Faculdade de Letras de Coimbra
- Dr. António Luís Gomes
- Dr. João Couto
- Dr. Carlos de Passos
- Tertúlia das Cinco e Meia
- Rádio Universidade
- Eng.º Santos Simões
- Afonso do Paço
- Dr. Luís Chaves
- Dr. Jaime Lopes Dias
- Associação dos Arqueólogos
- Dr. Bandeira Pereira
- Dr. Lyster Franco
- “Brotéria”
- Fundação da Casa de Bragança
- Vaultier
- Museu Machado de Castro
- Instituto de Coimbra
- Dr. Alberto Souto
- Luís Reis Santos
- Dr. F. Castro Pires de Lima
- Arq. Paulino Montez
- Frazão de Vasconcelos
- Dra. Virgínia Rau
- Coronel Mário Cardoso
- Sociedade Martins Sarmento
- Dr. Oleiro (Filho)
- Dr. Jorge Dias
- Cardoso Marta
- Dr. Orlando Ribeiro
- Dr. Rocha Madahil
- D. Sebastião Pessanha
- Real Academia Galega
- Padre Nogueira Gonçalves
- J. M. Cordeiro de Sousa
- Biblioteca de Braga
- Biblioteca de Elvas
- Biblioteca de Évora
- Biblioteca de Vila Franca de Xira
- Biblioteca de Viana do Castelo
- Biblioteca de Santarém
- Biblioteca de Rio Maior
- Biblioteca da Assembleia Nacional
- Biblioteca da J. P. do Douro Litoral
- Eng.º Luís de Castro e Solla \*
- Arq. António de Azevedo

- |   |                                  |
|---|----------------------------------|
| – J. Sellés Pais de Vilas Boas                  | Biblioteca Nacional              |
| – Dr. Joaquim Fontes                            | Dr. Cristóvão de Figueiredo      |
| – Centro de Estudos Geográficos                 | Academia Nacional de Belas Artes |
| – Academia Portuguesa da História               | Museu de Soares dos Reis         |
| – Instituto Port. de Arq., Hist., Etnog.        | – Eng. Acciaiuoli*               |
| – Museu de Évora                                | – Camarate França                |
| – Biblioteca Pedro Fernandes Tomás              | – Virgílio Talhé                 |
| – Academia das Ciências                         |                                  |
| – Sociedade Portuguesa Antropologia e Etnologia |                                  |
| – Sociedade de Geografia                        |                                  |

Amigo Veiga Ferreira: Nesta data mando ao Formosinho 25 exemplares, acompanhados de uma lista como esta. Você entregue aí em Lisboa às pessoas e entidades que vão marcadas com um sinal (\*), nesta lista. O resto já estou expedindo de cá.

E a sua filha? Vai melhor? Já está boa?

Recebi comunicação do França, segundo a qual já está de regresso. Não dê o folheto a ele, porque mando de cá, junto com outras coisas, inclusivé o “Arquivo de Beja” destes últimos 3 anos. A massinha do Congresso foi-se à vela? E andei eu, ainda, com a maçada de passar recibos! Já pediu para o Porto as folhas impressas que me faltam? Você deve andar muito atarefado e preocupado, pois se esquece de quase tudo o que lhe tenha pedido.

Nem me diz, sequer, se o Dr. M. Corrêa tratou de qualquer coisa a respeito da minha situação como bolsheiro... dentro de dias lhe mando mais separatas.

Entretanto, vá distribuindo essas. Um abraço.

**Abel Viana**

#### RELAÇÃO DAS ENTIDADES ÀS QUAIS CONVÉM MANDAR O TRABALHO DAS CALDAS DE MONCHIQUE

- 1 – Doutor António Garcia y Bellido – “Instituto Rodrigo Caro” – Concejo Superior de Investigaciones Científicas – Duque de Medinaceli, 4 – MADRID (Espanha)
- 2 – Real Academia de Belas Artes de San Carlos – Calle de S. Pio V – 9 – VALENCIA (Espanha)
- 3 – Museu Prehistórico de Valencia – Calle de Caballeros, 2 – VALENCIA.
- 4 – Doutor Martín Almagro – “Ampurias” – Museu Arqueológico – Parque de Montjuich – BARCELONA (Espanha).
- 5 – Doutor Juan Maluquer de Motes – Seminario de Arqueologia – Universidade de SALAMANCA (Espanha).
- 6 – Doutor António Beltrán Martínez – Faculdade de Filosofia y Letras – SARAGOÇA (Espanha).

- 7 – Doutor Joaquim M. de Navascués – Inspector General de Museus – Ministério de Educación Nacional – Alcalá, 34 – MADRID (Espanha).
- 8 – Museo Arqueológico Nacional – Serrano, 13 – MADRID – (Espanha).
- 9 – Museo Arqueológico de Orense – ORENSE (Galiza – Espanha).
- 10 – Museo Arqueológico de Pontevedra – PONTEVEDRA (Galiza – Espanha).
- 11 – Doutor J. M. Santa-Olalla – Comisaria General de excavaciones Arqueológicas – Ministério de Educación Nacional – Alcalá, 34. MADRID (Espanha).
- 12 – Museo Arqueológico de Sevilha – SEVILHA (Espanha).
- 13 – Real Academia Gallega – CORUNHA – Galiza (Espanha).
- 14 – Doutor Luís Pericot Garcia – Catedrático da Faculdade de Filosofia y Letras da Universidade de BARCELONA (Espanha).
- 15 – Doutor Alberto del Castillo – Catedrático da Faculdade de Filosofia y Letras da Universidade de Barcelona. Mallorca, 305. BARCELONA (Espanha).
- 16 – Real Academia de Ciências, Belas Letras y Nobles Artes de CÓRDOVA (Espanha).
- 17 – Doutor Miguel Tarradel – Museo Arqueológico de TETUAN – (Protectorado Espanhol de Marrocos – Espanha).
- 18 – Simeón Gimenez Reyna – Sociedad Malagueña de Ciencias – Paseo de Reding, 47 – MÁLAGA (Espanha).
- 19 – Museo Arqueológico de Mérida – MÉRIDA (Espanha).
- 20 – Museo Arqueológico de SANTANDER (Espanha).
- 21 – Dr. J. M. Mañá de Angulo – Museo Arqueológico de IBIZA (Balears – Espanha).
- 22 – Gabinete Português de Leitura – Rua de Luís de Camões – Rio de Janeiro – BRASIL.
- 23 – Dr. Mário Lyster Franco – Casa do Cercado – Faro (Algarve).
- 24 – Associação dos Arqueólogos Portugueses – Edifício Histórico do Carmo. LISBOA.
- 25 – Academia Portuguesa da História – LISBOA.
- 26 – Sociedade Martins Sarmento – Guimarães.
- 27 – Instituto de Coimbra – Rua da Ilha – Coimbra.
- 28 – Serviços Geológicos de Portugal – Rua da Academia das Ciências, 19-2º. LISBOA.
- 29 – Sociedade de Geografia de Lisboa – R. de Eugénio dos Santos – LISBOA.
- 30 – Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia – Museu Etnológico – BELÉM – LISBOA.
- 31 – Fundação da Casa de Bragança – Praça do Príncipe Real, 14 – LISBOA.
- 32 – Biblioteca da Assembleia Nacional – Palácio de São Bento – LISBOA.
- 33 – Faculdade de Letras de COIMBRA.
- 34 – Centro Universitário de Lisboa – Praça das Flores, 51 – LISBOA.
- 35 – Centro de Estudos Geográficos – Travessa do Arco (A Jesus), 13 – LISBOA.
- 36 – Museu Arqueológico de ÉVORA.
- 37 – Eng.º Luís de Castro e Solla – R. do Almirante Pessanha, 16-4º – LISBOA.
- 38 – Eng.º Luís Acciaiuoli –
- 39 – Dr. Georges Zbyszewski – Rua das Amoreiras, 199 – 1º – Dir.º – LISBOA.
- 40 – Doutor Gustavo Cordeiro Ramos – Instituto de Alta Cultura – Praça do Príncipe Real, 14 – LISBOA.

**Documento nº 56 – Carta manuscrita em folha branca de carta (1/2 A4), datada.**

*Beja, 1/1/954*

Meu caro Veiga Ferreira:

Aí vai o relatório<sup>269</sup>. Faça-me o favor de o entregar ao Prof. Mendes Corrêa. Foi uma tortura para mim o dactilografá-lo, pois tenho a máquina escangalhada. Remeti os desenhos que me enviou (os primeiros).

Eu não o censuro por nada!

Sei muito bem que você tem imenso que fazer e, por isso mesmo, lhe peço que me devolva essas coisas. Mande-me também os da sigillata que copiamos do livro do Oleiro.

Com respeito ao Heleno, francamente, qualquer dia perco a paciência e desato a atacá-lo por todos os modos e meios, cá dentro e lá fora. Só espero que ele me faça alguma mais pesada... Que diabo quer esse homem! Então ninguém em Portugal pode estudar arqueologia? Teremos todos que andar a rastejar perante o cavalheiro? Tenho a certeza de que o aleijo! Dentro de alguns dias dar-lhe-ei uma novidade sensacional. Muito sensacional, mesmo.

Descobri uma coisa raríssima, uma importantíssima peça arqueológica. Mas não vai para Belém, não senhor! Se aquele idiota não procedesse da maneira infame de que tem usado para comigo, já lá teria muitíssima coisa. Assim, não chupa nada. O homenzinho vai ficar sem pinga de sangue...

Mas há-de gramar o desapontamento. Por enquanto, é segredo.

Aguarde mais uma ou duas semanas.

**Abel Viana**

**Documento nº 57 – carta dactilografada em folha branca (1/2 A4), datada.**

*Beja, 13/1/1954*

Caro Veiga Ferreira:

Que esteja bom, e todos os seus. E o mesmo a respeito do pessoal dos Serviços, a começar pelo Chefe. Espero que o frio os tenha congelado...

Aí lhe envio, em duplicado, alista das pessoas e entidades a quem o nosso Dr. José de Sousa<sup>270</sup> enviará a separata – se ele estiver pelos ajustes.

Não meti os Srs. Engenheiro Castelo Branco, Vaultier, Afonso do Paço, Virgínia Rau, Carlos Teixeira, etc., pelo receio de sobrecarregar a lista. A estes poderemos oferecer nós. Depois combinaremos. E veremos a quem mais oferecer, tanto em Portugal como lá fora.

---

<sup>(269)</sup> Ver nota 265.

<sup>(270)</sup> Responsável pela edição dos “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, onde se inseriu o único grande artigo, de síntese geral dos trabalhos efectuados, dedicado à arqueologia da região de Monchique (ver nota 2).

Esses para Espanha interessam muito. Vão para bibliotecas que são frequentadas pela caterva de franceses, italianos, alemães, etc., muito assíduos em estudos arqueológicos no país vizinho. Aqui, a Portugal, vem um ou outro, mais pelas relações pessoais com alguns dos nossos que pela acção exercida pelos nossos institutos culturais, como você bem sabe.

Vá escrevendo ao Dr. José de Sousa, a combinar as coisas.

Não tenho notícias do Formosinho. Já lhe escrevi por três vezes. A última vez que tive carta dele mostrava-se aborrecido por causa da doença da Esposa e por estar sobrecarregado de serviço no cartório, visto ter ficado sem ajudante. Sabe você alguma coisa dele? Nem sequer acusou a recepção dos dois pacotes de separatas que com intervalo de alguns dias lhe remeti. Dar-se-á o caso dele não ter gostado dela? Não sei. Veja se consegue averiguar alguma coisa.

Você também nada me disse a respeito do relatório que mandei para o Doutor Mendes Corrêa.

Que me diz da lápide do Apolo? Enquanto não a vi dentro do Museu não descansei. Se o invejoso do Grego adivinhasse que ela estava arrumada ao canto de um lagar de azeite em reconstrução, que nem porta tinha!<sup>271</sup> ...

Fora achada já há uns dias, antes da data em que me convidaram a ir a Beringel ver a pedra. O dono da herdade, que é vice-presidente da Câmara de Beja, perguntou-me: “Quer levá-la para o Museu?” Pensei em trazer-la imediatamente comigo, embora pesasse uns vinte quilos, ou mais. Bastava-me que ma pusessem na camioneta da carreira. Mas o dono não consentiu, e trouxe-a para o museu logo no dia seguinte, no seu automóvel. Ainda desta vez o Grego ficou a ver navios.

Que é feito do França? Que é feito do Paleolítico do Guadiana<sup>272</sup>? Que é feito do artigo sobre as Minas de Aljustrel<sup>273</sup>? Que é feito das coisas de Fontalva<sup>274</sup>? Em que param as nossas comunicações ao Luso-Espanhol<sup>275</sup>? Você não me responde concretamente a nada disto, seu fóssil dum catano! Um abraço.

**Abel Viana**

### **Documento nº 58 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 14-2-1954*

Meu caro Veiga Ferreira:

Saúde. Cá vou andando, a esgrimir com o frio e a humidade, e ansioso por que venha o bom tempo.

---

<sup>(271)</sup> Ver a missiva anterior (Documento nº 56): a grande descoberta ali mencionada refere-se a esta epígrafe romana.

<sup>(272)</sup> Trabalho que não chegou a publicar-se, tal como outros que Abel Viana tinha entre mãos, em colaboração com Georges Zbyszewski (ver notas 117, 119, 121, 124, 147, 191 e 254).

<sup>(273)</sup> Ver *Bibliografia* (VIANA, ANDRADE & FERREIRA, 1956; VIANA, FERREIRA & ANDRADE, 1955). Ver notas 196 e 212.

<sup>(274)</sup> Ver *Bibliografia* (Paço, Ferreira & Viana, 1957). Ver nota 214.

<sup>(275)</sup> Ver notas 222 e 229.

Pelo correio de hoje lhe remeto o trabalho do Cobre. Isso pode não ser ainda a forma definitiva, pois que, além de você ter de completar algumas notas, veja se é preciso dizer mais alguma coisa. Creio, todavia, que não será preciso alargar a coisa, pois o essencial está aí dito.

Atenuei o tom da conversa, pois acho que devemos evitar um tom polémico, do qual nada resultaria de lucro para nós.

É preciso não melindrar ninguém, tanto mais que os proponentes da classificação por nós criticada são pessoas como Pericot, Maluquer e outros que devemos ter em toda a estima<sup>276</sup>.

Além disso... eu também fiz parte da Comissão redactora da proposta de Almeria, o que aliás não me prende os braços para ventilar o caso no sentido de se achar melhor solução<sup>277</sup>.

Julgo que o artigo está redigido com toda a compostura, e que não fere ninguém. Mostre ao Dr. Zby. Ele que indique o que não achar bem.

Mando-lhe também os desenhos. Quanto a estes, julgo que o principal é formado pelos dois mapas que você mandou. Se não estou equivocado, um desses mapas destinava-se a substituir o outro. Ora, vistas as coisas, suponho que ambos teriam cabimento.

Quanto à reprodução do material de cobre, talvez ela não seja indispensável. Mas se você vê conveniência em o publicar também, não se esqueça de prevenir que é para ser muitíssimo reduzido, do contrário ninguém nos publicará o trabalho, devido ao custo da bonecada. É preciso agrupar isso de forma que possa haver grandes reduções de tamanho.

Confesso-lhe que já me não sinto animado a mandar o resumo disso ao Congresso de Madrid. E muito menos mandar o trabalho todo, mesmo vertido para língua francesa.

Se o Dr. M. Corrêa no-lo publicar, tanto melhor. Os nossos bons amigos de Espanha têm-nos prestado um grande serviço, publicando-nos os trabalhos, mas além da prosa ficar muito estropeada na versão para

---

<sup>(276)</sup> Ver notas 163, 215 (fim), 257 e 259.

<sup>(277)</sup> Refere-se à proposta sobre a terminologia aprovada no Congresso de Almería, de 1949, no sentido de se adoptar a designação de "Bronze I" em vez de Idade do Cobre ou de Calcolítico, designação a que com razão, os Autores no referido trabalho conferem significado próprio, utilizando-a como expressão de uma realidade cultural específica correspondente ao início da metalurgia peninsular, exclusivamente representada por peças de cobre (e não de bronze como erroneamente a proposta aprovada no referido Congresso faria supôr). Vale a pena trancrever os dois últimos períodos da comunicação apresentada pelos Autores (FERREIRA & VIANA, 1956, p. 529) ao IV Congresso de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas, reunido em Madrid em 1954 (ver notas 163, 215 (fim), 257, 259 e 276): "Nous ne pouvons pas comprendre pourquoi les hommes qui venaient de l'Orient et qui apportaient l'invention du bronze n'ont pas commencé à fabriquer immédiatement le bronze, s'il y avait du cuivre et de l'étain en abondance? Tout cela indique simplement que, les hommes du bronze, quand ils sont arrivés dans la péninsule avec leur invention, ont trouvé des peuples qui connaissaient déjà bien la métallurgie du cuivre, et qui le fabriquaient depuis longtemps.

Comment pouvons nous placer dans l'âge du Bronze une période aussi longue qui, en réalité, ne possédait pas de bronze, mais seulement du cuivre." Tão evidentes eram as respostas a estas interrogações que, actualmente, mesmo os arqueólogos espanhóis aceitam sem discussão a existência na nomenclatura arqueológica de uma Idade do Cobre, ou Calcolítico, anterior e autónomo as Idade do Bronze.

castelhano, nunca deixo de pensar que seria muito mais honroso para nós eles serem publicados cá. Claro que nem nós nem eles temos culpa disso.

Fico alegre, portanto, em saber que o Dr. M. Corrêa consegue publicar-nos isso<sup>278</sup>.

Eu não posso ir a Lisboa por enquanto. Com tal tempo, não me atrevo. No entanto, o Dr. M. Corrêa podia dar-me as suas ordens para cá.

Tenha muita cautela com as notas do trabalho. É necessária a máxima fidelidade nos nomes dos autores e nos títulos das respectivas obras. Os que são em ortografia antiga devem ser reproduzidos nessa mesma grafia.

Não há maneira de encontrar o sítio em que o Maluquer publicou a tal nota relativa aos quatro Bronzes<sup>279</sup>. Já vi Zephyrus, Archivo E. de Arqueologia, Ampurias e mais outras revistas, e não há meio de a encontrar.

O Leisner no trabalho grande, em alemão, fala continuamente em Idade do Cobre.

Outro assunto: Já lhe deram o volume do Congresso Luso-Espanhol? Deram-lhe as 50 separatas de cada um dos nossos dois artigos?

Pergunto-lhe isto porque recebi um exemplar do volume e 50 separatas do artigo de Elvas. É evidente que se não mandaram para mim nem deram a si, é porque mandaram ao Formosinho e, nesse caso, é preciso escrever-lhe já para que não julgue que as separatas são todas para ele<sup>280</sup>.

O melhor seria você informar-se no Instituto, pois lá devem saber a quem enviaram.

A sua pequena ficou boa de todo? Como você não mandou dizer mais nada a tal respeito, espero que tudo tenha passado. Calculo que sua Esposa se não tenha dado bem com o frio. Este macaco, além de intenso, é demorado.

Não esqueçam os desenhos da sigillata, nem o trabalho do Guadiana.

Você esqueceu-se do papel vegetal, dos percevejos, etc.. Está como o Formosinho.

O Dr. José de Sousa já terá começado a distribuição da separata das Caldas<sup>281</sup>?

Por hoje nada mais. Cumprimentos para todos. Um abraço.

**Abel Viana**

P. S. – Que é feito do França? Já está a trabalhar em qualquer parte?

Sabe-me também dizer qualquer coisa a respeito do meu relatório enviado ao Dr. M. C.?

---

<sup>(278)</sup> O que não veio a verificar-se.

<sup>(279)</sup> Na verdade, a periodização de J. Maluquer de Motes contemplava apenas a existência de três fases na Idade do Bronze, da seguinte forma: Bronze I – sinónimo do actual Calcolítico, ou Idade do Cobre; Bronze II – equivalente da Cultura Argárica; Bronze III – correspondente ao Bronze Final (MALUQUER de MOTES, 1949).

<sup>(280)</sup> Ver notas 222, 229 e 275.

<sup>(281)</sup> Ver nota 270.

**Documento nº 59 – Carta dactilografada em folha branca com o carimbo do “Arquivo de Beja”, datada.**

**Nota:** esta carta encontra-se dactilografada alternadamente parágrafo a negro parágrafo a vermelho, com o propósito de poupar a fita negra (mais utilizada) da máquina de escrever.

*Beja, 3/3/1954*

Meu caro Veiga Ferreira:

Saúde. Cá vou andando e trabalhando. Estou a tomar uns cálcios, a fim de me pôr em forma para ir consigo a Aljustrel. O tempo é que ainda não está decente para escavações, mas logo que se ponha de sol e um bocadinho mais quente, toca a marchar. Mas que não fique só em projecto, como ficou o programa de Tomar<sup>282</sup>.

A propósito: que é feito do França? Já lho perguntei mas você não me mandou dizer nada. Claro que isto ainda não está em condições de eu ir a Lisboa. Não esteja pois, a guardar a conversa para quando aí me apanhar..

– Como vai esse trabalho do cobre? Já está vertido para francês<sup>283</sup>?

Se já estiver pronto, trate de o enviar para o Beltran – Faculdade de Filosofia y Letras da Universidade de Barcelona, digo, de Saragoça<sup>284</sup>. Você já se inscreveu? Sempre está resolvido a ir lá? Tem recebido a papelada com programas, etc.? Recebi ontem o impresso relativo aos descontos nos bilhetes dos caminhos de ferro espanhóis. Também recebeu? Olhe que é tempo de tratar disso tudo.

Eu não vou. É muito violento para mim. Além disso, preciso de poupar a bolsa, isto é, de esticar a bolsa, de maneira a girar mais cá no País, onde não falta que fazer.

Preciso de ir a Vila Viçosa mais vezes, e a Lisboa também. E aquela saltada ao Algarve, de que você em tempos me falou? Nada de esquecer estas coisas.

Se você desiste de ir a Espanha, mande-me para cá o trabalho, que me encarrego de remeter ao Beltran. Eu estou inscrito no Congresso, ainda que não vá lá.

Já mandou as coisas ao Formosinho? Conforme na minha carta passada lhe disse, ele estava bastante doente. Não me parece provável que ele possa ir a Lisboa por estes tempos mais chegados. Por isso, seria preferível você ir-lhe mandando as coisas, mesmo que seja aos poucos.

O Dr. Sousa Oliveira (Manuel), director do Museu de Viana do Castelo, não me larga, para que eu lhe obtenha um exemplar de “La Classification du Paléolithique Portugais”, do Dr. Zby<sup>285</sup>. Ele tem pesquisado

---

<sup>(282)</sup> Às explorações arqueológicas que Abel Viana pretendia levar a cabo, com O. da Veiga Ferreira na região de Tomar, referem-se as notas 130 e 186. Baseavam-se em elementos de campo coligidos por J. Camarate França, antes da sua partida para Angola. Ao contrário, no respeitante à região de Aljustrel, os resultados publicados dos trabalhos arqueológicos levados a cabo por Abel Viana e colaboradores revestem-se da mais alta importância científica, expressos por numerosas publicações relativas a diversas épocas e assuntos.

<sup>(283)</sup> Ver nota 276.

<sup>(284)</sup> Ver nota 242.

<sup>(285)</sup> Trata-se de pequena brochura de reduzida tiragem (ver bibliografia, Zbyszewski, 1943), editada como separata do Boletim da Sociedade Geológica de Portugal..

muito por lá, e recolhido muito material, pelos sítios que lhe tenho mostrado nestes dois últimos anos, e tem recolhido muito material interessante. Veja se o Dr. Zby consegue a cedência de um exemplar e mande-me dizer a importância que o Oliveira terá de mandar para aí.

Soube, por acaso, que o Sr. D. António devolveu o vol. X do “Arquivo de Beja”, certamente porque lhe cobravam a assinatura. Veja-me se ele devolveu mais algum, ou se lhe falta somente este. É que tratarei de arranjar os exemplares que lhe faltarem e enviar-lhos-ei por seu intermédio.

O “Arquivo”, coitadinho, está cada vez mais magro... mas preciso que ele se mantenha de qualquer maneira, não só porque isso me interessa pecuniariamente mas também porque espero a chegada de melhores dias, em que possa outra vez engordar dignamente.

Desde que a Administração passou para outras mãos, nem sei a que pessoas mantiveram a oferta.

No entanto, reclamo sempre uma dúzia de exemplares de cada número, para acudir aos erros de que tenho conhecimento. Veja isso e mande-me dizer.

Ao que parece, das Caldas ainda não começaram a distribuição do nosso livro<sup>286</sup>. Pelo menos, umas quantas pessoas que eu meti na lista ainda não receberam. Sabe você de qualquer coisa a tal respeito?

Você não repare por isto ir a duas cores. Desculpe. É para poupar (isto não é fita do Estado...) e, por outro lado, fica mais ornamental...

Então o Afonso do Paço não abre mão do trabalho de Fontalva? Que raio de homem! E eu a perder tempo<sup>287</sup>!

Quanto ao das nossas últimas escavações em Monchique, olhe que o publicado no calhamaço do Luso-Espanhol é muito insuficiente, sobretudo no respeitante a gravuras. Faltam, sobretudo, as plantas dos monumentos, coisa essencial, indispensável. Quem vê aquilo não pensa que foi imposição alheia, mas sim que a insuficiência é dos autores. Você mandou-me dizer que o Dr. M. C. nos publicaria isso nos “Trabalhos”<sup>288</sup>? Foi isso ou outra coisa? Não tenho agora tempo para procurar a sua carta.

Seja como for, é preciso não deixar perder as marés.

Recebi o Boletim da Sociedade de Geografia. Gostei de ver o nosso Mestre e grande Amigo armado em pomba branca, lá por Macau e Timor<sup>289</sup>. Aquilo foi uma viagem verdadeiramente triunfal. Em toda a parte a

---

<sup>(286)</sup> Refere-se à tiragem em separata que se efectuou do extenso artigo publicado nos “Trabalhos de Antropologia e Etnologia” (FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1953/1954). Ver nota 270.

<sup>(287)</sup> Ver nota 214. Em trabalho anterior do Autor, relativo à correspondência de O. da Veiga Ferreira para Abel Viana, faz-se também alusão ao atraso da conclusão deste artigo (CARDOSO, 1993/1994, Documento n.º 25).

<sup>(288)</sup> Trata-se do artigo apresentado ao XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências sobre as investigações arqueológicas realizadas pelos Autores na região de Monchique nos anos de 1948 e de 1949 (Viana, Ferreira & Formosinho, 1953) apresenta-se, segundo Abel Viana, muito pobremente documentado do ponto de vista iconográfico pelas limitações impostas pelos editores das respectivas actas. Deste modo, foi preparada uma versão mais alargada desta comunicação que veio, efectivamente, a ser publicada nos “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, neste mesmo ano de 1954 (VIANA, FERREIRA & FORMOSINHO, 1954).

<sup>(289)</sup> Refere-se a missão científica realizada pelo Prof. A. A. Mendes Corrêa a Macau e Timor, devidamente apresentada no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, da qual era Presidente.

sua presença é brilhante. E aquele mocho de Belém ainda teve (e talvez tenha ainda!) veleidades não só de o igualar mas até de o suplantar! Grande parvo<sup>290</sup>!

Vamos recapitular:

- Que é do França? Que é do França? Que é do França?
  - O nosso trabalho para o Congresso de Madrid.
  - Mandar as coisas ao Formosinho.
  - O livro do Dr. Zby, para o Dr. Manuel de Sousa Oliveira.
  - Trabalho de Fontalva.
  - Novo trabalho das Caldas de Monchique.
  - Já estão distribuindo o nosso livro?
  - Arquivo de Beja, para o Sr. D. António.
- Cumprimentos para todos em sua casa e nos Serviços.  
Um abraço.

**Abel Viana**

**Documento nº 60 – carta manuscrita em folha branca, datada.**

*Beja, 15/6/954*

Caro Veiga:

Saúde. Ainda não lhe escrevi porque tenho tido imenso que fazer com o “Arquivo de Beja” e com umas saídas ao campo, um estudo de ruínas romanas. Tenho achado coisas notáveis, como você a seu tempo saberá.

Pelo correio de hoje seguem, em pacote registado, as fotografias. Julgo que estão boas e que Abbé Roche pode aproveitá-las em boa escala. Se você vê que a verba chega, faça conforme lhe disse aí.

As outras são:	2 rolos de película .....	25\$00
	Duas revelações .....	5\$00
	23 provas 6x6 a \$90 .....	20\$00
	Correio .....	<u>3\$80</u>
		54\$50

---

<sup>(290)</sup> Na verdade, eram flagrantes as diferenças de carácter evidenciadas pelos Prof. A. A. Mendes Corrêa e Manuel Heleno. O primeiro, expansivo, comunicador, extrovertido, de fáceis relações pessoais e, sobretudo, muito acessível e sempre disposto a ajudar quem dele precisava; o segundo suspicaz, fechado, pouco comunicativo, de relações pessoais difíceis e muito pouco disponível (CARDOSO, 1999). A opinião desfavorável que, de Manuel Heleno, tinha Abel Viana era, no entanto, agravada, pelos incidentes desagradáveis com que, anos antes, foi confrontado (ver notas 88, 100, 104 e 105), recorrendo, então à ajuda do Prof. A. A. Mendes Corrêa.

Ficaram umas quantas provas inaproveitáveis, além das 23 que envio, devido a poeiras acumuladas nas lentes da objectiva. No meio daquela poeirada toda, e com tal (...), nem sei como saíram essas, que estão positivamente boas. Estragaram-se 8, quase todas do rolo que você me deu e que foi do rolo, digo, e que foi empregado na manhã do último dia que aí estive. Como sabe, foram 3 rolos, dois que eu levei, e um que você aí tinha, e que, por isso, não meti em contas.

Agora, outra coisa. Sugeri escrever à Ex.ma Senhora Marquesa, mas não sei que título, em rigor, lhe hei-de dar. Marquesa do Cadaval suponho não ser, ou seja, suponho não ouvir ter tal título. Creio que deve ser Marquesa de Ferreira, mas não me atrevo a escrever-lhe sob tal título, antes de ter a certeza. Acho preferível demorar o meu agradecimento que cometer inconveniência, errando o tratamento que devo dar.

Veja, pois se é Marquesa de Ferreira, se é Marquesa do Cadaval. E veja também, se o nome é Olga Nicolis di Robilant Alvares Pereira de Melo. Veja-me bem isto, e depressa, a fim de me desobrigar o mais depressa possível do dever que tenho em lhe enviar os meus agradecimentos.

Com respeito aquilo que estava a aparecer no final da escavação, diga a Abbé Roche que já deitei a minha livraria abaixo e não encontro nada que se pareça com isso, mas que, todavia, estou absolutamente convencido de que aquilo é da primitiva. Dentro de dias lhe mando dizer porquê, visto que, neste momento desejo despachar esta carta o mais rapidamente possível. No entanto, digo, quanto mais raciocino mais me convenço de que o corte no solão do cabeço é da primitiva, ou seja, é do início da formação do concheiro, foi aberto pelos primeiros ocupantes desse pequeno outeiro sobranceiro à ribeira de Muge. Nem na Idade Média nem em qualquer outro tempo iriam abrir um cabouco com tal largura e profundidade sobre um cabeço de cinzas moles, nem tal cabouco, se alguma vez fosse aberto após o abandono do concheiro, se encheria novamente com tal regularidade de estratificação<sup>291</sup>.

Portanto, foram os primeiros homens de Muge quem abriu essa esquisita escavação.

Talvez se metessem nela e a cobrissem com peles. Sei lá! O que eu gostaria de saber era a profundidade que essa vala tinha, antes do cômodo do concheiro ser arrasado, e até que altura ia o solão. Se era fundo, podia ser um fosso de defesa.

Cumprimentos para o Abbé Roche e para o Dr. (...) Abel.

Para si, um abraço.

**Abel Viana.**

P. S. – Veja se me manda uma prova de cada, mas não me (...) os n.º 1 – 19 – 20 – 21 e 22. Da n.º 23 mande-me uma em tamanho de postal. Os perdigotos morreram todos? Acho que não era preciso (...)... E a pintasilgos?

Não mate o gato!!!

---

<sup>(291)</sup> Esta carta refere-se, em grande parte, a uma visita de Abel Viana às escavações que então decorriam no concheiro da Moita do Sebastião (3ª campanha de escavações). O grande corte mencionado, aberto no “solão” (= camada da base do concheiro, de natureza estritamente geológica) e que tanto intrigava os escavadores não corresponde, ao contrário do que supunha Abel Viana, à época da primeira ocupação arqueológica do concheiro, mas, simplesmente, às escavações ali realizadas em 1880 sob direcção de Carlos Ribeiro (CARDOSO & ROLÃO, 1999/2000, Fig. 25), como ulteriormente J. Roche e O. da Veiga Ferreira veio a concluir (segundo observações constantes do seu Caderno de Campo).

**Documento nº 61 – carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 13/3/1955*

Meu caro Veiga Ferreira:

Recebi a sua carta de (?) e os negativos. Devolverei estes, dentro de poucos dias, com as respectivas indicações.

Com respeito à primeira emenda sugerida pelo Freire de Andrade, acho que fez bem em modificar a prosa a gosto dele<sup>292</sup>.

Quanto à tal lápide que está em Belém, o que me diz é inteira novidade. PARECE INCRIVEL QUE, SENDO A LÁPIDE ACHADA EM PORTUGAL; ESTANDO EM PORTUGAL, PAÍS ONDE HÁ ARQUEÓLOGOS E ASSOCIAÇÕES DE ARQUEÓLOGOS, AINDA NADA TENHA SIDO DITO POR UM PORTUGUÊS, A RESPEITO DELA, DESDE 1909 ATÉ HOJE, OU SEJA, QUASE MEIO SÉCULO DECORRIDO SOBRE O SEU ENCONTRO<sup>293</sup>! Olhe, Veiga Amigo, temo-nos de nos convencer, e de convencer os outros, de que em Portugal, desgraçadamente, com excepção de Sarmento, nunca houve arqueólogo em tamanho natural, quanto mais “grande”, como tantos grandes que para aí se pavoneiam perante a ignorância e a basbaquice indígena. Nem mesmo o Leite pode escapar a este justiceiro juízo! Por essas e outras, perante o estrangeiro, arqueologicamente, nada representamos; perante os nacionais com tinturas de cultura, arqueólogo é alcunha, é qualquer coisa de anedótico e picaresco. Personifica-se num velhote maníaco, coca-bichos, maçador, um pobre fóssil.

Vamos ao que importa, porém.

– junto lhe envio cópia do que encontro em CAGNAT (“Cours d’Épigraphie”), “Historia de España” e ROSTOVITZEFF (“Historia Social e Economica del Imperio Romano”).

É o que tenho. Mas você pode aí em Lisboa vasculhar mais bibliografia. Veja as indicações de SHÖNBAUER. Reuna tudo o que puder. Da minha parte, continuarei a procurar por onde puder. TEMOS QUE PUBLICAR UMA NOTÍCIA RESUMINDO TUDO O QUE SOBRE AS DUAS LÁPIDES ESTÁ FEITO e juntar isso ao novo trabalho em que falarmos do cemitério e do mais que houver. Quero voltar a Aljustrel, a fim de fotografar aqueles vestígios de poços e de galerias que se observam cá fora.

O “Arqueólogo” e as “Religiões” nada trazem.

– Repare que os espanhóis dizem que a segunda tábula foi achada em 1906 e de que Rostovtzeff diz que foi em 1902. Qual a data exacta? Será 1902 a do achado e a de 1906 a da entrega ao Etnológico? Que lhe poderão dizer os Cerberos de Belém? Que poderá averiguar o Rui em Aljustrel?

---

<sup>(292)</sup> Deve referir-se a uma das publicações, assinadas por Abel Viana conjuntamente com O. da Veiga Ferreira e R. Freire de Andrade, dedicada às minerações romanas das minas de Aljustrel (VIANA, ANDRADE & FERREIRA, 1954; VIANA, FERREIRA & ANDRADE, 1956). Ver notas 196, 212 e 273.

<sup>(293)</sup> Trata-se da segunda tábula de bronze encontrada nos escoriais romanos das minas de Aljustrel e conservada no Museu Nacional de Arqueologia. A primeira encontra-se exposta no Museu do Instituto Geológico e Mineiro.

Em suma, é preciso averiguar tudo isto, para o trabalho futuro<sup>294</sup>. Por agora, bastará a oportuna emenda que fez nas provas tipográficas.

– O Eng.º Rui já cá esteve em minha casa por duas vezes. Fez alguns dias secos, com vento de Leste, mas a chuva voltou. Não me parece que esteja em condições para se continuarem as escavações da necrópole. Dei-lhe aqui muitas explicações. Ele já me tinha remetido os perfis de alguma terra sigillata.

– Fico satisfeitíssimo em saber que o Dr. Zby concorda com o que lhe pedi. Agora, meu caro, isto é consigo. Vamos ao trabalho antes que o atomizem a si também... Estou a ver que qualquer dia você também não terá tempo para coisas arqueológicas... Toca a arregaçar as mangas, portanto.

Para começar, peça ao Dr. Zby que entregue a si os trabalhos concluídos que ele já lá tem (os de colaboração dele comigo). São, se não estou em erro, dois ou três<sup>295</sup>. Não posso, neste momento, ir ver à papelada as respectivas cópias.

Tome conta disso e ele que lhe explique se acha bem que se publiquem tal como estão ou se lhes falta alguma coisa.

Comecemos, portanto, por despachar os artigos em que o Dr. Zby também subscreve. E o Dr. Zby que diga também se pretende esses trabalhos para as “Comunicações dos Serviços” ou se os podemos mandar para outras revistas.

Comecemos, conforme digo, por esses trabalhos que já mandei para aí, dando-os eu, por minha parte, como prontos.

Veja-me, também, se é preciso ainda fazer qualquer coisa quanto a fotografia, no Paleolítico do Guadiana<sup>296</sup>. E vou já tratar de outras coisas, a fim de lhas mandar para si o mais depressa possível.

MANDE-ME DIZER O QUE O DR. Zby lhe entregar; para eu ficar sabendo o que lhe devo enviar. Não vá eu estar a perder tempo na duplicação de coisas que dão trabalho e consomem tempo.

– Você nada me mandou dizer sobre o falecimento da Irmã do Prof. Mendes Correia, no Porto. Eu vi a notícia em “O Comércio do Porto”. Mandei-lhe imediatamente um cartão de cumprimentos. Os jornais do Porto fizeram largas referências, salientando o valor do Mendes Correia, Pai, que foi médico de grande prestígio social.

– Mande-me, logo que possa, uma cópia dessa cópia e tradução que você tem, da tábula que está no Etnológico<sup>297</sup>. Você deve ter copiado isso, certamente, de qualquer daqueles autores que SCHÖNBAUER cita.

Cá fico esperando o que você me diga a respeito de tudo isto.

Um abraço,

**Abel Viana**

---

<sup>(294)</sup> Em 1956 foi publicado pequeno estudo dedicado à necrópole romana de Aljustrel, tendo Abel Viana como co-autor (ANDRADE, FERREIRA & VIANA, 1957). Mais tarde, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira publicaram nota introdutória (FERREIRA & ANDRADE, 1966) do extenso trabalho de Jorge de Alarcão e Adília Moutinho de Alarcão sobre a mesma necrópole (ALARCÃO & ALARCÃO, 1966), limitando-se ambos, entretanto, à publicação de pequenas notas de carácter específico, sobre lucernas ou sobre marcas de oleiro em recipientes de terra sigillata ali recolhidos.

<sup>(295)</sup> Sobre os artigos que Abel Viana tinha concluídos ou em fase de conclusão, em colaboração com G. Zbyszewski e que, por causas desconhecidas, não chegaram a publicar-se, ver notas 117, 119, 121, 124, 147, 191, 254 e 272.

<sup>(296)</sup> Ver nota 295. este é um dos artigos que, estranhamente, não chegou a ser publicado, apesar de aparentemente se encontrar concluído.

<sup>(297)</sup> Ver nota 293.

## SOBRE AS TÁBULAS DE BRONZE DE ALJUSTREL

RENÉ CAGNAT – “Cours d’Épigraphie Latine” (Quatrième édition) – 1914.

Pág. 296 – Entre as diversas leis municipais que no todo ou em parte se conhecem, há a – “lex metalli Vipascensis, constitution donnée par un des Flaviens à un district minier de Portugal (C. I. L., II, 5181 ; à rapprocher d’un règlement analogue, du temps d’Hadrien, édicté pour la même mine (Ann. Epigr., 1906, 151 ; cf. Cuq, Un règlement administratif sur l’exploitation des mines au temps d’Hadrien, dans les Mélanges Gérardin, 1907)”.

HISTORIA DE ESPAÑA – Tomo II – España Romana.

Dir. de Ramon Menéndez Pidal. Madrid, 1935.

La Península Hispánica, provincia romana.

Cap. II – La Vida y las Instituciones económicas de la Península Hispánica como provincia romana.

Pág. 337: – “La bibliografía que se ha formado alrededor de las leyes de Vipasca (Aljustrel, Portugal) e, en general, sobre el derecho minero romano es extraordinariamente grande.”

Em nota 102, de pág. 357: – “SCHÖNBAUER (E.), Zur Erklärung der Lex metalli Vipascensis, Savigny – St. F. R. G. Rom. Abt., vol. 58, págs. 352-390 (1925), y vol. 59, págs. 181-215 (1926); el mismo, Beiträge zur Geschichte des Bergbaurechts. Münchener Beit. Zur Papyrusforschung und Antiken Rechtsgesch. 12, 1929. También muy interesante la nota acerca de este libro de KÜBLER EN LA Zeitsch. D. Savigny – St. f. R. G., vol. 62, págs. 569-575 (1929).”

Em nota 103, de pág. 357: – “Indiquemos meramente que incluso la lectura de los textos da lugar a complicadas controversias, y que alguno de ellos, sobre todo la Stipulatio argentaria, es problema que constantemente sigue preocupando a los romanistas. Para dar idea de la gran profusión de bibliografía basta citar nombres de autores que publicaron o comentaron en trabajos de conjunto o especiales estos bronce, como SOROMENHO, HÜBNER (en diversos lugares), MOMMSEN, BÜCHELER, BRUNS, GIRAUD (en dos ocasiones), WILMANN; NEUBURG, FLACH, RE, RODRÍGUEZ BERLANGA, LEFORT DE VEIGA (1), DEMELINS, BINDER, FRIESE, KARLOWA, VOIGT y, con posterioridad a 1906, CAGNAT (en diversos lugares), SCHULTEN, KÜBLER, CANTARELLI, VENDOEUVRE, KNIEP, ROSTOVTZEFF y, finalmente, SCHÖNBAUER.”

(1) – Estácio da Veiga (Sebastião Philippes Martins)

M. ROSTOVTZEFF – “Historia Social y Económica del Imperio Romano”.

Traducida do inglês por Luís López – Ballesteros. – Tomo II. Madrid, 1937. As referências a Aljustrel são as seguintes:

Pág. 100: – “Se preferia arrendar galerias aisladas a pequenos contratistas, especialmente bajo Adriano e sus sucesores. Tal fué, por ejemplo, el sistema seguido en el distrito mineral español de Vipasca, como lo atestiguan las inscripciones fragmentarias en el halladas, cuyo contenido está extraído de una ley especial que regulaba la explotación minera. El empleo de intermediarios se reducía, en substancia, a la recaudación de

los cánones de arrendamiento y los demás tributos debidos por estos pequeños concesionarios. Las ordenanzas de Vipasca se basan en la teoría de que el producto de cada galería pertenecía, por mitad, al Estado y a la persona dispuesta a emplear su dinero en la extracción del mineral.”

A extensa nota 86, que vai de Págs. 172 a 174, tem, já perto do fim (pág. 174), os seguintes períodos:  
– “No es admisible que Adriano inventara la teoría relativa a los tesoros: paobablemente no hizo sino legalizar un mos antiquos. En cambio, estoy plenamente de acuerdo con la interpretación que Schönbauer da al párrafo segundo de las ordenanzas mineras descubiertas no hace mucho en Vipasca, las cuales integran nuevas disposiciones de Adriano sobre la venta de la mitad perteneciente al Estado del producto de un pozo, a un concesionario. Probablemente el “beneficio” otorgado por Adriano tendía a estimular el celo de los concesionarios en la explotación de los agotados filones de plata. No sabemos cuál era la parte que el Estado se reservaba del metal extraído de estas minas vendidas a concesionarios. Schönbauer acierta probablemente al calcularla muy por bajo del 50 por 100. Muy interesante es la inscripción hallada en Aljustrel el año 1902 y publicada ahora de nuevo por L. Wickert, Sitzb. D. Berl. Ak., 32 (1931), pág. 9 y sigs. La inscripción se hallaba en la base de la estatua de un procurator metallorum que poseía también el título de vicarius rationalium, estatua erigida por los coloni del metallum Vipascensi. El procurador es llamado por los colonos “restitutor metallorum”. Lo cual demuestra que en año 173 ó 235 d. De J. C. (fecha de la inscripción) las minas se hallaban en plena decadencia, a pesar de las reformas del emperador Adriano.”<sup>298</sup>

#### **Documento nº 62 – carta dactilografada em folha branca (1/2 de A4), datada.**

*Beja, 17 de Março de 1955*

Meu caro Veiga Ferreira:

Aqui vão os negativos, acompanhados das respectivas provas recortadas na porção em que me parece devem ser ampliadas. Eu desejava ter duas cópias de cada. Veja se pode arranjar isso.

Não recebi mais nada de Aljustrel, mas não admira, pois o tempo não tem estado ainda grande coisa. O Arsénio<sup>299</sup>, empregado do Museu, tem-se visto atrapalhado com o restauro da cerâmica, pois, além de estar muito dividida em fragmentos, os cacos estão esboroentos e sem grande vontade de se ligar ao gesso e à goma. Tudo aquilo estava em papas.

---

<sup>(298)</sup> Estas extensas transcrições dactilografadas fornecidas por Abel Viana a O. da Veiga Ferreira – cuja preparação, por certo, lhe consumia tempo precioso – mostra o empenho daquele na preparação científica do último, não se poupando a esforços, nem a trabalhos, para tal efeito. Evidenciam, por outro lado, assinalável domínio da bibliografia, apesar da grande diversidade de temas e assuntos de índole arqueológica a que Abel Viana se dedicava.

<sup>(299)</sup> Trata-se do Sr. Eduardo Arsénio, antigo empregado das minas de Aljustrel, destacado para o restauro do espólio cerâmico do Museu das Minas de Aljustrel. Ulteriormente, até finais da década de 1990, foi funcionário dedicado do Museu do Cerro da Vila, em Vilamoura, ali continuando a sua meritória acção em prol da defesa e divulgação do património arqueológico.

Recebi, enviado pelo Oleiro, um ofício a pedir publicações para o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, coisa que ele conseguiu fosse oficialmente criada<sup>300</sup>. Já lhe mandei cerca de trinta trabalhos, muitos deles dos nossos – Viana – Ferreira – Formosinho – e o que pude arranjar do “Arquivo de Beja”. Aquilo merece todo o nosso apoio. Dirigido pelo Oleiro, ou orientado por este, e agindo com gente nova, é de toda a importância para a divulgação dos nossos trabalhos.

Não sei se o Oleiro se terá lembrado de oficiar aos Serviços e ao Prof. Mendes Corrêa. Eu lembrei-lhe que o fizesse. Você fale no assunto ao Sr. D. António e ao Doutor M. Corrêa. Ambos conhecem o Oleiro e estou certo de que não deixarão de lhe mandar tudo o que puderem.

Aí dos Serviços não deveriam faltar os números das “Comunicações” que tenham artigos de Arqueologia – Zby, Roche, você, eu, etc. Não pude mandar, por exemplo, os “Subsídios para o estudo do Quaternário do Algarve”<sup>301</sup>, pois não tenho exemplares desse trabalho.

Não sei se em tempos lhe pedi para me averiguar se aí na Biblioteca dos Serviços ou na da Associação dos Arqueólogos existe o BOLETIM DE ARCHITECTURA E DE ARCHEOLOGIA, 2ª Série. Tomo II, nº 4 – Lisboa, 1877.

Se já me respondeu a isto, diga-me simplesmente que sim, e eu irei procurar a sua resposta. Se, porém, se lembrar do que me mandou dizer, agradeça-lhe ainda mais que mo repetisse. TENHO MUITA NECESSIDADE EM VER ESSE NÚMERO 4.

Não se descuide em tomar notas a respeito da famigerada segunda tábula de Aljustrel. Não se esqueça, também, de tudo quanto lhe mandei dizer na carta anterior a esta.

No próximo sábado, às 8 da manhã, devo seguir para Vila Viçosa<sup>302</sup>. Depois de lá estar é que verei a demora que terei, mas não deve ser grande.

Cumprimentos a todos, aí nos Serviços, e também às três Senhoras da sua casa.

Um abraço.

**Abel Viana**

---

<sup>(300)</sup> Ver notas 112 e 134.

<sup>(301)</sup> Trata-se do artigo “Contribuição para o estudo do Quaternário do Algarve (VIANA & ZBYSZEWSKI, 1949), publicado nas “Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal”. Ver nota 97.

<sup>(302)</sup> – Esta deslocação a Vila Viçosa relaciona-se com o estudo do espólio arqueológico então conservado na secção arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa, que deu origem a diversas publicações de Abel Viana e A. Dias de Deus. Ver Bibliografia e notas 140 e 228.

**Documento nº 63 – carta manuscrita em folha branca com o carimbo do “Arquivo de Beja”, datada.**  
*Beja, 18-3-955*

Meu caro:

Esqueci-me de meter na carta de ontem as películas. Ei-las, agora. Repito o meu pedido: Desejo duas cópias de cada, no tamanho de postal ou daí para cima. Estimaria, também, que você me devolveria essas três provas que lhe mandei, com recorte, depois de feitas as ampliações.

Recebi hoje carta do Beltran, na qual lhe informo que o próximo congresso arqueológico espanhol é no mês de Outubro, em Burgos. Não deixarei de lá ir. Como temos tempo bastante, acha você bem que preparemos uma coisa para apresentarmos lá? Podia ser, por exemplo, o material de Turquel (Gruta do Carvalhal)? Já tenho aqui toda a descrição do material, com medidas e tudo o mais. Só faltam as fotografias. O material para fotografar já está aí numerado. Se quiser, na altura própria dou uma saltada aí.

Antes de mais nada, porém, estas duas coisas:

1º – Se concorda em levarmos a Burgos o Carvalhal.

2º – Se o Sr. D. António autorizou isso.

Diga qualquer coisa<sup>303</sup>.

**Abel Viana**

**Documento nº 64 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**  
*Beja, 2 de Maio de 1955*

Meu caro Veiga Ferreira:

Pelo correio de hoje lhe envio a cópia do trabalho de Fontalva<sup>304</sup>.

Hoje mesmo volto a escrever ao A. do Paço, a fim de este lhe entregar a outra cópia que mandei para você e que você caiu na asneira de lhe passar às mãos! O pior não é a prosa, mas sim as Estampas, que eram fotografias dele, A. do Paço, e das quais não tenho cópia.

Quanto ao texto, não faça caso do original que está na mão do Paço, porque este que hoje remeto a você está melhor. É por este de agora, portanto, que temos de nos regular.

Mas as estampas é que você tem de fazer por recuperá-las quanto antes.

Há, todavia, umas coisas para acertar nesta prosa que lhe mando hoje.

---

<sup>(303)</sup> Este estudo, apesar do evidente investimento nele realizado, já que se menciona a descrição do material arqueológico e a obtenção das respectivas medidas, jamais se concluiu. A publicação do importante espólio neolítico e calcolítico da gruta do Carvalhal (Turquel, Alcobça), só foi efectuada muitos anos volvidos, e sem a participação de Abel Viana (SPINDLER & FERREIRA, 1974).

<sup>(304)</sup> Ver notas 214 e 274.

Como no que da outra vez mandei havia uma emendas, estas na cópia ficaram borradas, de modo que não tenho a certeza do que dactilografei agora. Veja nas folhas 4, 5 e 11, as medidas que vão marcadas por um rectângulo a lápis. Nas folhas que estão na mão do Paço, a medição está exacta. Se você não conseguir lançar mão das folhas que ele tem, vá ao armário em que está o material e meça outra vez essas quatro ou cinco peças. São fáceis de identificar. No entanto, faça por apanhar os papéis ao Paço.

E a ver se isso agora vai por diante<sup>305</sup>...

\* \* \*

Além das estampas, que eu já havia remetido devidamente paginadas, há que fotografar algumas peças, bem escolhidas. Isto é consigo, que tem aí à mão o material.

\* \* \*

Já tenho aqui à mão todos os outros trabalhos, a fim de lhos mandar o mais rapidamente possível. São eles: Gruta do Carvalhal /// Gruta do Zambujal /// Gruta da Ponte da Laje /// Monge /// Castro Marim /// Ferreira do Alentejo /// Fonte da Rotura /// Vila Nova de Milfontes /// Odemira /// Serpa<sup>306</sup>.

Claro que, alguns, tratando-se de pouca quantidade de material, serão reunidos a outros. Já está tudo medido e o material aí nos Serviços devidamente numerado.

Entretanto, o meu Amigo vá-se entretendo com Fontalva.

E veja, também entretanto, se o Dr. Zby lhe entrega os dois trabalhos: Grutas de Pernes /// Grutas das Alcobertas /// Grutas de Carnaxide<sup>307</sup>.

Há para aí uma data de congressos. Estes trabalhos são pequenos. Estão mesmo à conta. Até se podem mandar dois trabalhos para cada um deles.

O essencial é andar. Temos perdido um tempo precioso.

Conforme lhe mandei dizer, vou agora preparar a tal conferência que tenho de levar ao Porto. Depois, vou-me atirar em cheio a estas coisas que fiz aí nos Serviços e que, desde tanto tempo que estão engarrafados. Estão presos, por assim dizer, pela parte fotográfica – uma coisa que eu faria aí em dois ou três dias de trabalho, desde que o Sr. D. António, como espero, me autorize. Claro está que é utilizando a minha máquina fotográfica<sup>308</sup>.

---

<sup>(305)</sup> *É impressionante o esforço e a vontade de Abel Viana em ver publicados trabalhos realizados por si, a que generosamente concedia co-autoria, muitas vezes protelados pelos próprios beneficiados. Dá a impressão, por esta e outras passagens da correspondência que, frequentemente, a energia dispendida não era proporcional aos resultados obtidos (no caso, expressos por obras publicadas).*

<sup>(306)</sup> *Do conjunto das estações arqueológicas mencionadas, apenas os espólios da gruta da Ponte da Laje e da tholos do Monge deram origem a publicações (sobre a gruta da Ponte da Laje, ver Zbyszewski, Viana & Ferreira, 1957 a; sobre esta e a tholos do Monge, ver ZBYSZEWSKI, VIANA & FERREIRA, 1957 b). Ver notas 124 e 191.*

<sup>(307)</sup> *Somente se publicou estudo dedicado aos materiais recolhidos sob iniciativa ou por Carlos Ribeiro nas grutas de Carnaxide (ZBYSZEWSKI, VIANA & FERREIRA, 1959).*

<sup>(308)</sup> *É de difícil explicação que, mesmo para a preparação de artigos destinados a publicação nas Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal sobre peças arqueológicas do acervo da própria Instituição, Abel Viana se dispusesse a utilizar a sua máquina fotográfica, quando O. da Veiga Ferreira poderia, com vantagem, substituir a sua função; parece existir o evidente receio que a Direcção dos Serviços não autorizasse a colaboração deste último, apesar de esta se integrar em trabalhos de que seria co-autor; assim se revelava a falta de interesse da então direcção da Instituição, no apoio a uma área que, tão justamente, a celebrizou.*

\* \* \*

Veiga Amigo, agora só me resta você para trabalhar em companhia. Do Formosinho creio bem que pouco se poderá esperar<sup>309</sup>; com o Dr. Zby será difícil fazer mais; com o Lyster Franco, zero; com o Sousa Oliveira não posso contar; o Dias de Deus desapareceu...

Do Sousa Oliveira, infelizmente, nada posso fazer. É bom rapaz mas tem o parafuso fora dos eixos. Tem-me custado a aturar. É infantil mas, por vezes, torna-se ofensivo. Dispersa-se nas coisas mais fúteis: namoro, (discussões pelos cafés; brincadeiras desportivas, etc<sup>310</sup>).

A perda do Dias de Deus traz-me profundamente abalado. Parece-me que de dia para dia mais saudades tenho dele. Foi uma perda tremenda, mesmo para a nossa arqueologia. Diga o traste do Heleno o que quiser: nada temos hoje que, em mérito absoluto, se possa comparar ao trabalho exploratório do Dias de Deus. Tratarei de o demonstrar por todos os meios ao meu alcance<sup>311</sup>.

Agora, caro Veiga, continuemos nós quanto pudermos. Irei a Lisboa as vezes necessárias. Você perderá com os nossos trabalhos o mínimo de tempo.

Em primeiro lugar, pôr cá fora o que já está, por assim dizer, completo.

Ainda não decidi do dia em que vou a Lisboa, mas não tardarei.

Acho bem que leve sua Esposa a Burgos. Tenciono ir também. Temos que levar lá dois ou três trabalhos. Eu pensava em levar: MONGE // CARVALHAL // PONTE DALAGE. Que lhe parece<sup>312</sup>?

Ando muito triste mas, enfim, ainda não há melhor anestésico para desgostos e inquietações que o trabalho.

Cumprimentos para Sua Ex.ma Esposa e para as sobrinhas (dobrando a língua: para as Senhoras minhas Sobrinhas).

Um abraço,

Abel Viana

**Documento nº 65 – carta dactilografada em folha branca, datada.**

(Nota: parte da missiva está dactilografada a vermelho, para poupar a fita preta, como em casos anteriores, já referidos)

*Beja, 19/6/1955*

Meu caro Veiga Ferreira:

Em primeiro lugar, desejo que a petisa se encontre completamente restabelecida. Depois, os meus respeitosos cumprimentos para sua Esposa.

<sup>(309)</sup> Ver nota 267.

<sup>(310)</sup> Ver notas 215, 230 e 231.

<sup>(311)</sup> Propósito concretizado pela publicação, em edição do Autor do opúsculo “Algumas notas sobre António Dias de Deus e suas pesquisas arqueológicas no concelho de Elvas” (VIANA, 1956). Ver nota 100.

<sup>(312)</sup> Nenhum destes trabalhos foi apresentado ao referido Congresso, e, dos três, apenas dois se publicaram. Ver notas 303 e 306.

Pois cá estou de volta, após contínua jornada de dezoito dias.

Depois que você me deixou em Torres, no dia seguinte, de manhã, visitei detidamente, com o Trindade, o Museu de Torres. Como era Domingo, logo depois do almoço apareceu o Eng<sup>o</sup> Ferreira de Almeida e fomos até às Caldas, onde estivemos cerca de quatro horas em visita à Exposição do Centenário de Malhoa. Estivemos ainda algum tempo no Parque, que estava animadíssimo, sobretudo de senhoras e crianças. Cerca das seis da tarde, metemos pela estrada de Alenquer e subimos à serra de Montejunto, até aquele ponto mais alto onde estão as ruínas dos conventos. Ali perto fica a torre do radar e os quartéis recentemente construídos. Essa subida à serra foi para mim um espectáculo inesquecível. Descemos pelo lado de Pragança e chegámos a Torres às 9 e meia da noite. O outro engenheiro que andou connosco na véspera não voltou a aparecer. Estive com o Leonel Trindade ainda no dia seguinte e, às tantas da tarde, tomei o comboio para o Bombarral, onde já estavam à minha espera. Querem lá fundar um museu e já têm uma sala no edifício da Câmara, com algumas coisas<sup>313</sup>. Do Bombarral levaram-me, por duas vezes, a Óbidos, que visitei demoradamente, incluindo a importante igreja do Senhor da Pedra, nas cercanias. Em Torres não deixei de subir ao castelo. Do Bombarral levaram-me também ao Carvalhal, onde visitei duas igrejas com azulejos muito bons e notáveis imagens, tanto de madeira como de pedra, algumas das quais já estão incluídas nos bens nacionais.

Passsei depois às Caldas e a Peniche, com curta demora em ambos os sítios. Cheguei, depois, à Nazaré, que me deixou maravilhado. Nunca pensei que na costa portuguesa houvesse coisa assim! Estive lá três dias. Também lá querem fundar um museu municipal<sup>314</sup>. Passei seguidamente a Alcobaça onde estive seis horas no Mosteiro (!!!) e visitei a colecção de Vieira Natividade<sup>315</sup>. Aí descansei bastante e comi muita fruta. Finalmente, meti-me no comboio e parti para a última etapa da minha peregrinação – a Figueira da Foz. Fui para a Pensão Esplanada, onde me deram um quarto magnífico, com varanda voltada para a Foz do Mondego, mesmo em frente do forte de Santa Catarina. Visitei o Museu. Estive mais de uma vez com o Prof. Vitor Guerra, que é uma simpatia de homem<sup>316</sup>. Deu-me um jantar no dia seguinte. Nesse mesmo dia, eu tinha almoçado muito cedo e à uma da tarde, meti-me no autocarro na suposição de que ia para o Cabo Mondego. Afinal, o carro não passou de Buarcos, e eu teria de esperar ali mais de três horas, pelo autocarro que seguia até o Cabo. Vi que a distância era de 3 quilómetros, por estrada ao longo do mar. Fazia vento, mas era na força do calor. Despi o casaco e lá fui por ali fora, passando pela fábrica do cimento. No Cabo, verifiquei que não me deixavam entrar, por ser terreno da mina. Não tentei sequer obter autorização, mas fiquei aborrecido por

---

<sup>(313)</sup> *Trata-se do actual Museu Municipal do Bombarral, com um bem organizado núcleo arqueológico, em boa parte resultante da actividade de um activo grupo local de amadores de arqueologia, devidamente orientados, na década de 1960 e parte da seguinte, por O. da Veiga Ferreira.*

<sup>(314)</sup> *O qual, felizmente, já existe, tendo sido dirigido por muitos anos por J. L. Saavedra Machado, o qual anteriormente havia desempenhado funções de conservador no hoje designado Museu Nacional de Arqueologia.*

<sup>(315)</sup> *Refere-se à colecção arqueológica reunida nos finais do século XIX e início do século seguinte por Manuel Vieira Natividade, em parte publicada pelo próprio (Natividade, 1890, 1903) e, ulteriormente, por V. S. Gonçalves (GONÇALVES, 1978).*

<sup>(316)</sup> *O Prof. António Vítor Guerra era, à época, o Director do Museu Municipal da Figueira da Foz, que já então ostentava o nome do seu patrono, o ilustre arqueólogo Dr. António dos Santos Rocha.*

ver que, afinal, me seria vedado ver verdadeiramente o Cabo. Diabos levem minas, fábricas, estaleiros e outras monstruosidades industriais que borram a paisagem por toda a parte... Como teimei em ver a costa para ambos os lados do Cabo, animei-me a subir mais dois quilómetros, até ao farol.

Depois desci a arder em calor e em sede. Ainda faltava algum tempo para o autocarro, por isso, meti-me no restaurante do Teimoso e bebi um litro de água de Carvalhelhos, brincando, brincando, foram sete quilómetros, dois dos quais a subir, sempre na força do calor, num quente dia de Junho.

Na Figueira vi ainda os admiráveis azulejos holandeses, do Paço, e tudo o mais digno de visita, inclusive a Biblioteca Municipal.

Tudo me correu magnificamente. Sá o serviço feito em Lisboa ficou muito aquém do que eu contava. Sempre cuidei em fotografar o resto das pedras do Guadiana. Meu caro Veiga, deixe-me dizer-lhe que estou muito desapontado com os meus trabalhos nos Serviços. Convenço-me de que perdi aí imenso tempo, inutilmente<sup>317</sup>.

Vamos a ver se você consegue salvar a situação.

Com respeito aos nossos trabalhos aí, mais tenho a dizer-lhe. Peço-lhe veja a minha última carta, pois é uma trabalhadeira estar sempre a repetir o que já está dito, redito, e mais que redito...Mas aí vai em resumo:

- Fotografar o resto das pedras do Guadiana.
- Fotografar o resto das coisas de Oeiras, do Carvalhal, etc.
- Fotografar as coisas de Fontalva.

Penso em fazer novos trabalhos, da seguinte maneira:

- Em Torres Vedras, com o Leonel Trindade e consigo: Tudo o que há no Museu de Torres e ainda não foi publicado.
- Na Figueira da Foz: a) – O romano e épocas posteriores, com o Bairrão Oleiro; b) – As épocas anteriores (Bronze, Neolítico, etc.), consigo e com o Prof, Vitor Santos.

MAS TUDO ISTO INDEPENDENTEMENTE DOS SERVIÇOS GEOLÓGICOS, pois não estou resolvido a trabalhar para a gaveta. Bem basta o que já lá está e que, por este andar, nem dentro de 12 ou 15 anos será publicado.

QUE LHE PARECE? ESTÁ DE ACORDO? Mande dizer qualquer coisa<sup>318</sup>.

---

<sup>(317)</sup> *Abel Viana ter-se-ia dado conta, finalmente, que a sua actividade como arqueólogo no seio dos Serviços Geológicos de Portugal não seria, afinal, tão bem aceite como, talvez um pouco ingenuamente, supunha até então. Certamente não será por mera coincidência que boa parte dos trabalhos preparados para publicação em colaboração co G. Zbyszewski, os quais, à data, se encontravam, aparentemente, concluídos, jamais tenham visto o prelo, muito menos nas páginas do órgão oficial da referida Instituição. Ver notas 191, 227, 254 e 306.*

<sup>(318)</sup> *Nenhum dos trabalhos projectados, tanto sobre materiais arqueológicos de Torres Vedras como no tocante a espólios da Figueira da Foz foram concretizados por Abel Viana. O. da Veiga Ferreira, neste particular, concretizou os desejos de Abel Viana, já que dedicou à arqueologia de ambas as regiões, em colaboração, respectivamente, com Leonel Trindade e António Vítor Guerra, importantes estudos, felizmente publicados... mas só excepcionalmente nas “Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal”.*

Do Porto já me mandaram dizer que, vai para três meses, desmancharam a composição do nosso artigo de Monchique. Você cometeu o erro imperdoável em não me ter avisado a tempo. Fica sem separata o nosso principal trabalho! PEÇO-LHE ME MANDE OS EXEMPLARES QUE PUDER<sup>319</sup>. Ao Formosinho basta que lhe mande dois ou três. MAS MANDE-ME ISSO QUANTO ANTES. PEÇA TAMBÉM POR MIM, AO PROF. M. CORRÊA, ALGUNS EXEMPLARES DA REVISTA, NÃO SE ESQUEÇA.

Afinal, o meu trabalho sobre os dólmens de Elvas ainda não foi para o Porto<sup>320</sup>.

Ontem escrevi ao Doutor<sup>321</sup>, a pedir-lhe que o mande para lá, a fim do Manuel dos Santos calcular o custo da separata – a tempo de eu poder pedir à Fundação da Casa de Bragança o respectivo subsídio para a pagar. Telefone ao Doutor, a lembrar o caso. E por hoje basta.

Um abraço.

**Abel Viana**

**Documento nº 66 – carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 26/11/1955*

Meu caro Veiga:

Você ainda não me mandou dizer se recebeu a prosa de Fontalva, que há dias lhe enviei. Claro que não creio que você tenha andado no campo, com uma invernada destas. Olhe que por aqui tem chovido de maneira invulgar. O terreno acha-se empapado. Não quero acreditar que o nosso Amigo Rui tenha feito grande coisa em Aljustrel, apesar da escavação ser em sítio de encosta, com muita pendente, e em terreno pouco lamacento. Ele ficou de me mandar dizer qualquer coisa, e você também, mas até agora nada cá chegou.

Tornemos a Fontalva. Segui à risca as indicações do Afonso do Paço, a não ser algumas correcções que fiz em uma ou outra discordância gramatical, perfeitamente compreensível em pessoa que tem passado a vida em trabalho intensivo nas secretárias oficiais, e talvez não raro em batalha com os gramáticos da tropa, daqueles que, por formarem à direita, mandam aos outros gramar as asneiras, e na posição de sentido... Só não antecipei para determinada altura do trabalho, conforme ele sugeriu – note-se, ele apenas sugeriu essa mudança –, uma grande parte do que vai no fim porque, entendo eu, o fim precisa de levar alguma coisa. Dá efeito deplorável o trabalho ou artigo que termina assim como que de perna no ar. Seja qual for o género de escrita, e por muitíssimo científico que seja o escrito, convém que este apresente princípio, meio e fim, do contrário será aleijão. Você repare bem. É duas páginas antes do fim, onde começa: – “Na pequena ribeira que passa pela Herdade de Fontalva”...

Dizia o Paço se não ficaria melhor passar isso para a Introdução.

---

<sup>(319)</sup> *Ver bibliografia (FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1953/1954).*

<sup>(320)</sup> *Trata-se de artigo redigido em co-autoria com António Dias de Deus (VIANA & DEUS, 1955/1957).*

<sup>(321)</sup> *Trata-se do Dr. José de Sousa, responsável pela edição dos “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”.*

Parece-me que não. No fim fica à maneira de fecho, tanto mais que aí se fazem comentários de ordem geral, a modos de conclusões. Não lhe parece?

Agora, passemos a ponto mais importante.

O Paço coloca os dólmens e o povoado no NEOLÍTICO. Já se não contenta com o velho ENEOLÍTICO, onde me parece não ficaria de todo mal colocar os dólmens de Fontalva – pois seria mais uma questão de nomenclatura que de cronologia.

Em que se fundamenta o Paço para meter tudo isso no NEOLÍTICO? Irá na cola do Leisner? Olhe que eu não me considero arqueólogo, nem de terceira classe, mas não vou nada no bote do alemão.

Ele e a mulher arranjaram, digamos assim, uma técnica para uso pessoal, de que resulta uma classificação rígida, anti-natural e anti-razional como tudo o que é fruto de pura mecânica. É curioso notar como eles aceitam tudo, venha de onde vier, desde que afine com o que o que arquitetaram, e passam por cima do que não afine com a musica deles. Que eles são maus escavadores e péssimos observadores no terreno, também não tenho a menor dúvida.

Irá o Paço na toada do Vergílio Correia. Mas esse, se ainda vivesse, daria outro nome às coisas de Pavia. Você bem sabe que, naquele tempo, tudo o que era polido era neolítico.

Veja bem isso e entenda-se com ele a tal respeito.

Olhe que ele não está actualizado<sup>322</sup>.

Junto a esta cópia do Plano de Trabalhos que mandei ontem com o meu relatório anual, ao I. de A. Cultura. Leia-o e faça-me o favor de mo levar ao Professor M. Corrêa. Há aí uns trabalhos em preparação que ainda não está entre nós devidamente decidido se serão publicados sob o nome do Dr. Zby e do meu, ou do meu e do de você. Mas isso não importa ao caso. O essencial é terminá-los. Salvo o Paleolítico do Minho, tudo o mais será provavelmente feito consigo<sup>323</sup>.

Já estou a preparar as coisas para o próximo Luso-Espanhol, em Coimbra.

Será tudo em comprimidos, mas não deixaremos de comparecer<sup>324</sup>.

Quando me manda a cópia do tal desenho antigo da Mina de S. João do Deserto<sup>325</sup>? Faça você mesmo a cópia. Não vá a Aljustrel sem me prevenir.

---

<sup>(322)</sup> O ponto de vista de Afonso do Paço, vingou: na verdade, crê-se que as construções dolmênicas alentejanas terão cessado no Neolítico Final – altura em que atingiram o apogeu – pese embora as frequentes reutilizações no Calcolítico e em épocas ulteriores.

<sup>(323)</sup> Trata-se de artigos que, de início seriam publicados em co-autoria por Abel Viana e G. Zbyszewski (ver notas 191, 227, 254 e 306). Acabaram, nos casos em que foram publicados, por serem também assinadas por O. da Veiga Ferreira (ZBYSZEWSKI, VIANA & FERREIRA, 1957 a; ZBYSZEWSKI, VIANA & FERREIRA, 1957 b).

<sup>(324)</sup> Abel Viana apresentou diversas comunicações ao referido Congresso, em co-autoria, as quais se encontram publicadas nas Actas respectivas (CASTRO, FERREIRA & VIANA, 1957; RIBEIRO, OLEIRO & VIANA, 1957; VIANA, 1957; VIANA, FERREIRA & SERRALHEIRO, 1957; ZBYSZEWSKI, VIANA & FERREIRA, 1957 b).

<sup>(325)</sup> Trata-se de um desenho oitocentista intitulado “Vista dos Trabalhos Mineralógicos no Vale denominado S. João do deserto perto da Villa de Aljustrel”, assinado e datado de Aljustrel, 2 de Dezembro de 1850, publicado por Ruy Freire de Andrade (ANDRADE, 1966/1967).

Acabo de obter cópia do programa da cadeira de Arqueologia, aí da Faculdade de Letras. Você conhece-o? Cá por mim, fiquei abismado! Aquilo é receita formidável para o fabião ou fabiana que passe pela Faculdade fique com a ideia de que a Arqueologia é coisa verdadeiramente execrável! Essas criaturas que aí passam em busca do curso para ganhar a vidinha, devem ficar a odiar a abstrusa cadeira... Informam-me de que o Lente declarou que “a cadeira tem andado um pouco abandonada; espero restituí-la à categoria primitiva e encontrar aqui possíveis arqueólogos”. Ora, este homem, que em tantos anos de professorado não fez um único arqueólogo<sup>326</sup>, querera agora fazer um milagre, e com tal programa?! Se você não o conhece, trate de obter cópia deste, que vale a pena. Como estopada tendenciosa é verdadeiramente monumental.

Repare nestes excertos:

I – Âmbito da Arqueologia e progresso da sua investigação. A Arqu. Preh. e o estudo das origens. Os esforços do Museu Etnológico para a sua reconstituição: os últimos 25 anos de investigação<sup>327</sup>. (Que esforços?!!!)

II – O ambiente pré-histórico. Os primeiros habitantes do território português: donde vieram? Quando chegaram? Conclusões de Breuil. A investigação do Museu Etnológico na Estremadura e no Alentejo. (???)

III – O “Homo sapiens”, base da sua etnogenia. As escavações de Rio Maior e Cambelas e a luz que lançam sobre a sua proveniência. A pretendida influência africana; sua refutação. (????????????????.....)

IV – O “Homo taganus”. Os concheiros de Muge e a interpretação de Mendes Correia. Subsídios que oferecem os abrigos de Rio Maior e as estações de Cambelas para esclarecimento do problema. (???)

V – O “Homo mediterraneanus”. A revolução neolítica e os seus reflexos no solo português: a cerâmica ocidental, a cerâmica cardial e a cerâmica almagrada. A povoação do Alto das Rochas e a Gruta I da Senhora da Luz. Os dólmenes primitivos e as escavações de Montemor-o-Novo e Estremoz. Personalidade do nosso Neolítico: os lugares de habitação: O castro de Liceia e de Cavaleiro. As povoações de Espargueira e Serra das Éguas e Chão de Cabana da Lobeira de Baixo. As necrópoles: as grutas naturais da Senhora da Luz, da Rocha Forte e de Amoreira de Óbidos; as grutas artificiais de Carenque, Espargueira, Quinta das Lapas, Casal da Lapa e Castros; os dólmenes e a originalidade da sua cultura em Portugal. Dez anos de escavações em dólmenes alentejanos. (Onde estão os relatos, tanto destas escavações como de outras coisas atrás e ao diante citadas? Teremos todos de ir para a Faculdade, a fim de o sabermos?). As influências do SW. A cerâmica campaniforme. A arte esquemática, a descoberta da metalurgia; o bronze na Península Ibérica: as cistas de Lame; o castro de S. Bernardo e o santuário de Almoimha. As grutas inéditas (!!!!!!!)

VI – Os Indo-Europeus na Península. O Bronze II e IV. O tipo galaico-português: a joalheria. A introdução do ferro. Os Celtas. O campo de urnas da Chaminé e as necrópoles de Vila Nova de Milfontes e Alcácer do

---

<sup>(326)</sup> *Refere-se, como é óbvio, ao Prof. Manuel Heleno.*

<sup>(327)</sup> *A referência aos últimos 25 anos de investigação do Museu Etnológico no domínio da Arqueologia articula-se directamente com artigo de Manuel Heleno sobre o mesmo tema, publicado no ano seguinte (Heleno, 1956). Trata-se, porém, ao contrário do julgado por Abel Viana, de uma notável síntese, pujante de ideias novas sobre diversas épocas da nossa arqueologia, ainda que não tivessem, à época, como mereceriam, o necessário desenvolvimento e aprofundamento (CARDO-SO, 1999).*

Sal. A cultura castreja. As influências ibéricas e ocidentais no Sul da Península: os castros do Cabeço de Vaiamonte, Castro Verde e Azougada. Os Lusitanos; suas relações com outros povos.

E por aí fora, muita coisa teórica, infusa e confusa, e nada que desperte de verdade gosto e interesse. Da extensa bibliografia destacou em especial, como coisa de que não prescinde, o Atlas de Préhistoire, de Alimen (?) e “Les fouilles préhistoriques” de Leroi-Gourhan (?). Conhece você estas duas imprescindíveis peças fundamentais sem as quais se não pode ser, em Portugal, arqueólogo diplomado? É coisa que se venda aí em Lisboa, ou que se mande vir? E, caso afirmativo, quanto custam esses dois monumentos bibliográficos?

Não se esqueça de me informar disto, pois tenho o máximo empenho em conhecer, isto é, em ter à mão essas duas obras, para consulta frequente.

Veja lá. Telefone para as livrarias e mande-me resposta, sem demora<sup>328</sup>.

Acabo de escrever ao Afonso do Paço, a dar-lhe um abraço de felicitações pelo louvor que o Ministério da Guerra lhe concedeu.

Amanhã tenho cá o Formosinho – se ele não alterar pela segunda vez o programa da jornada. De Lisboa saiu para Setúbal; de Setúbal foi a Évora, com demora, lá, de dois dias; hoje deve estar em Vila Viçosa e amanhã chegará a Beja. Se o tempo não estivesse assim invernososo, eu teria ido anteontem a Évora, estaria lá dois dias com ele e acompanha-lo-ia também a Vila Viçosa, pois quer em Évora quer em Vila Viçosa eu podia mostrar-lhe coisas que, sem mim, certamente não verás.

Paciência. O cavalheiro teve a má ideia de se meter a turistar debaixo de água. Imagine como se apreciar terras como Évora, Estremoz, Vila Viçosa e outras lindas coisas do Alto Alentejo, com tempo de chuva pegada!

Bem, Amigo, recapitulando:

- 1 – O trabalho de Fontalva: convencer o Paço a deixar em paz o Neolítico;
- 2 – Ver como eu posso adquirir os dois livros franceses de Arqueologia.
- 3 – Entregar ao Prof. M. C. o plano de trabalhos do meu relatório.
- 4 – Mandar-me cópia do tal desenho da Mina de S. João do Deserto.

E, por hoje, basta.

Cumprimentos a sua Esposa, a quem desejo perfeito restabelecimento, e a suas pequenas.

Para si, o apertado abraço do costume.

**Abel Viana**

P. S. – Onde pára e o que faz o França? Nunca mais me escreveu, nunca mais soube dele. Gostaria de lhe escrever e de lhe mandar umas coisas minhas, mas não sei qual é a actual morada dele. Diga-me você para onde lhe escreva.

---

<sup>(328)</sup> É curioso que, sendo Abel Viana tão crítico do Programa da disciplina de Arqueologia leccionada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pelo Prof. Manuel Heleno, evidenciasse um tão grande interesse na aquisição de duas obras por este recomendadas e que, em absoluto, desconhecia: trata-se das obras “Préhistoire de l’Afrique”, de H. Alimen, publicada pelas Éditions N. Boubée et Cie. (Paris, 1955) e de “Les fouilles Préhistoriques”, de A. Leroi-Gourhan, publicada pelas Éditions A. et J. Picard et Cie. (Paris, 1950). O facto de o Programa da referida disciplina se reportar ao ano lectivo de 1955/1956, ano da publicação da primeira das referidas obras mostra a actualização dos conhecimentos do Prof. Manuel Heleno nas matérias por si leccionadas.

**Documento nº 67 – Bilhete postal manuscrito, datado.**

*Beja, 31-12-1955*

Caro Veiguinha: Que são geringôncio te valha!! Te faça o milagre de não pensares em coisas tristes e disparatadas! Que demónio poderia suceder para estar zangado consigo! Não tenho escrito simplesmente porque, desde 1 de Setembro que a minha vida é tarefa pegada, contínua, sem pausa que se veja. Os dias vão passando e eu apenas dou conta de não conseguir fazer tudo quanto queira.

Aí tem o motivo do meu silêncio. Note, todavia: escrevi-lhe, pelo menos, a longa carta de 26 de Novembro tão comprida que dava bem para... seis meses<sup>329</sup>. Mas julgo que já depois disso lhe mandei um ou dois postais. Seja como for, na carta de 26/11, em resposta à sua de 8/11, mandei-lhe dizer que eu estava de acordo com tudo o que me comunicava, e que ficava apenas aguardando as suas ordens e indicações. E cá estou a repetir-lho: estou de acordo com tudo. Diga-me, apenas, onde, quando e como quer que lhe apareça; Diga-me o que quer, o que não quer, e vice-versa, e tanto assim como andando, etc. e tal. Mas veja se arranja um programa capaz. Você tem falado de muita coisa, nestes últimos dois anos; na realidade, porém, a não ser Aljustrel, você tem feito tudo ou com outros, ou nada tem feito nos lugares que visitou. Assim: Sintra, Mafra, Tomar, etc..

Agora, fala-me no Norte (dólmens)... Tudo o que queira<sup>330</sup>. Não levo a mal que trabalhe com outros, mas lembre-se também de mim – não de conversa, mas com factos. Não dispenso o trabalho de Torres Vedras. O Prof. Victor Guerra muito quer que demos uma saltada a Santa Olaia... Porque não? Veja se pode meter isso também no programa. Mas uma programa que se realize, e não só de conversa fiada<sup>331</sup>. Que todos em sua casa tenham uma feliz entrada de 1956.

**A. Viana**

**Documento nº 68 – Bilhete postal manuscrito, datado.**

*Beja, 1/4/1958*

Amigo: A peça que me faz falta é esta que vai aqui indicada. Assim enrosca no disparador da máquina. O como vê, é coisa pequena. Essa pequenina peça enrosca na máquina e, por sua vez, o disparador vulgar enrosca na parte superior da peçazinha.

---

<sup>(329)</sup> *Tão assídua era a correspondência trocada que um silêncio de cerca de um mês já parecia estranho a O. da Veiga Ferreira, a ponto de admitir o desgosto de Abel Viana quanto a algum involuntário procedimento de sua parte.*

<sup>(330)</sup> *A iniciativa de agregar Abel Viana ao estudo do megalitismo dos distritos de Aveiro e Viseu, deu resultados concretos, ao contrário das outras ideias referidas na missiva. Com efeito, Abel Viana foi co-autor da comunicação intitulada “Ácerca dos monumentos dolmênicos da bacia do Vouga” apresentada ao XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado em Coimbra no ano seguinte (CASTRO, FERREIRA & VIANA, 1957 a); mas onde a contribuição de Abel Viana mais se notabilizou, para o conhecimento do megalitismo da referida região foi na co-autoria do importante estudo dedicado ao dólmen pintado de Antelas, Oliveira de Frades (CASTRO, FERREIRA & VIANA, 1957 b).*

<sup>(331)</sup> *Ver nota 318.*

Se você trabalhasse com Leica sabia do que se tratava, mas, se levar este boneco às casas de artigos fotográficos eles também perceberão o que é que pretendo. Veja, agora, a peçazinha enroscada no disparador: Explique, é para uma Leica modelo de 1937. Creio, todavia, que esta peça é “universal”, quer dizer, que é com a mesma rosca para todos os modelos de Leica e outras máquinas do mesmo tipo. Veja se me pode mandar isto o mais rapidamente possível.

Um abraço.

A. Viana

### **Documento nº 68 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Nossa Senhora da Cola – Aldeia dos Palheiros – Ourique, 8/10/1958*

Amigo Veiga: Saúde e boa disposição para o trabalho é o que do coração lhe desejo – o que implica, necessariamente, a regular saúde de sua Mulher e de suas Filhas. Pois, meu caro, vim para aqui em 5 de Setembro e daqui sairei em 15 de Outubro, com imensa pena de se me esgotar a verba e não poder cá estar dois meses seguidos. Além da boa água, dos bons ares, da boa gente que me rodeia, da vizinhança de Nossa Senhora e deste profundo sossego no meio de uma natureza completamente calma, tenho as escavações que cada vez me vão interessando mais<sup>332</sup>. Você não faz ideia da multidão de problemas que de hora a hora me vão surgindo – o que para mim é coisa encantadora, pois o que é fácil não presta... Conforme o plano estabelecido, este segundo período da campanha deste ano de 58 seria totalmente dedicado nas escavações propriamente ditas. Não se deixou, todavia, de reconstruir alguns bocados de muros, pois não se deve pensar só em escavar sem atender à conservação das obras do homem, dentro das quais estamos escavando. Há que poupar paredes de casas e lanços de muralhas, pois andar só à cata de espólios, sem atender ao resto, afigura-se-me erro tão censurável como o dos que andam à busca de tesouros com o livro de S. Cipriano em punho... Já escrevi há dias ao Sr. Dr. D. Fernando de Almeida, a dar conta muito sumária dos trabalhos aqui feitos<sup>333</sup>.

---

<sup>(332)</sup> *A exploração da vasta estação conhecida pelo castro da Cola ou da Senhora da Cola, no concelho de Ourique, absorveu progressivamente as energias e o tempo de Abel Viana, a ponto de se lhe dedicar em exclusividade, ou quase, até ao fim da sua vida. A dureza do trabalho de campo era recompensada pelo interesse dos resultados arqueológicos obtidos; a larga maioria das estruturas existentes correspondiam à época medieval (muçulmanas e portuguesas), em particular à primeira, ainda quase desconhecida, na altura, em Portugal, através de materiais arqueológicos exumados em escavações; no entanto os resultados, incluindo os largos milhares de peças exumadas ficaram por publicar: a morte surpreendeu Abel Viana em plena actividade.*

<sup>(333)</sup> *Esta preocupação de Abel Viana em proteger fisicamente as estruturas arqueológicas depois de escavadas afigurava-se quase pioneira e deveria ser, mesmo na actualidade, uma das preocupações primordiais de todos aqueles que detêm responsabilidades na realização de escavações, o que nem sempre se verifica, apesar das regras oficialmente instituídas. O Prof. Fernando de Almeida debatia-se, por certo, com idênticas dificuldades, no âmbito do seu projecto – também ele pioneiro – de arqueologia urbana que então desenvolvia, com a colaboração de O. da Veiga Ferreira na cidade romano-visigótica de Egitânia (Idanha-a-Velha).*

Acabo de receber, neste momento, correspondência que minha mulher me manda de Beja, e que na Aldeia dos Palheiros achou um portador ocasional.

Vem a sua carta remetida da Idanha. Pelo visto, você não tem recebido os postais que lhe tenho escrito, ou não tem prestado qualquer atenção ao que lhe mando dizer. Do contrário escrever-me-ia para aqui, e não para Beja. Sempre lhe tenho dito (a si e a toda a gente) que só retiraria daqui em 15 de Outubro. No entanto, a partir de 8 ou 9 nada me deve ser remetido para aqui, não só porque o correio de Ourique aos Palheiros chega a levar dois dias – porque o cavaleiro que arrematou o transporte das malas ora sai à tabela, ora sai mais cedo que o regulamentar, de modo que não apanha as malas, ora porque nem todos os dias tenho quem me traga as coisas da aldeia. Além disso, segundo indícios seguros por mim observados e que esta gente daqui também conhece e já não estranha, as cartas são todas abertas no correio, não sei se em Ourique se nos Palheiros.

Abrem-nas pelo processo de as passar pelo vapor da panela de água a ferver!<sup>334</sup>... Pois devo retirar para Beja na próxima segunda, ou na terça. Só amanhã ficará definitivamente assente este ponto. Minha mulher mandou também para cá as provas tipográficas do artigo da Ponte da Lage. Trazia um cartão do Sr. D. António. Já as tenho aqui prontas a devolver amanhã. Tive somente de corrigir algumas palavras que estavam ortograficamente erradas<sup>335</sup>. Voltando às escavações aqui. Há muito fragmento de cerâmica, de várias épocas. Os da época árabe são em avultado número, e há vidrados, pintados, decorados a carimbo, e um destes últimos com letras, como a cerâmica do tipo califal. Há dois fragmentos de uma lápide. Várias moedas, quase todas mealhas da Iª Dinastia. Uma única moeda romana, do baixo império. Uma pedra decorada, certamente romana; outra visigótica, e um capitel transformado em pia de água benta, também visigótico. Dois anzóis, um de ferro, outro de bronze. Muita diversidade de pregaria; fragmentos de esporas, de freios e de estribos; numerosas pontas de lanças e de dardos, de ferro. Já encontrei a entrada do castro, que devia ser uma só. Junto dela, escavando fundo, achei grande parte de dois grandes vasos, ambos de paredes brunidas, um deles carenado, o outro com ornato de fiada de pontos cavados, ou seja, com fiada de covinhas. Dentro destas taças havia grandes pedaços de carvão, mas nada de cinzas, de modo que não se pode falar em urnas de incineração. Junto apareceu uma pequenina conta de colar, de oiro, com feitiço de argolinha. O sítio deve dar mais alguma coisa, mas não convinha nesta altura escavar mais naquele sítio. Também no ponto em que estavam os dois fragmentos de lápide é capaz de estarem lá mais outros pedaços da mesma inscrição, mas não convinha procurá-los agora, pois implicaria o emprego de dois homens durante cinco ou seis dias, além de vir a causar futuras complicações. Levo tudo isto muito ordenadamente, de modo a não criar becos sem saída, a evitar percursos longos para despejo das terras, etc. O Ruy<sup>336</sup> esteve cá na sexta-feira passada e é provável que

---

<sup>(334)</sup> *Esta prática de violação da correspondência dever-se-á talvez relacionar com o momento político que então se vivia (eleição presidencial conturbada devido à candidatura do General Humberto Delgado) e com a região (o Baixo Alentejo constituía um importante centro de actividades políticas na altura consideradas subversivas).*

<sup>(335)</sup> *Trata-se do artigo publicado nas Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal dedicado aos materiais das antigas escavações realizadas na gruta da Ponte da Lage (Oeiras) por Carlos Ribeiro, ou sob sua direcção (ZBYSZEWSKI, VIANA & FERREIRA, 1957 b).*

<sup>(336)</sup> *Eng. Ruy Freire de Andrade, técnico superior das minas de Aljustrel e colaborador de Abel Viana e de O. da Veiga Ferreira em diversos estudos da arqueologia baixo alentejana.*

amanhã também apareça. Se vier, almoça cá e estará aqui comigo umas três ou quatro horas. O P.<sup>e</sup> Serralheiro<sup>337</sup> só uma sexta é que não veio. Sempre é um bocadinho de tempo em que me distraio com eles. Amanhã terão de me levar para Aljustrel cinco ou seis caixotes de cerâmica escolhida, e algumas das dezenas de pedras que também devem seguir para lá. Não são menos de duas carradas, e há-de ser no jeep grande. A escavação foi sempre conduzida com muito método, de modo a não causar embaraços nem complicações. O Sábado será consagrado à arrumação final, pois quero que tudo fique em boa ordem, e não com aquele aspecto de fuga precipitada, ou abandono imprevisto, como tenho observado em diversas escavações arqueológicas portuguesas. Não, isto ficará tudo em boas condições, e de tal modo que as águas tenham saída fácil, e não empocem, fazendo perigar a segurança dos muros. Já observei nalguns pontos construções de três épocas diferentes, sobrepostas. Estou certo de que ainda não cheguei às camadas mais antigas, mas só para o ano poderei atingi-las sem que desabe por ali qualquer coisa.

Meu sobrinho, António da Costa Viana, que para aqui veio comigo, logo no dia 5 de Setembro, tem-me prestado serviços admiráveis. Com ele medi o terreno do castro e da faixa circundante que o deve proteger, assim como a área do recinto fortificado a que chamam Castelejo do Pedacinho de Parede. Fizemos um aturado e repetido reconhecimento dos chamados castelejos da margem esquerda do Mira. Não se trata, como se tem dito, de castelos, ou pequenos castelos, nem são três. O que na realidade se vê são dois extensíssimos muros, cada qual a cercar vasta porção de terreno, e é curioso notar que não há nestes dois recintos nem resto de paredes, nem alicerces, nem pedaços de telhas, nem o mais insignificante pedacito de cerâmica.

Esses muros não se destinaram, portanto, a defender habitações. Nem era possível arranjar tanta gente a fim de garantir muros que têm quilómetros de extensão. Mas mesmo deste lado onde estão a igreja e o castro há muros por toda a parte, e estes deviam ser realmente os que defendiam a população, pois adentro deles abunda imenso a cerâmica, principalmente a telha curva.

Após o reconhecimento, meu sobrinho, acompanhado por um dos cavadores, fez o levantamento de tudo isto, por meio da fita métrica e da marcação de azimutes. A coisa saiu bem. Imagine que, após um complicado percurso de uns quatro mil metros, ao fechar o levantamento, achou-se um erro de dez metros.

Isto foi serviço que, para ser feito por si, com o Gimenes e mais um homem para as bandeirolas, exigiria a permanência de todos aqui, durante três ou quatro dias. Foi um belo serviço. Assim, tive tempo para medições, desenhos, fotografias, etc., pois meu sobrinho mostrou jeiteira para dirigir os homens, nas escavações, repartindo as tarefas e mantendo bom rendimento de trabalho. Os tais castelejos estão muito longe de ter o feito indicado no desenho topográfico de Cenáculo<sup>338</sup>. E no que fica exactamente ao Sul é um

---

<sup>(337)</sup> Padre António Serralheiro, pároco de Messejana e, igualmente, colaborador de Abel Viana e de O. da Veiga Ferreira em diversas publicações de arqueologia regional. Possuía uma interessante colecção particular de objectos arqueológicos, muito variados, colhidos na região, parte dos quais foi publicada em obra de que foi co-autor (VIANA, FERREIRA & SERRALHEIRO, 1957).

<sup>(338)</sup> Trata-se de um dos sete desenhos (Est. VIII) mandados executar ou executado por D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, Bispo de Beja e depois Arcebispo de Évora, inseridos na obra “Graças concedidas por Christo no Campo de Ourique, acontecidas em outros tempos, e repetidas no actual, conformes aos desenhos de suas idades” (Lisboa, 1813).

só cercado, em vez de dois. Fiz mais outras sondagens, tendo encontrado paredes de casas, fora do âmbito do Castelo propriamente dito<sup>339</sup>.

Temos dado consumo a muita caça. Até agora já demos cabo de 3 rolas, dois pombos, três lebres e 27 perdizes. Para amanhã, 10 do corrente, temos 4, pois é preciso contar com o Ruy e o P.<sup>e</sup> Serralheiro, e ainda o António, chofer. Quando cá vem é um derrote sério nos abastecimentos. Na sexta-feira passada vieram também o Alfredinho e o Jesuíno.

Estou a dar-lhe estas notícias todas e você esquece logo tudo isto. Não foram só os 300 escudos que você não mandou: foram os desenhos que lhe pedi, sobretudo aquela ampliação da carta de 1/25.000, na parte que abrange o Castelo e os Castelejos de ambas as margens do rio. Necessitava disso aí na escala de 1/5.000, só nesse pedacinho da carta. E mais coisas lhe pedi e você ficou de me mandar, as quais só poderei enumerar depois de estar em casa e ver a cópia da carta ou das cartas que lhe mandei antes de você seguir para os Açores<sup>340</sup>. Logo que possa, mande-me essas coisas.

Com respeito ao Congresso, lá irei, embora o faça apenas em atenção aos Srs. D. António e D. Fernando. Vou, mas bem persuadido de que o Grego tentará torpedear a minha contribuição. Não tive tempo, nem tenho, para levar as comunicações definitivamente redigidas. Se o homem não mas quiser aceitar depois do Congresso, será expor-me aos coices da bestiaga, sem necessidade nenhuma. Olhe, meu caro Veiga, desconfio, e oxalá me engane, que tal Congresso Arqueológico vais ser um fiasco: Lá muito barulho, muito palanfrório, fogo de vistas, muita Bandeirada Ferreirada, com Fragosadas de Lima, Prescottadas, Irisalvices e outras maravilhas folclóricas da nossa pobre Arqueologia, isso haverá certamente, mas não basta para passar decentemente à posteridade. A não ser para a história da decadência do teatro português... Enfim, lá irei, embora preferisse lá estar como simples espectador, à semelhança da maioria, e não como participante activo. Nós já somos bem poucos, desgraçadamente, e desconfio que dos melhores vai faltar considerável parte. Não quero com isto dizer que não compareçam às sessões, solenes e não solenes, e também nas manifestações festivas e nos divertimentos; mas de mãos a abanar, ou seja, sem apresentarem trabalhos dignos de consideração. O que mais abundará será romance, fantasias, bacoquices de gabinete, sabichas das dúzias, como tantos que você tem visto e bem conhece: Poeiras Cósmicas; José Coelhos, toda essa caterva de idiotas que não prima nem pelos conhecimentos arqueológicos nem pela modéstia. Seja como for, lá estarei, e descanse que não deixarei de levar cera para tapar ouvidos, nem desembaraço para me pôr fora das salas, quando as estopadas e sandices passarem da marca<sup>341</sup>. Ainda se lembra daquela miséria de sessões em

---

<sup>(339)</sup> As escavações no Castro de Nossa Senhora da Cola, no ano de 1958 duraram 67 dias, assim distribuídos: de 7/5 a 4/6 e de 5/9 a 14/10. esta carta corresponde, pois, à situação pouco antes de terminarem os trabalhos nesse ano (VIANA, 1961).

<sup>(340)</sup> O. da Veiga Ferreira integrou, durante diversos anos consecutivos, a Missão Geológica encarregada do levantamento do Arquipélago dos Açores, obrigando-o a ausências prolongadas do Continente.

<sup>(341)</sup> Não obstante tal opinião desfavorável relativamente à realização do I Congresso Nacional de Arqueologia, em Dezembro de 1958 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – daí a menção à eventual detracção que receava por parte do Prof. Manuel Heleno (o “Grego”) – Abel Viana apresentou numerosas comunicações ao referido encontro científico, publicadas nas respectivas Actas (I volume em 1959, II volume em 1970). O Dr. José Coelho era investigador da arqueologia viseense, sendo próximo amigo do Prof. Manuel Heleno e, como tal, suspeito aos olhos de Abel Viana (CARDOSO, 1999).

Coimbra, no último Luso-Espanhol ali realizado<sup>342</sup>? Cá por mim não posso esquecer; lembro-me bem disso, e com que tristeza!

Bem. Fico-me por aqui. Isto foi começado em 8 e acabado em 9, para seguir em 10. Apresente os meus cumprimentos ao Sr. Marrocos, Filho<sup>343</sup>.

Quanto a nós, um abraço e, até Lisboa.

Seu grato amigo,

**Abel Viana**

P.S. Escrevo ao Presidente da Junta de Província do Douro Litoral, que é pessoa amiga e da minha terra, a pedir uma verba destinada ao Albuquerque e Castro, para aplicar na exploração de uma enorme mamoa, próximo da casa dele.

Já tinha falado nisso ao Bertino Daciano. As coisas, ao que parece, vão bem encarreiradas.

#### **Documento nº 70 – Bilhete postal manuscrito, datado.**

*Vila Viçosa, 8-5-1959*

Amigo Veiga: Saúde.

Esta é para lhe contar uma... anedota! O Reitor do Liceu de Beja teve a ideia de pedir a criação de um campo de trabalhos em Miróbriga, e veio ter comigo, para que eu aceitasse a direcção dos trabalhos, já por eu conhecer muito bem aquela estação, já pelas relações de amizade que tive com o Dr. Cruz e Silva<sup>344</sup>, que foi o sogro dele, Reitor. Mandou a petição para Lisboa, e indicou o meu nome.

Anteontem, apareceu-me um empregado da M. Portuguesa, em Beja a dizer-me que “de Lisboa lhe tinham telefonado para que fosse a casa do arqueólogo Abel Viana e lhe dissesse que de Lisboa lhe mandavam dizer que não podiam dar-lhe a direcção do campo, porque já o haviam dado antes a outro, mas que o nome ficava registado. (!!!!!!!).

Primeiro: Como é que já dado a direcção a outro, se eles não pensavam em tal coisa.

A lembrança foi do Reitor do Liceu de Beja, e eles só souberam, ou se lembraram de Santiago do Cacém no momento em que entrou lá a petição do Reitor, com a indicação do meu nome. 2º – Fica lá o meu nome registado...

---

<sup>(342)</sup> Refere-se às *Comunicações da 7ª Secção – Ciências Históricas e Filosóficas do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Coimbra, 1956)* publicadas no ano seguinte no Tomo VIII das respectivas Actas.

<sup>(343)</sup> Trata-se de um dos membros da Família Marrocos, grande proprietária na região de Idanha-a-Velha, onde o Prof. Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira desenvolviam desde 1955 um notável programa de arqueologia urbana, em contexto romano-visigótico. Ver nota 333 (fim).

<sup>(344)</sup> O Dr. J. G. da Cruz e Silva era um investigador da arqueologia da região de Sines, tendo publicado diversos trabalhos sobre tal temática.

para quê? Esta é boa! Resta saber quem é o ilustre arqueólogo que me vai substituir. Para já pode dizer-se que é elegante e honesto! Mais um caçador furtivo, um pobre caçarieta! Veja se me descobre quem é o tipo<sup>345</sup>.

Um abraço.

A. Viana

**Documento nº 71 – Carta manuscrita, em folha branca, datada.**

*Vila Viçosa, 18/5/1960*

Amigo Veiga: Saúde.

Você, depois que o deixei em Castro Verde, devia ter apanhado mólho em barda! Sábado foi dia de muita água, em Beja. Oxalá não lhe tenha feito mal. Lembrei-me sempre de si e de que tanto a geologia como os fósseis deviam estar então muito encharcados!

Você, se teve juízo, deverá ter sabido defender-se. Quanto aos dólmenes tivemos muita sorte, pois acabámos o serviço mesmo à justa, ainda que no último dia o tempo não tivesse sido tão favorável como os anteriores. Não lhe escrevi logo, nem ao Sr. D. António<sup>346</sup>, porque mal parei em casa. Tive de vir logo para aqui.

A Secção Arqueológica foi mudada para o Castelo, conforme instruções minhas, mas eu tive de vir dar-lhe uns retoques. A arqueologia, no Castelo de Vila Viçosa, ficará muito melhor. Agora, passa a ser um verdadeiro museu. Vim para aqui na segunda de manhã (anteontem) e regressarei a Beja na próxima sexta-feira.

Na quinta-feira vem cá o Dr. António Luis Gomes, com o Ministro das Obras Públicas, e isto foi o motivo da minha vinda aqui neste momento<sup>347</sup>. Já revelei os filmes dos dólmenes<sup>348</sup>, que ficaram bons. O que ainda não vi foram as ampliações. Já as mandei fazer, mas saí de Beja antes de mas entregarem.

---

<sup>(345)</sup> Foi encarregue do referido campo de trabalho da Mocidade Portuguesa o Prof. Fernando de Almeida, na altura ainda Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o qual mantinha relações cordiais com Abel Viana. De Miróbriga, publicou ulteriores curta monografia (ALMEIDA, 1964). Tudo indica, pois, que houve pressões para que a direcção dos referidos trabalhos arqueológicos lhe fosse concedida, em prejuízo de Abel Viana.

<sup>(346)</sup> Eng. António de Castello-Branco, director dos Serviços Geológicos de Portugal, já muitas vezes referido, com quem Abel Viana mantinha relações de cordialidade, manifestando invariavelmente grande preocupação no cumprimento das regras instituídas, até porque, hierarquicamente, aquele poderia condicionar ou inviabilizar a colaboração de O. da Veiga Ferreira, que Abel Viana prezava sobremaneira. É de registar, a este propósito, os pedidos anuais de autorização endereçados por Abel Viana, para obter a colaboração de O. da Veiga Ferreira nas escavações do castro da Senhora da Cola, de 1958 a 1963.

<sup>(347)</sup> A transladação do núcleo museológico de carácter arqueológico para o Castelo de Vila Viçosa, vindo do Paço Ducal de Vila Viçosa, teve, naturalmente, o apoio da Fundação da Casa de Bragança, cujo Presidente do Conselho de Administração era, à data, o Dr. António Luiz Gomes e do Ministério das Obras Públicas, a quem competia a administração dos Edifícios e Monumentos Nacionais, como era o caso do castelo de Vila Viçosa, onde as ditas colecções ficaram instaladas e onde ainda hoje se conservam (Museu Arqueológico de Vila Viçosa).

<sup>(348)</sup> Trata-se provavelmente das fotografias realizadas no decurso das escavações entre finais da década de 1950 e inícios da seguinte em diversos monumentos de falsa cúpula (tholoi) realizadas por Abel Viana em colaboração com O. da Veiga

Logo que as tenha, enviar-lhas-ei. Você não se esqueça de me mandar as plantas e cortes dos dólmens, a fim de eu ir fazendo a prosa. Você bem sabe que eu não me ajeito bem a escrever sem ter debaixo dos olhos os desenhos e as fotografias. É mesmo a única maneira de eu apreciar certos pormenores. Ao chegar a Beja verifiquei ter trazido o pausito da sua famosa Gaiola – peça que julgo ser muito importante e de pau-santo..., pau de muita estimação. Esteja descansado que eu lho enviarei para Lisboa, quando aí for, ou lho remeterei pelo correio, com as fotografias e o mais que eu tenho para lhe mandar. Entretanto, o precioso pau não lhe fará falta, pois os pássaros, nesta quadra do ano, que é aquela em que a poupa costuma parir, andam no choco, de modo que, em sendo apanhador, morrem na gaiola, sem deixarem testamento. Amigo: aí vão os tais recibos. Logo que possa mandar o carço, mande sem receio algum. Saberei empregá-lo bem.

Fartei-me de ralar e de comer queijo, mas valeu a pena. Você ainda há-de ter saudades das nossas terríveis discussões! Quanto mais berramos um ao outro mais amigos somos e mais trabalhamos. Isso de escovinhas de veludo é para os homens do entrecruzado<sup>349</sup>... Cumprimentos às sobrinhas. Um abraço.

**Abel Viana**

P. S. – Tenho também, e bem guardada, aquela amostrazita de pedra, que você me entregou, e que parece um pequenino “liso”<sup>350</sup>.

Creio não ser um cristal. Trata-se de uma faceta espelhenta, de cor acastanhada. Foi achado no Estácio. Também lhe enviarei ou mandarei isto.

**A. Viana**

### **Documento nº 72 – Carta dactilografada em folha branca (1/2 de A4), datada.**

*Beja, 15 de Maio de 1961*

Amigo Veiga: Saúde. Pelo correio de hoje lhe remeto as fotografias tiradas neste nosso trabalho de Abril passado, em Aljustrel. Há mais uma dúzia de cópias 6x6 (Rolleiflex), da vasilha – nem todas ficaram bem – que lhe não mando porque, à uma, preciso delas cá para me orientar nas buscas bibliográficas, à outra porque, tendo você aí a vasilha, já com toda a certeza a fotografou, e bem. Há também aquelas cópias em que figuram o Freire de Andrade e o Costa Correia, as quais eu enviei aos dois interessados, pois nada custa deixar estas

---

*Ferreira e outros, situados em diversos concelhos do Baixo Alentejo. Esta foi a derradeira colaboração dos dois eminentes arqueólogos e a mais importante de todas, depois dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos na região de Monchique.*

*A notável contribuição de Abel Viana para o conhecimento da existência e características destes monumentos funerários calcolíticos no Baixo Alentejo – região onde, até então, eram totalmente desconhecidos – encontrava-se bem expressa pelos trabalhos publicados em que figura como co-autor (VIANA et al., 1959; VIANA, ANDRADE & FERREIRA, 1960; VIANA, FERREIRA & ANDRADE, 1961 a; 1961 b; VIANA, ANDRADE & FERREIRA, 1961).*

<sup>(349)</sup> Mais uma evidência da sã e genuína amizade que unia Abel Viana e O. da Veiga Ferreira.

<sup>(350)</sup> Refere-se Abel Viana a um “liso de falha”, resultante do atrito de duas massas sólidas e duras, de origem tectónica.

pequenas lembranças a quem nos proporciona tão magníficas explorações. Não acha que é assim? Pois aí vão as fotografias. Os negativos irão comigo, no dia 1 de Junho, em que vou para Lisboa. Minha filha deve casar no dia 4, e eu irei com alguns dias de antecedência. O dia 1 é feriado, mas no dia 2 aí estarei nos Serviços, levarei também um percutor, que é do dólmen, ou seja, do monumento do Monte do Outeiro – peça que não deve ficar esquecida<sup>351</sup>. Junto um recibo da despesa feita com a fotografia. Não me diga que não está em termos... É como tantos outros que faço para diversos serviços públicos e entidades, segundo as normas que todos eles indicam. Parte dessas fotografias da Leica foram tiradas pelo Ruy, com a minha máquina e o flash. Não se saiu mal, conforme verá. Não há dúvida de que você pode escolher três ou quatro aspectos magníficos, tanto da câmara como do corredor – e pode ter, conforme eu tenho, a certeza de não documentação fotográfica mais completa, nos trabalhos deste mesmo género, tanta de cá como lá de fora.

E pronto. O Ruy já cá esteve duas vezes. Vieram a Beja o Luís Monteagudo<sup>352</sup>, o Bairrão Oleiro e o Comfort. Não tive tempo para estar com este último. Ele veio para trabalhar com o Nunes Ribeiro e o Oleiro, na sigillata. Eu nada tinha a ver com isso, portanto, deixei-os trabalhar à vontade. Com o Monteagudo, porém, estive muito tempo a atendê-lo, assim como troquei bastantes impressões com o Oleiro, embora tivesse gostado de estar mais tempo com ele<sup>353</sup>.

Mas não pode ser.

NÃO SE ESQUEÇA DE ME MANDAR ALGUNS EXEMPLARES DAQUELE NOSSO TRABALHO NA REVISTA DE GUIMARÃES<sup>354</sup>. E mande o mais que quiser.

Cumprimentos às digníssimas Sobrinhas e, quanto a nós, um abraço e até breve.

Entretanto, escreva-me, diga coisas.

Do velho e grato amigo e companheiro,

**Abel Viana**

---

<sup>(351)</sup> *O trabalho relativo à tholos do Monte do Outeiro (Aljustrel) foi publicado na Revista de Guimarães (VIANA, FERREIRA & ANDRADE, 1961 b).*

<sup>(352)</sup> *O Doutor Luis Monteagudo especializou-se na análise tipológica de artefactos pré- e proto-históricos metálicos da Península Ibérica. A sua dissertação de doutoramento foi dedicada à organização de um corpus tipológico, tanto quanto possível exaustivo, dos machados de cobre e de bronze da Península Ibérica, tendo sido publicada na Alemanha em 1977.*

<sup>(353)</sup> *Mais uma prova, a somar às anteriormente evidenciadas, do apreço e consideração que Abel Viana dedicava ao Dr. J. M. Bairrão Oleiro. Ver notas 112 e 134.*

<sup>(354)</sup> *Deve referir-se à publicação no ano anterior, na citada revista, da tholos do Malha Ferro (Ourique) (VIANA, ANDRADE & FERREIRA, 1960).*

<sup>(355)</sup> *Refere-se a mais uma das diversas missões geológicas ao arquipélago dos Açores realizadas por O. da Veiga Ferreira, que o obrigavam a ausências prolongadas do Continente. Ver nota 340.*

**Documento nº 73 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Nossa Senhora da Cola, 14/9/1961*

Amigo Veiga:

Até que enfim tenho notícias suas e a respeito dos seus! Você raspou-se para os Açores sem dizer água vai... Eu andava sempre à espera de saber que você já tinha regressado<sup>355</sup>. Ainda bem que me escreveu. É da maneira que mais depressa entro em contacto consigo. Antes de entrar nos assuntos arqueológicos quero entrar nas coisas de ordem pessoal. Em primeiro lugar, espero que se recomponha da saúde, e que a torcedura da perna não redunde em maçadas para o futuro. Você abusa do físico, estou fartíssimo de lho dizer. Mas você toma as minhas advertências por pirronices de velho – e velho será você, ou sua tia-avó! Já lhe disse que se acautele e que não queira armar em mártir da Ciência, pois ninguém acreditaria nisso... Pois eu vim para aqui em 31 de Agosto<sup>356</sup>. Visto me não terem dado dinheiro a tempo de vir para aqui nos meados de Junho, a iniciar uma primeira campanha de escavações, resolvi-me a permanecer no forno de Beja, durante o mês de Agosto, conforme já tinha passado o de Julho. E é que teria então em Beja meu filho Alberto, minha nora e minha neta, e passar em Beja, durante a Feira, coisa que já não faço há seis anos! Pensava eu assim quando, a 26 de Julho, recebi um aflitivo ou implorativo apelo da Associação Académica de Coimbra, para que aceitasse a chefia legal do III Campo Internacional de Trabalho Arqueológico, em Âncora. Ora, eu não tinha nenhuma desculpa decente a apresentar. Ou aceitava, com todos os encargos de maçadas e preocupações, ou dizia simplesmente que não ia para Âncora PORQUE NÃO QUERIA. Isto não seria razão honesta. O Estado paga-me para servir a Arqueologia, e eu, portanto, tenho de a servir em todos os campos e circunstâncias<sup>357</sup>. Agora, deixe-me dizer-lhe, muito melhor fora que, em vez de se estar a gastar dinheiro com estes supostos “campos de trabalho”, o dessem a alguns arqueólogos diligentes e honestos, para o gastarem com trabalhadores de verdade, embora tivessem como assistentes – na aceção de pessoas que assistem, e não na de substitutos universitários -, ou como alunos praticantes essa rapaziada de ambos os sexos, tanto natural como estrangeira! De Âncora ficou-me este ano péssima impressão. Valeu-me o achado de umas quantas pedras altamente interessantes. Nunca me trabalharam, aquelas vinte e duas alminhas, mais que hora e meia por dia! E mesmo assim tive de pôr em vigorosa prática todo aquele meu vernáculo aprendido e aperfeiçoado em Darque e em Seixas do Minho, em que o português mais suave é de filho da Puta para cima... Amigo

---

<sup>(356)</sup> *Esta carta, escrita de Nossa Senhora da Cola, data da época do quarto ano de escavações na estação (VIANA, 1960). Já anteriormente (Documento nº. 68), Abel Viana tinha dali escrito missiva a O. da Veiga Ferreira, no decurso do primeiro ano de escavações naquela importante estação arqueológica.*

<sup>(357)</sup> *Nesta época, Abel Viana dedicava-se em exclusividade à investigação arqueológica, mercê das bolsas para tal concedidas pelo Instituto de Alta Cultura e pela Fundação Calouste Gulbenkian (esta última limitada às escavações da Senhora da Cola). Nestas condições, achava-se na obrigação moral de acorrer a todas as solicitações ou pedidos de colaboração, posição sem dúvida incómoda, que explica o pesado encargo em dirigir escavações na Cividade de Âncora, em detrimento da Família, mesmo com sacrifício das férias, de que, de modo natural, sempre prescindiu, quando necessário.*

Veiga, vi-me na dura necessidade de os tratar assim, em português arrieiral com tradução em várias línguas! Esta coisa dos campos de trabalho é grande fita. O Afonso do Paço já está cheio dessa pouca vergonha<sup>358</sup>. Estou em crer que o D. Fernando estará na mesma. Seja como for. Se eu estivesse na idade e nas condições de andar às meninas, preferiria ir às ruas onde moram, que utilizar-me das que também surgem nestes campos de trabalho... científico. Amigo, isto, cientificamente, não dá nada. Moral e socialmente só dá rebaixamento do espírito, dessoramento moral, deseducação sentimental.

Tive em Âncora raparigas que não pareciam mulheres, antes cadelas aluadas. Porra, Veiguinha amigo, porra! Ai, que se me fazem abrir o bico!... Isto tem de levar uma volta salutar. Há que remodelar as coisas. O D. Fernando pode ter um grande papel em tal movimento. O Serrão é mau, mas isto é incomparavelmente pior que todos os Serrões presentes e futuros<sup>359</sup>.

Em Âncora não exigi o contrato de pessoal trabalhador porque eles não receberam o subsídio senão 3 ou 4 dias antes de terminar o período das escavações sob minha responsabilidade. Para aqui vim com dinheiro meu, oito contos das minhas economias pessoais<sup>360</sup>. Felizmente, já me garantiram os subsídios e eu alarguei imediatamente a amplitude das escavações, e meti mais pessoal. Isto vai bem. O que mais aparece é da época árabe, mas surgem coisas muito mais antigas, inclusivamente a parte superior de um daqueles ídolos eneolíticos, que costumam ser de calcário. Este, porém, era de osso<sup>361</sup>. Isto está mostrando muita coisa interessante de ver e estudar. Tenho pena de você não dar cá uma saltada antes de eu cobrir tudo isto com pedra, pois se deixo isto a descoberto será a destruição definitiva. Não; hei-de recobrir tudo quando puder. Aqui não há sabsenças serronísticas nem intrugices helénicas. Procuro defender isto o melhor que posso.

ASr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Irma tem mais uma menina. O Ruy escreveu-me, radiante, a dar a fausta notícia. O pior é que a pobre da mulher teve de se sujeitar a uma cesariana. Oxalá tudo corra bem. O Ruy promete vir aqui depois de amanhã, sábado, em companhia do P. Serralheiro. Só veio cá no primeiro ano.

---

<sup>(358)</sup> Afonso do Paço dirigiu diversos campos de escavações, organizados ou não pela Mocidade Portuguesa, na segunda parte da década de 1950 e nos inícios de década seguinte, primeiro no povoado pré-histórico da Parede (Cascais), depois na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), aqui com estudantes universitários. Sobre a cidade de Âncora, publicou Abel Viana uma curta nota (VIANA, 1960/1961).

<sup>(359)</sup> Refere-se ao Dr. Eduardo da Cunha Serrão, arqueólogo que já então tinha dirigido diversas escavações arqueológicas em estações pré-históricas dos concelhos de Sintra (Olelas), Cascais (Parede) e Sesimbra (Lapa do Bugio e Lapa do Fumo). A sua actividade foi sempre pautada por preocupações de índole metodológica, por ele consideradas correctas, julgadas indispensáveis à boa prática das escavações: mas a aplicação do “método dos quadrados”, por si apreendido das obras de Mortimer Wheeler, de forma indiscriminada, nem sempre conduziu a bons resultados, por não se adequar indistintamente às situações que importava investigar (ver SERRÃO & VICENTE, 1959).

<sup>(360)</sup> Esta é uma realidade incontornável: a de ser o próprio Abel Viana, que, não sendo rico, era obrigado a avançar com as suas economias para a realização de trabalhos arqueológicos, situação hoje em dia difícil de aceitar, sobretudo por aqueles que mais clamam por mais meios financeiros, sempre considerados insuficientes ...

<sup>(361)</sup> Trata-se, provavelmente de uma peça torneada mais moderna, conforme esboço da mesma, realizado a caneta, apresentado à margem do texto dactilografado.

Deve ficar surpreendido com a amplitude dos trabalhos. Minha mulher talvez venha cá também, com meus cunhados e o Dr. Fernando Nunes<sup>362</sup>. Ela verá onde o marido tem feito vida de frade, durante três anos, a caminho do quarto<sup>363</sup>... Saiba que tanto lutei que já não há bichos nesta casa. Tanto fiz que já dei cabo deles. Faço votos por que os trabalhos da Idanha resultem bem, como de costume<sup>364</sup>.

Peço-lhe: – Que me recomende às três Sobrinhas, e que a mais velha (velha é maneira de dizer) se encontra livre de incómodos; dê cumprimentos meus ao Sr. D. António, Fernando Moitinho e Zby; um apertado abraço ao Camarate<sup>365</sup>. E mande-me mais notícias suas. Devo permanecer aqui até o fim de Outubro, a menos que as chuvas me obriguem a intensificar os trabalhos e dar fim às massas. Um abraço do dedicado

**Abel Viana**

Não há tempo que chegue! E ainda bem. É a maneira de se não morrer de melancolia, neste estupendo deserto! Trouxe aqui o Mário Beirão<sup>366</sup>, que definiu – “Isto é sítio para poetas!”.

P. S. – Você engana-se a respeito do tempo de que disponho aqui. Lembre-se de que tenho de vigiar o trabalho, fazer desenhos, medições, etc., de redigir o diário das escavações, tratar da arrumação da casa, lavagens e empacotamento dos cacos, tratar da cozinha, etc..

#### **Documento nº 74 – carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 5 de Agosto de 1962*

Veiga Amigo: Saúde. Respondo à sua carta de 2, ontem à tarde recebida. Vamos a ver se consigo enviar-lhe esta ainda hoje. Em primeiríssimo lugar – CALMA, HOMBRE! –, como naquela inesquecível noite de comboio, de Santander a Madrid... Cuidado com as precipitações, cautela com as insubordinações, fora com desgostos e desânimos, que tanto mal fazem à saúde... Gostei desta sua carta porque: I<sup>o</sup> – Até que enfim tive notícias suas. Fui-lhe mandando de vez em quando um postalzito, a ver onde você parava. Era mais por isto

---

<sup>(362)</sup> *Dr. Fernando Nunes Ribeiro, arqueólogo amador da região bejense, autor de diversos trabalhos de mérito sobre a Idade do Bronze e o Período Romano, com destaque para os resultantes das escavações que levou a efeito na notável villa romana de Pisões, perto da referida cidade.*

<sup>(363)</sup> *Tratava-se de uma modestíssima casa, pobrementemente mobilada com condições de trabalho hoje consideradas inaceitáveis: sem água, sem luz e sem esgotos... mas com muita bicharada, à qual, aliás, Abel Viana faz referências na sua correspondência (ver carta anexa ao Documento nº. 77, dirigida a Mário Cardozo).*

<sup>(364)</sup> *Refere-se ao campo de trabalho arqueológico dirigido pelo Prof. Fernando de Almeida e por O. da Veiga Ferreira destinado à recuperação arqueológico-patrimonial da velha cidade romano-visigótica de Egitânia (Idanha-a-Velha). Ver notas 333 (fim) e 343.*

<sup>(365)</sup> *Dr. J. Camarate França, já várias vezes mencionado ao longo da correspondência.*

<sup>(366)</sup> *Mário Beirão, poeta alentejano, grande amigo de Abel Viana, nascido em Beja em 1891 e falecido em Lisboa em 1965.*

que por outra coisa. Mas você, moita! Nem chus nem bus! Claro que se você tivesse morrido, uma notícia triste nunca deixa de chegar... Pensei que mais uma vez tivesse ido para a cartografia geológica das Ilhas. Pensei, sobretudo, que tivesse imenso que fazer. Eu também, sem ser por desatenção ou falta de apreço, devo resposta a muita gente a quem será lícito, perante meu insólito silêncio, pensar que sou, pelo menos, grosseiro, malcriado. A verdade é que, muitas vezes, quando determino saldar a dívida epistolar, já não tenho a certeza de que o destinatário ainda esteja no mesmo sítio, ou conserve a mesma morada. Enfim, é uma grande maçada o tempo não chegar para tudo, se é que a verdadeira culpada não seja a grande queda do nosso rendimento de trabalho<sup>367</sup>. II° – Do que se passa nos Serviços nada me admira. São coisas que tenho previsto de longa data e vislumbrado à distância. Tanto assim que, precavendo-me, há muito que fui pondo de lado a existência dos Serviços, no plano útil das minhas actividades. Creia, Amigo Veiga, apesar de todo o meu muito respeito e sinceríssima estima pelo Sr. D. António, senti a certezinha certa de que os Serviços terminavam para mim, no momento em que falecia o Eng.º António Viana, e era posto na prateleira das coisas fora de uso o Eng.º Oliveira Simões. Isto equivale a dizer que me refiro ao tempo em que o Zby era dentro dessa casa o verdadeiro e utilíssimo mentor. Ainda que você me não queira acreditar, o certo é que eu conheci muitíssimo melhor que você o ambiente dos Serviços Geológicos antes de você ter dado entrada aí. No tempo do Eng.º Viana, eu estava aí nos Serviços, frequentemente, oito, dez, quinze dias, a trabalhar constantemente com o Zby, e eu era recebido, não com simples atenções e amabilidades, mas também como alguém que ia aí trabalhar utilmente.

Depois, já com o Sr. D. António, embora ele tivesse sido sempre para comigo de uma tal atenção e carinho que eu jamais poderei suficientemente agradecer, a minha presença aí causava uma reacção que nenhuma engenharia do mundo seria capaz de disfarçar com êxito, perante a minha capacidade de observação. Todos nós temos qualquer percentagem de burro, mas creio bem que Deus teve para comigo a caridade de me conceder o menos possível. Mal faleceu o Sr. António Viana, vi claramente surgir para mim uma situação nova: a de, cortezmente, tolerado<sup>368</sup>.

E, veja, nada mais aí pude fazer: o Zby nunca mais teve tempo de continuar os trabalhos que estávamos fazendo, e muito menos iniciar outros já por nós planeados<sup>369</sup>. Você entrou para aí e eu em tempo algum me iludi a respeito da situação criada pelo falecimento do antigo Director.

---

<sup>(367)</sup> Abel Viana tinha, então, 66 anos de idade, feitos a 16 de Fevereiro desse ano de 1962.

<sup>(368)</sup> Estes parágrafos, escritos num estilo claro, impressivo mas incisivo, são um precioso retrato, no que concerne à arqueologia, da trajectória daquela centenária Instituição nas décadas de 1940 e de 1950, quando o reconhecimento geológico do País se tornou a prioridade da sua actuação, expressa pela publicação de cartografia à escala de 1/50 000. Tal realidade, acompanhada da abertura à colaboração de geólogos externos à Instituição, remeteu para um plano secundário a Arqueologia, do mesmo modo que a autonomia antes auferida por G. Zbyszewski foi sendo, paulatina mas irreversivelmente, substituída pela autoridade de um director preocupado em cumprir estritamente as directivas emanadas superiormente como, naturalmente lhe competia. Sem dúvida que, no novo panorama interno então criado, teve papel relevante a personalidade do Eng. António de Castelo Branco, talvez menos autónomo e criativo que o seu antecessor, o Eng. António Vianna, por todos reconhecido como um homem de visão estratégica (como o definiu o Prof. Carlos Teixeira).

<sup>(369)</sup> Amargo e tardio reconhecimento de evidência já antiga, como ao longo desta correspondência se foi constatando.

Não, o que não fiz com o Zby já não podia fazer consigo, apesar de todo o meu desejo e de toda a sua cândida boavontade... Já outro poder mais alto se alevantava entre nós todos. Não quis nunca, apesar de algumas vezes me terem escapado alguns comentários que você nunca entendeu, porque eu próprio não desejei fazer-me entender, abrir-me consigo. Você certamente não acreditava, dada a sua constante e límpida boa-fé – essa excessiva boa-fé que faz de você, no campo das ideias políticas<sup>370</sup>, um rematadíssimo pateta, sem o menor sentido de espírito crítico e sem o menor senso das realidades, um idealista tão inconsequente que chega a defender coisas que são inimigas basilares dos seus próprios sentimentos sociais e morais... Para quê falar-lhe em coisas que você não aceitava como certas, coisas que você não via nem queria ver e que me entravam pelos olhos como a luz do sol? Repare, Veiga Amigo, então que deram os Serviços para os nossos trabalhos do Vale do Vouga<sup>371</sup>? E essa miséria que concederam para as pesquisas do Campo de Ourique<sup>372</sup>... Ora bolas! Em uma repartição onde se gastam por ano centenas de contos em gasolina, para tudo e para nada, e onde toda a gente, de alto a baixo, vive a febre das ajudas de custo – flanco lamentável oferecido pelos superiores aos subordinados, que não são cegos, e que manhosa e tenazmente se colocam no mesmo nível dos chefes, exercendo o velho direito preceituado no famoso artigo: ou comem todos ou haja moralidade – que representava essa porcaria de 500 escudos, que por duas ou três vezes me concederam? Isso nunca foi subsídio; nunca passou de merda, que eu, dignamente, nunca agradei! Para um colector ir buscar uma pedra qualquer a qualquer ponto, paga-se, e muito justamente, quatro ou cinco vezes tal quantia; no entanto, se a Pré-história ainda conta nas tradições dos Serviços, não seria de mais custear condignamente as explorações dos dólmenes da região de Ourique, por exemplo. Não me refiro a ordenados ou gratificações, evidentemente, mas simplesmente a despesas de hospedagem e do veículo para as deslocações no terreno<sup>373</sup>.

Bem, não acredito que a coisa vá ao ponto de não consentirem que você e o Camarate França continuem, sob a égide dos Serviços, a prosseguir na investigação arqueológica. Há tão pouca gente capaz! Uns, como Mendes Correia, Joaquim Fontes, Jalhay (apesar de todo o seu egoísmo), Dias de Deus (apesar de sua falta de preparação científica), morreram; outros, como Mário Cardoso, Afonso do Paço e eu, estão velhos; Formosinho desapareceu; D. Fernando tem muito mais que fazer... Fica então essa caterva de palermas

---

<sup>(370)</sup> *Recorde-se que O. da Veiga Ferreira subscreveu as listas do MUD em 1946, o que lhe valeu o congelamento da sua entrada para a Função Pública, bem como das promoções a que teria direito, durante dezasseis anos: só revogados em 1962, devido a intervenção pessoal do então Director-Geral de Minas e Serviços Geológicos e seu amigo, o Eng. L. de Castro e Solla (CARDOSO, 1993/1994).*

<sup>(371)</sup> *Trabalhos que proporcionaram a exploração e adequada publicação de um dos mais notáveis monumentos dolmênicos portugueses, devido à existência de pinturas complexas nos respectivos esteios, o dólmen de Antelas, no concelho de Oliveira de Frades (CASTRO, FERREIRA & VIANA, 1957 b). Ver nota 330.*

<sup>(372)</sup> *Refere-se a topónimo baixo alentejano, nas proximidades do castro de Nossa Senhora da Cola onde, segundo tradição muito antiga, se teria travado a batalha de Ourique.*

<sup>(373)</sup> *Parece constituir situação contraditória, esta indesmentível falta de apoio financeiro, concedida pela Instituição, tendo em conta que alguns trabalhos relativos a tão notáveis monumentos arqueológicos foram publicados nas páginas da sua revista oficial (ver Bibliografia da nota 348).*

vaidosos, a quem mais incentiva a vaidade própria que o desejo de contribuir decentemente para a cultura arqueológica portuguesa? A arqueologia nacional não pode ficar entregue a pantomineiros e cretinos, nem às brincalhotices dos “campos internacionais de trabalho arqueológico” cuja nocividade tive como dever denunciar às instâncias competentes<sup>374</sup>.

Amigo, isto não é dos regimes, é dos homens, é da velha desgraça dos homens mais sérios ficarem com os testículos amarrados pelas suas estupidíssimas e virtuosíssimas esposas, e os aventureiros de toda a casta que, ou por não terem virtuosas e prudentíssimas esposas, ou por terem testículos viscosos, em tudo avançam e por tudo trepam...

Fixemos ideias: Você, com França e direcção oficial ou oficiosa do Zby, tem de continuar a trabalhar na Arqueologia, sempre que possa. Não Faça Barulho. CALMA, HOMBRE! Seja cauteloso nas críticas. Isso de sair de Lisboa, seja para onde for, não tem pés nem cabeça. Então a minha sobrinha mais velha – sempre habituada a Lisboa, e já em idade que, não a fazendo velha, não consente que continue a ser menina – ia agora resignar-se a viver em vilória da província... Você tem cada uma<sup>375</sup>! E as suas filhas? Que interesse ou conveniência achariam em sair de Lisboa? Juízo, menino, juizinho. Ai, que se elas, sabendo do caso, resolverem dar-lhe uma sova, eu só lhes não darei ajuda por não receber aviso a tempo e horas! Demais, a sua obra de paleontólogo dá-lhe ocupação bastante para atenuar o desgosto das dificuldades arqueológicas... Sossegue, pois. Não se precipite. Seja prudente, resignado, esperto e... espertalhão. Os homens vão-se e as obras ficam.

III<sup>o</sup> – Gostei imenso da notícia que me dá a respeito do Jorge de Almeida Monteiro<sup>376</sup>. Veja se o instrui bem, de modo que ele possa continuar. Se não fosse a Senhora da Cola, eu iria passar todos os anos com ele um mês, mesmo à minha custa, a desenterrar uma pequeníssima parte daquela zona tão rica de arqueologia. A PROPÓSITO: Porque não combinamos, eu e você, irmos aos barcos enterrados na antiga ria da Nazaré? Porque não vamos lá, por exemplo, em começos de Novembro? A despesa pessoal será pequena. A da escavação não será avultada, e eu mesmo conseguirei arranjar verba para isso.

---

<sup>(374)</sup> *Visão amarga mas que, infelizmente, o tempo se encarregou de confirmar; com efeito, foi só a partir dos inícios da década seguinte, com a emergência de uma nova geração de arqueólogos, que a arqueologia portuguesa, salvas honrosas exceções, saiu do marasmo e mediocridade que a caracterizava.*

<sup>(375)</sup> *Esta missiva de Abel Viana corresponde em parte a resposta de uma de O. da Veiga Ferreira onde desabafa muitos dos seus desânimos e desapontamentos quanto às perspectivas de poder desenvolver actividade arqueológica no âmbito da Instituição a que pertencia, cada vez mais dificultada pelas chefias (ver notas 368 e seguintes). Importa referir que, em 1962 o chefe dos Serviços Geológicos de Portugal era o Eng. F. Moitinho de Almeida o qual nunca viria a assumir, ao contrário dos seus antecessores, o cargo formal de Director; tal situação, naturalmente, implicou ajustamentos conjunturais internos. Sobre tal assunto, ver carta de O. da Veiga Ferreira a Abel Viana, já publicada (CARDOSO, 1993/1994, Documento n.º 42).*

<sup>(376)</sup> *Jorge de Almeida Monteiro, prematuramente falecido era o principal animador de um grupo de então jovens entusiastas pela arqueologia bombarralense que integrava Antero Furtado, António da Silva Maurício e Vasco Cortes. A referência a este explica-se: a 20 de Agosto de 1962, apenas 15 dias depois da presente missiva iniciava-se a escavação da Gruta Nova da Columbeira, onde aquele e os restantes elementos do grupo viriam a colaborar (CARDOSO, RAPOSO & FERREIRA, 2002).*

Pense no caso e vamos lá. Palavra que tenho muito empenho nisso<sup>377</sup>. Antes de Setembro não poderá ser. Fui para a Senhora da Cola em 3 de Junho. Até 4 de Julho trabalhei com o Hermanfrid Schubart<sup>378</sup>. Fui eu que o pedi ao Instituto Alemão de Arqueologia, mediante uma exposição que fiz ao Helmut Schlunk. Eles apresentaram a condição de se apresentar o estudo publicado em alemão, e abrangendo todo o trabalho de exploração, desde que descobri a estação, a fim de se fazer um trabalho completo; eu, entre outras coisas, ressalvei a prioridade portuguesa da descoberta e classificação, a publicação simultânea do trabalho, em português, e a qualidade de meu colaborador, atribuída a Schubart, e ficando-me inteiramente a responsabilidade legal e científica dos trabalhos a realizar. Foi em tais bases que se trabalhou<sup>379</sup>. Note que não foi em tais condições que você andou a acompanhar (?) o Roche<sup>380</sup>. Você há-de ver o que foi este trabalho. Eu também

---

<sup>(377)</sup> *Abel Viana teria por certo conhecimento de informações sobre a existência de restos de embarcações afundadas na lagoa da Pederneira, outrora aberta ao Oceano. Tais testemunhos, porém, só foram muito mais tarde objecto de investigação e da correspondente publicação e datação absoluta (ALVES, SOARES & CABRAL, 1993). Trata-se de caverna de uma embarcação, encontrada na época da presente missiva, datada pelo radiocarbono entre 973 e 1040 anos cal a. C., portanto de época imediatamente anterior à nacionalidade.*

*Apesar de tudo, e do tom amargo da missiva, o ânimo de Abel Viana era inabalável, como se conclui da sua disponibilidade em meter ombros a tão difícil empresa, para mais região onde jamais tinha desenvolvido trabalhos de investigação arqueológica, nem que fosse à sua própria custa, à falta de financiamento oficial.*

<sup>(378)</sup> *Refere-se às escavações efectuadas na necrópole do Bronze do Sudoeste da Atalaia (Ourique), dirigidas por Abel Viana e com a colaboração de H. Schubart, realizadas com base nas instalações existentes no Santuário de Nossa Senhora da Cola.*

<sup>(379)</sup> *Estas condições evidenciam a dignidade que Abel Viana atribuiu ao seu trabalho, enquanto representante do seu País, numa acção conjunta com arqueólogos estrangeiros, eles próprios, em certa medida, também representantes do seu País, visto serem apoiados oficialmente, tal como acontecia com o arqueólogo português. De entre as condições elencadas por Abel Viana, merecem destaque duas: a de os resultados serem obrigatoriamente publicados em Português, em simultâneo com a edição em Alemão; e a responsabilidade legal e científica dos trabalhos a realizar lhe pertencer em exclusivo, evitando deste modo quaisquer mal-entendidos que pudessem sobrevir ulteriormente quanto à direcção e estratégia a desenvolver no prosseguimento das investigações.*

*A publicação em Português foi efectuada no ano seguinte ao do falecimento de Abel Viana, mas é apenas da autoria de H. Schubart (SCHUBART, 1965). Seja como for, o mesmo tipo de precauções não foram ulteriormente previstas por outros arqueólogos portugueses que procuraram ou aceitaram o concurso de colegas estrangeiros, dando origem a situações litigiosas ou, pior ainda, lesivas para o interesse da arqueologia nacional.*

<sup>(380)</sup> *É um facto que J. Roche sempre se afirmou como o único responsável pelas investigações e escavações arqueológicas desenvolvidas nos concheiros mesolíticos de Muge, nas décadas de 1950 e de 1960. Agregou, esporádica e circunstancialmente, O. da Veiga Ferreira a alguns trabalhos, designadamente em alguns dos publicados em Portugal, nas Comunicações dos Serviços Geológicos, como os dedicados à estratigrafia das estações. Mas tal situação, por ser a excepção na prática daquele arqueólogo francês, só reforça a autoridade que sentia deter sobre as ditas explorações, até por esta jamais lhe ter sido questionada, ou negociada, como devia. O resultado é sabido: tendo os trabalhos de campo sido totalmente dirigidos por O. da Veiga Ferreira – como transparece da leitura dos seus Cadernos de Campo, recentemente publicados na íntegra (CARDOSO & ROLÃO, 1999/2000) – foram pelo próprio recolhidos elementos da maior importância, como o desenho rigoroso da posição dos esqueletos postos a descoberto nos três concheiros, os quais, talvez devido a um legítimo sentimento de aproveitamento, jamais foram usado por J. Roche, o qual comparecia nos trabalhos, sobretudo, na companhia de visitantes ilustres, mas não quotidianamente, como era de sua obrigação. As plantas realizadas por O. da Veiga Ferreira das escavações efectuadas nas décadas de 1950 e de 1960, nos três concheiros (Cabeço da Arruda, Cabeço da Amoreira e Moita do Debastião) só muito recentemente, e nesta mesma revista se publicaram (CARDOSO & ROLÃO, 1999/2000).*

hei-de mostrar do que sou capaz, se me derem dinheiro para custeio das despesas e colaboradores sérios e competentes. Chegamos a trabalhar com dezasseis homens, mesmo aos domingos e, a partir de certa altura, com duas horas extraordinárias, por dia! Foi um trabalho de gigantes! Você não faz ideia de como aquilo está. É grandioso. Confirma-se a minha hipótese de que a necrópole se estende por tudo aquilo. Mas o caso é que, se eu não peço, logo em Fevereiro, para os donos não lavrarem o terreno, tudo aquilo iria à poeira. SENDO ASSIM: COMO QUEREM ESSES MANDANTES DA ARQUEOLOGIA QUE SE NÃO FAÇA NADA SEM AUTORIZAÇÃO DE SUAS EXCELÊNCIAS? ELES NÃO DÃO NADA, NÃO FORNECEM VERBAS, NÃO ORIENTAM NADA, NÃO ACODEM NADA, DEIXAM TUDO DESTRUIR, MAS EXIGEM SATISFAÇÕES, RELATÓRIOS, PALEIOS, LAMBEDELAS DE SAPATOS... Que se lixem<sup>381</sup>... Depois de 4 de Julho fiquei sozinho, a trabalhar só no castro. Retirei no passado dia 29. Era para seguir até Viana do Castelo depois de amanhã, mas há aqui, por iniciativa da Câmara, um concurso de cantos alentejanos, e o Presidente da Câmara deseja que eu presida ao Júri. Não lhe posso dizer que não. De modo que irei para Viana em 10 do corrente. Regressarei a Beja em 24 ou 25, e em 2 ou 3 de Setembro estarei de novo na Senhora da Cola, onde ficarei até o fim de Outubro. O Castro continua a dar-me elementos de foices, fragmentos de facas de sílex e outras coisas idênticas a algumas da Atalaia e até idênticas a algumas da Nora Velha. Não me restam dúvidas de que tudo isto em volta está relacionado com o Castro<sup>382</sup>. Quanto à Atalaia, penso em chamar àquilo, não cultura da Atalaia mas qualquer designação que defina seu tipo especial e a credite como foco difusor. Há ali coisas de tipo argárico, mas admito que seja mais antigo que o argárico almeriense, isto é, o argárico propriamente dito. Vou-lhe mandar alguns números do “Diário do Alentejo”, nos quais falo destas coisas<sup>383</sup>.

Aquilo tem sido visitado por muita gente, de várias categorias. Eu vou pedindo subsídios, com a teimosia de cego... Se não for assim, ninguém me dará nada! E suporto aquela vida ao sol e ao vento, com alimentação baseada em conservas, fazendo custosas caminhadas por cerros e barrancos<sup>384</sup>. O ano passado herborizei à larga; fiz uma curiosa colheita das espécies arbustivas e subarbustivas, a fim de dar uma ideia do antigo

---

<sup>(381)</sup> *Este desabafo – mas que é bem expressivo do modo de pensar e de agir de Abel Viana – poderia ser subscrito, na íntegra, por O. da Veiga Ferreira, que até final da sua vida denunciou, corajosa e publicamente, atentados e degradações ao rico património arqueológico, denúncias que, se por um lado, lhe valeram vários dissabores e desfeitas, por outro, aumentaram o grupo dos seus amigos e admiradores. Tiveram particular impacto os seus programas televisivos, despertando, no público anónimo, o sentimento para a necessidade urgente de prover a protecção do património com meios técnicos logísticos e financeiros adequados, que pressupunham, em primeiro lugar, “vontade política” e, depois, o empenho activo e dedicado de todos a quem, oficialmente, incumbia a execução de tal tarefa.*

<sup>(382)</sup> *Tais materiais, por ínfimos que sejam no conjunto do espólio exumado, sugerem a existência de uma ocupação do local na Idade do Bronze.*

<sup>(383)</sup> *A necrópole da Atalaia é considerada como exemplo-tipo da fase mais antiga do Bronze do Sudoeste (= Bronze I do Sudoeste) sendo dela característicos certos vasos cerâmicos, designados por “taças de tipo Atalaia”. Cronologicamente, pode situar-se ao longo de toda a primeira metade do II milénio a.C.*

<sup>(384)</sup> *Tais dificuldades contrastam, de forma evidente, com as comodidades básicas, actualmente requeridas para a realização de escavações arqueológicas: é mais do que provável que a doença cardíaca que vitimou Abel Viana, em pleno labor, dois anos volvidos, tenha sido agravada pela sua permanente agitação e actividade a par de uma alimentação deficiente, meses a fio, nas escavações de Nossa Senhora da Cola.*

matagal. Este ano fiz uma curiosíssima colheita da bicheza que pica... Tenho da Atalaia dois lacraus ainda maiores que aquele que fotografei em A dos Tassos. Colhi também uma aranha com mandíbulas enormes, a que dão o nome de “alclara peidorreira”. No Castro apanhei um dos lacraus pretos, fininhos, e uma espécie de vespa sem asas, negra, ou seja, preta ou azul escuro. Tem dardo, como as vespas. Não é, portanto, aracnídeo, mas sim vespídeo. Dentro de casa capturei duas tarântulas (?) de tamanho invulgar. O n.º 1 da minha colecção, porém, é um lacrau que consegui capturar no castro, uma coisa tal que os trabalhadores, quase todos já picados por lacraus várias vezes, nunca viram. Este lacrau é de cor castanha, ou cor de mel, como os outros grandes, que costumam ter 8 ou 9 centímetros. Mas este deve ter uns 12 e tem o torax agigantado. Enormes as pinças. O abdómen é enorme e, na parte ventral, listrado de verde, sobre a cor de mel claro. Suponho que a picada de um bicho destes seria perigosíssima. As listas verdes são transversais. Penso que é de espécie diferente da dos outros. Não a vejo assinalada, no que tenho conseguido ler sobre este assunto. Sabe-me você dizer alguma coisa? Tenho esta bicheza toda metida em tubos com álcool, mas quero mete-la em tubos de ensaio ou outros recipientes mais apropriados, e substituir o álcool por formol<sup>385</sup>. O meu tratado (de arqueologia!!!) ainda não começou a ser composto<sup>386</sup>. Creio que a tipografia só se mexerá depois do meu regresso a Beja. Além de mim, ninguém está presentemente a fazer nada. O Dr. Nunes andou com a lavoura e foi agora para a praia; o Freire de Andrade, além da consabida oposição da D.ª Irma, perante os actuais directores da Mina nem se atreve a pensar em arqueologia. Ele lá sabe das linhas com que se cose... E pronto. Um abraço.

**Abel Viana**

Você não me arranjará por aí uns 6 ou oito tubos de ensaio, só de uns 12 centímetros de comprido, por cerca de centímetro e meio ou dois centímetros de diâmetro? Não me pode mandar isso pelo correio?

Que é feito do D. Fernando de Almeida?

Que é feito da Idanha?

Um abraço ao pirata do França.

Dois traques para o Teixeira<sup>387</sup>.

---

<sup>(385)</sup> *A minúcia e o entusiasmo com que Abel Viana descreve as suas actividades de naturalista demonstra o seu espírito aberto, criativo e sempre curioso e receptivo à realidade que o envolvia, bem como os seus dotes de observação, aliás indispensáveis à sua actividade arqueológica.*

<sup>(386)</sup> *Trata-se de uma interessante publicação, edição do autor, intitulada “Algumas Noções Elementares de Arqueologia Prática” (VIANA, 1962 a) onde elenca, de forma algo desorganizada mas nem por isso desinteressante, numerosas indicações bibliográficas, sínteses de conhecimentos sob diversos períodos, da Pré-História à Idade Média, descobertas, instituições e arqueólogos, bem como legislação, técnicas de registo e de escavação, restauro e conservação de materiais, considerações sobre museus e colecções de arqueologia, etc. Manteve-se da primeira à última página uma atitude anti-institucional, ou “anti doutoral”, como o próprio refere (ver Documento n.º 74).*

<sup>(387)</sup> *Esta forma irreverente de se referir ao Prof. Carlos Teixeira terá resultado de desentendimentos entretanto surgidos, não apenas consigo (dos quais não existem registo) mas também com O. da Veiga Ferreira, relatados ao signatário pelo próprio. De assinalar a excelente relação anterior de ambos com o referido geólogo e antigo arqueólogo.*

A propósito tenho uns fósseis vegetais colhidos nos xistos da Atalaia. Apesar de tudo, quero entregá-los aos Serviços.

Esta carta será continuada dentro de alguns dias. Temos que conversar mais um bocado.

Além do magnífico ferramental que Schubart trouxe, e do jipe, cerca de três quartas partes das despesas foram pagas pelo Instituto Alemão. A coisa andou por uns dez contos (só na Senhora da Cola)<sup>388</sup>.

### **Documento nº 75 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 19/2/1963*

Amigo Veiga: Pode crer que o envelope desta carta está feito há perto de mês<sup>389</sup>! Há tanto tempo que pretendo escrever-lhe! É que, realmente, eu tenho interesse em falar consigo a respeito de várias coisas, entre elas no que respeita à publicação de trabalhos nossos que ainda se conservam inéditos. Não tenho estado parado. Antes pelo contrário, desde que regresssei da Senhora da Cola, nos fins de Outubro passado, tenho desenvolvido muita actividade. Com arrelia vejo, porém, que não pude realizar sequer metade do que pretendia. É que a preparação do meu livro, que é simultâneamente a do Vol. 18-19 do “Arquivo de Beja”, só me consentiu que, por necessidade de variar, eu fosse adiantando vários trabalhos preliminares dos estudos e notas que desejo publicar neste ano de 1963. O frio, não consentindo que eu saia de casa, tem-me proporcionado compridos serões. Mesmo assim, o rendimento não tem sido o que eu queria...

O MEU LIVRECO – Amigo Veiga, julgo que desta vez não escaparei de apanhar uma boa sova... estou absolutamente seguro de que nenhum livro português reuniu tamanha quantidade de informações arqueológicas, mas a atitude anti-doutoral mantida desde a primeira à última página vai fazer cócegas em muita gente, e o arraial de pancadaria estendido nestas duzentas páginas... pai da vida!... vai, certamente, ser tomado como grande armazém de carapuças. Não se trata disto, porém. Apenas pretendo dizer a verdade, embora esta seja quase sempre, para alguns, dura de roer... Vamos a ver o que me sai de tudo isto. Seja o que Deus quiser. Alguma vez eu havia de fazer o gosto ao dedo. As PESQUISAS EM BARRANCOS – Veja lá se consegue arranjar as coisas desde meados de Março (se o tempo o consentir) até 20 de Maio. Mesmo que seja em Abril, teremos todo esse mês, e ainda mais de meio mês de Maio. É que no dia 1 de Junho devo seguir para a Atalaia com o Schubart, a fim de continuarmos com aquilo. O material até agora recolhido está todo aqui em minha casa<sup>390</sup>. A Junta Distrital vai instalar toda a arqueologia na extinta igreja de Santo Amaro, que pela Câmara de Beja foi cedida à Junta, depois das grandes obras ali feitas. O antigo museu fica em museu de arte...

---

<sup>(388)</sup> *Verba muito elevada, face aos padrões da época, e que, naturalmente, terá deixado Abel Viana ainda mais convicto da mesquinhez dos apoios que lhe eram concedidos face à magnitude das tarefas que estavam a seu cargo, com evidentes reflexos, não na qualidade dos trabalhos por si produzidos, mas no desgaste físico e psíquico a que se encontrava sujeito.*

<sup>(389)</sup> *O último documento registado da correspondência de O. da Veiga Ferreira e Abel Viana data de 10 de Setembro de 1962 (CARDOSO, 1993/1994); esta e as cartas ulteriores do segundo ao primeiro parecem, pois, não ter tido resposta.*

<sup>(390)</sup> *Ver nota 379.*

A Junta pediu-me que me encarregasse da instalação em Santo Amaro, e eu tive de aceder. Claro que, entre outras coisas, exijo que os materiais da Senhora da Cola, Atalaia, etc., fiquem lá devidamente expostos e acautelados. Ora, a campanha com o Schubart é em todo o mês de Junho. Depois, ficarei na Senhora da Cola em Julho, Setembro e Outubro. Claro que em Agosto ninguém pára lá. Entretanto, devem ser publicados artigos meus, a sós e em colaboração com o Schubart<sup>391</sup>. Quer você que eu diga qualquer coisa ao Moitinho de Almeida? Tratemos de preparar as coisas. Talvez 8 dias chegassem. Que diz? Eu estarei o tempo que for preciso<sup>392</sup>.

TEMOS, TODAVIA, VISTO TRATAR-SE DA “MARGEM ESQUERDA”, DE PEDIR LICENÇAAO... FRAGOSO DE LIMA<sup>393</sup> ... Ouça: este idiota aproveitou as férias do Natal para encandear as gentes de Moura com o fulgor da sua sabedoria. Creio bem que o público devia ter sido, além de escasso, nada entendido de arqueologias, de modo que o passarão, useiro e veseiro em ludibriar ouvintes de boa fé, botou estirado espiche, ainda que, certamente, não tivesse sido o compridíssimo chouriço que foi repartido em dois números do “Jornal de Moura”. Nesse rosário de pantominices, a que o mesmo jornal chama notável lição, o refinadíssimo intrujão dedicou-me os seguintes períodos:

– “Falou em especial das grutas da Adiça que brevemente serão cientificamente exploradas, das antas do concelho (estudadas a sério não por arqueólogos de algibeira ou de fancaria, mas por sábios como Leite de Vasconcellos ou os esposos Leisner)”. Quero crer que os tais sábios com Leite de Vasconcellos e os Leisner devem ser... ele próprio, o sábio Fragoso, e a não menos sábia Wanda Rodrigues, pobre rapariga de que o maluco tem sido guia e mentor... na tese de licenciatura e na parceria de elogio mútuo, para exploração dos enterrâneos incautos. A sanha que o tratante nutre contra mim rebenta mais adiante – “Entrando na época portuguesa, fez referências em especial às Estelas Discóides (algumas das quais poderão ser anteriores) e que certo arqueólogo de algibeira e fancaria (felizmente estranho ao concelho) abusivamente publicou com as deficiências características de seus trabalhos, mas que brevemente serão dadas a conhecer, devidamente, pelo Sr. Dr. Fragoso de Lima com a correcção das omissões cometidas pelo referido publicista natural de longínquas terras”. O patife, pelo menos no jornal, não se atreveu a dizer o meu nome. Assim, fico sabendo, entre outras coisas úteis, que este “arqueólogo de algibeira e de pacotilha” seria desonra para Moura ter nascido ali, como aquele glorioso filho da... amiga do Padre Lima que Deus haja, e que era bem melhor pessoa que o sacrílego rebento. E como não publicou o meu nome, tive a boa sorte de não me ver obrigado a sair, também a público, com a zurzidura que o sabichão mourense merecia. Ainda bem! Não vale a pena zaragatear com doidos. Que vá, pois, catar o penteado da Salúquia! Há tempos, o patifório afirmou lá na terra que o pariu que o Fernando

---

<sup>(391)</sup> Abel Viana publicou artigo sobre a necrópole de Atalaia (Viana, 1959), não lhe tendo sido possível, pelas razões expostas na nota 379 nenhum outro em co-autoria, como estava previsto.

<sup>(392)</sup> Tais explorações em Barrancos jamais se vieram a efectivar.

<sup>(393)</sup> É o Dr. José Fragoso de Lima, antigo discípulo do Prof. Manuel Heleno e seu colaborador na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no que à Arqueologia da margem esquerda do Guadiana dizia respeito, em particular no concelho de Moura. Tal proximidade com o Prof. Manuel Heleno teria, certamente, as suas consequências práticas, no concernente ao relacionamento deste com Abel Viana.

Nunes<sup>394</sup> era um ignorante e plagiador, e que não perdia com a demora, pois ainda havia de o tornar público. O Nunes entendeu, e muito bem, que não devia ir a Moura dar o baixo espectáculo de esmurrar o focinho do ilustre sabido. Que lhe parecem estas anedotas? Basta de perder tempo. Passemos a outro assunto.

Já este ano veio a minha casa o P.º Serralheiro, e tive carta do Freire de Andrade. Claro que nada mais fazem, a respeito de arqueologia. O Nunes Ribeiro também anda de sobra ocupado com o governo da sua lavoura – e o Amigo sabe como as coisas estão correndo mal para a exploração agrícola. Na Senhora da Cola, onde já tenho o azeite, o grão, o feijão, o arroz, o açúcar, as conservas, o sabão e mais algumas coisas alimentares para toda a campanha de 1963, as chuvas têm sido diluvianas e os ventos por mais de uma vez sopraram com fúria ciclónica. Mas as muralhas aguentaram-se firmemente, sem o menor indício de ruína! Trabalho bem feito. O Manuel Luz tem estado por mais de uma vez prisioneiro no moinho, na outra margem. Da primeira vez foram 15 dias, e a mulher tinha que atirar-lhe para lá pedaços de pão! Praticamente, nem andando léguas para montante ou para juzante conseguiria passar ao lado de cá... Mas o meu quarto e todo o meu material nada sofreram. Bem. Qualquer dia lhe torno a escrever. Logo que o tempo melhore, e o meu livro esteja terminado, irei aí ter consigo.

Muito obrigado pelos parabéns do aniversário. Com os demónios, podiam ser menos primaveras!... Os cumprimentos para as minhas Ex.as sobrinhas e para si um grande abraço do velho e dedicado amigo,

**Abel Viana**

P.S.= Há semanas, apareceu-me aqui de surpresa, ao fim da tarde (quase noite), o Albuquerque e Castro. Gostei de o ver, e foi até a forma de lhe dar algumas coisas e de lhe mostrar muitas outras, mas fiquei aborrecidíssimo pela surpresa e rapidez da visita. Mesmo assim estive aqui mais de duas horas, talvez – o que foi bem pouco para a conversa e para a vista da papelada. E lá seguiu para Lisboa, já noite! Ainda que ele seja pessoa de dieta eu garantia que jantasse cá – se ficasse em Beja. Mas tudo correu atropeladamente. Assim, não vale!

Cumprimentos para o Eng.º Moitinho, Zby e Camarate França.

### **Documento nº 76 – Carta manuscrita em folha pautada, datada.**

*Beja, 23-3-1963*

Amigo Veiga: Saúde. Que a gripalhada lhe não tenha entrado em casa é o meu desejo. Eu e minha mulher temos escapado<sup>395</sup>. Eu sempre a trabalhar, ainda que o trabalho de escrita haja sido pouco. Nestes últimos dias

---

<sup>(394)</sup> Ver nota 362.

<sup>(395)</sup> São escassas as referências, na *Correspondência*, de Abel Viana a sua Mulher; é certo que esta o deveria apoiar: de outra forma não se explicam as suas ausências prolongadas, sózinho, de vários meses por ano, em situações quase sempre penosas, que só a sua muita vontade e ânimo poderiam suportar com êxito.

tenho passado muito tempo no quintal, onde tive de construir quatro pequenos barracos, a fim de guardar neles os materiais de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Cola. O Museu de Beja passou a artístico, e a arqueologia aguarda a cedência da igreja de Santo Amaro, para ser nela instalada. Entretanto... não há arqueologia! E eu com a minha casa cheia de pedras e cacos! A solução foi esta: construir pequenas barracas, mais ou menos forradas de tralha plástica, para as coisas não se encherem de pó nem serem prejudicadas pela humidade. Naquele quarto virado para a romãzeira armei oficina, onde o Eduardo<sup>396</sup>, todos os dias, das cinco às 8 horas da tarde, trabalha no restauro da cerâmica e no tratamento das peças metálicas. Aos Domingos, trabalha aqui em casa desde as 10 da manhã às seis da tarde. Almoça comigo.

Isto estamos fazendo desde o princípio de Fevereiro. Você não calcula o que o rapaz tem feito. Só da Atalaia vamos já com uma dúzia de vasilhas total ou quase totalmente reconstruídas. No fim da tarefa, penso que terei, só da Atalaia, umas 30 vasilhas de barro. Creio bem que não haverá outra série assim, cá em Portugal. Do castro, arranjei mais três vasos do fundo da cabana situado pela parte de dentro da entrada, cerâmica brunida, que suponho ser do Bronze Final, ou do Ferro muito antigo<sup>397</sup>.

Cá para mim, Castro e Atalaia são estações que em determinado momento se ligam<sup>398</sup>. Aguardemos o resto das escavações. Toda esta cerâmica, mais a do Barranco da Nora Velha<sup>399</sup>, e ainda algumas peças da Idade do Ferro, achadas na margem esquerda do Mira, um pouco acima da Nora Velha, totalizam umas cinquenta peças, a maior parte delas dignas da melhor atenção. E estou a ver que vou ter embaraços para ver estas coisas metidas condignamente em qualquer museu! Por isso, no meu livro, não me farto de repensar contra tal estado de coisas. Bradar no deserto? Tempo perdido? Não! Não creio que tudo fique na mesma, e que as minhas palavras se percam na indiferença geral.

É preciso que alguém fale primeiro – mas que fale suficientemente alto! – para que a reacção se ponha em marcha. O meu livro só no sábado passado foi posto à venda aqui em Beja. Não sei se o depositário já começou a distribuí-lo pelas livrarias de fora. Creio que sim. Para os jornais de Lisboa e Porto ainda não

---

<sup>(396)</sup> É o Sr. Eduardo Arsénio, funcionário das minas de Aljustrel e que foi treinado por Abel Viana para o restauro de cerâmicas arqueológicas, tendo, anteriormente, executado trabalhos de restauro em materiais do cemitério romano de Valdoça, Alustrel (ver nota 299).

<sup>(397)</sup> Considerações ainda actuais e certas: com efeito, o grupo de cerâmicas de ornatos brunidos alentejano, com distribuição geográfica intermédia entre o grupo da Estremadura portuguesa e o da Andaluzia, inscreve-se nas balizas cronológico-culturais já indicadas por Abel Viana nesta missiva de 1963, anterior aos estudos tipológico-estratigráficos realizados tanto em Portugal como em Espanha que permitiram clarificar a cronologia de tais materiais: E. da Cunha Serrão, ainda em 1958 e em anos ulteriores, hesitava quanto à cronologia e integração cultural das cerâmicas brunidas da Estremadura (SERRÃO, 1958, 1959).

<sup>(398)</sup> Hipótese que carece de confirmação: ainda que as escavações no Castro de Nossa Senhora da Cola não tenham tido continuidade após o falecimento de Abel Viana, ocorrido no ano seguinte ao desta carta, nada indica que a ocupação do local ascenda a época correspondente à da necrópole da Atalaia e, muito menos, se reporte ao grupo humano ali sepultado: ao contrário, o que actualmente se sabe sobre o padrão de povoamento do Bronze do Sudoeste, torna improvável a hipótese do castro ter sido ocupado em tal época.

<sup>(399)</sup> Trata-se de referência a materiais atribuíveis à Idade do Ferro encontrados na necrópole do Marchicão (VIANA, 1962 b, Fig. 46), situada perto do castro de Nossa Senhora da Cola.

mandei os exemplares da praxe, pois acho que a propaganda nos jornais se deva fazer depois do livro estar à venda, e não antes dele estar nas livrarias. Mandeï, contudo, de oferta, a muitas pessoas de Portugal e da Espanha – a arqueólogos, principalmente. Pelas cartas até agora recebidas, vejo que muitos o receberam até com certa emoção. Não haja dúvida que pus nele todo o espírito de independência.

Disse o que quis e como quis! Vejo que você se aborreceu por eu ter metido na baila o Prescott e o Serrão<sup>400</sup>.

Bem! Antes de mais, penso que você não viu bem a coisa. Peço-lhe o favor de reparar. Para os pataratas, o livro é uma capa com umas folhas dentro, muitos bonecos, muito bem apresentado... O resto, para eles é indigerível! Fui dando uma no cravo, outra na ferradura. Convinha falar em todos, para os amarrar a todos. Para os leigos, seria injustiça da minha parte não falar de tais sujeitos que andam a pantominar arqueologices. Podiam até supor que eu, movido de inveja, lhes omitia os “famosos” nomes. Para os inteligentes, no próprio livro acharão os claros termos de comparação. Falo em certos senhores, mas não os ponho em destaque. No respeitante aos seus “métodos científicos”, veja o que eu digo a respeito de técnicas modernas!...

Quis citar tudo, tanto o bom como o mau. Deixo ao leitor o encargo de fazer a destriça. Trata-se de um livro de pancadaria disfarçada em lições de arqueologia e no meio de muita informação arqueológica.

Garanto-lhe que ninguém mais teria a coragem de subscrever um livro destes. Até os seus chefes apanham a sua conta! Digo tudo, sem precisar de apontar nomes, pois o que interessa são os factos, e não as pessoas. Veja o que digo a respeito do trabalho de equipa, de repartição.

Descanse que nem Heleno, nem Prescott, nem muitos outros não pularão de contentes! O meu livro não actuará principalmente pelo que nele digo; o efeito há-de resultar do que dele fiquem a dizer não só os simples leitores mas também, e sobretudo, o que vierem a escrever a respeito dele. Quanto a Helenos, Prescottes, Serrões, Irisalvas, Bandeiras, Castros-Nunes, Fragosos de Lima e quejandos, logo verificarão que o meu livro é contra eles. Você vai ver o que, cedo ou tarde, eles dirão dele.

Eu até estimarei que eles se danem! Foi para isso mesmo que o escrevi. Já recebi cartas de aplauso, e muito curiosas, do Mário Cardoso, Luís de Pina, P.º Nogueira Gonçalves, Afonso do Paço, Albuquerque e Castro, Santa-Olalla, Eng.º Leite Pinto, Cordeiro Ramos, Victor Guerra. E ainda agora começam a chegar.

Com respeito ao tal monumento de Serpa, já lhe mandei dizer que não consegui chegar junto dele. As informações baralharam-se e eu, para não deixar mal colocada a pessoa que veio a minha casa dar-me a notícia, tive de me contentar com a cisterna romana e os destroços do mais que havia em volta. Mas o Dr. F. Nunes já anda na pista das coisas e a coisa não nos escapará. Acabo de receber a “Revista de Guimarães”. Só li, ainda o primeiro artigo, no qual se dá ao material da “tholos”, da Folha da Amendoeira a classificação de neolítico<sup>401</sup>.

---

<sup>(400)</sup> *O. da Veiga Ferreira tinha pouca consideração científica pelos dois arqueólogos mencionados, declarando, anos mais tarde, na sua dissertação de “Doctorat d’Université” (FERREIRA, 1966) apresentada à Universidade de Paris (Faculdade de Ciências), que se tratavam de amadores, pelo que os resultados dos seus trabalhos careciam de fiabilidade (reportava-se às escavações realizadas por E. Prescott Vicente e E. da Cunha Serrão nos povoados pré-históricos de Olelas (Sintra) e de Parede (Cascais) e nas grutas sepulcrais pré-históricas da Lapa do Fumo e da Lapa do Bugio, ambas no concelho de Sesimbra.*

<sup>(401)</sup> *Atholos da Folha da Amendoeira (Odivelas, Ferreira do Alentejo) foi destruída por trabalhos agrícolas, tendo o espólio sido recolhido pelos trabalhadores. Foi publicada por Abel Viana (VIANA, 1953). Ver nota 206.*

Não sei se os autores viram as peças que o Heleno, segundo parece, comprou por 15 contos aos donos da Herdade – uns grandes ciganos<sup>402</sup>! Se aquilo valia 15 contos, quanto não valerá o que tenho aqui em casa? O que o Ruy tem em Aljustrel? O que está em Vila Viçosa? O que você levou já aí para os Serviços? Quanto às vasilhas, não passariam de cacos, que os homenzinhos, proprietários da herdade, deitaram fora, se eu não os tivesse trazido aqui para Beja, onde o Eduardo os reconstituíu! Vou em meio do artigo do Bandeira Ferreira – que bem podia tratar do assunto sem bater na memória do Virgílio Correia<sup>403</sup>. Também já li o do Vasco Rodrigues<sup>404</sup>. Levo a coisa a eito; é leitura da cama, após a meia noite. Devo hoje principiar a ler o seu<sup>405</sup>. Vou terminar mas, antes, vou-lhe pedir o seguinte: 1º – Você não me deu nenhum exemplar do artigo – Um túmulo de “tipo alcalarense” nos arredores de Aljustrel, publicado na “Revista de Guimarães”, LXXI, 1961. Nunca me deu a separata! Nem ao menos meia dúzia, para mim e família? Veja lá isso. 2º – Você arranja aí com que me emprestem os clichés que serviram para o nosso artigo do monumento do Monte Velho? Deste, sim; recebi há dias a separata<sup>406</sup>.

Obrigado. É preciso eu escrever ao Moitinho? Responda-me sobre isto. 3º – Do Congresso Arqueológico de 1959 não sai mais volume nenhum? Só existe o 1º? Não se publica mais nada? Responda-me a estas três coisas, por favor<sup>407</sup>.

Um abraço.

**Abel Viana**

P. S. – Eu estava na Sr.<sup>a</sup> da Cola na ocasião em que o vol. LXXI da “Revista de Guimarães” chegou a minha casa. Creio que o arrumei sem o ler. De modo que eu estava convencido de que o artigo sobre esse monumento do Monte do Outeiro ainda não tinha sido publicado! Por isso, no meu livro, dei a vasilha da estilização antropomórfica como inédita<sup>408</sup>!!!

---

<sup>(402)</sup> Ver nota 206.

<sup>(403)</sup> Refere-se ao artigo de Fernando Bandeira Ferreira, dedicado à ermida de São Mamede de Janas, um dos raros templos de planta redonda existentes em Portugal e à sua provável antiguidade (FERREIRA, 1962 a).

<sup>(404)</sup> Adriano Vasco Rodrigues publicou, no mesmo número da revista de Guimarães, artigo intitulado “A torre de Centum Celas” (RODRIGUES, 1962).

<sup>(405)</sup> O. da Veiga Ferreira publicou, também naquele número da referida Revista, artigo sobre a arte móvel na Idade do Cobre, referindo, a propósito, artefactos do quotidiano ou de uso simbólico, para além de peças de joalharia (FERREIRA, 1962 b).

<sup>(406)</sup> Trata-se de artigo publicado nas “Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal”, do qual Abel Viana foi o primeiro signatário. Ver bibliografia (VIANA, ANDRADE & FERREIRA, 1961).

<sup>(407)</sup> Efectivamente, o 2º volume das Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, reunido em Lisboa em Dezembro de 1958, só foi publicada em 1970. Nele tem Abel Viana copiosa colaboração, infelizmente já póstuma, por ter entretanto falecido (a 13 de Fevereiro de 1964). Ver nota 341.

<sup>(408)</sup> Trata-se de um belo vaso cuja decoração, corresponde ao motivo clássico da representação da deusa-mãe calcolítica, evidenciando-se os olhos radiados, arcadas supraciliares e malares esquematizados (“decorações faciais”), e, ao fundo da linha vertical que divide o campo decorado em duas metades simétricas, um triângulo púbico, preenchido interiormente por impressões punctiformes (ver Bibliografia, VIANA, FERREIRA & ANDRADE, 1961 b). Conserva-se no Museu do Instituto Geológico e Mineiro.

Junto 5 papelinhos, um para cada um de vocês: Eng.º Moitinho, Zby, Camarate, você e Biblioteca. Distribua isso.

**Documento nº 77 – Bilhete Postal manuscrito, datado.**

*Beja, 28/3/1963*

Amigo Veiga: Saúde.

Queria inserir no próximo volume do “Arquivo de Beja” uma notícia de conjunto, em que resuma a tudo quanto temos publicado a respeito de dólmens do Baixo Alentejo.

Para isso, e para não ter que gastar dinheiro com novas gravuras, venho pedir-lhe que consiga a cedência, por parte dos Serviços, das gravuras dos artigos: “ O monumento do Monte Velho” (Tomo XLV, das Comunicações) e “Monumentos megalíticos dos arredores de Ourique” (Tomo XXXVIII), menos a fotogravura dos braceletes, essa dos dourados. Quanto ao mais, servem todas as restantes fotgravuras e zincogravuras dos dois referidos trabalhos. Trata disso, ou quer que eu escreva ao Eng.º Moitinho?

Continuo a receber numerosas cartas a respeito do meu livro<sup>409</sup>. Parece-me que se vai vender rapidamente, e que já posso ir preparando as coisas para uma segunda edição, na qual terei de inserir algumas coisas relativas à Estremadura, principalmente das zonas de Lisboa, Setúbal, Sintra e Torres Vedras. Responda-me em breve.

Um abraço.

**Abel Viana**

**Documento nº 77 – Carta manuscrita em folha pautada (1/2 de A4), datada.**

*Senhora da Cola, 6/7/63*

Amigo Veiga: Saúde.

Schubart e o resto do pessoal retiraram em 27 de Junho. Estiveram cá desde o dia 9 do mesmo mês<sup>410</sup>.

Fiquei só. O trabalho continua, sempre com bons resultados, graças a Deus. Mas já me vou aborrecendo. O dinheiro é pouco, e mendigado... Pede-se esmola para a Arqueologia! E, em vez de auxílios, vêm observações como esta do Mário Cardoso – que aliás, me adverte amigavelmente e ao qual respondo

---

<sup>(409)</sup> Ver nota 386.

<sup>(410)</sup> H. Schubart realizou, com Abel Viana, a segunda e última campanha de escavações na necrópole de Atalaia (Ourique), feita em co-autoria (visto Abel Viana já lá ter escavado em anos anteriores, de que resultou a sua publicação de 1959 (Viana, 1959), sediando-se toda a equipa nas instalações da Senhora da Cola (ver nota 378).

com a carta – cuja cópia junto<sup>411</sup>. Respondo, também amigavelmente, mas pondo os pontos nos ii. Isto aborrece.

Ontem tive aqui a visita do Comandante Militar de Beja. Ficou indignado quando eu lhe disse qual eram as verbas de que dispunha anualmente para este trabalho<sup>412</sup>.

Você, Veiga, não faz ideia do que é hoje o Castro da Cola e o que são os monumentos da Atalaia.

Vale bem a pena serem vistos!

Até os leigos se admiram! O D. Fernando quer dar cá uma saltada. Combine e venha com ele.

Deram-lhe o prémio, da Gulbenkian<sup>413</sup>. Ainda bem! Mandei ao concurso o meu livro, à última hora.

Estive para o retirar mas considerei que pudessem interpretar mal a minha atitude. Eu nunca poderei ser, seja no que for, um competidor com D. Fernando. Jamais esquecerei o que fez por minha filha. Pois guarde no seu arquivo esta cópia da minha carta ao Mário Cardoso, pois pode ser que em breve você possa ser testemunha a pronunciar-se a respeito destes meus últimos anos de vida<sup>414</sup>. Oxalá minhas Excelentíssimas sobrinhas se encontrem bem. Já sinto saudades de as ver!

Um abraço do velho amigo,

**Abel Viana**

**Anexo:** Cópia de carta dactilografada de Abel Viana a Mário Cardozo, por auqele enviada, para conhecimento, a O. da Veiga Ferreira.

*Senhora da Cola, 2 de Julho de 1963*

Meu Exc.<sup>mo</sup> e bom amigo:

Muito obrigado pelo seu postal de 28 de Junho findo, só ontem por mim recebido.

As comunicações para aqui são morosas e difíceis. Não haverá outro A. Viana que a tanto se sujeitasse... Em primeiro lugar folgo em saber que os seus 74 anos tomaram a decisão de entrarem na normalidade. Vou-

---

<sup>(411)</sup> Ver Anexo ao Documento seguinte.

<sup>(412)</sup> Até a hierarquia castrense se espantava com a exiguidade das verbas concedidas a Abel Viana para tão ambicioso projecto científico, como era aquele em que estava totalmente empenhado e com resultados notáveis: a escavação do castro da Senhora da Cola, a primeira fortaleza do período muçulmano a ser integralmente definida arquitectonicamente em planta, graças a um ousado projecto de escavações arqueológicas!

<sup>(413)</sup> Atribuído à sua dissertação de doutoramento pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, intitulada “Arte visigótica em Portugal” (ALMEIDA, 1962).

<sup>(414)</sup> Não se enganava, infelizmente, pois morreria menos de um ano depois (ver nota 407). As extensas missivas de Abel Viana da última fase da correspondência trocada com O. da Veiga Ferreira incluem conselhos sobre a presente e futura orientação de O. da Veiga Ferreira no seu domínio profissional, mais do que simples trocas de pontos de vista ou de andamento de trabalhos projectados em comum: é, pois, provável, que tal realidade fosse uma consequência da constatação, por parte de Abel Viana, de que o seu estado de saúde, ainda que sempre relegado para plano secundário devido às suas incessantes actividades, servidas por energia quase inesgotável, seria sofrível: o que se conclui da derradeira carta remetida a O. da Veiga Ferreira (Documento n.º 81).

me abeirando dos 70 e sei bem que estou abusando<sup>415</sup>. Isto é sítio em que a pureza dos ares é capaz de reconstituir os bofes de um ético (queria dizer, talvez, “tísico” – n. do Autor dos comentários); as águas são de frescura e leveza milagrosas. Mas a base da alimentação consiste nas conservas disto e daquilo, e tanto o esforço físico como o trabalho mental são intensos, o que não deixa de produzir suas consequências.

Segundo pontifica o Veiga Ferreira, devo esta boa disposição e resistência à vida de ar livre e movimento a que a arqueologia me tem obrigado frequentemente.

No entanto, sinto que as pernas vão enfraquecendo.

Passo a dar-lhe um esclarecimento a respeito da presença de alemães, não na Senhora da Cola mas sim na Atalaia, que dista daqui, metendo as voltinhas de estilo, cerca de três quilómetros. Ora, quem descobriu a Atalaia e definiu a categoria daqueles monumentos, únicos na Península, foi o tal Abel Viana que nem sequer é doutor.

Trabalhei ali dois anos, fazendo a dupla travessia diária destes cerros e barrancos, debaixo de sol ardente, caminhando como animal, sem pensar, como irracional, atrás dos burros das ferramentas, totalmente mecanizado. São esforços que jamais se esquecem<sup>416</sup>! E ali suportei dias e dias, oito horas à canícula, alimentando-me de conservas e outras comidas frias, tantas vezes com a insolação à vista. Tenho a consciência de que descobri qualquer coisa de muito importante, e que sobre mim impendia uma gravíssima responsabilidade moral e científica. Corri para a Atalaia nos anos de 1959 e 1960, suportando a dureza imposta pelas condições do local. Foi, sem dúvida, a mais penosa exploração arqueológica em toda a minha vida. Em 1961 não fui lá, por não me sentir com forças físicas para continuar. O que mais sentia era a falta de transporte. Vendo que o proprietário do terreno, usando o seu legítimo direito, andava já a lavar por cima dos monumentos, destruindo-os, pedi-lhe que não semeasse nesse lugar, no que fui atendido. E não me venham cá com interditos oficiais! Em sítios destes, Helenos fiscalizadores só poisam sapatos, por engano ou por capricho, uma vez na vida. Isto não são andurriais para manipanços da cátedra nem para pífios académicos: é lugar para HOMENS. Sejam sábios ou não.

Em Fevereiro de 1962, Vera Leisner, acompanhada do Dr. Hermanfrid Schubart, apareceu-me em Beja, a pedir-me que lhes mostrasse os monumentos dolménico<sup>417</sup> que no Baixo Alentejo explorei com o Veiga Ferreira e o Freire de Andrade. Vieram também à Senhora da Cola, ao Barranco da Nora Velha<sup>418</sup> e à Atalaia. Invernaria violenta.

Tudo lama, caminhos descarnados por enxurros, passagem de ribeiros caudalosos. Só num jipe potente e conduzido por pessoas atléticas como Schubart se chegaria a estes sítios, mormente à Atalaia. Schubart, especializado no sector argárico da Península, mostrou-se entusiasmado com o aspecto dos monumentos da Atalaia, e também com os materiais que em minha casa viu, provenientes dali<sup>419</sup>. Perguntando-me se eu não

---

<sup>(415)</sup> Ver nota 414.

<sup>(416)</sup> Ver nota 384.

<sup>(417)</sup> Refere-se, naturalmente, às diversas tholoi que publicaram em conjunto (ver nota 348).

<sup>(418)</sup> Ver nota 399.

<sup>(419)</sup> Este trecho não deixa dúvidas quanto à autoria e importância das primeiras explorações realizadas na necrópole de Atalaia.

continuar a exploração de tão importante estação arqueológica, respondi-lhe que prosseguiria logo que tivesse um companheiro que dispusesse de veículo motorizado, pois que a tarefa era demasiado pesada para ser continuada nos termos em que eu trabalhara nos anos anteriores. Tratado o assunto entre nós, pedi ao Instituto Arqueológico Alemão que me dispensasse Schubart para meu auxiliar<sup>420</sup>.

Schlunk acedeu ao meu pedido<sup>421</sup>. Schubart veio o ano passado e aqui esteve durante o mês de Junho. Trouxe jipe, teodolito e todo o material de precisão de que eu não disponho, fornecendo eu as ferramentas rudimentares: pás, sachos, picaretas, carrinhos de mão, crivos, padiolas, etc... No final da campanha, veio de Madrid o Dr. Detlef Noack, especialista em fotografia científica.

Este ano voltou Schubart, voltou Noack para fotografar, e veio também o licenciado D. Vicente Viñas, para desenhar. Este e Schubart estiveram aqui 17 dias. Noack em dois dias fez o que tinha a fazer. Seguiu para Estói, onde o esperava o arquitecto alemão Theodoro Hauschild<sup>422</sup> – que também aqui passou de visita, com Schlunk e a esposa deste –, depois de terem estado em Tróia (de Setúbal). E os empresários de Lisboa consentiram?...

Pois, aqui na Atalaia, o chefe dos trabalhos sou eu. Quem orienta sou eu. Quem dirige sou eu. Nem eu precisava de nenhum deles para me ensinar o que é a Atalaia.

O relato vai ser publicado em português e em versão alemã, tanto quanto possível simultaneamente, e eu conto com a sua excelente revista para um relatório prévio<sup>423</sup>. Se eu fora “filho querido” de certos institutos, a versão portuguesa seria monumental, na medida em que o merecia. O mais certo, porém será ter de me sujeitar às míseras reduções microscópicas de mapas, desenhos, cortes, plantas e fotografias verdadeiramente magníficas – quando, para outros, que são dos tais doutores importantes, se gasta uma página inteira com o desenho de um pedaço de tégula, ou uma página de couché estragada em sacrifício de uma foto-mamarracho...

Aqui não há, pois, alemães a fazer explorações. Quem as está fazendo sou eu. Foi assim que ficou estabelecido com a clareza, conforme a correspondência trocada entre o Instituto Alemão e eu, o que consta no meu arquivo. Tenho tido como colaborador ao Dr. Hermanfrid Schubart, assim como tenho tido ao serviço variado pessoal português, todos trabalhando sob minha chefia efectiva.

E só assim teria trabalhado comigo o Prof. (Professor de quê? Que loucura esta da professorite!) Hawkes, e se em Âncora tivesse perante mim praticado as contínuas desconsiderações que praticou, eu lhe teria cortado o veraneio<sup>424</sup>. Aos rapazes que o suportaram, entre os quais havia um que vestia a farda do Exército

---

<sup>(420)</sup> Ver nota 379.

<sup>(421)</sup> Dr. Helmut Schlunk, Director do Instituto Arqueológico Alemão – Delegação de Madrid, de quem dependia H. Schubart.

<sup>(422)</sup> Dr. Theodor Hauschild, que na época visitou a villa romana de Milreu (Estói), cujo estudo arquitectónico concluiu muitos anos volvidos.

<sup>(423)</sup> Ver nota 379.

<sup>(424)</sup> Na verdade o Dr. Christopher Hawkes era conservador do Museu Britânico, não tendo direito ao título profissional de “Prof.”. O azedume de Abel Viana para com o arqueólogo britânico poderá radicar no facto de este ter realizado na Cidade de Âncora escavações arqueológicas, antecedidas pelas que ele próprio ali realizou, em 1960, a pedido da Associação Académica de Coimbra (VIANA, 1960). Tratava-se, pois, de uma estação sobre a qual detinha prioridade científica (ver notas 357 e 360). Christopher Hawkes jamais publicou, ao menos em Portugal, os resultados das escavações em causa, apesar de as mesmas terem sido efectuadas com o apoio, pelo menos moral, de Mário Cardozo que, certamente, teria todo o interesse em os publicar, na revista que dirigia.

Português, declarou esse mau e desonesto profissional da arqueologia que os portugueses eram de raça inferior. Estivera eu presente e lhe partiria a cara.

Que fez esse sujeito, afinal? Cumpriu o que prometeu ao meu bom Amigo? Não me desculpe com a garantia que deu de que o cumprirá daqui... a vinte anos!

Meu Ex.mº Amigo, foi precisamente essa tristíssima subserviência da nossa arqueologia perante esses princípios encantados que lá de fora nos chegam pendurados na mestrança, quando, de facto, não passam de aprendizes... de feiticeiro, o que me levou, tinha eu vinte de idade, à prospecção arqueológica, na certeza absoluta de que eu, ou qualquer desiludido como eu, havia de descobrir e mostrar, ou meter na bagagem científica de tais caçadores de elementos de estudo, de informações e de honrarias.

Sei que pavões e cabotinos me não perdoam. Sei que aleijados rebentos saídos de suas aulas chegam a proclamar, digo, a propor me seja proibida a exploração arqueológica, por não ser licenciado! Alguns destes patetas já se afundaram no zero.

Queiram ou não queiram os sábios, agrade ou desagrade aos doutores, pese ou não pese a monumentais senhores ricamente ajazados de títulos e prebendas, facilidades e louvores, tenho feito alguma coisa, muito mais séria que andar a importunar os outros, a chatear quem trabalha.

Peço me perdoe o “chatear”. Jamais trocaria este vocabuláriozinho sincero pela entrada na Academia. Prefiro ficar banda de fora do glorioso mausoléu...

Bom amigo: Não estranhe a minha linguagem. Creia, que não tento fazer literatura.

Neste quarto onde escrevo e onde, fatigado e excitado, Deus permite que compartilhe umas migalhas do sono dos justos, há cobras no telhado, osgas nas paredes, tarântulas pelos buracos, e pela manhã, ao levantar-me, não esqueço sacudir os sapatos, antes de os calçar. Não vá ter-se metido neles algum dos enormes lacraus que diariamente esmago lá fora. Esta constante ameaça me torna um pouco escorpínico. O meu bom Amigo viu disto em África, certamente, mas era jovem, e achou natural, o que se lhe não representaria nas áfrias daqui.

Se para nada eu prestar, venham outros, venham esses críticos, esses grandes arqueólogos meter-me em casa, finalmente. Tudo cansa, tudo aborrece. Já me sinto aborrecido e cansado. Estou farto de mendigar subsídios e já me não fazem sorrir, como dantes, as apreciações lorpas de certos cretinos.

Além de outras distrações, preciso de polir as quarentas páginas cuja inclusão no meu livro deixei para segunda edição. Aí ficará muita coisa registada e anotada. Se não fosse a obrigação que sinto de permanecer neste desterro, dentro de pouco dias seguiria com minha mulher até Santo Tirso, onde repousaria uns dias à fresca sombra daqueles frondosos arvoredos. Assim, não me aproveita o gentil convite que de lá me fizeram. Custa imenso abandonar uma tarefa como esta em que desde 1958, me empenhei. Tenho, porém, que pensar muito a sério na terminação da áspera jornada.

Vou preparar uma pequena nota para a “Revista de Guimarães”. Aqui não é muito fácil prepará-la, pois estou longe da livraria.

Bem sabe que o trabalho de campo consome imenso tempo. Quatro meses por ano é quanto estou gastando aqui desde 1958: Junho, Julho, Setembro e Outubro, metendo-se o Agosto de permeio, em que vou a Viana do Castelo.

Como sabe, nos anos de 1960 e 1961 gastei esse mês na Cidade de Âncora, onde bem conviria entrassem quanto antes muitos e bons estudiosos portugueses, até mesmo com a cooperação de estrangeiros, mas honestos e cumpridores. Nem fabricantes de “níveis” nem a tropa fandanga dos “campos internacionais de trabalho”!

Perdoe-me o longo desabafo.  
Seu grato admirador de sempre,

ABEL VIANA

P.S. – Todos os materiais recolhidos na Atalaia se encontram em minha casa, à espera que o Museu de Beja acabe de preparar a sua instalação. Há dezenas de vasos reconstituídos. Em outras partes seriam cacos a deitar fora.

Nota explicativa para O. da Veiga Ferreira compreender o sentido desta missiva:

**Excerto** (da carta de Mário Cardozo a Abel Viana):

... “Não sabia que andava em trabalhos arqueológicos na Senhora da Cola, acompanhado de alemães. E não sabia é porque não me recordo que chegasse ao conhecimento da Junta N. E., qualquer pedido de prospecções arqueológicas realizadas por estrangeiros cá no País. Verdade seja que eu tenho faltado ultimamente a várias reuniões da Junta. Vejo que o Amigo já se vai conformando que venham por cá estrangeiros meter nariz nas nossas coisas, pois, se bem me recordo, não lhe agradou muito que o Prof. Hawkes andasse a escabichar na Cidade de Âncora.”

Este é o pano da carta do Mário Cardoso que motivou a carta cuja cópia junto.

### **Documento nº 79 – Carta manuscrita em folha pautada (1/2 de A4) tarjada de negro, datada.**

*Senhora da Cola, 17-10-1963*

Meu caro Veiga: Acabo de receber a sua carta de 15 do corrente. Fico dolorosamente surpreendido com a notícia que me dá, do falecimento do Camarate França!

Tão novo, ainda! Em que situação ficariam a Esposa e os filhos? Você perdeu um precioso companheiro de trabalho, e todos nós um Amigo e um investigador de muito merecimento. É, realmente, de se julgar que é mentira! Pobre rapaz! Conforme lhe mandei dizer, tenho assente em concluir a campanha deste ano no próximo dia 26. Sairei daqui ao fim da tarde desse dia, que é um sábado. O José Rosa<sup>425</sup> retira no dia 23, porque tem de estar em Viana do Castelo na manhã de 25. Vai de camionete, embarcando na Aldeia dos Palheiros, em camioneta, indo por Grândola, Alcácer e Setúbal. Chega a Lisboa a tempo de tomar o comboio da noite, de maneira que na manhã de 24 deve chegar a Viana, caso ele queira ir no comboio da noite. A mim convém-

---

<sup>(425)</sup> José Rosa de Araújo, investigador da arqueologia minhota e grande admirador de Abel Viana, de quem dedicou duas notas bibliográficas (ver nota 143).

-me retirar em 26, porque assim poderei deixar tudo isto mais bem arrumado. Esta campanha deste ano durou os mesmos cem dias da do ano passado<sup>426</sup>. Muito material curioso, de várias épocas. Só o trabalho da Atalaia valeu todo o meu sacrifício. Tudo isto, porém, é valioso. Vou ter imenso que fazer em minha casa, a pôr tudo isto em ordem, e redigir os relatos. Cumprimentos à sua Gente.

Um abraço.

**Abel Viana**

**Documento nº 80 – Carta manuscrita em folha branca (1/2 de A4), datada.**

*Beja, 18-11-1963*

Veiga Amigo: Saúde. Cá recebi as três folhas geológicas, com as respectivas notas explicativas. Interessa-me particularmente a respeitante aos concelhos de Caminha e Vila Nova de Cerveira. Foi aí que eu pela primeira vez entrei em contacto com as praias quaternárias. Mesmo sem ser geólogo, fui o primeiro a assinalar tal coisa. Foi publicado<sup>427</sup>!

Lautensach<sup>428</sup> fez-me justiça. Os sábios portugueses entupiram e esforçam-se por esconder o facto. Não sei porquê! Todos eles têm trabalhos importantes, e de sobra, não lhes fazendo falta qualquer migalha de pardais...

Cá em baixo no Guadiana foi a mesma coisa!! O Hernandez Pacheco (Pai) negava a existência deles no curso inferior do Guadiana, e o Mariano Feio, com o Amílcar Patrício, mesmo com os pés em cima deles questionaram comigo algum tempo, pois não queriam crer que tais formações fossem de terraço<sup>429</sup>...

Mas nada disto interessa. Você ainda não respondeu ao postal que lhe enviei, a pedir-lhe me autorizasse o envio para aí de um pacote de dentes e ossos, para mos classificar. Era coisa que pouco tempo lhe poderia levar. Em todo o caso, veja se é conveniente eu escrever ao Eng.º Moitinho. Eu ainda continuo de perna

---

<sup>(426)</sup> Seria esta a última campanha de Abel Viana no Castro da Senhora da Cola.

<sup>(427)</sup> É o caso, por exemplo, do notável trabalho, publicado nas actas do Congresso de Pré e de Proto-História (I Congresso na série do Congresso do Mundo Português, de 1940), em que Abel Viana não só reconstituiu graficamente o traçado da linha de costa da região veanense, como cartografou as ocorrências de achados líticos e correspondentes depósitos, pertencentes a retalhos de praias elevadas daquele trecho litoral (VIANA, 1940).

<sup>(428)</sup> Trata-se do geógrafo alemão Hermann Lautensach, que publicou estudo sobre os terraços do rio Minho (LAUTENSACH, 1940), cuja formação génese, cronologia e características eram então objecto de controvérsia entre alguns geógrafos, como Orlando Ribeiro, e geólogos, como Carlos Teixeira. Ver nota 8.

<sup>(429)</sup> Mariano Feio e Amílcar Patrício publicaram em 1945, no Arquivo de Beja, artigo intitulado “Notícia acerca do Quaternário no vale do Guadiana” (FEIO & PATRÍCIO, 1945). O primeiro publicou o estudo, de carácter inovador, para a época, “Os terraços do Guadiana ajusante do Ardila” (FEIO, 1946), tendo merecido um comentário por parte de Abel Viana (VIANA, 1948). Este acompanhou os dois citados geógrafos na descida do Guadiana, ficando a cargo do último a colheita de materiais paleolíticos que foram ulteriormente publicados pelo próprio (VIANA, 1945; 1945/1946/1947). Tratava-se, pois, de um assunto que conhecia bem, podendo suportar uma discussão com qualquer quaternarista, como se depreende ter de facto acontecido (ver nota 122).

arrasto e (...) ao lado, com dores, etc., deste reumatismo que não cede a drogas nem a esfregações e que, segundo opinião do Dr. Abel Viana, só deve passar quando se acabar um resto de presunto que trouxe de Ourique, muitíssimo bom mas venenoso dum raio! Amigo: Estou com a casa a abarrotar de papéis e cacos da Senhora da Cola. Não tenho mãos a medir. Não chegam as 15 horas de trabalho por dia! Pois aquela Senhora da Cola está-me dando surpresas formidáveis! Dois bonecos de barro, púnicos<sup>430</sup>, a cisterna<sup>431</sup>... não é cisterna! Cerâmica e mais objectos da Idade do Bronze e da do Ferro. Vamos a ver se consigo publicar tudo isto. A propósito: Não sai o 2º Volume das Comunicações do nosso Iº Congresso Nacional de Arqueologia? Você foi Secretário, nada me sabe informar a tal respeito? Não quero estar a perguntar isto ao D. Fernando, pois que se o atraso é devido a dificuldades, não quero aborrecê-lo com perguntas maçadoras<sup>432</sup>. As suas gentes? Como passam? Minha mulher também se associou ao reumatismo (e ao presunto...). A sua passa bem? As pequenas já concluíram os cursos?

Um abraço do velho e dedicado amigo,

**Abel Viana**

#### **Documento nº 81 – Carta dactilografada em folha branca, datada.**

*Beja, 11/2/1964*

Veiga Amigo: Saúde. Acabo de receber a sua carta de 9<sup>433</sup>. Eu persuadira-me de que lhe tinha escrito há poucos dias. Estarei enganado ou estará você? Seja como for, aqui estou para conversarmos um pouco, mesmo que de fugida. Ora, desde que vim da Senhora da Cola, em 27 de Outubro, não houve mais colagens in situ... Mas o caso é que o material é tanto e tão importante que, apesar de eu nunca ter parado ou afroixado de trabalhar, tenho tudo atrasado, parecendo-me até que nada tenho feito! Chego a sentir desgosto disto! São dias inteiros aqui amarrado à mesa de trabalho, ou lá dentro a tratar do material, e a coisa não anda...

Pois, Amigo Veiga, em 14 de Janeiro estive em Vila Viçosa a acompanhar o D. António de Castelo Branco, que foi lá buscar uns quadros do D. Carlos, para uma exposição que a Câmara de Cascais vai realizar<sup>434</sup>. Fui

---

<sup>(430)</sup> *Este notável achado jamais foi publicado. É provável que tais peças se conservem em Beja, encaixotadas: que pena nenhum arqueólogo ainda se não ter interessado pelo estudo de tão importante espólio!*

<sup>(431)</sup> *Trata-se de construção subterrânea, considerada como cisterna por Abel Viana no único estudo monográfico dedicado à Senhora da Cola (Viana, 1961), ainda muito incompleto face ao volume de informação coligido ulteriormente, mas jamais publicado.*

<sup>(432)</sup> *Ver notas 341 e 407.*

<sup>(433)</sup> *Não conservada no conjunto da correspondência endereçada por O. da Veiga Ferreira a Abel Viana (CARDOSO, 1993/1994). Esta é a última carta da presente correspondência: Abel Viana viria a falecer apenas dois dias volvido.*

<sup>(434)</sup> *O Eng. António de Castello Branco, antigo Director dos Serviços Geológicos de Portugal e, nessa qualidade, com uma antiga relação de amizade com Abel Viana, depois de reformado veio a assumir as funções de Vice-Presidente da Câmara Municipal de Cascais, cidade onde residia. Foi nessa qualidade que se deslocou a Vila Viçosa, na companhia do Dr. António Luiz Gomes, Presidente do Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança e responsável último pelo património museológico exposto, não só no Paço Ducal, como no Castelo de Vila Viçosa, onde à data já se encontrava instalado o Museu Arqueológico. Ver notas 140, 156, 232 e 347.*

para lá na véspera, tratar da ida dos vidros romanos da Secção Arqueológica do castelo, para o laboratório de Conimbriga, onde serão tratados e restaurados segundo processos modernos, pelo Dr. Alarcão e mulher, sob as vistas do Oleiro. Ao mesmo tempo, eles farão novo estudo de todo esse importante material, melhorando imenso, evidentemente, o estudo que fiz<sup>435</sup>. Como sabe, nestas coisas não faço questão. Desde que os outros façam melhor, e me não macem por eu não ter podido fazer melhor, até fico contente. Depois, a convite do Dr. A. Luís Gomes, fiz companhia ao D. António, que de outro modo teria andado por lá aborrecidamente sozinho. Conversamos bastante. Com respeito aos Serviços e atraso das minhas publicações, despejei o saco... Porque não sai o Paleolítico do Guadiana? Porque não sai o Paleolítico do Minho, o meu<sup>436</sup>? Olha, Veiguinha Amigo, o meu livreco precisa de IIº Volume, e Deus há-de permitir que eu em breve o publique! Ainda me ficou muito por dizer... mas hei-de proclamar tudo isso, custe o que custar, dêa a quem doer. Receio de represálias? Ora... bôrra! Que medo posso ter eu agora? Que me aumentem o reumatismo? Não; por aí nada poderiam fazer. Pois, Amigo, estive no Algarve, de visita a meus cunhados e a meu filho Alberto (Faro e Portimão), de 6 a 10 de Janeiro. Vim de lá adoentado, com o frio que apanhei. Em seguida, os dias 13 e 14 em Vila Viçosa puseram-me bastante pior. O frio este ano tem-me feito passar bastante mal. Certo é que me não trato a valer, mas também penso que não devo entrar em tratamentos complicados e dietas rigorosas. Para piorio da situação, criou-se-me um abcesso num dente, de modo que tive de pôr de parte a placa. Tenho estado à espera de que o abcesso desapareça e o dente fique em condições de ser extraído sem me fazer sofrer mais. De modo que, além dos dias e noites mal passados, por causa das dores, ainda a maçada da alimentação, que é tudo em paparradas de batidos no batedor eléctrico. Fico de papo abarrotado e, no fim de contas, com fome...

Mas, embora eu não tenha tirado ainda o malvado dente, e porque muito pior é a ciática que me não larga dia e noite, e me obriga a andar curvado, às vezes quase a arrastar-me, continuo a trabalhar intensamente. Ora, em 19 de Janeiro passado – e isto é que me admira muito lhe ter escapado, pois que todos os jornais fizeram barulho com isso, assim como a Rádio e a Televisão -, à tarde, foram à Senhora da Cola os Ministro e Subsecretário das Obras Públicas, o Secretário de Estado da Agricultura, vários directores gerais e chefes de serviço, entre os quais os das construções escolares, saúde, monumentos e edifícios nacionais, etc., etc., fora toda a gente da governança local, de Beja, Castro Verde, Almodôvar e Ourique<sup>437</sup>.

---

<sup>(435)</sup> *Abel Viana, apesar de saber a valia científica do seu trabalho no quadro da arqueologia portuguesa da época, não tinha reбуço em admitir a emergência de jovens arqueólogos, com conhecimentos mais especializados em determinadas áreas ou matérias: era o caso de Jorge de Alarcão e de Adília Moutinho de Alarcão que, de facto vieram a publicar diversos trabalhos especializados sobre colecções de vidros romanos, entre as quais a referida por Abel Viana (ALARCÃO & ALARCÃO, 1963).*

<sup>(436)</sup> *Nenhum destes artigos foi publicado nas Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal tendo permanecido inéditos, após a morte de Abel Viana, ocorrida apenas dois dias volvidos à redacção desta missiva. É de lamentar que, sequer pequeno gesto de homenagem ao ilustre arqueólogo expresso, por exemplo, através da publicação dos citados artigos, se tenha realizado: nem mesmo uma simples nota necrológica ali se publicou de quem, anos e anos, colaborou desinteressadamente com a Instituição! O. da Veiga Ferreira não deixou, porém, de a apresentar, mas noutra Revista (FERREIRA, 1964).*

<sup>(437)</sup> *Trata-se do reconhecimento oficial, ainda felizmente em vida de Abel Viana, da valia e importância das suas investigações na Senhora da Cola, recompensando-o moralmente, e de uma só vez, de todas as incompreensões, canseiras e privações do seu bem-estar material, que sofreu ao longo de toda a vida, dedicada por inteiro à dura vida de arqueólogo, quer no campo, quer à banca de trabalho.*

Ourique recebeu de uma maneira que me deixou surpreendido e admirado! Toda a vila ornamentada, toda a gente na rua! O caminho da Senhora da Cola sinalizado, e em muitos sítios arcos de canas e flores, e magotes de pessoas que saudavam e aplaudiam. Na Senhora da Cola, até parece impossível como num espaço tão pequeno couberam mais de sessenta viaturas, entre jipes, furgonetas, camionetas e automóveis. Jipes eram mais de vinte, mas os carros de outros tipos ainda eram mais numerosos. E houve muitos, sobretudo camionetas, que despejaram o pessoal antes de chegarem ao Marchicão. Você não faz ideia, Veiga, como tudo aquilo surpreendeu. Num sítio tão isolado e quieto, uma inundação daquelas, talvez de mais de mil pessoas, porque, além dos carros e camionetas, foi imensa gente a pé, de bicicleta e de motorizadas. Eu fui, desde Beja, no carro dos oficiais da Guarda Republicana, que foi sempre o que seguia à frente dos demais carros, logo seguido pelo da Polícia de Trânsito e do da Polícia Civil. Tanto em Ferreira como em outros sítios havia imensos carros à espera, para se incorporarem, Mas o melhor foi ao chegar a Grandãos, onde parece que se juntaram todos os carros motorizados de todo o concelho de Ourique. Estava lá toda a gente que você conhece, inclusive o Alberto Prazeres, que casara dias antes com uma filha do Heliodoro Valente (sobrinha do Gonçalo Nobre Valente, que foi Presidente da Câmara, e do Basílio Valente, o dono do café onde parávamos às vezes). Você mande-lhe um cartão de parabéns. Olhe que o rapaz foi sempre, para nós, de uma gentileza exemplar. Lembre-se de que nos pôs inteiramente à vontade no Brejo, e foi ele também quem tudo nos facilitou no Monte Velho<sup>438</sup>, que era do tio. Estas coisas não são de esquecer, não é verdade? Mande-lhe, pois, um cartão. Bem sabe. Basta pôr: Alberto Prazeres – Ourique.

Ele tem agora a única estação de serviço automóvel existente em Ourique. Deve estar razoavelmente. Rico... só quando o pai esticar o pernil, infelizmente. Também casou o Schubart. Já não era sem tempo. A formosa Inka, linda como uma linda Valquíria – aqui para nós, somente estou inteirado que tais sujeitas eram boas cavaleiras; lá se eram bonitas, não sei... Mas a Inka, pelos retratos que surpreendi na Senhora da Cola, tinha todo o jeito de ser uma alemã muito bela. Bem empregada, portanto, no nosso Hermanfrid Schubart, que é, além de um cientista muito sério, um autêntico valor, um magnífico rapaz, um companheiro como cá à nossa moda – minha, de você, do Ruy, Serralheiro, Albuquerque e Castro, o falecido França e poucos mais<sup>439</sup>. Bem. Mas desviei-me do relato. Tornemos à visita ministerial à senhora da Cola. O Subsecretário, que deve conhecer a Senhora da Cola desde os tempos de rapaz em que talvez tivesse andado por lá no bailarico – ou quem sabe, a acompanhar em romagem pessoa de família, e que nesta ocasião se apercebe perfeitamente deste sítio do mais significativo valor histórico e arqueológico – o Subsecretário Amaro da Costa<sup>440</sup>, dizia eu,

---

<sup>(438)</sup> *Topónimo que deu nome a um monumento sepulcral Calcolítico do tipo tholos – a tholos do Monte Velho – do concelho de Ourique, publicada por A. Viana e colaboradores (VIANA, ANDRADE & FERREIRA, 1961). De referir que este monumento ofereceu dois valiosos braceletes de ouro, de uma ou várias tumulações secundárias da Idade do Bronze, os quais foram incorporados no acervo do Museu dos Serviços Geológicos: mais uma razão para lamentar o tratamento dado pela Instituição à memória de quem tanto permitiu o seu engrandecimento, com este e outros espólios (ver nota 436).*

<sup>(439)</sup> *A maneira de ser, jovial e extrovertida, de H. Schubart – aliada a uma competência científica indesmentível – valeu-lhe não só a amizade de Abel Viana, mas também de O. da Veiga Ferreira e de muitos outros arqueólogos portugueses, entre os quais o signatário.*

<sup>(440)</sup> *Trata-se do Eng. M. Amaro da Costa, natural da vila de Odemira, então Subsecretário de Estado das Obras Públicas.*

já lá aparecera em 8 de Setembro passado, no dia da romaria, acompanhado da Esposa e filhos. Antes, alguém do Ministério me avisou de que ele se mostrara interessado por aquilo que eu andava lá a fazer. Desde então, e ele próprio me disse que em breve lá voltaria, estive sempre a postos, a ver quando a segunda visita se faria, mais demorada e descansadamente.

Logo no princípio de Janeiro, o Presidente da Câmara e o Governador Civil de Beja me avisaram de que o Ministro das Obras Públicas e outros membros do Governo, assim como numerosos altos funcionários, iriam em 19 de Janeiro à Senhora da Cola, e que eu teria de lá estar, para fazer as honras da casa. Assim sucedeu. Claro que eu não cometi o descoco de maçar o Ministro e seus acompanhantes, com uma dissertação; expliquei algumas coisas de carácter geral, e disse ao Ministro que de seguida lhe enviaria um memorial a tal respeito. Vi, todavia, que todos ficaram surpreendidos e entusiasmados com o que viram. O Ministro perguntou-me se achava bem a criação, ali, de um museu monográfico<sup>441</sup> Realmente, materiais não faltam, e neles há peças de grande categoria! Olhe, Veiga amigo, foi um grande dia, e toda aquela gente teve a noção perfeita de que alguma coisa grande se estava a passar, de interesse para ela e, principalmente, para os filhos. Estou, ao mesmo tempo que faço o trabalho arqueológico, a bater-me pela melhoria das condições de vida de toda aquela gente, que bem precisa do nosso amparo, e que bem merece toda a nossa protecção e estima<sup>442</sup>. Vamos a ver o que se segue, mas penso que terei de desenvolver ali muita actividade de vária espécie. A estrada vai ter começo em breve; para me favorecerem, iniciam a construção a partir da Senhora da Cola, pois que, sendo a primeira fase desde a Senhora da Cola à Marchica, da Marchica à estrada de Santana da Serra, passando pela Alcaria e Fernão Vaz, o caminho velho já é facilmente transitável. Começarão, portanto, pelo trecho pior, o mais acidentado e difícil de vencer. Para mim, tem ainda a vantagem de, uma vez que a estrada rodeia o Castro pelo Poente e Norte, na encosta para o Barranco do Marchicão (no Burdo e Pedra Escorregadia), ali se devem encontrar muitos materiais escorregados lá do alto, sobretudo dos mais antigos. É o caso de Leceia e tantos outros<sup>443</sup>.

Por isso, tenho tudo preparado para seguir para lá, tão depressa comecem as escavações. Já tenho as coisas dispostas para que tudo quanto apareça se não perca. Na exposição que mandei para as Obras Públicas, propus a compra, para o Estado, de toda a área das ruínas, ou seja, do “Castelo”, “Castelejo” e todo o esporão avançado para o Sul. Já pensam em formar ali uma estância de caça e de pesca, e o estabelecimento de uma

---

<sup>(441)</sup> Apesar de, actualmente, a estação arqueológica se encontrar adequadamente assinalada nas principais vias rodoviárias da região, o Museu jamais se concretizou, nem tão-pouco o estudo adequado do notável espólio, estratigrafia e estruturas exumadas por Abel Viana.

<sup>(442)</sup> Abel Viana não era um frio e insensível investigador só preocupado na ciência a que devotara a vida – o que o faria igual a tantos outros, que legitimamente tomaram tal opção – mas tinha, também, preocupações de índole social sentindo-se obrigado, perante as populações rurais da região, com as quais se mantinha profunda afectividade, ultrapassando as simples relações sociais de conveniência, como se depreende de diversas passagens desta e de outras cartas.

<sup>(443)</sup> Referia-se ao povoado pré-histórico de Leceia, no concelho de Oeiras; com efeito, antes das escavações ali levadas a cabo sistematicamente pelo signatário, desde 1983, totalizando vinte campanhas anuais, a maioria dos materiais arqueológicos dispersava-se pela encosta voltada para a ribeira de Barcarena, oriundos, por escorrências, da plataforma superior, na qual se edificou o notável dispositivo defensivo, constituído por três linhas de muralhas (CARDOSO, 1994, 1997 d, 2000).

pousada turística. O pessoal da arborização tem estudos feitos: a barragem de Santa Clara-Saboia vai terminar no Pego de Lã. Você está a imaginar que bonito lago ali ficará. Os engenheiros já me preveniram de que não tarda muito que não cheguem à Senhora da Cola em barco a gasolina, para me levarem até Santa Clara! Quem o havia de dizer! Você não tornou lá, depois que lá deu uma saltada com o Zby. Pois aquilo, agora está muito mudado. Você gostaria de tornar a observar aquilo. Olhe que já é qualquer coisa digna de ver-se. Apesar de eu ter tudo recoberto, à medida que vou explorando, com uma cobertura de pedras, para protecção dos muros e pavimentos<sup>444</sup>. A documentação fotográfica e por meio de desenho é abundante. Pode ser considerada completa e perfeita. A minha maior dor de cabeça, presentemente, é achar o modo de publicar tudo isto. Mas não desanimarei. Você bem sabe como sou dotado de tenacidade. Irei para a frente, custe o que custar. Mas parece-me que, finalmente, não me deixarão desamparado. Da visita dos membros do Governo lhe enviarei uma fotografia em que me verá a cantar-lhes o fado... Passemos, agora, ao que me diz da sua vida. Não se descuide com o trabalho para o doutoramento<sup>445</sup>. Quando você atingir essa meta, será das maiores felicidades da minha vida. Estude, prepare as coisas com toda a habilidade, não faça barulho, para não despertar despeitos e invejas. Isso é, salvo seja, como um negócio, e se não pode haver segredo – que é a tal alma do dito -. Haja, ao menos, aquele desconhecimento relativo que só nos pode favorecer. Percebeu! Bico calado, a fim de não despertar os lobos. E, se Deus quiser, você há-de triunfar<sup>446</sup>. Não me diga coisas contra o nosso País. Olhe que não gosto disso. Nós podemos sofrer muitas contrariedades e injustiças, mas isso é obra de maus elementos que também formam camada em outros países. Sabe lá você quantos e quantos em França não serão amparados como mereciam! Talvez se você fosse francês não tivesse de lá o ambiente com que o favorecem. E não fazem favor nenhum. Você tem trabalhado muito para eles, dedicada e valiosamente. De modo que não lhe fazem favor nenhum. Mostrarão que são gratos e, vá lá, já não é pouco. Claro que em Portugal, havendo tanto doutor, tanto sabichão, que falta poderão fazer você, eu e outros mais, doutores e não doutores? Não diga mal da nossa terra porque, apesar de tudo, é a que melhor podemos sentir e compreender. Não faça juízos precipitados, nem simplistas. Você deve imenso ao Zby e ao Roche, principalmente ao primeiro.

E deve também ao D. António de Castelo Branco, e ao seu velho Director Geral e precioso Amigo, Castro e Sola<sup>447</sup>. O mundo, meu caro Veiga, é um complicadíssimo conjunto de circunstâncias favoráveis

---

<sup>(444)</sup> Preocupação que, infelizmente, ainda é indiferente a muitos arqueólogos portugueses, que, depois de exploradas, deixam as estações ao abandono, sendo as estruturas e cortes postas a descoberto rapidamente destruídas pelos agentes meteóricos. Tal preocupação fora, aliás, já manifestada por Abel Viana, em outros trechos da presente correspondência (ver nota 333).

<sup>(445)</sup> Que O. da Veiga Ferreira haveria de concluir com brilho, em 1965 (“Doctorat d’Université”) na Faculdade de Ciências da Universidade de Paris, tendo sido patrocinado em tal iniciativa por Jean Roche. A avaliação foi feita por júri presidido por Jean Piveteau. A primeira tese intitulava-se “La Culture du Vase Campaniforme au Portugal” e foi publicada no ano seguinte (Ferreira, 1966). A tese complementar versou a sistemática dos Pectinídeos do Miocénio português. Ver nota 400.

<sup>(446)</sup> Mais uma prova do verdadeiro amor filial que Abel Viana dedicava a O. da Veiga Ferreira a quem este, carinhosamente, chamava de “Tio Abel” (ver CARDOSO, 1993/1994, Documento n.º 35). Ver nota 414.

<sup>(447)</sup> Ver nota 370.

e desfavoráveis. O resultado consiste na medida em que poderemos ser hábeis e ter sorte. Esses Tacheiras<sup>448</sup> e bestas semelhantes têm tido ambas as coisas. E olhe que nem o País, nem a Moral lhes deve grande coisa, ainda que ao mesmo País tenham dado alguma ciência... Mas, por que preço, santo Deus! (...).

Não, amigo Veiga, não pense nem fale como eles. Você há-de doutorar-se, por esforço e mérito próprio. E quer se doutore quer se não doutore, Portugal não irá para cima nem para baixo, por causa disso. Que sou eu, ou é você, ou qualquer outro, em face do valor incomparável da Nação? E, finalmente, que são eles, uns quantos, num prato da balança, enquanto no outro pesam milhões? Calma, meu Amigo. Não perca nunca a serenidade do espírito, nem a clarividência indispensável. Duas palavras a respeito do pessoal da senhora da Cola: A Helena tem mais dois irmãos, uma rapariga e um rapaz, este nascido em 19 de Janeiro; o Manuel Luz tem mais um rapaz, nascido há oito dias. De modo que a S<sup>a</sup> Antónia tem, neste momento, cinco netos e cinco netas. E eu lá estou a acompanhar esta evolução... demográfica<sup>449</sup>. Eu precisava que você me fizesse dois favores. O primeiro é pedir ao Vaultier que mande para França o que estou devendo à Sociedade do Ariège<sup>450</sup>. Ele mandava para lá os francos e eu, daqui lhe mandarei **imediatamente** os escudos correspondentes. O outro favor é arranjar-me aí as cartas de 1/50.000, n.ºs 45-A, 45-B, 45-C, 45-D, 49-A e 49-B<sup>451</sup>. Veja-me isto e mande-me dizer quanto custam, para lhe remeter a importância respectiva. Não se esqueça. Não me atrevo a ir a Lisboa enquanto este reumatismo estiver assim. Tenho lá uma neta que nasceu em 7 de Dezembro passado. Já pesa 5 quilos e eu ainda não a conheço pessoalmente... Logo que a Primavera chegar aí estarei. Preciso de levar os tais ossos e dentes, para vocês mos classificarem. Cá recebi o seu trabalho com a Leisner. Cumprimentos para as três Ex.mas Sobrinhas. Um abraço.

**Abel Viana**

**Aditamento** – mais umas palavritas. Recebi da Sociedade Portuguesa de Espeleologia o n.º 1 do Boletim, 2ª Série, e a “Publicação especial”, n.º 2. O Boletim é curioso, e a “Publicação” n.º 2 é o artigo do Zby – “A importância das Grutas em Pré-história”. Gostei muito. Lê-se muito bem. Como trabalho de vulgarização é modelar. Então você não continuará a trabalhar com a Leisner? E com Schubart? Ele não vem, no próximo ano, trabalhar com você? Não vai com ele para as bandas de Torres, Alcobaça e outros sítios dessa região? Eu estava persuadido de que tal coisa estava mais ou menos assente. Não creio que o impeçam, a você, de trabalhar com eles. Olhe que eu até era capaz de ir repontar nos jornais, se você fosse impedido de fazer tais

---

<sup>(448)</sup> Referênciã desprimorosa ao Prof. Carlos Teixeira (ver nota 387).

<sup>(449)</sup> Esta afectividade para com humildes camponeses, com quem convivia meses a fio, reforça as preocupações sociais manifestadas em trecho anterior (ver nota 442).

<sup>(450)</sup> Maxime Vaultier era sócio, tal como Abel Viana, da Société Préhistorique Ariège-Pyrénées, podendo, mais facilmente do que este, regularizar as quotizações em atraso do segundo.

<sup>(451)</sup> Trata-se de um conjunto de cartas geológicas, que O. da Veiga Ferreira poderia sem dificuldade obter nos próprios Serviços Geológicos (são as cartas respeitantes às zonas, respectivamente, de Cercal, Messejana, Odemira, Ourique, Odesseira e S. Marcos da Serra, regiões onde Abel Viana vinha desenvolvendo, de há muito, trabalhos arqueológicos).

pesquisas arqueológicas<sup>452</sup>. Falei ao D. António, chamando-lhe a atenção para o papel que os Serviços Geológicos ainda tem de cumprir a este respeito. Ele concordou comigo e mostrou-se disposto a intervir, no caso de ser conveniente ou necessário. Eu é que já não posso tratar de mais nada senão de Senhora da Cola. E já não é pouco! Mais vale fazer uma só coisa mais ou menos completa que andar a saltitar de um lado para o outro.

O patife do Fragoso esteve largo tempo em Moura. Parece que os tais leitorados não dão muito que fazer.. Desta vez não fez conferências “científicas” para enfiar o papo dos conterrâneos. Falta-me saber, porém, se repetiu ou não a série de cartas anónimas, a informar de que eu ando pelos cafés de Lisboa (!!!) a dizer mal do Oleiro, do D. Fernando, de você, etc. O desgraçado além de malandro é burro. O estupidarrão nem sabe que a última vez que fui a Lisboa foi em Outubro de 1962, quando fui falar nos Arqueólogos a respeito da Senhora da Cola. O grande burro, inda por cima, anda mal informado... Pensa que tenho tão pouco que fazer como ele. E já que falei da Associação dos Arqueólogos: Soube, em Vila Viçosa, que o Machado de Faria deu uns sopapos ao Melo de Matos<sup>453</sup>. O Sr. D. António explicou-me um pouco o que se passou. Teve o D. Fernando que tomar conta das rédeas do carro. O Melo de Matos está maluco! A cena que ele arranjou quando fui pregar na “Associação” cá para mim não teve desculpa. Não pedi a demissão porque, na realidade, muita consideração fiquei a dever a tantas pessoas que lá foram e que nenhuma culpa têm das parvoeza e incivildades dos outros. Mas aquilo não foi bonito, nem desculpável. O meu livro tem sido muito vendido. O depositário ainda não fez contas comigo, nem parece muito apressado a fazê-las. Mas sei, por diversas informações, que tem sido muito procurado e, o que é mais, muito seguido. Ainda continuo a receber cartas de muitos sítios e de pessoas das mais diversas condições, a darem-me apoio nas ideias “revolucionárias” que através dele expendi. Pois, Amigo, lá para meados deste ano vou atirar para a rua o 2º milhar que tenho de reserva, para sair com um apêndice de umas 50 ou sessenta páginas, em aditamento de indicações bibliográficas e de mais umas consideraçõezinhas acerca da falsa arqueologia, tão entusiasticamente cultivada entre nós, e a insistir no que entendo que verdadeira e honestamente se deverá fazer. Eu estou agora muito isolado. O Fernando Nunes Ribeiro tem a sua lavoura, que não é brincadeira nenhuma, tanto mais que ele cuida de todo o pessoal com notável senso sociológico. Por outro lado, aqui não o largam. São os Bombeiros, o Hospital, o Grémio da Lavoura, etc., etc.. Todos lhe deitam a mão. Do Freire de Andrade nada sei. Mandei-lhe cumprimentos pelo Natal e ele retribuiu.

Nada mais. Os novos Directores da Mina abafaram-no... Completaram o trabalho da mulher. E ele agachou-se, muito ao jeito dele, de se adaptar às conveniências materiais. Nada de sacrifícios pela Ciência... Fabricar meninos, dar-lhes de comer, eis o essencial. Eu fui muito estúpido em não ter enveredado por esse caminho.

---

<sup>(452)</sup> O. da Veiga Ferreira publicou, efectivamente, com o referido arqueólogo alemão uma notícia preliminar sobre o povoado pré-histórico da Columbeira, Bombarral (SCHUBART, FERREIRA & MONTEIRO, 1969), antecedida de outra sobre o povoado pré-histórico do Zambujal, Torres Vedras (PAÇO et al., 1964).

<sup>(453)</sup> António Machado de Faria e Gastão de Melo de Matos, pertenciam à Secção de História da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Teria agora mais possibilidades de me matar num carro meu que partir os ossos em algum dos que são de outros... O Serralheiro também não dá sinal de si. Já não vem cá por casa. Pelo visto, todos se enjoaram com a arqueologia<sup>454</sup>. Aguenta-se você neste vendaval. Se lhe não guiei os primeiros passos, pelo menos, acompanhei-lhe os segundos, e alguma coisa do meu entusiasmo lhe transmiti. Vá para a frente. Não se arrependa. Suas filhas estão criadas e praticamente arrumadas. Você já não precisa de aleijar o pescoço com as curvaturas de cachaço. Aparece-me gente nova, de fora e de longe. Estou velho de mais, infelizmente, e a Senhora da Cola já não consente que eu gaste mais tempo com outras coisas. Mesmo por carta, vou dando algumas informações e indicações. Hei de lhe mandar uma relação destas pessoas, pois talvez você possa acudir a algumas com o seu esclarecimento e o seu conselho<sup>455</sup>. E agora vou parar. Vá-se entretendo com este testamento e não me venha dizer depois que eu já há muito lhe não mando notícias minhas...

Outra vez: um apertado abraço.

**Abel Viana**

## **BIBLIOGRAFIA CITADA**

ALARCÃO, J. de & ALARCÃO, A. Moutinho de (1963) – Quatro pequenas colecções de vidros romanos. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 73 (3/4), pp. 367-390.

ALMEIDA, F. de (1962) – Arte visigótica em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série II, 4, pp. 5-278.

ALMEIDA, F. de (1964) – *Ruínas de Miróbriga dos Célticos*. Setúbal. Junta Distrital de Setúbal. 92 pp.

ALVES, F. J. S.; SOARES, A. M. Monge & CABRAL, J. M. Peixoto (1993) – As primeiras datações de radiocarbono em Portugal directamente relacionadas com o património arqueológico naval e subaquático. *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*. Lisboa. Instituto de Investigação Científica Tropical. 2, pp. 151-163.

ANDRADE, R. Freire de (1966/1967) – Documentos inéditos para a história das minas de Aljustrel. *Arquivo de Beja*. Beja. 23/24, pp. 337-352.

ARAÚJO, J. Rosa de (1963/1964) – A última visita de Abel Viana à Senhora da Cola. *Arquivo de Beja*. Beja. 20/21, pp. 131-136.

ARAÚJO, J. Rosa de (1968) – Falando de Abel Viana. *Arquivo do Alto Minho*. Viana do Castelo. 16 (2), pp. 115-122.

---

<sup>(454)</sup> Ambos, particularmente o primeiro, desenvolveram com Abel Viana assinaláveis trabalhos de campo (ver bibliografia).

<sup>(455)</sup> Esta longa carta pode ser considerada como um verdadeiro “testamento arqueológico” de Abel Viana, pois não só deixa claramente expresso o seu pensamento sobre tal matéria, mas também define regras de comportamento que deveriam ser seguidas por O. da Veiga Ferreira. Significativo é o facto de, pela primeira vez, atribuir ao destinatário a responsabilidade de orientar outrém, sinal de que já o julgava preparado para tais funções... longe iam os tempos das primeiras cartas, em que admoestava duramente O. da Veiga Ferreira pela sua maneira pouco cuidada de escrever. Sem dúvida que, pela sua personalidade, tão próxima da de Abel Viana foi, mais do que o discípulo dilecto, o seu próprio filho espiritual.

- BARRADAS, L. Antunes (1936) – Concheiros do vale do Sado. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto. 21 (3), pp. 175-179.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1945) – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire*. II – Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 26, 662 pp.
- BREUIL, H.; PAÇO, A. do; RIBEIRO, O.; ROCHE, J.; VAULTIER, M.; FERREIRA, O. da Veiga & ZBYSZEWSKI, G. (1962) – Les industries paléolithiques des plages quaternaires du Minho (La station de Carreço). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 46, pp. 53-131.
- CARDOSO, J. L. (1993/1994) – A arqueologia portuguesa do pós-guerra vista pela correspondência de O. da Veiga Ferreira a Abel Viana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 11/12, pp. 291-338.
- CARDOSO, J. L. (1994) – Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras (número especial). 164 pp.
- CARDOSO, J. L. (1997 a) – *In Memoriam* O da Veiga Ferreira. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 83, pp. 153-170.
- CARDOSO, J. L. (1997 b) – Octavio da Veiga Ferreira (1917-1997). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 54 (2), pp. 5-11.
- CARDOSO, J. L. (1997 c) – O. da Veiga Ferreira (1917-1997). *Al-Madan*. Almada. Série II, 6, pp. 174-175.
- CARDOSO, J. L. (1997 d) – *O povoado de Leceia sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras. Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras. 128 pp.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998) – *In Memoriam* O. da Veiga Ferreira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, pp. 5-6.
- CARDOSO, J. L. (1999) – O Professor Mendes Corrêa e a arqueologia portuguesa. *Al-Madan*. Almada. Série II, 8, pp. 138-156.
- CARDOSO, J. L. (2000) – Sítios, pedras e homens. Trinta anos de arqueologia em Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 9, 191 pp.
- CARDOSO, J. L. & ROLÃO, J. M. (1999/2000) – Prospecções e escavações nos concheiros mesolíticos de Muge e de Magos (Salvaterra de Magos): contribuição para a história dos trabalhos arqueológicos efectuados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, pp. 83-240.
- CARDOSO, J. L.; RAPOSO, L. & FERREIRA, O. da Veiga (2002) – *A Gruta Nova da Columbeira* (Bombarral). Câmara Municipal do Bombarral. 142 pp.
- CASTRO, L. de Albuquerque e; FERREIRA, O. da Veiga & VIANA, A. (1957 a) – Acerca dos monumentos dolmênicos da bacia do Vouga. *XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* (Coimbra, 1956). Coimbra. 8, pp. 471-481.

- CASTRO, L. de Albuquerque e; FERREIRA, O. da Veiga & VIANA, A. (1957 b) – O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38 (2), pp. 325-348.
- CORREIA, Vergílio (1916) – Conimbriga. A camada pré-romana da cidade. *O Archeologo Português*. Lisboa. 21, pp. 252-264.
- DEUS, A. Dias de & VIANA, A. (1953) – Mais três dólmenes da região de Elvas. *Zephyrus*. Salamanca. 4, pp. 227-240.
- DEUS, A. Dias de; LOURO, H. da Silva & VIANA, A. (1955) – Apontamentos de estações romanas e visigóticas da região de Elvas (Portugal). *III Congreso Nacional de Arqueologia* (Galicia, 1953). Zaragoza. Actas, pp. 568-578.
- FEIO, M. (1946) – Os terraços do Guadiana a jusante do Ardila. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 27, pp. 3-82.
- FEIO, M. (1952) – *A evolução do relevo do Baixo Alentejo e Algarve*. Lisboa. Instituto para a Alta Cultura/Centro de Estudos Geográficos. 186 pp.
- FEIO, M. & PATRÍCIO, A. (1945) – Notícia acerca do quaternário no vale do Guadiana. *Arquivo de Beja*. Beja. 2, pp. 43-69.
- FERREIRA, F. Bandeira (1962 a) – Nótula acerca da ermida de S. Mamede de Janas. *Revista de Guimarães*. 72 (3/4), pp. 337-364.
- FERREIRA, O. da Veiga (1946) – Estação pré-histórica do Buço Preto ou Esgravatadoiro. Descrição das sepulturas encontradas. *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*. Lisboa. 1 (3), pp. 89-95.
- FERREIRA, O. da Veiga (1950) – Notas arqueológicas de Estremoz e Vila Viçosa. *A Cidade de Évora*. Évora. 7 (21/22), pp. 65-73.
- FERREIRA, O. da Veiga (1962 b) – Manifestações de Arte no mobiliário funerário do Eneolítico de Portugal. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 72 (3/4), pp. 365-375.
- FERREIRA, O. da Veiga (1964) – Abel Viana (1896-1964). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 74 (1/2), pp. 172-176.
- FERREIRA, O. da Veiga (1966) – *La Culture du Vase Campaniforme au Portugal*. Serviços Geológicos de Portugal (Memória 12, Nova Série). Lisboa. 122 pp.
- FERREIRA, O. da Veiga & ANDRADE, R. Freire de (1966) – A necrópole de Valdoca (Aljustrel). *Conimbriga*. Coimbra. 5, pp. 1-6.
- FERREIRA, O. da Veiga & CASTRO, L. de Albuquerque e (1948) – A estação pré-histórica de Vale de Carro (Albufeira). *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*. Lisboa. 2 (2), pp. 108-115.

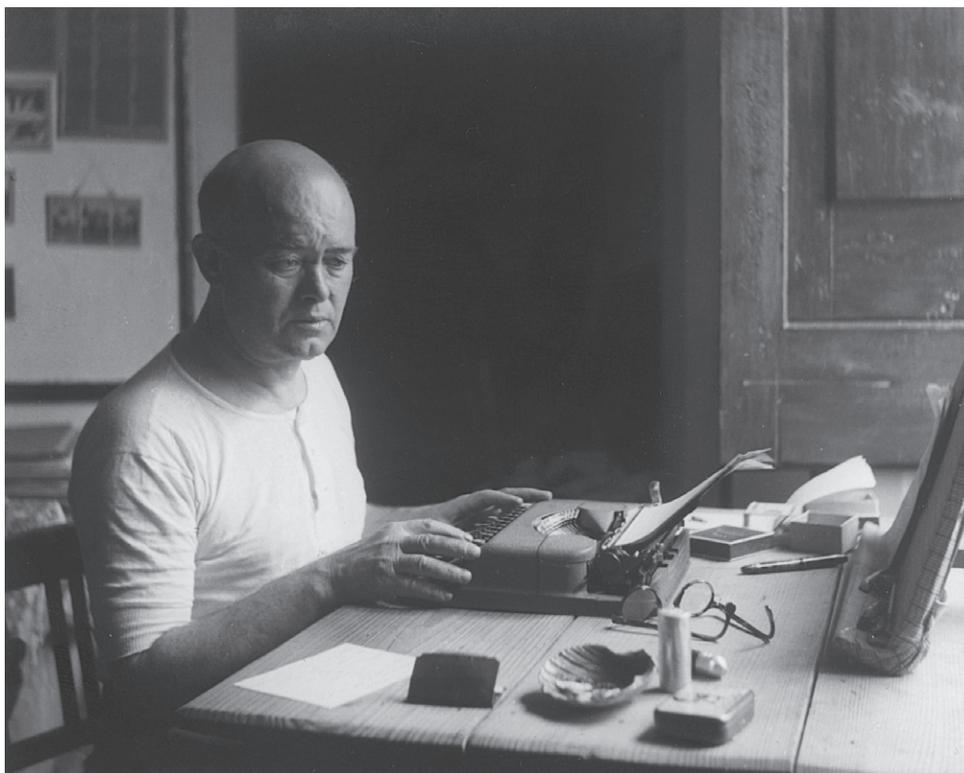
- FERREIRA, O. da Veiga & VIANA, A. (1956) – L'importance du cuivre peninsulaire dans les Ages du Bronze. *IV Congresso Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas* (Madrid, 1954). Zaragoza. Actas, pp. 521-533.
- FERREIRA, S. da Veiga & FERREIRA, O. da Veiga (1973) – Numária lusitana. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. Série III, 75/76, 33 pp. (separata).
- FIGUIER, L. (1883) – *O Homem Primitivo*. Traduzido da 5ª. Edição francesa. Lisboa. Empresa Litteraria Luso-Brazileira – Editora. 487 pp.
- FORMOSINHO, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1947) – As estações da Idade do Bronze e Visigótica ou romana (Baixo Império) de Alcaria (Caldas de Monchique). *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*. Lisboa. 2 (23), pp. 288-302.
- FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da Veiga & VIANA, A. (1953) – O capacete céltico do Museu Regional de Lagos. *XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* (Lisboa, 1950). Lisboa. Actas, 8, pp. 393-398.
- FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da Veiga & VIANA, A. (1953/1954) – Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 14 (1/4), pp. 66-225.
- FRANCO, M. Lyster & VIANA, A. (1948) – Cemitério da Idade do bronze nos arredores de Faro. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 11 (3/4), pp. 299-305.
- GARCÍA y BELLIDO, A. (1949) – *Esculturas romanas de España y Portugal*. 2 vols. (vol. 1, texto; vol. 2, láminas). Madrid. CSIC.
- GONÇALVES, V. S. (1978) – *A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaça*. Lisboa. Secretaria de Estado da Cultura. 80 pp.
- HELENO, M. (1956) – Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série II, 3, pp. 221-237.
- LAUTENSACH, H. (1940) – Die Minhoterrassen und ihre Beziehungen zu den eiszeitlichen Problemen. *Actas do Congresso do Mundo Português. Memórias e comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História* (I Congresso). Lisboa. pp. 59-110.
- MALUQUER de MOTES, J. (1949) – Concepto y periodización de la Edad del Bronce peninsular. *Ampurias*. Barcelona. 11, pp. 191-195.
- NATIVIDADE, M. Vieira (1890) – *Roteiro archeológico dos Coutos de Alcobaça*. Alcobaça. Typographia A. Coelho da Silva. 19 pp.
- NATIVIDADE, M. Vieira (1903) – Grutas de Alcobaça. Materiaes para o estudo do Homem. Relatório dos trabalhos de exploração nas diversas estações neolíticas de Alcobaça. *Portugália*. Porto. 1, pp. 433-474.
- PAÇO, A. do; FERREIRA, O. da Veiga & Viana, A. (1957) – Antiguidades de Fontalva. Neo-eneolítico e época romana. *Zephyrus*. Salamanca. 8 (1), pp. 111-133.

- PAÇO, A. do; FERREIRA, O. da Veiga; TRINDADE, L.; SCHUBART, H. & LEISNER, V. (1964) – Castro do Zambujal. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. Lisboa. 61/62, pp. 279-306.
- PASSOS, J. M. da Silva (1986) – Abel Viana. A sua importância para a história urbana de Beja. *Arquivo de Beja*. Beja. Série II, 3, pp. 9-11.
- RODRIGUES, A. V. (1962) – A torre de “Centum Celas” pretório de um acampamento romano? *Revista de Guimarães*. Guimarães. 72 (3/4), pp. 319-325.
- SANTA-OLALLA, J.-M. (1946) – *Esquema paleontológico de la Península Hispánica*. 2ª. Edición. Madrid. Publicaciones del Seminario de Historia primitiva del Hombre. 156 pp.
- SCHUBART, H. (1971) – O Horizonte de Ferradeira. Sepulturas do Eneolítico Final no Sudoeste da Península Ibérica. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81 (3/4), pp. 189-214.
- SCHUBART, H. (1965) – Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 22, pp. 7-136.
- SCHUBART, H.; FERREIRA, O. da Veiga & MONTEIRO, J. de Almeida (1969) – A fortificação eneolítica da Columbeira – Bombarral. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 3, pp. 17-36.
- SERRÃO, E. da Cunha (1958) – Cerâmica proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra) com ornatos coloridos e brunidos. *Zephyrus*. Salamanca. 9 (2), pp. 177-186.
- SERRÃO, E. da Cunha (1959) – Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa. 1, pp. 337-359.
- SERRÃO, E. da Cunha & VICENTE, E. Prescott (1959) – Escavações em Sesimbra, Parede e Olelas. Métodos empregados. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa. 1, pp. 317-335.
- SPINDLER, K. & FERREIRA, O. da Veiga (1974) – Das vorgeschichtliche Fundmaterial aus der Gruta do Carvalhal/Portugal. *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 15, pp. 28-57.
- VEIGA, S. P. M. Estacio da (1886) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. *Tempos prehistoricos*. Lisboa. Imprensa Nacional, 1, 305 pp.
- VIANA, A. (1940) – Os problemas do Asturiense português. *Actas do Congresso do Mundo Português*. *Memórias e comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História* (I Congresso). Lisboa. pp. 167-194.
- VIANA, A. (1945) – Paleolítico do Baixo Alentejo. Vale do Guadiana. *Brotéria*. Lisboa. 40 (2), pp. 192-211.
- VIANA, A. (1945, 1946, 1947) – Paleolítico das margens do Guadiana. *Arquivo de Beja*. Beja. 2 (3/4), pp. 356-391; 3 (3/4), pp. 364-441; 4 (1/2), pp. 115-147.
- VIANA, A. (1948) – Os terraços do Guadiana a Jusante do Ardila. *Arquivo de Beja*. Beja. 5, pp. 181-183.
- VIANA, A. (1949 a) – Estelas discóides do Museu de Beja. *Arquivo de Beja*. Beja. 6 (1/2), pp. 37-85.

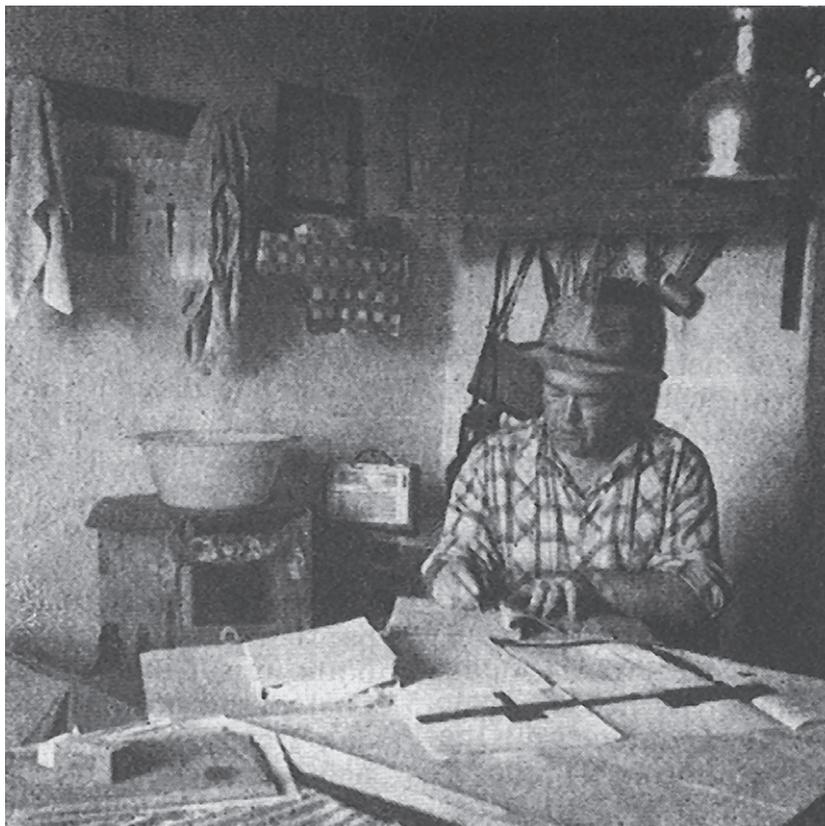
- VIANA, A. (1949 b) – Restos de Ossónoba, no Largo da Sé, em Faro. *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*. Lisboa. 4 (39-46), pp. 358-492.
- VIANA, A. (1950) – Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 12 (3/4), pp. 289-322.
- VIANA, A. (1951) – O cemitério luo-romano do Bairro Letes (Faro). *Brotéria*. Lisboa. 53 (2/3), pp. 145-165.
- VIANA, A. (1951) – *Títulos e trabalhos de Abel Viana*. Edição do Autor. 16 pp.
- VIANA, A. (1953) – O monumento megalítico da Folha da Amendoeira (Odivelas do Alentejo). *Zephyrvs*. Salamanca. 4, pp. 241-263.
- VIANA, A. (1955) – A Cova da Moura, Carreço, Viana do Castelo. *III Congreso Nacional de Arqueologia* (Galicia, 1953). Zaragoza. Actas, pp. 481-497.
- VIANA, A. (1959) – Necrópole pré-histórica da Atalaia. Aldeia dos Palheiros – Ourique. *Conimbriga*. Coimbra. 1, pp. 83-96.
- VIANA, A. (1960) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. Senhora da Cola. *Arquivo de Beja*. Beja. 17 (1/4), pp. 138-231.
- VIANA, A. (1960/1961) – Cidade de Âncora. Notícia sobre a actividade do II Campo Internacional de Trabalho Arqueológico promovido em 1960 pela Associação Académica de Coimbra. *Conimbriga*. Coimbra. 2/3, pp. 247-270.
- VIANA, A. (1962 a) – *Algumas noções elementares de arqueologia prática*. Beja. Edição do Autor, 211 pp.
- VIANA, A. (1962 b) – Mamoia do Marchicão – Aldeia dos Palheiros (Ourique). XXVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1962). Porto. Secção VII – História e Arqueologia, pp. 279-288.
- VIANA, A. & DEUS, A. Dias de (1951) – Notas para el estudio de la Edad del Hierro en el concejo de Elvas (Portugal). *VI Congreso Arqueológico del Sudeste* (Alcoy, 1950). Cartagena. Actas, pp. 89-105.
- VIANA, A. & DEUS, A. Dias de (1952) – Exploración de algunos dólmenes de la region de Elvas, Portugal. *II Congreso Nacional de Arqueologia* (Madrid, 1951). Zaragoza. Actas.
- VIANA, A. & DEUS, A. Dias de (1953) – Exploração de algumas necrópoles céltico-romanas do concelho de Elvas. *XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* (Lisboa, 1950). Lisboa. Actas, 8, pp. 67-74.
- VIANA, A. & DEUS, A. Dias de (1955 a) – Nuevas necropolis celto-romanas de la región de Elvas (Portugal). *Archivo Español de Arqueologia*. Madrid. 28, pp. 33-68.
- VIANA, A. & DEUS, A. Dias de (1955 b) – Necropolis de la Torre das Arcas. *Archivo Español de Arqueologia*. Madrid. 28, pp. 244-265.
- VIANA, A. & DEUS, A. Dias de (1955/1957) – Notas par o estudodos dólmens da região de Elvas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 15 (3/4), pp. 143-189.

- VIANA, A. & DEUS, A. Dias de (1956) – Campos de urnas do concelho de Elvas. *O Instituto*. Coimbra. 118, pp. 133-193.
- VIANA, A. & DEUS, A. Dias de (1957) – Mais alguns dólmenes da região de Elvas (Portugal). *IV Congreso Nacional de Arqueologia*. Zaragoza. Actas, pp. 89-100.
- VIANA, A. & FRANCO, M. Lyster (1945) – O espólio arqueológico de José Rosa Madeira. *Brotéria*. Lisboa. 41 (5), pp. 386-419.
- VIANA, A. & OLIVEIRA, M. de Sousa (1955) – Sobre a citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo, Portugal). *III Congreso Nacional de Arqueologia* (Galicia, 1953). Zaragoza. Actas, pp. 541-551.
- VIANA, A. & ZBYSZEWSKI, G. (1949) – Contribuição para o estudo do Quaternário do Algarve. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa 29, pp. 197-250.
- VIANA, A. & ZBYSZEWSKI, G. (1952) – Paleolítico dos arredores de Beja. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 33, pp. 99-153.
- VIANA, A. (1932) – Carta pré e proto-histórica do distrito de Viana do Castelo. *Anuário do distrito de Viana do Castelo*. 1, 24 pp. (separata).
- VIANA, A.; ANDRADE, R. Freire de & FERREIRA, O. da Veiga (1954) – Minerações romanas de Aljustrel. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 35, pp. 79-92.
- VIANA, A.; ANDRADE, R. Freire de & FERREIRA, O. da Veiga (1960) – O monumento pré-histórico do Malha Ferro (Panóias). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 70 (1/2), pp. 21-50.
- VIANA, A.; ANDRADE, R. Freire de & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – O monumento pré-histórico do Monte Velho (Ourique). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, pp. 483-492.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da Veiga & ANDRADE, R. Freire de (1956) – Exploração das minas de Aljustrel, pelos romanos. *Arquivo de Beja*. Beja. 13 (1/4), pp. 3-20.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da Veiga & ANDRADE, R. Freire de (1961 a) – Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71 (1/2), pp. 5-12.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da Veiga & ANDRADE, R. Freire de (1961 b) – Um túmulo de tipo alcalarense nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71 (3/4), pp. 247-254.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da Veiga & FORMOSINHO, J. (1950 a) – Las necrópolis de las Caldas de Monchique. *I Congreso Nacional de Arqueologia/V Congreso Arqueológico del Sudeste* (Almería, 1949). Cartagena. Actas, pp. 89-105.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. da Veiga & FORMOSINHO, J. (1950 b) – Necropolis de las Caldas de Monchique. *Archivo Español de Arqueologia*. Madrid. 77, pp. 291-312.

- VIANA, A.; FERREIRA, O. da Veiga & FORMOSINHO, J. (1953) – Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. Investigações de 1948 e 1949. *XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* (Lisboa, 1950). Lisboa. 8, pp. 75-89.
- VIANA, A. FORMOSINHO, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1947) – Duas raridades arqueológicas. *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*. Lisboa. 2 (24), pp. 313-330.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1948 a) – O conjunto visigótico de Alcária (Caldas de Monchique). *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*. Lisboa. 3 (33-34), pp. 227-233.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1948 b) – Restos de caminhos romanos nas Caldas de Monchique. *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*. Lisboa. 3 (29-30), pp. 156-166.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1952) – Alguns objectos inéditos do Museu Regional de Lagos. Monte Molião. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 62 (1/2), pp. 133-142.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1953 a) – De lo prerromano a lo arabe en el Museo regional de lagos. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 26 (1), pp. 113-138.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1953 b) – Algumas notas sobre o Bronze Mediterrânico do Museu Regional de Lagos. *Zephyrus*. Salamanca. 4, pp. 97-117.
- VIANA, A.; ZBYSZEWSKI, G.; ANDRADE, R. Freire; SERRALHEIRO, A. & FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa. 1, pp. 197-213.
- ZBYSZEWSKI, G. (1943) – La classification du Paléolithique Ancien et la chronologie du Quaternaire de Portugal en 1942. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Porto. 2 (2/3), pp. 3-111.
- ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A. & FERREIRA, O. da Veiga (1957 a) – Nota sobre a gruta da Ponte da Lage (Oeiras) e a “tholos” do Monge (Sintra). *XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* (Coimbra, 1956). Coimbra. Actas, 8, pp. 189-191.
- ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A. & FERREIRA, O. da Veiga (1957 b) – A gruta pré-histórica da Ponte da Lage (Oeiras). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38 (2), 389-402.
- ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A. & FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Antigas prospecções arqueológicas realizadas em Carnaxide. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto. 41 (2), pp. 114-120.



**Fig. 1** – Abel Viana, em foto oferecida a O. da Veiga Ferreira, com a seguinte dedicatória: *Ao Querido Amigo, Octávio da Veiga Ferreira. Pianando os nossos relatórios, com 30° à sombra. Beja, Setembro de 1950. Abel Viana.*



**Fig. 2** – Abel Viana fotografado no Castro da Senhora da Cola, trabalhando nas modestíssimas instalações por si ocupadas no decurso das escavações (sem água canalizada, sem luz e sem esgotos...). *In Notícias de Viana*, de 29 de Agosto de 1963.



**Fig. 3** – Abel Viana fotografado no povoado pré-histórico do Zambujal, encostado a uma estrutura calcolítica, em época anterior ao início sistemático de escavações (só iniciadas em 1964). Deve corresponder ao périplo realizado em Junho de 1955, a que se refere uma das missivas da correspondência (ver Documento n.º 65)



**Fig. 4** – Abel Viana, O. da Veiga Ferreira e Ruy Freire de Andrade (em primeiro plano) fotografados no Museu de Arqueologia das Minas de Aljustrel.



**Fig. 5** – Da esquerda para a direita: José Formosinho, O. da Veiga Ferreira e Abel Viana, aquando das escavações nas Caldas de Monchique (foto tirada a 17 de Setembro de 1947).



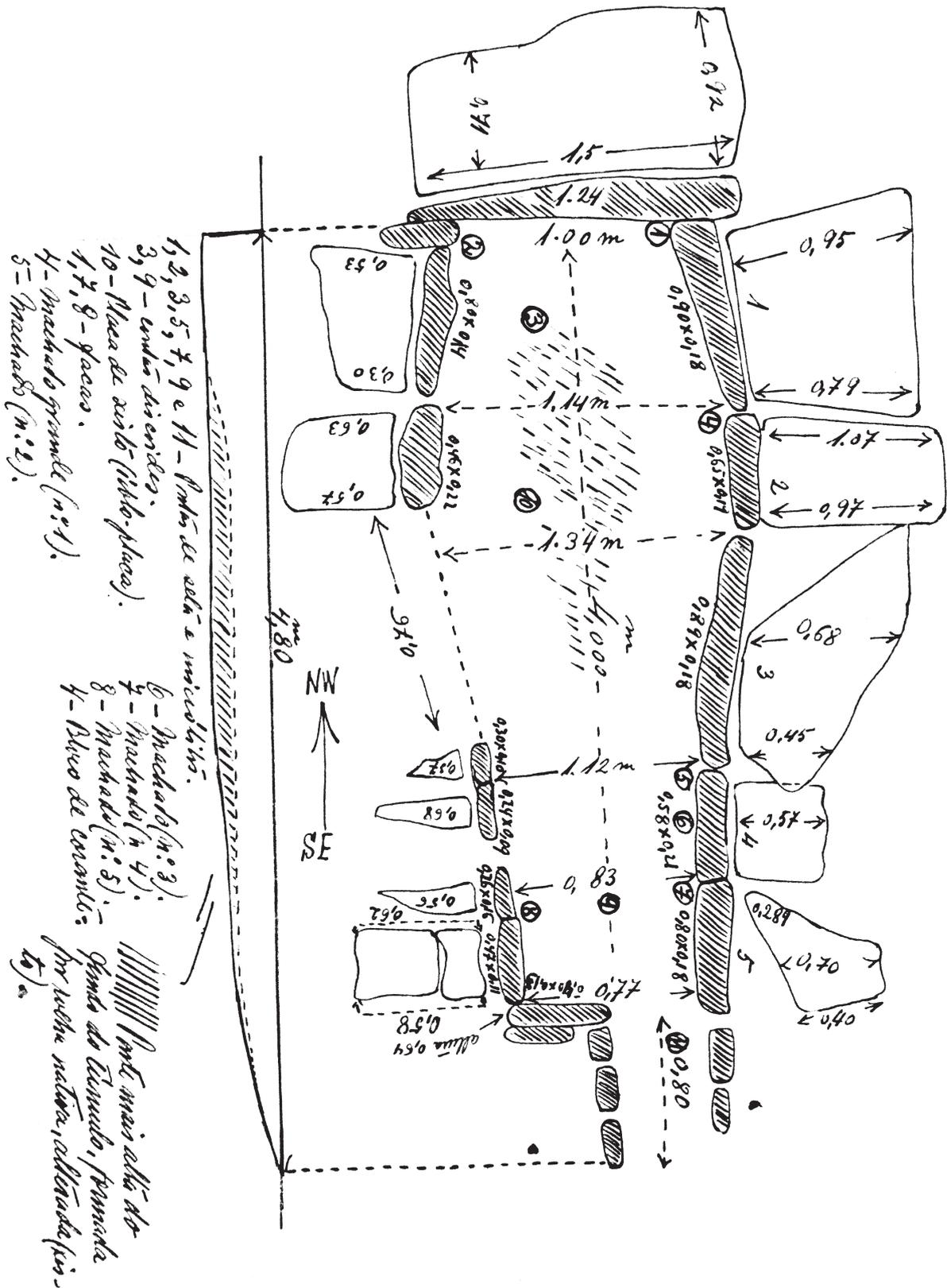


Fig. 7 - Desenho da sepultura n.º 7 da necrópole de Buço Preto, apenas ao Documento n.º 19, de 12/3/1949, destinado a ser passado a limpo por O. da Veiga Ferreira (VIANA, FERREIRA & FORMOSINHO, 1950 b, Fig. 9, n.º 13).

Beja, Domingo de Entrudo de 1952.

Veigunha Amigo:

E até? Que novidades há? A publicação dos nossos trabalhos vai bem encaminhada? O de Monchique? Já acabou de preparar os desenhos e de retocar as fotografias? E os de Congresso Luso-Espanhol? Estou ansioso por saber de tudo isto.

Quanto a saúde, vou andando muito regularmente. Tenho saído todas estas últimas tardes, para fotografar, em série, todos os objectos de prata e ouro do Museu, assim como várias coisas das secções arqueológicas que até hoje ainda não havia fotografado ou desenhado. Ando, pois, em redagem... O médico quer que eu me vá exercitando a pouco e pouco, antes de me abalançar a sair de Beja para qualquer parte onde tenha de me sujeitar a caminhadas e outros esforços. Vou, entretanto, tomar mais algumas injeções de cálcio. Depois, logo que o tempo esteja um pouco mais quente, vão (é o termo) para as bandas de Vila Viçosa e Elvas, onde há imenso que fazer, e com urgência.

Fig. 8 - Fac-símile de parte do Documento n.º 42.

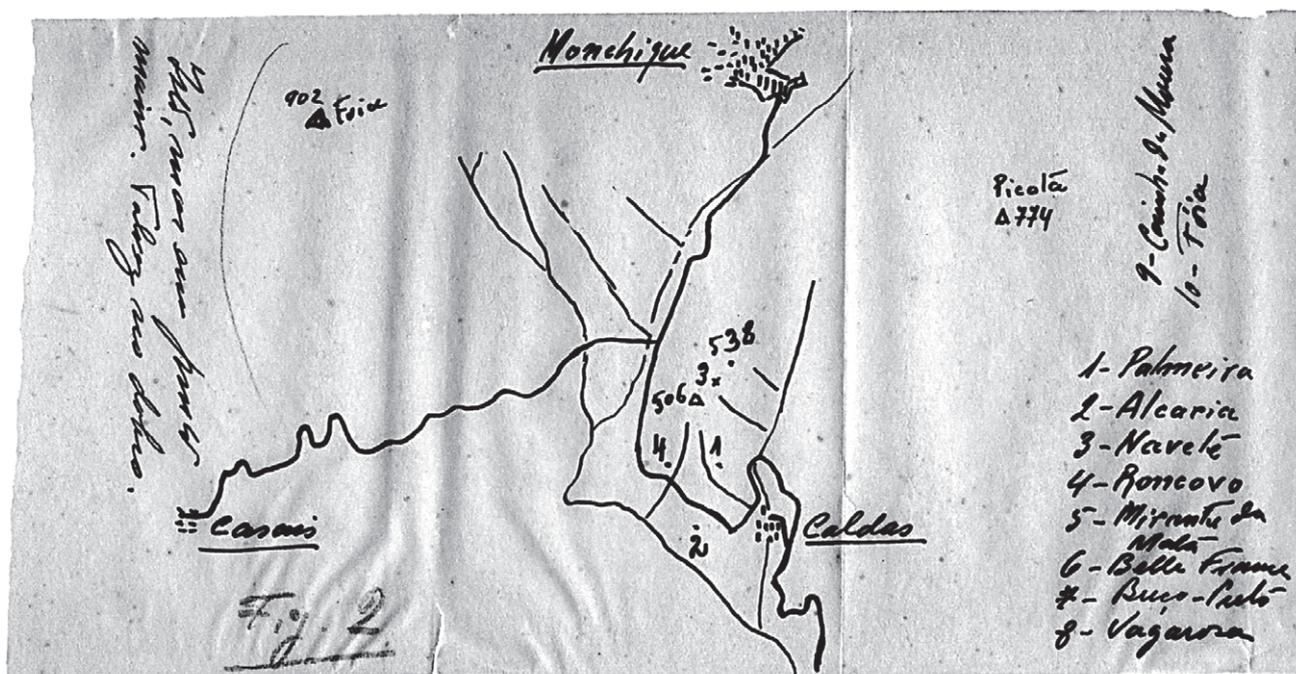
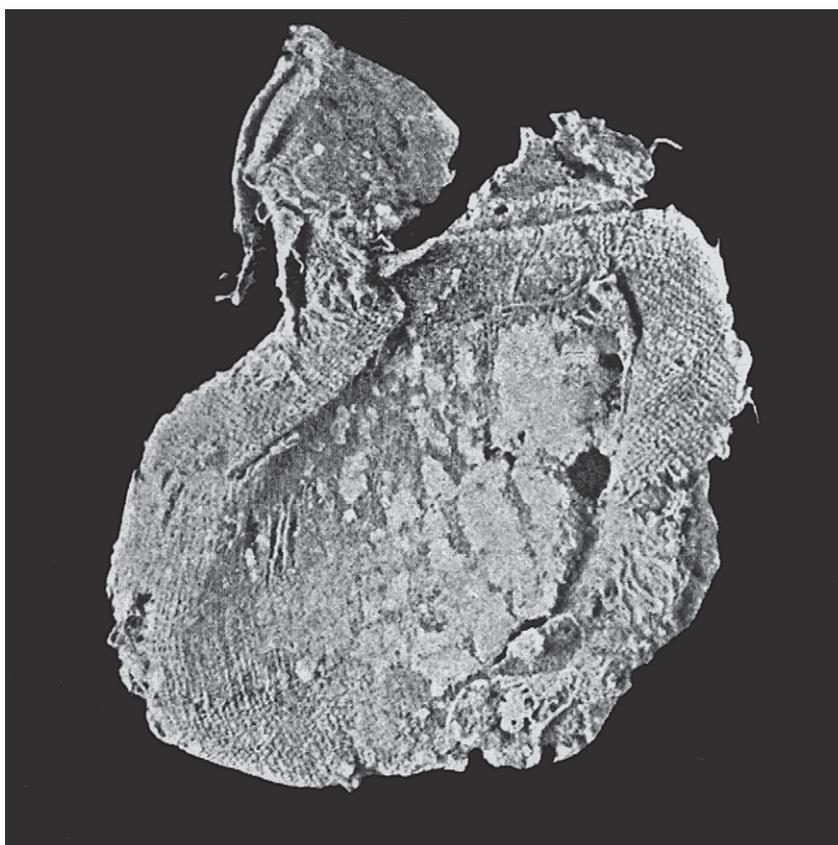


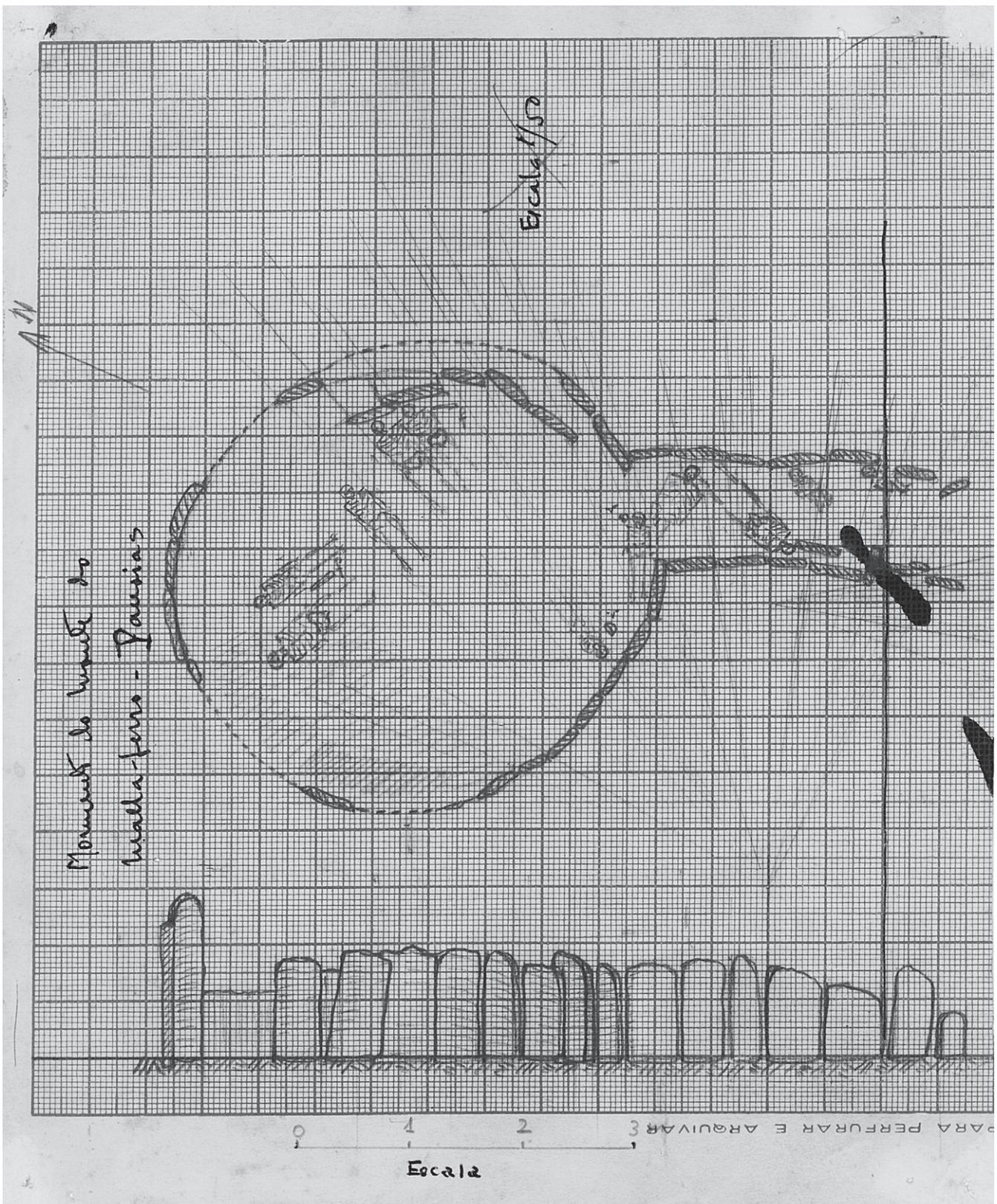
Fig. 9 - Desenho de Abel Viana com a localização das necrópoles pré-históricas das Caldas de Monchique, destinado a ser passado a limpo por O. da Veiga Ferreira, apenso ao Documento n.º 19, de 12/3/1949.



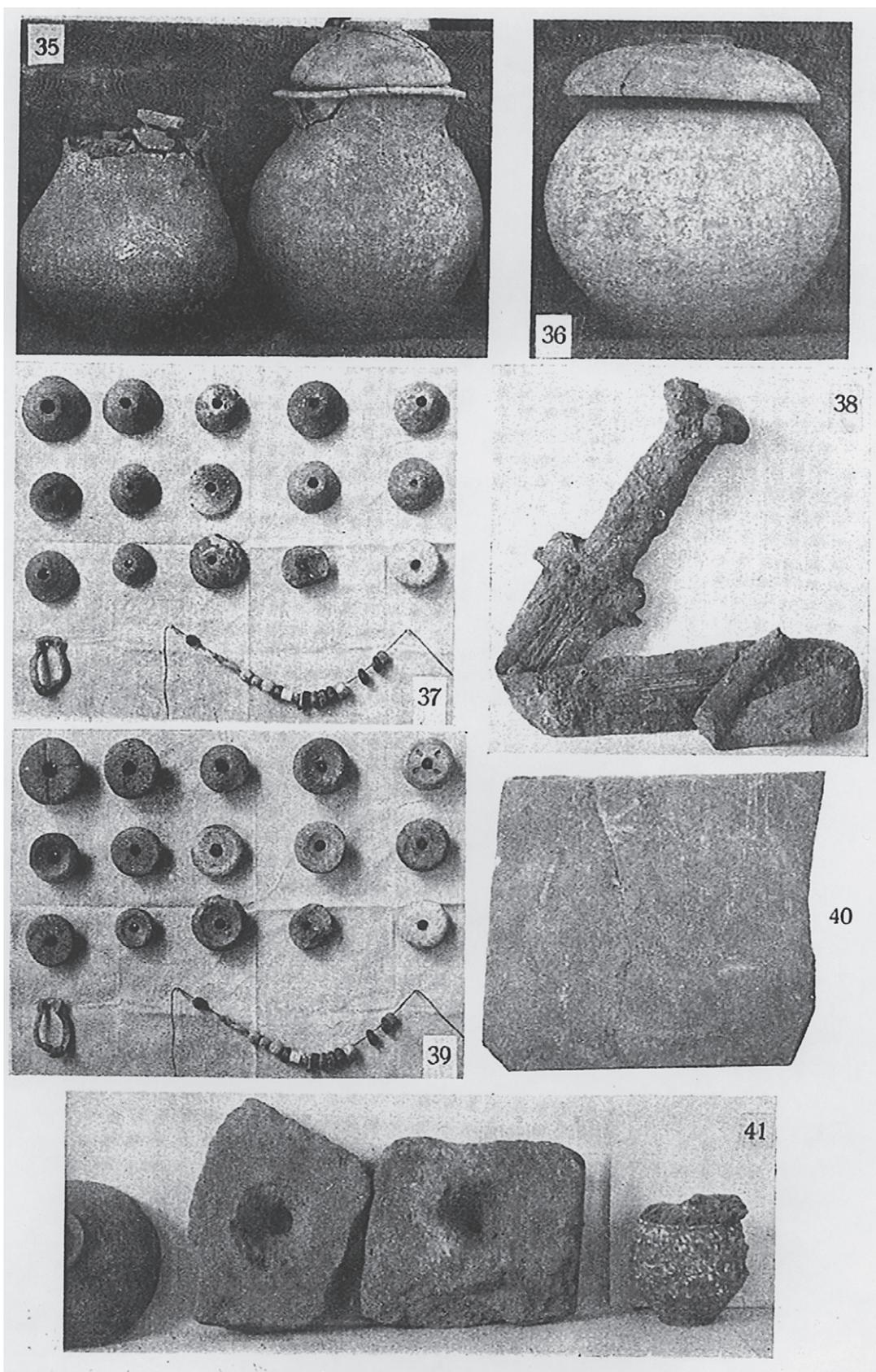
**Fig. 10** – Porção de tecido de linho que envolvia o machado de cobre da sepultura n.º 1 da necrópole de Belle France, Caldas de Monchique (FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1953/1954, Est. XVII, n.º 2)



**Fig. 11** – Vista da câmara, cujo chão se encontra forrado de lajes e de parte do corredor da *tholos* de Monte Velho (Ourique) (VIANA, ANDRADE & FERREIRA, 1961, Est. VI).



**Fig. 12**—Levantamento original da *tholos* do Malha Ferro (Ourique); reprodução directa da prancheta de campo, de O. da Veiga Ferreira (VIANA, ANDRADE & FERREIRA, 1960).



**Fig. 13** – Necrópole de urnas, da Chaminé. 35 e 36 – Urnas e taças. 37 e 39 – Cossioiros e fíbula, vistos de ambos os lados; contas de colar. 38 – Espada curta, de ferro, de antenas. 40 – Tampa de pedra, de urna, notando-se o círculo de contacto com o local da vasilha. 41 – Taça; pequena urna com cinzas; pedras furadas (VIANA, 1950, Est. V).





**Fig. 15** – Aspectos das escavações dirigidas por Abel Viana na necrópole do Bronze do Sudoeste de Atalaia (Ourique) (VIANA, 1960, Est. XXXIII).



Fig. 16 – Castro de N.ª S.ª da Cola: Desaterros no Sector II, no final da campanha de 1960 (VIANA, 1960. Est. XXI)



Fig. 17 – Castro de N.ª S.º da Cola: –Cerâmica árabe e objecto de bronze (VIANA, 1960, Est. XXVIII).

Senhora da Cola, 5-7-63.

Querida filha: Saúde.

Schubert e o resto do pessoal retiraram-se em 27 de Junho. Estiveram cá desde a noite do mês nos meus. Fiquei só. O trabalho acabou, recepi uns bons resultados, graças a Deus. Mas já me vou aborrecendo. O dinheiro é pouco, e a mendicância... Peço de exemplo para a Anacoreta! E, em vez de acipitris, não observo mais esta de Ilário Cardoso - peccatis, me a duente acipitris e so qual responde com a Catharina e a cipis just. Responde, também, acipitris acipitris, mas pronto do pronto no i. Isto aborrece. Outros que aqui a visita de Bom Jardim Militar de Beja. Ficou indignado quando eu lhe disse qual eram as verbos de peccatis.

Fig. 18 - Fac-símile de parte do Documento n.º 77, datado e assinado da Senhora da Cola (Ourique).

Beja, 11/2/1964.

Veiga Amigo:Saúde.Acabo de receber a sua carta de 9.Eu persuadira-me de que lhe tinha escrito há poucos dias.Estarei enganado ou estará você?Seja como for,aqui estou para conversarmos um pouco,mesmo que de fugida.Ora,desde que vim da Sª da Cola,em 27 de Outubro,não houve mais colagens in situ... Mas o caso é que o material é tanto e tão importante que,apesar de eu nunca ter parado ou afroixado de trabalhar,tenho tudo atrasado,parecendo-me até que nada tenho feito!Chego a sentir desgosto disto!São dias inteiros aqui ~~em~~amarrado à mesa de trabalho,ou lá dentro a tratar do material,e a coisa não anda... Pois,Amigo Veiga,em 14 de Janeiro estive em Vila Viçosa a acompanhar o D. António de Castelo Branco,que foi lá buscar uns quadros do D. Carlos,para uma exposição que a Câmara de Castais vai realizar.Fui para lá na véspera,tratar da ida dos vidros romanos da Secção Arqueológica do Castelo,para o laboratório de Conimbriga,onde serão tratados e restaurados/segundo processos modernos,pelo Dr. Alarcão e mulher,sob as vistas do Oleiro.Ao mesmo tempo,eles farão novo estudo de todo esse importante material,melhorando imenso,evidentemente,o estudo que eu fiz.Como sabe,nestas coisas não faço questão.Desde que os outros façam melhor,e me não macem por eu não ter podido fazer melhor,até fico contente.Depois,a convite do DR. A.Luís Gomes,fiz companhia ao D.António,que de outro modo teria andado por lá aborrecidamente sozinho.Conversamos bastante.Com respeito aos Serviços e atras das minhas publicações,despejei o saco...Porque não sai o Paleolítico do Guadiana?Porque não sai o Paleolítico do Minho,o meu?Olha,Vei-  
guinha Amigo,o meu livreco precisa de IIº Volume,e Deus há-de permitir que eu em breve o publique!Ainda me ficou muito por dizer...mas hei-de proclamar tudo isso,custe o que custar,dôa a quem doer.Receio de represálias?Ora...bôrra!Que medo posso ter eu agora?Que me aumentem o reumatismo?NÃO;por aí nada poderiam fazer.Pois,Amigo,estive no Algarve,de visita a meus cunhados e a meu filho Alberto (Faro e Portimão),de 6 a 10 de Janeiro.Vim de lá adoentado,com o frio que apanhei.Em seguida,os dias 13 e 14 em Vila Viçosa puseram-me bastante pior.O frio este ano tem-me feito passar bastante mal.Certo é que me não trato a valer,mas também penso que não devo entrar em tratamentos complicados e dietas rigorosas.Para piorio da situação,criou-se-me um abcesso num dente,de modo que tive de pôr de parte a placa.Tenho estado à espera de que o abcesso desapareça e o dente fique em condições de ser extraído sem me fazer sofrer mais.De modo que,além dos dias e noites mal passados,por causa das dores,ainda a maçada da alimentação,que é tudo em paparradas de batidos no batedor eléctrico.Fico de papo abarrotado e,no fim de contas,com fome...